

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
ENGENHARIA DE PRODUÇÃO E SISTEMA – EPS
PROGRAMA DE MÍDIA E CONHECIMENTO
PÓS-GRADUAÇÃO - DOUTORADO

Exclusão social: a Espiritualidade dos indígenas das florestas subtropicais do Vale do Itajaí – Santa Catarina – Brasil, como ato inclusivo.

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Engenharia de Produção e Sistemas para obtenção do Título de Doutor.

Candidata: Mariani Balland Christóvão

Orientador: Prof. Francisco Pereira Fialho Filho

Florianópolis -SC

2003

MARIANI BALLAND CHRISTÓVÃO

NASCIMENTO 31 de maio de 1955, em Trombudo Central (SC)

FILIAÇÃO Almy Balland
Erica Balland

FORMAÇÃO

1979 a 1983	Curso de Graduação em Ciências Sociais, na Fundação das Escolas Unidas do Planalto Catarinense - UNIPLAC
1997 a 1999	Curso de Stricto-Senso em História Faculdade de Ciências e Letras de Assis UNESP - UNICENTRO
2001 a 2003	Curso de Stricto-Senso em Engenharia de Produção e Sistemas – EPS – na UFSC

CHRISTÓVÃO, Mariani Balland. Espiritualidade indígena nas florestas subtropicais do Vale do Itajaí – Santa Catarina – Brasil 2003 240 p. Tese de Doutorado – em Engenharia de Produção e Sistemas – Mídia e Conhecimento na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – Florianópolis – Santa Catarina – Brasil.

Resumo

Esta tese aborda a problemática da sobrevivência dos Xokleng a partir do discurso produzido pelos entrevistados e alunos Xokleng, levando em conta a situação de vida cotidiana comunitária no período anterior de 1914 até ano 2003, sendo abordado sua espiritualidade desde tempos dos mitos ao Cristianismo e as questões de readaptação espiritual e ambiental. Fazemos uma investigação da condição de vida no plano da vida pública e privada, seguindo a narrativa das pessoas mais idosas primeiramente na comunidade, como de outras faixas etárias e destacando os valores e as práticas sociais que envolvem os indígenas dentro de sua terra.

Palavras-chave: Espiritualidade, Xokleng, inclusão, história, mito, kuji, tribo, cristianismo, rituais, manipulação, crença, conversão.

AGRADECIMENTOS

Vários rostos habitam na hospitalidade de minha memória... uma escuta, um sorriso, uma crítica, palavras e imagens que foram profecias no percurso escrito e naqueles não escritos.

Como nos sonhos não contados ao acordar, as idéias pensadas, se não registradas, podem ser esquecidas. Os gestos, porém, embora não os escreva neste trabalho, povoam minha memória e imaginação. Definitivamente.

Quando ao termino dessa parte da pesquisa, penso no diálogo que existe entre aquele que escreve e aquele que conta, que responde inicialmente, depois aquele que lê. Pela comunicação explícita ou silenciosa, toma outra forma o trabalho. Tanto pelo quem escreve oferecendo perguntas, investigações...

Foi importantíssimo o crédito, o reconhecimento e a sua contribuição crítica quando busquei obstinadamente do professor Francisco Pereira Fialho Filho, meu orientador. Com a colega Vera Lúcia de Souza e Silva, amiga de todas as horas e dias e que trouxe sua experiência e confiança, simplicidade própria das grandes mulheres.

Ao grupo de colegas do doutorado: Marilu, Hannelore, Eunice Nakamura, Beirão, Otávio, Mário, Marcos, Juliana. Colegas- amigas(os), ora formigas, ora cigarras, no des-com-passo de mais uma caminhada. Juntos a tornamos bastante fértil e muito alegre. Ao grupo de amigos, na ajuda diária: Marlene Schönrock, Liane Wiese, João Criri, Mercedes Alves, Marcos Fillagrana, Belinha Bonin dos Santos, que com legítimo espírito de colaboração tornaram nosso caminhar mais profissional, comprometido com a verdade e com o conhecer.

As pessoas amigas da área indígena Nanblá Gakran, João Criri, Eriti Kandiã Veitchá, José Ndilli, Maria Kulá Patté, Zilda Priprá, a todos que junto conosco estiveram

convivendo, ensinando e aprendendo. Aos meus pais adotivos: Evaldo Hedler e Elvira Wloch Hedler (in memoriam), minha sogra amada, Fernandina Mendes Christóvão (in memoriam) e ao meu querido sogro Raulino Christóvão, celeiros de amor incondicional em meio aos conflitos e as e reconstruções em minha vida. Ao Santino, Elton, Samuel, Hiuta e Vinícius, meus poemas vivos, esposo e filhos.

Estes e outros rostos permanecem em mim, que me fazem ser Mariani.

DEDICATÓRIA

À todos os meus professores
E amigos que contribuíram
Para o desenvolvimento
Deste conhecimento

SUMÁRIO

1. Considerações iniciais sobre o tema proposto	01
2. Considerações metodológicas e técnicas de estudo nas Comunidades Indígenas	07
 CAPÍTULO I - História contada pelos Xokleng nos primeiros contatos com os brancos	 19
 CAPÍTULO II - Espaço geográfico e breve histórico: dos primeiros contatos com o branco à construção da Barragem Norte - versão da história oficial escrita pelos não índios	 54
 CAPÍTULO III - Mitos	 71
3.1. Primeira Parte - Homens saídos da água	86
3.1.1. Relação entre amigos	91
3.1.2. Relações dissociativas entre o líder Vãjeky e chefe Pazi	96
3.1.3. Relações criativas entre os conhecimentos	98
3.2. Segunda Parte - A saída dos Klendo da montanha	104
3.2.1. Então afinal qual seria a função do Mito	122
3.2.2. Mito, medida de sensibilidade e na tureza	124
3.3. Comentário do mito da transformação do Homem - A onça gavião raptou Kujánhkág	127
3.4. Comentário do mito do Beija -Flor que escondeu a água	133
3.5. Comentário do mito da Abelha	137
 CAPÍTULO IV - Rituais	 140

CAPÍTULO V - Xamanismo - Os Kuji Indígenas do Vale do Itajaí	150
CAPÍTULO VI - Cristianização dos Indígenas das Terras de Ibirama.	175
6.1. Sincretismo religioso	182
6.2. Oração espontânea de louvor	184
6.3. Transformação nas comunidades indígena	189
Considerações Finais	195
Referências Bibliográficas	199
Bibliografia	201
Fontes	206
Anexos	207

Listas de Mapas e Figuras

Mapa 01 - Comunidades da Área Indígena	42
Mapa 02 - Área Cultura histórico-cultural indígena Tietê-Uruguai	20
Figura 01 - Os Xokleng e sua história	23
Figura 02 – Maria Kula relembra sua história	53
Figura 03 – Eduardo, ladeado por guerreiros Xokleng.....	66
Figura 04 – Portal de entrada da área Indígena na Comunidade Palmerinha.....	68
Figura 05 – Exclusão Social: a luta pela justiça.....	70
Figura 06 – Nosso idioma reviveu	84
Figura 07 – Mito da Geração do homem: nascido das águas	86
Figura 08 – Crianças Xokleng com pinturas tradicionais de família	93
Figura 09 – Abraão e Ivonete Cnuzung Namblá – representação do mito	101
Figura 10 – Eriti Kandiã Veitchá Vivian Ilung Lemos Patté	103
Figura 11 – Onça gavião	127
Figura 12 – O Beija-flor	133
Figura 13 – A abelha chamada em Xokleng de agpénh	136
Figura 14 – Tiago Vaipão Patté e Josué Cunzung Priprá – na dança e na imitação dos mais velhos em seus rituais	139
Figura 15 – Índio do tempo das matas com Tembetá	145
Figura 16 – Kuji e seu traje típico em dia de celebração	150
Figura 17 – Alair Cuzung Patté e seu esposo	174
Figura 18 – Mulher indígena Xokleng	194
Figura 19 – Momento de celebração – Formatura	198
Figura 20 – Taika e sua madrinha.....	238

LISTA DE NOMES XOKLENG

Nomes femininos:

Cócta Patté

Bu

Kãgglég

Aiú

Nganveng

Amendõ

Aggló

Gavén

Kundin

Vaku

Lag

Nãg

Nãndjá

Néli

Kula

Tale

Txatag

Tobé

Txuklã

Nomes masculinos

Kuvenh

Kângug

Plândjug: nome masculino; personagem que fez caminho do mito da
criação

Kãnnhãhá

Vugzé

Kóvi

Voble: nome masculino, personagem que realizou contato com os brancos,
(kupli) herói da história.

Vákáplág: nome dado pelos Laklãnõ ao grupo dos Kaingang.

Jãtagãl- um dos nomes dado pelos índios ao primeiro chefe, Eduardo de Lima e
Silva Hoerhan.

Txukabág

Lagãnh

Vãjeky.

Pãntxi.

LynhNunc-Fôoro: nome masculino, hoje sobrenome também.

Nanblá

Pazi

Txu

Txu-Txuvanh

Zãgpope Patté

Zezé

Klendo

Jógtá

Mevo: outro grupo indígena dado por eles. Danlám: os guarani

Datug: outro nome dos guarani

Gojotxá jahá

Eriti

Kandiãn

Kujánhkág: nome masculino. Personagem principal da história do rapto pela
Onça gavião

Nánbág: nome masculino. Personagem que foi atrás dos ossos do irmão raptado

Zetxa

GLOSSÁRIO

Goj Kósa – Rio do outro lado.

Tembetá: pedaço de madeira elaborado para perfurar o lábio inferior, como
ornamento, sinal que havia se tornado membro adulto na comunidade.
sinal que poderia ter mulher.

Zóklāl: esconder-se

Zag Pili: pinheiro araucária, lugar de pinheiro

Kul: roupa

Kavãtxozalen um: erva reconhecida só pelos indígenas, não reconheci similar
para identificar.

Jópalag: ensinar

Kuji: curandeiro

Jajá: nome de árvore

Jógagtól: sofrimento

Txaklengu: pica-pau da cabeça vermelha

Pepõm: jaó , ave.

Glu: tucano

Vãnhblitxe: pica-pau pequeno

Lágdjyl: beija-flor

Kójej: musgos

Mõg junhklé: bebida preparada pelos homens.

Kózan: enfeite

Txã: gavião pequeno

Kuvynh: planta (vassoura do mato)

Tataj: folhas de sapé, usada para cobrir casas.

Kujunh: é uma erva preparada por eles, para fazer um ritual, para os espíritos
protegê-los do mal.

Jóvig: luta livre

Vãzavenh: guerreiro, bom lutador.

Volá: nome de peixe, da família da traira.(peixe caracídeo).

Tulo: pilar de uma casa.

Kózan: significa que colocaram outro pilar(tulo) do lado do outro.

Tegte: gavião pequeno, gaviãozinho.

Kupli – branco, não índio

Klen: cura

Agpénh: abelha

Avanã: olhar

Ãmeu: caminho

Be: mel

Bég: machado

Blo: nadar

Gal: milho

Déntxy: abelha em geral

Déj: cera da abelha

En: casa

Go: terra

Goj: água

Hán: (pl.) Káglél- sarar

Jãle: raiz

Kánén: vagalume

Lá: solKlê: montanha

Kó: árvore, pau.

Mã: ouvir

Pupo: sapo

Nujen: irmão

Plu: esposa

Tuton: Borboleta

Ty: morrer

Txin: velho

Vãnhbigti: sonho

Vãnhkógtó: remédio

Zé: coração

Zu: membro sexual da mulher.

Zy: semente

Zen: tecer fio

Anexos

Mito I – Da geração do homem nascido das águas.....	205
Mito II – Da geração do homem – Saída dos Klendo das montanhas	210
Mito III – O mito da transformação do homem – A onça gavião raptou Kujánhkág	223
Mito IV – Mito do Beija-flor	231
Mito V – Mito da Abelha.....	234

Considerações iniciais

Os ventos, a neblina que sopram na área indígena de Ibirama vem do litoral para o centro conduzindo nas asas aquele espectro inquieto que chamamos de civilização; transformam a pouco e pouco a harmonia da natureza, modificando-lhe aparência, hábitos, crenças e ilusões. Onde era mapa verde desconhecido, onde a vida era apenas a selva maravilhosa com sua organização de verdes, onde galhos se cruzavam em estreitos abraços de folhagem e onde dormiam sabiás, urubus, cotovias, antas, onças e periquitos, onde homens pisavam em solo com cuidado, onde miravam os vales e viam os para-ventos¹, viam a multiplicidade de bem viver, onde o homem da terra namorava os astros nas noites claras, esperando a água do céu vir ao seu encontro como respostas as suas ações e palavras. E o tempo soprada pelos agentes do milagre, espalhou cidades, vilas, povoados, granjas, campos, fazendas, estradas, mudando a vida rudimentar e nômade num espaço de trabalho e de energia, de anseios e ambições que se processam assim em consumação do viver livre para um viver esmagado. Trocou-se tudo? As picadas por estradas, batuques por bandas, fontes por poços e com filtros d'água, conversas pessoais pela televisão sem identificação pessoal, o andar lento pelo carro que por vezes passa veloz ...

Nesse imenso transformar que aparece aos nossos olhos como obra de Deus e como esforço do homem, duas flores realizam os seus destino de maneira diferente: aquela que brotou da terra, obscura de suas origens, e a que surgiu lentamente do solo, regada pelo suor e acalentada pela cobiça. Duas flores que marcam os rumos de nosso espírito e falam de toda diferença de nossa história: a da tradição e a da cultura.

O viço da primeira flor traz consigo o deslumbramento e a harmonia da vida universal, preparando o amanhã desafojado e abastecido² e mudando de fisionomia do solo com a força de seus imperativos topográficos, de guardar seus redutos sem fronteira e nem portões, suas ribanceiras, seus valados, seus ribeirões e sua fauna e flora – adoece, murcha

¹ Para-ventos : habitação primeira dos indígenas.

² Desafojado e abastecido era o sonho do índio por considerar região rica em nutrientes vegetais e animais.

e perece. Aconteceu que o aroma suave dos mitos, das lendas, das cantigas, parece por vezes, que ficou afogada em saudade e abandono.

A outra flor é toda essa coloração variada e aventureira, que vem do litoral e propaga-se, ampliando-se, amontoando-se. É a estocada que fere o coração da mata para estender as estradas, finca posto e acende lâmpadas, domestica a floresta arrancando suas árvores maiores; a mãe de todas as outras árvores, as que dão as sementes, modifica-se caminho dos rios, represa-se a água, que afunda as cachoeiras, traz a inquietude, insegurança, outro valor de existir; traz facilidade de existência. É o mundo dilatado e industrial da raça que trabalha.

A história contada pelos indígenas é uma história de sua formação política e social. Espelham-se nela todas as lutas e todos os procedimentos da etnia que vamos gradualmente redescobrimos e elaborando nesse trabalho. Versão tão própria do encontro com o não-índio, palavras e animais que fazem toda a explicativa de um viver Xokleng, singular por ser único e tão idêntico aos outros povos americanos ao mesmo tempo.

Encontramos no meio de toda essa exclusão em relação aos nativos, as raízes mais profundas nas suas concepções distintas sobre a valorização da natureza. Vemos num viés de seus mitos a elevação como sagrado da natureza, do mundo natural, pois eles adoravam e se deixavam conduzir pelos ciclos da natureza. Seus mitos nos transportam nesse embalo de viver por instante noutro entendimento, novo discernimento de natureza e da sua ação.

Um certo pessimismo tem nos rodeado de alguns espectadores diante do nosso trabalho, poderíamos dizer de nosso drama espiritual. Vários obstáculos foram colocados como de não ser indígena, de não estar anos³ dentro da área indígena e de nem conhecer os índios de verdade⁴. Estar na área indígena cinco dias da semana, conversando, lecionando, convivendo, e alimentarmos juntos não seria o bastante conforme uns. Outros colocavam da não veracidade dos Xokleng de serem ainda índios e que seria trabalho sem objetivo, sem lucro... Então partimos para o sonho. Sonho de vê-los se capacitando dia-a-dia. Formaram-se no ensino fundamental e médio. Sonhar em conhecê-los, entendê-los e vê-los indo para o ensino superior, esse também começa a se concretizar, porém não esquecendo de auxiliá-

³ Estamos trabalhando desde o ano 1997, diretamente com a pesquisa e convivendo sempre mais intensamente, através das relações sociais enlaçadas, compadrio, amizade.

⁴ Índios Xokleng por estarem em contato mais de 50 anos segundo colegas professores como por exemplo Alejandro de Calhas, professor argentino na FURB, deixam de ser “tão” índios ou ainda serem índios.

los no fazer reviver o idioma Xokleng, sua língua primeira. Negar os impulsos mentais é negar-lhe também a própria evolução, porque a nossa história está diretamente ligada aos movimentos que aqui está criado, sendo desenvolvido e afirmado.

Lévi-Strauss, afirmava em seu artigo em homenagem a Roman Jakobson⁵ que a correspondência entre mito e rito não deveria ser entendida como causalidade direta, mas como uma relação dialética que apareceria desde que ambos tivessem sido reduzidos a seus elementos estruturais.

A aplicação de um tratamento mitológico a algo que diz respeito à história poderá me ser censurada: lembraria, em primeiro lugar, que o que foi assim tratado é uma história tal foi contada por aqueles que viveram, uma “etno-história”; em segundo lugar, reconhecer-se-á, pela leitura do que segue, que se trata de uma história ideológica. Isso não implica que ela não contenha erros ou omissões, mas, antes, que *transborda de sentido*, um sentido que lhe é anterior, já que remete a uma classificação, a uma ordem preexistente e que o determina; são mitos Xokleng de pura singularidade.

Escrevemos os relatos dos acontecimentos contados pelos Xokleng, dos seus primeiros contatos com os brancos e estes apresentam mistos de emoção, tristeza e valentia, os Xokleng se autodenominam de Laklãnõ⁶.

Um olhar meio desconfiado que sua história pode ser mal interpretada os faz comentarem em detalhes, então ilustram com detalhes para que a dúvida fique dissipada do contexto e elucidar toda a trajetória de vidas e de seu modo de viver, alterados pelo contato com outro tipo de ser.

Temos dois relatos da história do primeiro contatos com os brancos (kupli) e ambas marcam decisivamente a postura diante do desconhecido e essas atitudes e suas manifestações, suas lutas internas do grupo é que iremos descrever .

Muitos os antropólogos que se debruçaram sobre essa questão, como Gregory Urban, Silvio Coelho dos Santos e muitos outros. Todos tecem um inventário dos traços culturais, temperamento, ao exercício do nomadismo que marcou o grupo dos Xokleng.

Certa vez uma jovem mãe indígena⁷ interrompeu a explicação sobre a história do Brasil e confirma ter passado todo tempo de sua existência em meio das matas da área

⁵ Publicado em Lévy-Strauss, 1958: 257-266 (cap.XII: “Estrutura e Dialética”).

⁶ Laklãnõ – lugar onde nasce o sol – povo do sol que anda na noite e conhece todos os cantos, clã do sol.

indígena de Ibirama e confirma que ficou impressionada com a cidade e ao mesmo tempo vislumbrada com a vida agitada da cidade de Blumenau⁸ e ainda plena de emoção e com olhos brilhantes do deslumbramento disse que tudo era muito maior, mais variado e mais abundante e que nem sabia como se portar na cidade: “Casas grandes, prédios e todo mundo andando de lá pra cá e de cá pra lá” - e isso a deixou aflita por sentir tudo grande demais e que ninguém se importava com ninguém, segundo Cócta.

Essa colocação de sensação com o diferente da minha aluna, agora no século XXI, que havia crescido no interior da área indígena, e cuja a civilização se abre numa sensação mais ampla que seu espaço regional, isso lhe causa medo e curiosidade ao mesmo tempo e *esses sentimentos são excitantes*, afirma Cócta:

Senti assim pequena porque tudo era grande, como as casas, as estradas, o ônibus, os quintais, as lojas, tudo! Ninguém dizia nada pra ninguém, parecia tudo mudo. Nossa era vida de bobo, desculpa mas parecia. Mas digo que nós não precisamos de tudo isso para viver. Isso é invenção que tem pessoas que acabam se acostumando.

Os dias, meses e anos que passei na área indígena, nossa interação cultural ajudaram-me a fortalecer a impressão de que os indígenas são seres da floresta, da terra, da água, enfim da natureza. São ainda do que restou da floresta subtropical, aqui se trata de uma experiência de densidade, dos Xokleng e suas falas, seu jeito de interpretar a vida, seus conflitos, suas lutas, sua submissão, seu altruísmo... Caminhávamos nas terras indígenas nas aldeias: Bugio⁹, Palmeirinha, Figueira, Coqueiro e Sede; já na aldeia do Toldo fomos apenas duas vezes, pois havia apenas iniciado a alfabetização dos jovens e adultos¹⁰, nós trabalhamos no ensino fundamental e médio. Passávamos perto onde havia morado Eduardo Hoerhan da Silva, o “pacificador”, casa em ruína, no fundo do Vale do rio Hercílio e que quando represada a água da Barragem Norte fica submersa, até acima das janelas. Aquela casa e a própria história do pacificador nada mais significa, aparentemente, para os moradores da comunidade indígena.

No inverno, as crianças brincando soltas à beira da estrada, de roupas rotas e nariz escorrendo, ficam de cócoras à beira do leito da estrada, absorvendo o calor irradiado, na

⁷ Cócta Ndilli – jovem mãe e nossa aluna no Centro de Educação de Jovens e Adultos, em 2001.

⁸ Blumenau : centro regional do médio vale do Itajaí.

⁹ Bugio a aldeia mais distante vindo de José Boiteux, uns 32 Km.

¹⁰ Iniciou o Ensino fundamental com alfabetização em agosto de 2002.

primavera e no verão, brincam soltos seminus entre árvores, pedras e animais domésticos magros. Há sempre umas pessoas que observam nossos passar com olhos furiosos, outros curiosos e mesmo uns, indiferentes. Temos noventa e cinco alunos que nos aguardam a cada semana e pedindo a Deus que não chova por ser difícil nosso transporte nas aldeias em dias de chuva, principalmente no Bugio; e assim nosso conviver vai fazendo roteiro nesse cenário de sofrimento histórico.

Gradualmente, no entanto, surgiu uma implicação: a minha ignorância sobre vários hábitos de convívio, de como os Xokleng preparam sua alimentação, uma ignorância que significava uma autêntica ruptura com a terra, era de alguma forma bem real a mesma ignorância dos brasileiros em geral. Isso me é revelado tanto pelas pessoas com quem convivemos na nossa cidade, nosso estado e noutros espaços sobre os índios. Muitas perguntas são feitas e dessa forma percebo minha solidão brasileira, uma ruptura dos habitantes com seu habitat; um povo sem raízes, sem repouso, com uma cultura do imediato, da práxis, na busca incessante de alguma forma última de ostentação.

Pensar nisso levou inevitavelmente à perguntas sobre o fenômeno muito mais amplo que Howard Mumford Jones(1988:49-55) chamou de “ a europeização do planeta”. Os viajantes europeus vieram para o novo mundo e aqui se instalaram, com suas vidas intranquílias, problemáticas, quase frenética; como herdeiros dos frutos da exploração e da conquista e nesse momento, tivessem recebido um legado de inquietação e assim deixam de sentir a reconfortante sensação dos ares de paz e harmonia dessa terra.

Porque esse novo mundo não estava vazio.

Toda enorme força dessa transformação pode ser sentida de verdade num dos cantos que sobraram na América aborígine, onde a valorização espiritual do espaço sobrevive insatisfeita, inquieta, quase palpável. Nesse lugar é possível ter consciência do peso da história que carregamos. Foi assim que essa consciência me veio, quando eu andava em meio das comunidades indígenas e pensei na frase primeira que passo para meus alunos de história: *“Um povo sem história é como um homem sem memória”*. Ponderei: nem com provérbios, nem com a história fomos capazes de chegar a termos sensatos e preservar este lugar. A resposta, não só nesse momento ou anteriormente, nos momentos do ano de 1914, quando penso sobre o assunto, vem em minha mente a distância entre minha pessoa e os suaves contornos dos morros que circundam esta terra dos Xokleng, cujas

lendas tribais as descrevia com nomes de animais ou pessoas, até em sentido maternal por acolhê-los aqui; pelas particularidades de seus relacionamentos e por uma mitologia viva que celebrava tudo isso.

Alguns fragmentos dos seus mitos sobreviveram à destruição total. Eles nos falam um pouco de um mundo que nossos ancestrais invasores não puderam aceitar.

Corre lá embaixo, o Rio Hercílio, que os antigos conheciam por Goj Vãnhglén¹¹, que se encontra com o Rio Platê, por eles também conhecido Goj Kósa¹² de águas barrenta e que têm vida, peixes sobrevivem a incessante pesca. Contavam que há muito tempo houve um homem que desejava insistentemente uma esposa que pertencia aos espíritos da água, ela vivia no fundo de uma caverna dentro do rio, perto de onde a cachoeira canta. Ele morreu afogado por querer buscá-la e ela não queria homens da terra. Muitos jovens, inclusive bons nadadores afogam-se na travessia do rio Goj Vãnhglén, por enamorar-se dela e não poder fugir aos seus encantos, pondera Amendô Caxias, com sorriso e olhar triste: *Quem não respeita as águas, nem os peixes por ter memória fraca ou desconhecer o mito pode correr risco de ficar nas águas para sempre; segundo Amendô: fica sem sombras.*

Eis uma das estórias que um povo contava sobre uma época anterior à pacificação, uma época em que se esqueceu de agradecer a vida que os sustentava por não conhecer a pobreza da sedentarização.

¹¹ Goj Vãnhglén - rio que dança ou rio ondulante.

¹² Goj Kósa – Rio do outro lado.

Considerações metodológicas e técnicas de estudo nas Comunidades indígena

Nesse trabalho, apresento minha tese de doutorado que tem como tema:

Exclusão social: A Espiritualidade indígena das florestas subtropicais do Vale do Itajaí – Santa Catarina – Brasil, como ato de inclusivo; focaliza a emergência de um movimento espiritual dos indígenas. Utilizando-me de uma metáfora, *a teia de aranha*, vislumbro e compreendo a complexidade das teias de relações que envolvem o conhecimento como categoria que tem em sua essência do processo social-cultural dos Xokleng, que por imposição, tornaram-se sedentários em 1914, ficaram sob comando de Eduardo de Lima e Silva Hoerhan até 1954, tentaram se reorganizar, até que em 1990, a tribo dos Xokleng foi deslocada do seu espaço originário (desde que tornaram-se sedentários), devido à construção da Barragem Norte em suas terras.

Minha tese não trata do conhecimento como ciência posta, mas das relações e reconstruções “arranjos” dos Xokleng em seu habitat; o conhecimento em ato em suas fontes de produção, disseminação e recriação. Ao trabalhar estas questões, percebemos em suas falas, que em suas práticas a existência de mudanças e de aceleração no seu comportamento, das transformações culturais e espirituais se processando. Conhecer suas lembranças, quais as práticas antigas que ainda permanecem, tanto em suas experiências

pessoais, como também o que ficou registrado em sua memória coletiva, revela-se em suas narrativas em que vão contando as suas experiências de vida e de sua visão de mundo, face aos problemas, decorrentes da mudança do espaço ocupado e do contato com o branco e da sua cultura, esse é o nosso trabalho desenvolvido.

A prática cotidiana é analisada a partir de três dimensões básicas: suas crenças no passado, o que os “antigos contam”, inscritos em sua memória coletiva, em segunda: o contato com o diferente e de seus valores “superiores” por ter um Deus vencedor e em terceira: as suas relações interativas com os brancos regionais atualmente.

A metodologia utilizada para realizar esse estudo configurou-se como estudo de caso, em que nomeio cada caso como *teia*¹³. Xokleng (Txkolen) significa em sua língua aranha, assim construindo práticas sem fórmulas, mas tecidas com os fios de uma práxis desafiadora, por ser professora e estar interagindo com nossos alunos como também como nas comunidades; interagindo no *domínio do humano* (Freire:1979), nas teias de relações que envolviam o conhecimento como categoria e instrumento de apropriação de uma relação social crítica, que defino como a relação entre professora-alunos-comunidades que se fundou a criticidade, na inquietude, na curiosidade etnológica, no compromisso com rigor ético com os sujeitos que interagiram na teia de relações. Essa análise está fundamentada, especialmente, numa das falas de FREIRE (1997:28).

A construção da teia apresenta o seguinte desenho: a) história contada pelos Xokleng quando dos primeiros contatos com os brancos, por eles chamados kupli. b) Referenciais geográfico ou seja cenário da área indígena e breve história oficial contada

¹³ Usando o conceito de cultura de Geertz(1978:15), e retomando “ a descrição densa” de Gilbert Ryle, construí a idéia de teia de relações *como as relações interativas do intelecto e do afeto tecidas entre as pessoas produtoras dos atos e ensinar e aprender, tanto na dimensão subjetiva – da consciência dos sujeitos, quanto na dimensão objetiva – da cultura.*

pelos brancos. c) Vozes do passado na sonoridade dos mitos e suas interpretações, seus rituais, suas curas estabelecidos da partir de suas crenças.

d) Observações, entrevistas e análise dos dados coletados dos indígenas do Vale do Itajaí Norte em suas práticas cristãs.

Utilizando-me de uma metáfora – a tessitura da *teia de aranha com seus fios*, para compreender e narrar a possibilidade teórica da construção desse estudo de caso etnográfico em seus momentos diferenciados, em tempos cronologicamente diferenciados: antes do contato com os kupli e depois na convivência de mais de nove décadas.

Nos momentos do trabalho de pesquisa, cada caso em sua *teia de relações* foi sendo desenhado e construído teoricamente em três temporalidades: no registro de seu **presente** - no capítulo intitulado: Cristianização dos Indígenas em que suas relações com o conhecimento com os brancos e de sua espiritualidade sendo aceita e realizada em seus louvores ao *Deus Poderoso, como também da manifestação* do sincretismo religioso ali presente ; no **retorno intermitente a cada caso** – para tecer *os fios* da sustentação das categorias de análise que emergiam com maior ou menor intensidade; muitas vezes, esse retorno qualificava, modifica a tessitura feita, **o tempo do passado**, porque, dialeticamente, revelava a necessidade interna de um outro desenho futuro; na elaboração de síntese precárias sendo interconectadas tanto pelos fios tecidos em cada *teia* em sua singularidades, quanto pelos fios tecidos em sua pluralidade, exigindo várias interpretações dos próprios Xokleng, de seus conhecimentos historicamente construídos - a etno-cultura.

As perguntas que faço na minha busca da interpretação dos mitos, de suas falas interpretativas, de seu fazer *convertidos em Cristo* cria um desenho na *teia* em seus contornos e em sua tessitura, encaminhando-me para uma perspectiva de múltiplas

linguagem e estilo, no sentido que Freire dá à importância de perguntar, à pedagogia da pergunta, especialmente, no diálogo com FAUNDEZ(1985:30-49):

“ preparar-se para responder bem às suas próprias perguntas (...) não pode apenas a nível da pergunta pela pergunta(...) é, ligar, sempre que possível, a pergunta e a resposta a ações que foram ou podem vir a ser praticadas ou refeitas. Parece-me fundamental esclarecer que a tua defesa e a minha, do ato de perguntar, de maneira nenhuma tomam a pergunta como jogo intelectualista”.

Nessa busca, encontrei em BOAVENTURA SANTOS (1995:48-49) o que ele conceitualiza de *transgressão metodológica* para sustentar aquela perspectiva que marca minha trajetória por dentro das disciplinas como: Antropologia, sociologia, história, geografia, pedagogia. Embora sem pretensão de me situar no paradigma emergente de SANTOS(1995:49-49), retiro dele a argumentação, para sustentar a *transgressão metodológica* que venho fazendo para realizar o que STAKE (1998: 15-24) destaca fundamental nos estudos qualitativos *ênfase na interpretação*:

“ É um conhecimento sobre as condições de possibilidade. As condições de possibilidade da acção humana projectada no mundo a partir de um espaço-tempo local. Um conhecimento deste tipo é relativamente imetódico, constitui-se a partir de uma pluralidade metodológica. Cada método é uma linguagem e a realidade responde na língua em que é perguntada. Só uma constelação de métodos pode captar o silêncio que persiste entre cada língua que pergunta. Numa fase de revolução científica como a que atravessamos, essa pluralidade de métodos só é possível mediante *transgressão metodológica*”.

Retorno à prática interpretada da visualização das teias: na cientificidade de trabalho na antropologia, é notória a posição da tradição alemã encabeçada por Max Weber, que advoga que as ciências humanas deveriam adotar não uma postura explicativa dos fatos , mas uma atitude compreensiva. Ou seja, o pesquisador deveria colocar-se no lugar dos atores sociais localizados no tempo e no espaço, procurando inferir o que ele denomina

de “tipos ideais”. A ação humana é portadora de uma carga enorme de simbolismo. Ninguém pode, com inteira certeza, afirmar que a causalidade do comportamento humano obedece a leis semelhantes ou iguais aquelas que determinam o acontecimento natural.

Trabalho também com a história oral como recurso metodológico, sabemos que “a história oral apresenta-se inovadora primeiramente por seus objetos, pois dá atenção especial aos “dominados”, aos silenciosos e aos excluídos da história, à história do cotidiano e da vida privada, à história local e enraizada. Em segundo lugar, seria inovadora por suas abordagens, que dão preferência a uma “história vista de baixo” – história da Escola de Annales, atenta na maneira de ver e de sentir, e que às estruturas “objetivas” e às determinações coletivas prefere as visões subjetivas e os percursos individuais, numa perspectiva decididamente “micro-histórica” ”. Etienne FRANÇOIS. (Fécondité de l’histoire orale , 1987: 33).

“A história do tempo presente contribui particularmente para o entendimento das relações entre a ação voluntária, a consciência dos homens e os constrangimentos desconhecidos que encerram e a limitam. Trata-se, portanto, de um lugar privilegiado para uma reflexão sobre as modalidades e os mecanismos de incorporação do social pelos indivíduos de uma mesma formação social.”

E nos parece que a história oral contribuí para atingir esses objetivos. Sabemos que atualmente os estudos de história oral que existem na ciência se ocupem mais de suas formas de maior prestígio social. Trabalhar história de vida de pessoas famosas, que estão na mídia daria sem dúvida mais ibope, seria mais importante para o olhar de muitos. Pretendo ouvir e dar voz a quem não é visto, “quem se não existisse não faria falta nenhuma”, comentário muitas vezes proferido e nós temos que ouvi-lo.

A exclusão dos relatos dos indígenas Xokleng em seu processo de reconstrução histórica, aponta claramente para a relação de poder que está sempre em jogo no curso de produção de memória e no da construção da história. Conseqüentemente, aponta também

para a importância de se dar voz àqueles que o discurso oficial exclui. Dentro desse quadro, acreditei ser relevante trabalhar com depoimentos de indivíduos que tiveram alguma participação nos acontecimentos, mas que, de certa forma, estão inseridos na história, porque sua presença é seu direito primeiro, está já instalado, presente. Não faremos nós que outros já fizeram, antes os “bugreiros” os exterminavam, agora aqueles que os ignoram, quer negar-lhes o direito de entrar na história. Contaremos sua história a dos excluídos.

Por detrás da timidez dos indígenas há sempre a regra de outro na hospitalidade, que se traduz pura e simplesmente no respeito pela pessoa da visita e na satisfação de tê-la sob o seu teto, querendo conversar conosco.

Nas entrevistas de história de vida, a memória individual está presente como não poderia deixar de existir, HALBWACHS (1973:53-55) afirma que a memória individual não existe, e sabemos, sempre escrevemos “eu me lembro”. Por outro lado, Halbwachs descreve como um processo individual até solitário, uma atividade essencial da memória: o esquecimento. (HALBWACHS:1973. 46-47)

A memória, no sentido básico do termo, é a presença do passado. Portanto não admira que tenha interessado aos historiadores do tempo presente, depois de outros, já que essa presença, sobretudo a de acontecimentos relativamente próximos como a construção da barragem norte, acontecimentos que deixaram suas seqüelas e marcas duradoras, tem ressonâncias em suas preocupações de cunho social, como arquivar e silenciar tranqüilamente e em silêncio a história de aproximadamente mais de 2.000 pessoas atualmente?

Muitos fatos históricos são deixados de ser trabalhados pela história oral, por que a memória é seletiva; é gravado no nosso subconsciente o que está com mais intimidade com nosso ser, com nosso desenvolvimento emocional, com a nossa relação com os outros.

Michael POLAK (1992: 32-40) em uma conferência proferiu o seguinte sobre história oral: A *priori*, a memória parece um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice HALBWACHS, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes.

Só há fato ou fato histórico no interior de uma história-problema.

“Se a imparcialidade só exige do historiador honestidade, a objetividade supõe mais. Se a memória faz parte do jogo do poder, se autoriza manipulações conscientes ou inconscientes, se obedece aos interesses individuais ou coletivos, a história, como todas as ciências, tem como norma a verdade. Os abusos da história só são um fato do historiador, quando este se torna um partidário, um político ou um laiaio do poder político[SCHIEDER, 1978; FABER, 1978]. Quando Paul VALÉRY declara: “A história é o produto mais perigoso que a química do intelecto elaborou... A história justifica o que se quiser. Não ensina rigorosamente nada, pois tudo contém e de tudo dá exemplos”. LE GOFF(1990:82-90).

Nas entrevistas história de vida realizada percebe-se nitidamente que a ordem cronológica não é seguida, pois a memória busca em “seus arquivos” que mais profundo e significativo ficou registrado. São várias às ocasiões que os acontecimentos são lembrados, há nessas voltas a determinados períodos da vida, ou certos, algo de invariante. É como se, numa história de vida individual houvesse elementos de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças.

Maurice Halbwachs , no seu livro reconstrução do passado escreve que : lembrança é a reconstrução do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser

humano, aflora à consciência na forma de imagem-lembrança. (HALBWACHS(1973:16-16).

A história tem seu começo, para HALBWACHS (1973:46-49), exatamente no ponto onde se esgarça a tradição, onde a memória coletiva se esgota. Se esgota lentamente, se limitam, à medida em que seus membros individuais, sobretudo os mais velhos, desapareçam ou se isolem

Há uma busca de sentido de experiências histórica da qual todos vivem numa das comunidades indígena como indivíduos participativos, atuantes são seres que lutam em reviver suas tradições; em descrédito pelos mais jovens; por representarem um povo perseguido, espoliado , sofrido ; digamos, excluído do progresso do Brasil? Onde os jovens se fazem diferentes para serem reconhecidos como kupli!.

Pierre Bourdieu diz que o poder está onde menos aparece o poder simbólico (BOURDIEU, s/d,:75) e imprime por uma aparência de verdade inconteste, colocando os problemas de nação de maneira que este se façam inadiáveis no sentido de buscar soluções, prioritariamente às soluções de problemas secundários, no caso, os do povo indígena (comunidade onde vivem). Assim, o que era para esse povo a dívida externa do país, diante de suas angústias? a perda de seu território e a fome.

Sabemos que a identidade são representações inevitavelmente marcadas pelo confronto com o outro; por estar em contato, por ser obrigado a se opor, a dominar e de ser dominado, a tornar-se mais ou menos livre, a índia de vê numa inevitável posição de contraste, como também reconhecimento social de diferença. Porque ela não deixar-se ver dominada.

Em última análise, o indivíduo em tal situação vivencia um tipo especial de incoerência, isto é, a incoerência cultural. Isto se mesmo quando subjetivamente ele

mantém um razoável grau de coerência quanto a sua identidade social – sobretudo a partir de sua identificação com um projeto coletivo - e quando também mantém sua estrutura psíquica – a partir das condições particulares tanto de sua história de vida, quanto de seu psiquismo. Embora essa alternativa represente um modo de ajuste às condições absolutamente incomuns da realidade em que vivem os clandestinos, a assunção de um codinome ou de um novo nome, a identidade que se constrói a partir dele, o sigilo sobre sua identidade passada e, muitas vezes, sua ruptura com a vida ligada a essa identidade anterior representam uma forte pressão sobre as identidades sociais e subjetivas desses indivíduos, além de colocá-los fora do fluxo normal da vida coletiva e de seu código.

*Os antropólogos deram pra nós esse nome de Xokleng,
Isso pra dizer que nós era diferente
Nós não escolhemos esse nome
Nome de Xokleng significa
ARANHA em nosso idioma
Nós escolhemos outro de nós mesmo
Minha vó já dizia isso
Meu vô do avô dele
O nome é LA KLÃ NO
Que é: lugar onde o Sol nasce.
É bem mais bonito!
É nosso, porque nós escolhemo.
Não outro que deu prá nós.*

Yoko Vóya Camblém (Moradora da Figueira)

Esse “ver-se” com processos ativos de conflito, luta, manipulação se dá com a intercessão com as vidas individuais, esse processo explica Erik Erikson (1968: 91-102) citando William James e Sigmund Freud é universal e, no entanto, não difícil de aprender, pois estamos tratando de um processo ‘localizado’ no âmago do indivíduo no núcleo central de uma cultura coletiva.

Nesta questão estamos pensando em valores, que poderia ajudar a compreender a relação entre o sujeito e a cultura, com a influência religiosa do cristianismo em suas práticas.

A tribo conquistada nunca deixou de comportar-se como se fosse guiada por um plano vital que consiste na resistência passiva ao presente, o qual não foi capaz de reintegrar os remanescentes de identidade do passado e pelos sonhos de restauração, em que o tempo conduziria de volta ao passado, em que o tempo tornar-se-ia de novo a histórico, os terrenos para coleta imensos desde o litoral Riograndense até o litoral Paranaense, esses eram seus domínios no passado para sua sobrevivência.

“Uma maneira de colocar a questão é indagar-se sobre a substância da etnicidade. Substância que já foi pensada em termos biológicos, quando se falava de raças e de sua heterogeneidade. A noção de cultura veio substituir-se a raça, dentro de um movimento que se quis generoso, e certamente o foi. E já que a cultura era adquirida, inculcada e não biologicamente dada, também poderia ser perdida. Inventou-se o conceito de aculturação e com ele foi possível pensar, para gaúdio de alguns como os engenheiros sociais, e para pensar outros, como os antropólogos - na perda da diversidade cultural e em cadinhos de raças e culturas”. (CARNEIRO DA CUNHA, 1979: 35).

Para o psicólogo, o nativo diante de novas imagens pode ter quatro procedimentos elementares: primeiro- assimilar, isto é, incorporar a forma cultural estranha; segundo - ou despojá-la de alguns aspectos e algumas conotações estranhas à sua prática social; terceiro - aprender um aspecto em si não importante no contexto fonte, e dar-lhe uma relevância especial (retenção parcial com hipertrofia do detalhe); quarto-

finalmente, construir uma “outra” forma simbólica que resultaria das interações do próprio grupo receptor, capaz de uma prática social específica.

Podemos compreender que novos significados alteram o conteúdo e o valor da situação de base evocada, é provável que os fatos que são lembrados tendam a conservar o significado que tinham para os sujeitos no momento em que os viveram.

A história oral oferece um procedimento em campo vivo para a coleta de dados, cuja fonte é inesgotável por sua dinâmica, contraditória e imprevisível. Assim, o recurso a essa fonte em aberto permite acesso a um material extremamente rico e denso. Nessas condições, a trajetória de vida recuperada ganha espessura e vitalidade na fala de quem viveu, sobretudo pela interação que se estabelece entre entrevistado e entrevistador – entre quem fala e que faz falar. Por outro lado, o confronto do conteúdo das diferentes entrevistas produz, em sua polifonia, um diálogo de outra ordem, que recria a trajetória coletiva de um grupo historicamente datado. É valiosa para esse sujeitos na construção e elaboração de suas identidades, ao mesmo tempo que eles próprios, com suas lembranças, são valiosos para o registro histórico.

Suas falas é fonte inesgotável por ser dinâmica, contraditória e imprevisível. Suas falas é sem dúvida recursos densos, aberto e muito rico.

A autora Ecléia Bossi completa a idéia que: a expressão “observador participante” pode dar origem a interpretação apressadas. Não basta a simpatia (sentimento fácil) pelo objeto da pesquisa, é preciso que nasça uma compreensão sedimentada no trabalho comum, na convivência, nas condições de vida muito semelhantes; BOSSI (1987:12-12).

O homem, por mais peculiar que seja, é parte da natureza. Sua cultura é passível de ser estudada cientificamente, pois pode ser vista, ouvida, sentida e observada. Poderá ser experimentada?

As ciências humanas, não obstante todas as limitações que a ética, a moral e a religião possam lhe impor, podem provocar ou intervir nos conhecimentos humanos. Aliás, toda a pesquisa de campo implica, indiretamente, sempre em uma experimentação ou alteração do curso dos acontecimentos. A simples presença de um etnólogo numa aldeia índia provoca modificações sensíveis na vida da comunidade dos nativos. O antropólogo tem seu “laboratório” na pesquisa do homem em seu habitat. Eles vão ao habitat observar, analisar, verificar como realmente as coisas acontecem.

Em suma, o que podemos concluir sobre esses aspectos metodológicos é que embora a ciência ou o conhecimento científico seja único, unicidade de método e unidade de objeto, cada ciência tem seu objeto formal. A cada uma delas vão interessar aspectos particulares do universo. No nosso caso os indígenas de etnia Xokleng, a maior população por serem únicos no Brasil e no planeta, os Kaingang e Guaranis do Vale do Itajaí, são peculiares as suas lembranças, no seu rememorar .

Assim durante o trabalho de observação participante, foram realizadas conversas formais bem como informais com os entrevistados, tanto homens como mulheres; partes foram gravadas, outras apenas dialogadas. Recolhi artefatos e foram obtidas fotografias das entrevistadas e de alguns momentos no seu cotidiano.

Tive como informante/interpretes: João Criri ¹⁴, Namblá Gankrã¹⁵ e José Ndilli¹⁶, Adelina Patté, Edu Priprá, Samuel Kanduy Priprá, que ajudaram-me a entender vários

¹⁴ Professor bilíngue Xokleng, neto da Aiú e sobrinho de Kãnhãhá Namblá, os mais antigos dos Xokleng.

vocábulos e sua variante, dependendo das circunstâncias, serviam inclusive como intérpretes junto às pessoas entrevistadas, com dificuldade com o português.

Teias aqui presentes, observações no conviver e na produção, são instrumentos que procuro sintetizá-las, para que as ações metodológicas sejam explicitadas e facilitem sua melhor compreensão; na interpretação de seus significados.

Compreendo que estou fazendo um exercício de caminhar dialético, sem precisar desfazer-me de instrumentos lógico-formais, como uma dentre outras racionalidades que incorporo, manifestas em várias linguagens e estilos, sem o estabelecimento de vínculos hierárquicos de maior ou menor valor, tendo, como pressuposto, a interação de várias dimensões da totalidade da realidade pesquisada. Utilizo-me também do exercício cartográfico em que o mapa territorial e localização das comunidades indígena são nomeadas como indicativo de identificação; mapeamento na diversidade dos momentos da tessitura deste trabalho.

¹⁵ Nanblá Gakran – primeiro indígena a concluir ensino superior e agora ano 2003 estará estudando pós-graduação na UNICAMP, título de mestrado.

¹⁶ Estudiosos da língua Xokleng e de suas tradições, também professores Xokleng.

CAPÍTULO I



Figura 1 - Os Xokleng contam suas histórias de lutas, convívio e do inesperado em suas vidas.

HISTÓRIA CONTADA PELOS XOKLENG NOS PRIMEIROS CONTATOS COM OS KUPLI

É desse jeito que a vida leva a gente a entender que índio e kupli são assim desse modo. Quando se quer ver diferença ela existe ali, quando se quer ver a igualdade, ela também está ali. Saber viver é um jeito de ser.

Olimpio Nunc Fôoro

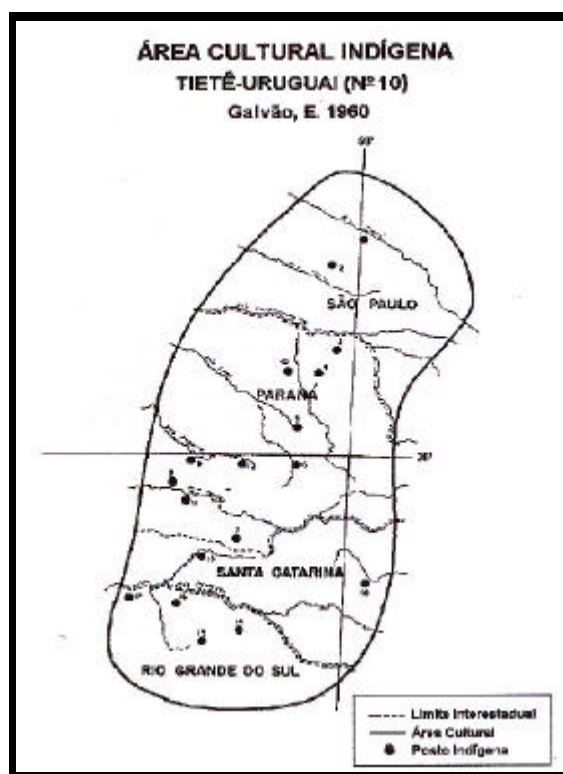
Assim denominado a história dos primeiros contatos dos indígenas do Vale do Itajaí com os “kupli” significa branco na língua indígena Xokleng, narrada pelo Senhor Kãnnhãhá Nãnbła, em março de 1985 para seu neto Nanblá Gakran, no idioma indígena e depois traduzido por Nanblá.

Contou ao neto com sigilo e cuidado, por saber que a história deve ser sincera e com detalhes para não ficar nenhuma dúvida, porque a explicação muda o sentido que acredita, disse que cada um explica de um jeito e isso tira o “espírito” da verdade.

História dessa etnia antiga, semeando entre os seus que tiveram longa vida e paciente trabalho de constituição, deu margem a que se formassem espantosas e formidáveis narrativas, por onde se adivinha o cenário das velhas gerações que os antigos construíram. Acompanha a história de origem, a dor dos primeiros sacrifícios e a alegria dos primeiros sonhos. A história de nossa terra é, portanto, a história do nosso pensamento¹⁷.

I.1 -História contada pelos Xokleng nos primeiros contatos com os brancos

O Kuvenh personagem principal da história - foi matar no acampamento deles, lá no caminho do Pládjug, personagem que fez caminho, ele é personagem principal do mito da criação.. O acampamento deles ficava perto do litoral; então eles desceram pelo caminho do Plándjug atrás dos brancos



Mapa 01 – Território histórico dos Xokleng - Tietê-Uruguai.

¹⁷ Comentário de senhor Kângug Caxias, com 74 anos, aldeia da Figueira.

A cidade que fica acima do caminho do Plándjug é chamado pelos brancos de Rancho Grande. Este caminho do Plándjug passa pela Papanduva¹⁸, então ali que vieram esperar os brancos no acampamento deles. O acampamento deles ficava no caminho do Plándjug. Então eles vieram por ali, para matar os brancos; vieram andando por uns dias, até que chegaram ali perto do local do acampamento deles. E alguns dos parentes do Kuvenh subiram num pinheiro, para espioná-los e ver também de longe seus acampamentos se ficava perto ou longe. Enquanto isso Kuvenh falou para o Kãnnhãhá – nome masculino.

___ Kãnnhãhá! Você e o Zetxa (nome masculino) vão ver o acampamento deles (dos kupli) de perto. Atendendo o seu pedido foram lá ver o acampamento. Enquanto isso os outros parentes deles, amararam um cipó e subiram no pinheiro, para apreciarem de lá de cima o lugar. Enquanto que eles estavam espionando de longe, chegou ali no acampamento um homem. Ao lugar ali, parecia que ele estava juntando lenha e gravetos por ali. Provavelmente ele estava juntando lenha para fazer fogo, para seus companheiros que estavam vindo atrás. Vendo ele de longe, então falaram para Kuvenh:

___ Meu Senhor! Chegou uma pessoa ali no local, ele esta andando por ali, parece que ele esta juntando lenha! ___ disseram. Enquanto isso, Kãnnhãhá e o Zetxa que foram pra lá, já tinha chegado ali perto. E eles ficaram ali perto escondidos espionando. Nisso chegaram mais gente, trazendo consigo uma tropa cargueiro. Era muita gente, todos vieram montando a cavalos. Então os parentes dele que estavam acima do pé de pinheiro vieram e falaram para Kuvenh dizendo:

___ chegaram mais gente ali; agora eles são em bastantes. O senhor poderia subir aqui encima conosco para vê-los; ___ disseram.

¹⁸ Papanduva: nome de uma cidade.

___ sobe aqui! Venha ver! Chegou mais gente ali. Kuvenh já estava sendo convencido pelos seus parentes, já pensando em subir lá, ele falou:

___ isso é muito bom! É bom que eles são em bastante; é bom, porque se matarmos todos, pegaremos muitas coisas deles! ___ disse ele. Kuvenh falou isso para seus parentes. Depois de falar isso, preparou para subir atrás deles, porque eles estavam chamando de mais. Então ele rachou uma taquara e amarrou, colocou nos pés e subiu atrás deles. Ele foi subindo pelo mesmo lugar onde subiram os outros, até que chegou lá onde estavam. De lá de cima, Kuvenh com seus parentes ficou vendo os brancos que estavam andando por lá. Depois de ficar por muito tempo vendo da lá de cima, Kuvenh falou para eles:

___ Agora vocês ficam cuidando deles, é muito bom são em bastantes, assim matamos todos, teremos bastantes coisas para pegá-los! ___ falou ele. Depois de falar isso Kuvenh disse

___ vou descer! E vou ficar lá embaixo esperando-os. Enquanto isso vocês ficam cuidando deles; ___ falou ele. Depois de falar isso ele quis descer, então se virou para pegar um dos galhos do pinheiro e quando começou descer, nisso quebrou o galho e ele pegou no outro e aquele também quebrou; rapidamente ele soltou e se segurou em dois galhos novamente, mas aqueles também quebraram. E ele foi caindo segurando Zetxa (nome masculino) aqueles dois galhos; tinha uns pés novinhos de pinheiro, por sorte ele caiu encima de um daqueles e parou com aqueles dois galhos quebrados segurando na mão. E ele segurou em um dos galhos e depois subiu encima, de lá de cima do pinheiro mesmo começou a brigar com os outros que estavam em cima também do pé de outro pinheiro. Então eles disseram para Kuvenh:

___ Silêncio! Por favor, fale baixinho; você está falando alto! ___ disseram para ele. Mas ele não deu ouvidos para eles, continuou brigando com eles; depois de falar tudo o

que tinha e falar, ele desceu. Veio descendo devagarzinho até chegar ao chão. Quando chegou ao chão, ele acendeu o fogo que estava levando junto, quando ascendeu, botou mais lenha e ficou perto se esquentando. Quebrou uns gravetos de Kuvynh¹⁹ para acender mais e depois de ascendido ele ficou perto. Quando ele estava ascendendo o fogo, deu muito fumaça. Então os outros disseram para ele:

— Não faça isso por favor! Está fumaceando muito! Os brancos vão ver a fumaça! Falaram eles. Mas ele não quis dar ouvido à eles, porque estava bravo com eles, depois que o fogo ascendeu, ele ficou perto se esquentando. Então seus parentes ficaram olhando os brancos de lá de cima; mas os brancos nem viram aquela fumaça e já era tarde, então vendo que os brancos nem viram, desceram do pinheiro porque já estava tardinha e estava começando a anoitecer. Nisso Kãnhãhá e o Zetxa estavam chegando de viagem. Quando os dois chegaram, os outros perguntaram para eles dizendo:

- Viram os acampamentos? Como era o lugar? – disseram. Então eles contaram para os outros como era o lugar, dizendo:

— Sim! Nós vimos o lugar e o acampamento fica no lugar bom e é fácil de se chegar, porque fica bem perto da mata, eles disseram. Enquanto que os outros ficaram perguntando para os dois, Kuvenh permaneceu calado, porque estava bravo com os outros. Todos que estavam naquele grupo, perguntaram para os dois e então ficaram contando a eles das coisas que viram lá. Enquanto isso Kuvenh ainda permaneceu calado, porque estava muito bravo com os outros; porque ele culpa deles, ele quase caiu, por isso que estava furioso com eles. Kuvenh ainda estava calado sem falar nada e nisso já deveria ser bem tarde e a lua já estava nascendo e já estava bem alta no céu. Já era bem tarde da noite, mas ainda ele permaneceu calado. E o Kãnhãhá estava preocupado com isso, sem

¹⁹ Kuvynh: nome de uma planta (vassoura do mato).

saber o que estava acontecendo. Ele imaginava consigo o que será que está acontecendo, então ele perguntou:

- Kuvenh! O que está acontecendo com o Senhor? Quando nós íamos sozinhos guerrear contra os brancos, nós sempre planejávamos antes o que iríamos fazer e depois nós íamos enfrentá-los, antes deste moços crescerem, tudo o que nós queríamos fazer era planejado; mas agora depois que temos estes moços para nos ajudar e que agora venceremos bem rápido esta guerra e você está ali no canto sem dizer nada! Conta-me, o que está acontecendo? – ele falou. Depois de ouvir o que o Kãnhãhá falou, ele disse:

- Sim! Tem razão! Isso é verdade. Tudo isso o que você está falando é verdade. Quando nós íamos sozinhos guerrear com os brancos, mas mesmo assim, antes de fazer tudo, nós planejávamos no chão, sem subir em árvores, mas esses rapazes subiram no pinheiro e ficaram me chamando, até que eu subi atrás deles e eu quase caí, por isso que estou bravo com eles, por causa disso que estou aqui quieto e sem dizer nada! – assim falou Kuvenh. Nisso, cada um estava ensaiando o que irá fazer, dizendo um para o outro, se eu cantar assim vocês pode entrar na batalha para me ajudar. Quando o Kuvenh começou a falar já era bem tarde da noite, porque a lua já estava alta, perto de meia noite, provavelmente era minguante, porque geralmente quando chega no lugar de “meio dia”²⁰, já começava a amanhecer o dia. Então Kuvenh falou para eles:

- Não é verdade! Tudo isso que vocês estão falando não é verdade, porque se eu ver ele pegar a arma, eu vou lutar com ele e quando a espingarda estourar, vocês vão correr – ele falou isso para todos. Falando isso, Kuvenh desafiou todos que estavam juntos, dizendo que eles irão ficar com medo dos brancos e correr deles. Depois de falar isso, ele disse para Kãnhãhá:

²⁰ Meio dia da noite- significa lua alta correspondente a três a quatro horas da manhã.

-Kãnhãhá! Você acende taquara e ilumina o caminho para mim.

- Zetxa! Você também quebra algumas taquaras secas e ascende e ilumina na minha frente pelo caminho onde vocês foram e vamos lá neles, guerrear com eles; - disse ele. Escutando isso, Zetxa quebrou e rachou algumas taquaras secas e depois de prontas, amarrou-as em feixes a taquara seca. Depois de deixar prontos os feixes de taquaras secas, dormiram um pouco. Depois de dormir um pouco, levantaram-se quando a lua estava no lugar onde começava a amanhecer. Esta história quando Kãnhãhá conta ele sempre diz:

-Provavelmente o Senhor Kuvenh, não dormiu nada porque estava bravo com os parentes, porque quase caiu pela culpa deles. Talvez ele não dormiu nada e ficou sentado encima de nós, por isso que ele os acordou cedo de madrugada, dizia ele quando acordou o outro:

- Levanta vocês! Levanta que a Lua já está se pondo e já está começando amanhecer - falou ele. Quando ele falou isso, todos acordaram do sono e se levantaram, apenas deram uma cochiladinha e levantaram . Quando se levantaram, comeram juntos a carne assada de porco do mato que estavam levando juntos. Então todos comeram juntos a carne assada que estavam levando. Enquanto isso Kuvenh não comeu a dele que estava levando, porque estava bravo com eles e ficou ali sentado. Então deram um pouco do seu para ele comer junto, porque ele não quis comer o dele que estava levando. Depois disso Kuvenh falou: -Zetxa! Ascende uma das taquaras e ilumina o caminho o caminho para mim por onde vocês foram! Kãnhãhá! Vocês também pegam um pedaço desses paus de fogo que está aceso e ajuda-o iluminar o caminho para mim, falou ele. Assim, todos agora foram junto com ele. Era noite ainda, mas mesmo assim foram pela picada onde tinham passado de dia. Durante o dia quando vieram ver o acampamento dos brancos passaram

por meio de tataj²¹, mas quando anoiteceu levantou tudo, então se perderam e ficaram procurando a picada por ali, Kãnhãhá também estava junto procurando. Enquanto isso Kuvenh falou para Zetxa dizendo:

Zetxa! Zetxa amassa um pouco o tataj e deite num pano, quero ver se da de ver você no escuro, porque se eu conseguir enxergar você no escuro, assim eu posso calcular os homens deitados coberto no escuro e vou pular encima deles, disse ele. E quando Zetxa amassou tataj e deitou ali no meio coberto de pano, dava bem de enxergar ele porque a lua estava bem clara. Então Kuvenh disse:

- Oh! Que bom! Se eu for lá, sei que agora é fácil de enxergá-los no escuro deitados cobertos de pano e vou começar atacá-los, completou falando isso. Quando ele acabou de falar isso, Kãnhãhá achou a picada²² e ele disse:

- Venham aqui, já achei a picada! Disse ele. Então foram lá e foram pela picada afora. Foram indo pela picada até que saíram num pasto. Ao saírem no pasto, foram subindo lá no acampamento dos brancos, eles ainda estavam com os feixes de taquara acesso. Eles não deveriam fazer isso por ser muito perigoso. Foram subindo lá no acampamento deles onde estavam dormindo, com os feixes de taquara acesso um ao lado do outro e bem no alto, porque ainda estava escuro e não dava para enxergar nada.

Enquanto isso, Kuvenh por estar bravo com os parentes, não quis esperá-los, quando saiu fora da mata e entrando no pasto, ele foi sozinho por outro lado no escuro mesmo, lá no acampamento deles. Enquanto isso, os outros vinham longe um do outro segurando bem alta a taquara acesa, mas se eles viessem segurando baixo, o tiro que foi dado teria pegado no Zetxa ou em outro alguém que estava junto. Ela vinha segurando

²¹ Tataj (sapé) usada pelos índios para cobrir suas casas.

²² Picada significa o caminho.

bem alta a taquara acesa, provavelmente iluminando a todos, porque eram em bastante e vinham espalhados longe um do outro, porque o pasto era bem limpo. Tinham cavalo dos brancos ali, quando viram a claridade da taquara acesa que eles estavam levando, então correram para cima onde estava o acampamento, eles imaginaram que os cavalos foram acordar seus donos. Então falaram um para outro, vamos atrás dos cavalos, em vez de deixar o fogo aceso que estavam carregando, correram subindo ainda carregando a taquara acesa que tinham na mão.

Provavelmente o homem que atirou neles estava fumando cigarro encima dos outros que estavam dormindo. Com certeza ele viu a luz que estava subindo em direção ao acampamento, possivelmente ele pegou a espingarda e ficou esperando até que aquela luz chegasse perto para ele poder atirar melhor. Sem acordar os outros, ele ficou vendo, até que aquela luz estava chegando perto. Então ele atirou bem naquela luz que vinha em sua direção e acertou bem naquela luz e começou a espalhar tudo. Quando caíram e depois se levantaram, então correram para mata. Enquanto isso Kuvenh já estava chegando perto do acampamento deles sozinho. O tiro os derrubou e se levantaram e foram correndo em direção do mato para se esconder. Nisso Kuvenh que estava indo sozinho por outro lado escuro, já estava chegando no acampamento. Quando Kuvenh quis pular encima deles, escorregou na grama e caiu. Ele escorregou na grama porque estava molhada pelo sereno. Kuvenh vinha trazendo sua lança debaixo do braço e caiu encima da própria lança. Então Kuvenh ficou caído desmaiado por alguns minutos, até que se recuperou e se levantou. Nisso aquele que deu o primeiro tiro estava andando e dizendo:

- Para onde eles foram! A onde é que estão? – falava ele com espingarda na mão andando por cima dos outros que estavam dormindo. Nisso Kuvenh quando se recuperou do tombo que levou, ele veio por cima dos outros que estavam dormindo e deu nele que

estava falando com a lança na cabeça dele e ele caiu. Deu com tanta força na cabeça dele, que até moeu e a cabeça caiu ao chão. Com o barulho dele, os outros se levantaram e cada um pegava sua espingarda na mão. Vendo isso, Kuvenh sozinho lutava com eles, quando pegavam suas espingardas Kuvenh batia na mão de um e de outro com sua lança e quebrava. Batia na mão deles e ficava chamando seus parentes pra lhe ajudarem. Kuvenh chamava seus parentes dizendo:

- Venham aqui! Venham aqui! Venham me ajudar! Dizia ele. Kuvenh já tinha antecipada para eles mesmo, que isso iria acontecer com eles e realmente o que ele previu acontecer exatamente. Os brancos eram em bastante, mas mesmo assim Kuvenh lutava contra eles e chamava seus parentes. Sozinho no meio deles deles, mas continuava chamar seus parentes:

- Venham aqui! Venham me ajudar! E ele cantava assim:

“ Ke mã nélo lag jô ko ne; ke na lag jô kooooo! Ke mun”.

- Venham aqui! Venham aqui! Venham me ajudar! Ele lutava sozinho com eles, de tanto que dava com lança neles, sua ponta quebrou e caiu no chão. Kuvenh marcou bem o lugar onde caiu e continuou lutar com o cabo da lança. Quando Kãnhãhá entrou na mata de novo ele parou, nisso ouviu Kuvenh chamá-los à voltarem para lhe ajudar. Então Kãnhãhá disse:

- Zetxa e Vugzé²³ venham devolta! Vamos lá porque as crianças já estão no meio deles. Então todos voltaram e foram lá novamente. Quando chegaram no local, Kuvenh estava sozinho no meio dos brancos lutando com eles. De tanto que Kuvenh bateu com os braços e nas mãos deles com cabo da lança, seus braços estavam quebrados e não conseguiu puxar o gatilho da espingarda, então ficaram olhando para eles sem poder fazer

²³ Vugzé- nome masculino.

nada. Vugzé chegou ali no local com os parentes e ele era reconhecido por eles o mais rápido para lutar. Quando ele chegou ali, num instante ele acabou com todos os brancos que estavam no acampamento. Quando acabaram de matar todos, o dia amanheceu, e viram que tinha tanta gente morta. Vendo tanta gente morta Kuvenh falou:

- Eu poderia ter matado alguns homens desses que estão aqui, mas infelizmente bati neles como se fosse criança, mas o primeiro que deu o tiro foi o primeiro que matei! Disse ele. Então Kuvenh veio ali, junto com eles ver o cadáver e sua cabeça havia moído e caído fora, somente tinha o seu pescoço. Depois de ver aquele cadáver, alguns levaram então os pertences daqueles homens que foram mortos para a mata; depois que foram levado todas as coisas para a mata, então todos foram atrás. Kuvenh então pegou um roupeiro cheio de roupa, enquanto que Zetxa pegou uma caixa de ferramentas, como foice e machado. Depois de carregarem todas as coisas até no seu acampamento, então todos foram atrás.

Enquanto isso, Kuvenh e Kãnhãhá ficaram lá sozinhos no lugar onde mataram os brancos, andando por cima dos cadáveres; quando clareou bem o dia. Os dois estavam andando por ali, olhando as coisas onde seus parentes desocuparam, como as malas e ali encontraram facão no mesmo lugar onde os outros estavam. O facão era bem grande e tinha alça no seu cabo. Era bem novinho e estava na sua bainha ainda. Somente sua bainha era pouco velha, mas o facão era bem novo, provavelmente seu dono colocou numa bainha velha e pôs na sua cintura e veio junto. Segundo ele, quando tirou da bainha era bem branquinha porque era nova, vendo que era bonito, então disse:

- Kuvenh! Aqui tem um facão, eu achei. Ouvindo isso, ele veio ali e pegou o facão na mão. Quando pegou, achou muito bonito, então ele disse:

- Minha nossa! Como é lindo! Dá para mim? E o Kãnhãhá disse:

- Que isso meu amigo! Já está dado para você! – e os dois riram juntos. Quando Kuvenh começou pedir à ele, Kãnhãhá já havia dado para ele. Depois de pegar o facão, eles vieram embora; quando eles vinham vindo no caminho, viram cavalos com todo correame encima e eles estavam pastando. Eram dois cavalos que estavam com correame pastando. Ao verem os cavalos mataram um de cada, Kuvenh atirou em um e o Kãnhãhá também atirou no outro. Depois que os cavalos caíram mortos, os dois foram lá e começaram cortar todas as argolas que haviam nos correames para levar junto e depois fazer seus colares, depois de cortar todas as argolas, então foram embora.

Quando chegaram no seu acampamento, viram as coisas que tinham pegado e então começaram a abrir. Zetxa abriu a caixa o Kãnhãhá tinha pegado, para sua surpresa na caixa de ferramentas²⁴ como, machado e foice, então ele começou a repartir para todos que estavam juntos. Ao repartir, Zetxa deixou dois machados e duas foices para o Kuvenh. E para o Kãnhãhá ele deixou também duas foices e dois machados.

Quando Kuvenh chegou no acampamento ele abriu o roupeiro que tinha pegado; ao abrir, para surpresa era tudo roupa²⁵ que tinha dentro. Ao que ver que era roupa, ele começou a distribuir para seus parentes, distribuiu para todos que estavam junto ali. Depois de dividir todas as coisas, agora cada um começou tecer seu cesto com taquara para poder levar embora as coisas que ganhou. Depois de tecer todos os cestos, então começaram encher de roupas que ganharam, as foices e os machados, ao arrumarem todas as coisas dentro dos seus cestos, então foram dormir um pouco para descansarem da batalha. Depois

²⁴ Ferramentas como o machado e a foice eram os principais objetos que eles almejavam ter, porque era a arma principal deles. Uns esquentavam a foice no fogo e batem contra outro objeto para formar em lança.

²⁵ Roupas, também era muito importante para usar, mas para colocar em volta do seu corpo principalmente para cobrir, para se esquentar no frio do inverno.

de descansar um pouco, Kuvenh levantou e madrugada e acordou seu companheiro Zetxa e disse:

- Zetxa! Zetxa levanta e vai na minha frente contar as notícias boas para os outros, enquanto isso vou caminhando atrás devagar. E quando contares, diga pra eles que eu fui o primeiro que entrei no acampamento dos brancos sozinho; - falou ele. Ouvindo isso Zetxa foi embora na frente deles. Enquanto que ele foi à frente; Vugzé ajudou Kuvenh levar o seu cesto, colocou junto com o seu e fez mochila só e colocou nas costas e levou embora. Enquanto isso Zetxa que estava indo na frente deles, chegou em casa antes do que os outros e contou para a esposa do Kuvenh, dizendo::

- O Senhor Kuvenh entrou no acampamento dos brancos. Ele foi por outro lado, por isso foi o primeiro que entrou no acampamento deles. Kuvenh entrou sozinho no acampamento e eles eram em bastantes mas nós acabamos com eles, mas nós acabamos com eles, mas Kuvenh foi o primeiro que entrou lá e depois nós entramos atrás dele e conseguimos matá-los todos; - ele falou isso para esposa dele. Sabendo da notícia, ela falou para seus filhos dizendo:

- Ouviram isso! Por isso quando faziam barulho, sempre pedi à vocês que não o fizesse. Porque eu estava preocupada com seu pai aguardando uma notícia dele. Ouviram isso, foi exatamente como eu pensava, parece que seu pai entrou sozinho no acampamento dos brancos mas, conseguiu escapar e venceu eles na batalha; - a esposa dele falou isso para os filhos.

Enquanto que a notícia havia chegado na casa, eles estavam vindo ainda e não haviam chegado em casa. E todos estavam trazendo roupas, foices e machados que haviam pegado dos brancos que mataram. Assim é a história do Kuvenh que guerreou contra os

brancos, para poder conseguir algumas roupas e algumas ferramentas. Finalmente esta história chega ao fim, assim foi a história.

A transmissão dessa história do contato dos indígenas com os kupli, descreve lugares distantes, mas ao mesmo tempo muito familiares para gente do mato, talvez comentando sobre seus feitos fosse mais fácil suportar certos sofrimentos espirituais, certas desconfirmações cognitivas. Pois os kupli representavam uma espécie de morte no âmago da vida civilizada, pressentiam inquietantes movimentos destes em sua volta.

Inicia seu contar com entusiasmo e cansaço, de poder deixar para o neto sua história, uma história que relata os primeiros contatos dos Laklânõ com os kupli (não índios), é uma história contada na terra indígena de Ibirama desde 1912, 1913, 1914 e quem conta em detalhes é Kuzug Gaklã, e o tradutor é Nanblá Gakran da década dos anos 80. Só depois desse longo período que volta a vontade de comentar desse assunto, antes sem importância aparente para os kupli e agora os mesmos até nos altos estudos comentam sobre seu povo. E isso da vontade de rememorar as passagens já ouvidas, sentidas, sofridas pelos seus pais, avós e parentes. É a disposição do falar, um exercício de labor e traz em seu fazer muito respeito, amor pelas palavras que são ditas para gerações mais jovens presentes e outros ouvintes. Com voz calma e olhos olhando profundamente o nada que o relato inicia. Sente em si a verdade vir para a natureza, para o ar, para a terra para os homens.

O Voble²⁶ e o Kóvi²⁷ são parentes do meu pai. Um certo dia os dois conversando entre eles, falaram um para outro dizendo:

²⁶ Voble- nome masculino. Ele foi o primeiro homem que planejou fazer um contato amigável com os brancos, tornando-se um dos heróis na história do povo Laklânõ (Xokleng).

²⁷ Kóvi: nome masculino. Esse foi o segundo homem que também planejou fazer este contato amigável com os brancos, ele também foi um dos heróis na história.

- Vamos um dia fazer igual aos Vákáplág²⁸ e vamos ter contato com os não índios. E quando tivermos contato com eles, seremos amigos deles e vamos morar junto com eles; diziam um para outro. Mesmo tendo a idéia de ter contato com os brancos, continuaram a guerrear com eles. Até que um dia, eles proibiram os outros de não procurar guerrear mais com não índios, então fizeram um acordo dizendo assim:

- Vamos procurar um meio de fazer contato com eles e se tornar amigos deles! Desta forma podemos criar nossos filhos sossegados, porque se não eles irão acabar com nós!²⁹- disseram eles. Mesmo fazendo este acordo entre eles, Voble e Kòvi foram lá matar o Jãgál³⁰. Quando foram lá no Katagãl³¹, entraram na casa dele mas, ele não estava ali, já tinha ido embora. Então pegaram todas as coisas que estava na casa, como roupas, alimentos e levaram para a mata nos seus acampamentos. No dia seguinte, foram novamente lá na casa buscar um cachorro que ficou ali. Porque quando chegaram nos seus acampamentos, contaram que viram uns cachorros na casa, então a Kãgglég³² mulher do Txukábág³³, falou para o marido:

- Mande Voble pegar aquele cachorro que ele viu para mim, quero fazer dele minha criação. Você sabe, não tenho cachorro e gostaria muito de ter um. Por isso, pede para Voble buscá-lo para mim, disse ela. Atendendo pedido de sua mulher, ele disse:

-Voble, Voble! Nisso ele respondeu dizendo:

- O quê?

²⁸ Vákáplág: nome dado pelos Laklãõ ao grupo dos Kaingang.

²⁹ Observa-se que os próprios índios tomaram essa decisão, de ter este contato pacífico com a sociedade não índia, não foram influenciado por ninguém. Mas sim pelo fato de estarem presenciando o extermínio do seu povo. Mas de acordo com alguns historiadores o povo Xokleng (Laklãõ) foram pegado a laço pelo primeiro chefe do Serviço de Proteção ao Índio (SPI).

³⁰ Jãgál- um dos nomes dado pelos índios ao primeiro chefe, Eduardo de Lima e Silva Hoeghen.

³¹ Katagãl é também um dos nomes dado pelos índios ao primeiro chefe.

³² Kãgglég: nome feminino.

³³ Txukábág: nome masculino.

-Voble! Você me faz um favor, busca aquele cachorro que está na casa onde vocês foram! Trás ele para mim, quero cagar para ele comer, falou para ele. Todos riram dele, dizendo:

- Quer dizer que, quando ele trouxer o cachorro, você vai cagar para ele, disseram eles. Ouvindo pedido do amigo, Voble falou:

- Kóvi! Kòvi amanhã de madrugada vai de companheiro comigo! Porque foi me pedido, para buscar cachorro que está naquela casa onde nós fomos pegar as coisas, gostaria que você ficasse de guardião para mim, enquanto procuro o cachorro para pegá-lo, disse ele. Voble estava com medo, porque se os brancos encontrar eles ali, iriam matá-los. Então no outro dia de madrugada, no cantar dos pássaros eles vieram ali, no lugar onde estava o cachorro.

Quando chegaram na beirada da mata, pararam ali e ficaram espionando, para ver-se não havia perigo ali. Ficaram ali parados de longe olhando por todos os lados para ver-se o dono da casa já tinha chegado em casa. Enquanto isso ouviram de longe barulho de canoa que estava subindo rio acima. Então falaram um para outro dizendo:

- Os brancos já estão vindo ver o estrago da casa e as suas coisas que nós tiramos, falaram eles. Nisso ouviram também um tiro na mesma direção lá para baixo, era um tiro que eles estavam dando numa jacotinga, mataram e estavam trazendo junto. Quando chegaram ali, saltaram da canoa e o Katagãl viu que a casa tinha sido assaltada e também os estragos que tinha sido feito ali, ficava olhando por ali, ficou até parado olhando de longe em direção à ma ta. Enquanro isso, os dois estavam escondido espionando de longe para ver qual seria a reação dos dono da casa. Então vendo eles, Voble falou para seu companheiro Kóvi:

- Kóvi! Eu vou se mostrar e falar com eles, disse ele. Nisso Kóvi respondeu dizendo:

- Não! É capaz de eles nos matar, disse ele. E o Voble respondeu dizendo:

- Como ele conseguir matar nós se estamos bem longe deles! Afinal estamos atrás deste toco de árvore, qualquer coisa iremos esconder atrás! Disse ele. Voble não quis dar ouvido ao seu amigo, e este insistiu dizendo:

-Não! Eu quero conversar com eles! Desobedecendo a seu companheiro ele falou para o Katagãl dizendo:³⁴

-Meu amigo! Disse ele. Ouvindo isso Katagãl respondeu dizendo:

-Olá! Eu estou protegendo vocês! Venham aqui! Vou dar para vocês algumas roupas vermelhas e também machados e facas! Disse ele. Mas o Katagãl tinha um facão grande deste tamanho na mão. Katagãl tinha tirado roupa e estava nu. Ele estava junto com Lagãh³⁵ ali. Lagãh veio de Palmas/PR, que estava com ele, porque Katagãl foi buscá-lo para ajudar fazer contato. Katagãl continuou a chamá-los dizendo:

- Venham aqui! Eu estou protegendo vocês e não vou machucá-los! Disse ele. Ouvindo isso, Voble perguntou dizendo:

-Quem é você? Disse ele. E o Katagãl continuava a chamar dizendo:

-Venha aqui! Eu vou lhe dar machado e roupas vermelhas! Falava isso mostrando o facão para eles. Continuou dizendo:

- Venha aqui buscar o facão! Disse ele. Mostrava o facão bem alto para eles verem. Então Voble disse para ele:

³⁴ Nota se que entre os dois: Voble e o Kóvi, a iniciativa de querer ter este contato amigável foi do próprio Voble, mesmo com medo de serem atingido por eles.

³⁵ Lagãh, nome masculino. Foi um dos Kaingang da terra Indígena de Apocaraninha do Norte do Paraná. Foram trazidos para ajudar o Hoerham no contato, pacificação deste povo.

- Estás falando isso, mas quando eu for lá, você vai me matar! E o Katagãl novamente respondeu dizendo:

- Não! Não vou fazer isso, porque estou te protegendo. Venha buscar este facão! É seu, pode vir buscar! - dizia ele. Enquanto falava isso Katagãl estava indo em direção deles e os dois, Voble e o Kóvi também estavam indo ao encontro dele. E o Katagãl já iria botar o facão em cima de um toco que estava entre ambas as partes. Então Voble disse para ele:

- Pode botar o facão encima do toco aí! – ele falou. Ouvindo isso, ele já estava vindo para botar encima do toco, mas naquele momento o Vãjeky³⁶ e o Pãntxi³⁷ estavam vindo por traz deles sem ninguém perceber, para matar o Katagãl. Não percebendo o que estava acontecendo, Katagãl já estava levando o facão para colocar encima do toco, conforme o pedido deles. Nisso Voble repetiu novamente dizendo:

- Você está querendo me matar, por isso você estás querendo me dar este facão! Ele falou. E o Katagãl respondeu dizendo:

- Não! Eu estou te protegendo! Não lhe farei mal nenhum! Venha sem medo! Disse ele. Então Voble disse:

- Então traz e coloca encima daquele toco que está ali, falou ele.

Quando Voble acabou de falar isso para Katagãl e o Lagãnh foram correndo embora de medo. O Voble e o Kóvi também foram embora para a mata. Decepcionado com os parentes, Voble brigou com eles dizendo:

³⁶ Vãjeky: nome masculino.

³⁷ Pãntxi: nome masculino.

- Porque fizeram isso! Em vez de vocês ficaram olhando, para mim pegar o facão que ele estava me dando, vieram por trás e atacaram taquara³⁸ neles.

- Eu sempre os matei, mas agora quero ter contato e tornar amigo deles, por isso que estava pedindo as coisas para ele! Mas vocês vieram por trás e fizeram isso com ele sem me comunicar! Não façam mais isso! Fiquem olhando! Quero pedir este facão que ele tem e quero pegar! Não tente outra vez, disse ele.

Voble estava querendo pegar o facão que ele tinha na mão. Enquanto que Voble estava brigando com seus parentes, Katagãl já tinha ido se esconder. O Voble e o Kóvi também foram para a mata se esconder, Jãgál cruzou para outro lado do ribeirão, porque sua casa ficava no outro lado, de lá ele ficava olhando para o outro lado em direção onde eles estavam. Lá do outro lado do ribeirão, Jãgál ficava olhando junto com Lagãnh em direção ao mato de onde eles vieram e também no lugar onde estavam conversando juntos. Justamente naquele lugar onde eles desceram, foi lugar onde Lagãnh tirou palha para cobrir sua casa e o seu cunhado Lynh³⁹ também havia tirado por ali, então ali eles viram vestígios deles. Provavelmente Lagãnh estava contando para Jãgál sobre os vestígios e o caminho deles que passava por lá. Algumas horas depois, Jãgál pegou o facão e veio novamente em direção ao lugar onde estava antes, chegando ali, ele ficava olhando em direção onde eles subiram. Vendo ele ali novamente, Voble disse para seu companheiro:

- Kóvi vou falar pra ele novamente! – disse ele. Nisso ele respondeu dizendo:

- Não faça isso! Porque é capaz de ele atirar para cá e pode acertar um de nós! E o amigo dele Voble, respondeu dizendo:

³⁸ Taquara que ele estava se referindo é a própria flecha deles, porque as flechas são feitas de taquara.

³⁹ Lynh: nome masculino. Ele também é um dos índios Kaingang, trazido do Norte do Paraná, para ajudar na pacificação do povo Laklãnõ.

- Como ele vai acertar em nós se estamos bem longe, afinal tem um toco bem grande aqui q qualquer coisa, podemos nos esconder atrás! – disse ele. Então escondido atrás daquele toco grande, Voble novamente falou para ele dizendo:

- Meu amigo! Disse ele. Ouvindo isso, Jãgál respondeu dizendo:

- Olá! Venham! Estou te protegendo! Vem buscar este facão, é seu! Vou lhe dar roupas vermelhas e brancas, também lhe darei machado branco e facão para você! Jãgál fala isso, mostrando o facão para ele. Então Voble pediu para ele dizendo:

- Traz aqui! – disse ele. E o Jãgál respondeu dizendo:

- Não! Você vai me matar! Então Voble respondeu para ele dizendo:

- Não! Eu não vou matar! Ouvindo isso, Katagál falou para ele dizendo:

- Eu estou te defendendo, não tenha medo! – falava isso para ele. Quando Voble conversou com Jãgál a primeira vez, era de manhã cedo, se os parentes dele não tivesse interferido, ele teria pegado o facão já de manhã cedo. Novamente Katagál insistiu dizendo:

- Venha pegar este facão, é seu! - disse ele. Então Voble agora pediu para seus parentes não fazerem mais o que haviam feito antes, ele impediu-os dizendo:

- Agora desta vez fiquem olhando! Não jogam mais a taquara nele! Porque quero pegar este facho que ele tem! – disse ele. Voble brigou com os parentes para não fazer mais como fizeram antes com ele. Antes de mandar buscar o facão, Voble falou para o Jãgál dizendo:

Você deve ter arma junto contigo aí! –disse ele. E o Katagál respondeu dizendo:

- Não! Eu não tenho arma comigo! Só tenho o facão comigo! Pode ver, olha aqui estou pelado! – falava ele. Na verdade Katagál tinha tirado toda a roupa e estava nu conversando com eles. Voble então pediu a ele dizendo:

- Coloca o facão encima do toco, -disse ele. Então Jãgál colocou novamente o facão encima do mesmo toco que ele havia colocado antes. Nisso Voble e seu companheiro Kóvi já estava vindo ao encontro dele buscar p facão e o Jãgál também estava indo ao encontro deles.

Então Voble disse para seu companheiro Kóvi:

-Vai pegar! E ele então foi buscar. Quando Kóvi pegou o facão naquele momento ele disse:

-Vou fincar nele! Falou ele. E o Voble respondeu dizendo:

- Não! Não faça isso! – falou para ele. O Kóvi estava querendo matar o Jãgál, mas Voble não deixou. Estes dois são muito bravos, mas eles mesmos planejaram sair fora e ter este contato amigável com o homem branco. Queriam sair fora da mata, para morar com os brancos, por causa disso, eles foram lá pegar o facão que Katagãl tinha na mão.

Quando ele viu que Kóvi pegou o facão, ele bateu palma de tão contente. Provavelmente deveria ser meio dia, quando isso aconteceu; se aqueles outros parentes deles, não tivessem interferidos, os dois teriam pegado o facão já de manhã. Depois que eles pegaram facão, Jãgál pediu para Lagãnh buscar as roupas e trazer ali para eles. Então ele foi buscar as roupas e quando trouxe, deu para Jãgál, ele também trouxe alguns cobertores juntos. Então Jãgál disse:

- Vou dar umas roupas vermelhas para vocês! Venham buscar! – disse ele. Então Voble pediu para ele dizendo:

- trás e coloca no mesmo lugar onde deixaste o facão! – falou ele. Ouvindo isso, Jãgál então pediu para Lãgál que estava junto, levar e deixar ali no mesmo lugar. Quando Voble viu que ele deixou no mesmo lugar onde ele havia colocado facão, então ele falou para Kóvi dizendo:

- Vai buscar! Vai buscar as roupas! –disse ele. Então Kóvi foi buscar e trouxe para ele. Quando ele trouxe, Voble disse para ele:

- Agora você leva e deixa lá no mato! – disse ele. Enquanto isso Lagãnh, foi buscar mais roupas e trouxe de novo. Quando ele trouxe de novo, Jãgál pediu novamente para Lagãl levar e colocar no mesmo lugar de antes, conforme o pedido deles. Então Voble falou novamente para Kóvi dizendo:

- Vai buscar de novo ! Então ele foi buscar de novo e foi levar novamente para deixar com o primeiro que tinha deixado lá na mata. Enquanto que Kóvi levava as coisas, Voble sempre permanecia ali no lugar⁴⁰. Enquanto que Kóvi, guardava lá na mata para pegar depois, os parentes dos dois, sem eles perceber, vieram por trás e roubaram todas as roupas que ele tinha guardado e levaram tudo embora. E quando chegaram em casa, disseram para os outros:

- Nós fizemos contato amigável com os brancos, por essas roupas que estão aqui. Todos essas roupas eles tinham na mão e nós pegamos da mão dele! – disseram eles mentindo. Tudo isso que eles falaram era mentira, enquanto isso Voble e Kóvi estavam lá conversando com o Katagál. Os dois ficaram conversando com o Katagãl até anoitecer e ele deu todas as coisas que tinha para eles.

Enquanto que Katagãl estava dando as coisas para eles, os outros homens brancos que estavam com ele, desceram rio abaixo de canoa para buscar mais coisas e alimentos. Outros desceram com outras canoas buscar criação de gado para matarem no dia seguinte. Quando anoiteceu, Katagãl também parou de dar as coisas, porque tinha acabado. Então Katagãl falou para o Voble dizendo:

⁴⁰ Voble mandava seu companheiro Kóvi levar as coisas e deixar guardado lá na mata, mas enquanto isso, ele permanecia ali para vigiar seu companheiro de um possível ataque do Jãgál.

- Tenho mais roupas para dar pra vocês amanhã! Venham buscar de novo! Chama os teus parentes e traga todos juntos, disse ele. O tiro que Voble e Kóvi escutaram de manhã, foi numa jacutinga e o Katagãl tinha trazido junto e estava guardado, então ele foi buscar e deu para o Voble, e ele disse:

- Meu amigo! Você vai comer jacutinga!⁴¹ Este é jacutinga, ele falou quando estava trazendo. Quando trouxe, ele colocou no mesmo lugar aonde havia deixado as roupas. Quando trouxe, ele colocou no mesmo lugar aonde havia deixado as roupas. Quando ele deixou ali no mesmo lugar, Voble disse para seu companheiro.

- Kóvi vai buscar! Então ele foi buscar. Nisso já estava anoitecendo; depois disso, eles vieram ali onde Kóvi tinha deixado as roupas. Quando chegaram ali, as roupas tinha sumido dali, não tinha mais nada, porque os outros já tinha levado embora. Então Voble e Kóvi ficaram muito bravo com seus parentes; enraivado, os dois disseram:

- Estava querendo pegar as roupas que ele tinha, por isso que estávamos agradando ele, mas não pensaram nisso, por isso que estavam querendo matá-lo e jogaram a taquara (flecha); mas agora depois que nós pegamos as roupas, levaram sem nos avisar! – furiosos falaram isso. Havia sobrado um pouco de roupas; então dividiram entre eles o resto que tinha ali. Então Voble pediu para seu companheiro Kóvi, um cobertor peludo para estava ali, dizendo:

- Kóvi eu posso pegar esta coberta e levar para meu pai? – disse ele. E Kóvi respondeu que sim e ao mesmo tempo ele também pediu dizendo:

- Voble me dá esta coberta que quero levar para Tucun! Ele estava pedindo pra levar para seu pai. Kóvi pegou a coberta vermelha que o Jãgál se referiu de início e pediu-lhe novamente para seu companheiro dizendo:

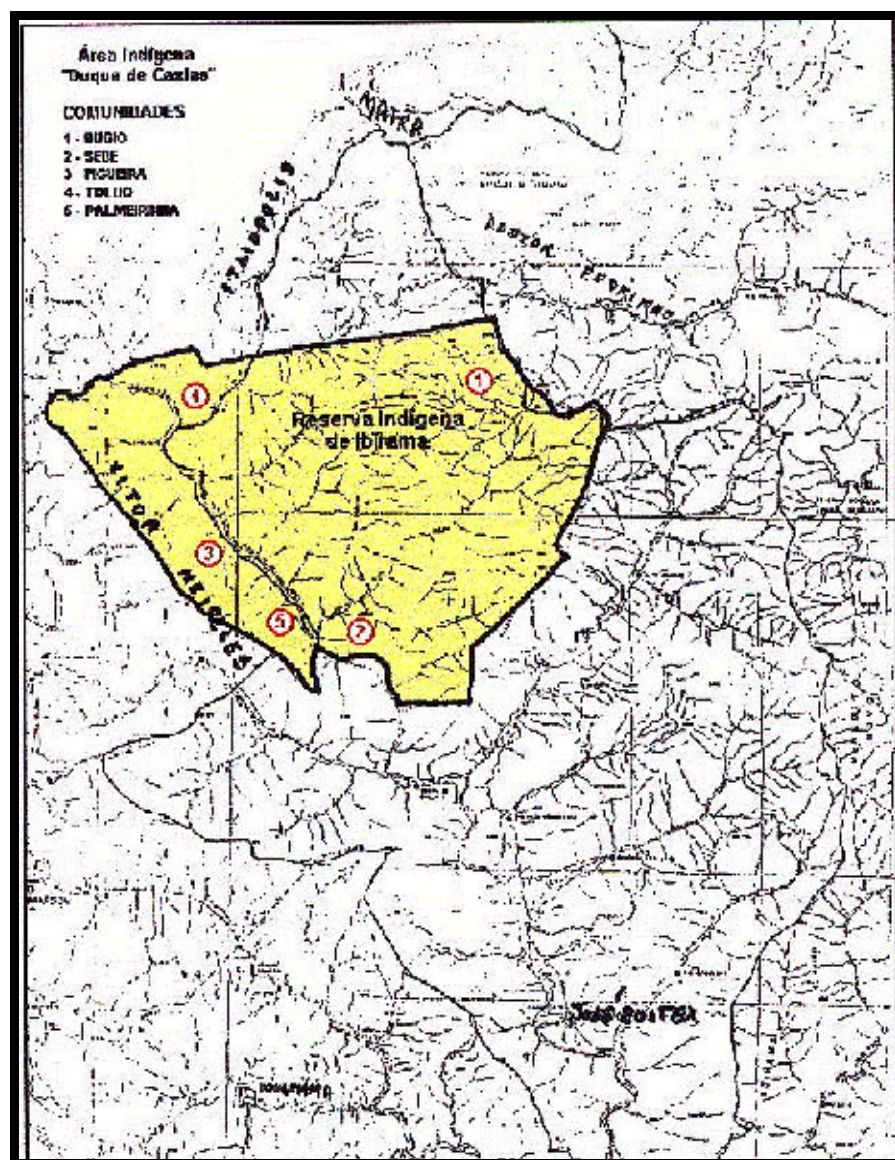
⁴¹ Jacutinga é nome de ave da mata virgem.

- Voble me dá esta coberta vermelha, porque quero levar para minha sogra, disse ele. Respondeu que sim e já em seguida, Voble pediu novamente para seu companheiro dizendo:

- Kóvi me dá esta roupa aqui, porque quero levar para o Păntxi! Ele estava se referindo do seu cunhado. Novamente Voble pegou outra roupa e disse:

- Me dá esta aqui, quero levar para meu pai! -disse ele. Ao responder que sim e já em seguida, Kóvi pediu novamente ao seu companheiro dizendo:

- Voble me dá este cobertor branca que está aqui, quero levar para mim e me esquentar nela – falou ele. E assim terminaram de dividir as roupas e nisso já era noite e eles foram embora. Eles respeitava um ao outro, por isso que hoje nós estamos aqui, mas os brancos que não sabe da história, acham que o Katagăl pegou nós a força, mas não foi assim que falam. Enquanto isso meu pai, Kópaká não sabia da notícia que seu irmão Voble teve este contato com os brancos. Quando terminaram de dividir todas as roupas, então foram embora, quando chegaram em casa com as roupas, já era tarde da noite. E quando chegaram em casa contaram a notícia para os outros e no dia seguinte Voble e Kóvi convidou os outros e vieram todos juntos ali. Quando eles chegaram ali. Quando eles chegaram ali, katagăl deu alguns bois, para eles começaram para comer e assim fizeram uma grande festa. Por isso que, até hoje estamos morando aqui neste lugar.



Mapa 02 – Comunidades da Área Indígena de Ibirama, assim chamada atualmente (anteriormente denominada Área Indígena “Duque de Caxias”)

Análise a *posteriori* feita com os indígenas residentes nas cinco aldeias e como expressam seu viver cotidiano.

O conjunto discursivo possibilita pensarmos na ação coletiva em que residem, dentro da sua comunidade sem, contudo ignorar a significação dada pelos indivíduos. Vivendo o seu dia-a-dia vão edificando um “conhecer-se”, partindo de motivações e desejos pessoais, valores e moral da cultura que as envolvem, projetam-se no grupo em busca de uma reciprocidade, do “acerto”, do “elogio”, da “censura” enfim confirmando sua identidade.

O fazer festa é um marco de sua cultura. Celebrar é uma maneira de unir o povo, é como um festival, onde conversam entre si, comentando todas as etapas vencidas pelo povo. Vencem o mal-estar de um relacionamento conflituoso. Esperam ansiosamente o aceite do outro, de algum jeito. Aos poucos as preocupações inexistem, pois comem juntos, conversam e tudo “vai se ajeitando assim”, confirma num gesto solidário em comentar sobre conflitos internos na aldeia ou aldeias, Sr. Nun-Fooro.

O acontecimento do primeiro contato e seu querer conhecer o outro, vem tomado de medo e insegurança por suas vidas. A proteção para com os amigos faz que haja esse procedimento brutal de matar, eliminar o invasor. Kuvenh e Kãnhãhá eram guerreiros e exploradores do seu grupo. Colher e investigar eram suas práticas e encontrar objetos que viessem satisfazer suas necessidades era sem dúvida seu objetivo principal.

A distribuição era uma prática indígena primitiva ou seja antes do contato com o branco, pois viviam coletivamente. A transformação foi ocorrendo em etapas que vamos aqui rapidamente desvendar.

O deslocamento de sua área de origem “lá de baixo” é um ponto comum em suas vidas, todas os indígenas passaram sua infância nas planícies dos rios Platê e Rio Hercílio ou Itajaí do Norte, antes de 1974. As pessoas mais idosas com as quais conversamos,

comentaram sobre a fartura que havia quando habitavam aquelas terras. Lembram-se sempre com saudade da casa de seus pais, “naquele tempo”.

Apesar da drasticidade dos sucessivos recortes ao território original e das intrusões de posseiros consentida e estimulada pelo órgão tutor, o pior ainda estava por vir. No ano 1972, começaram a circular as primeiras notícias sobre a construção da Barragem Norte.

Destinada a evitar as cheias periódicas no Vale do Itajaí, notadamente em Blumenau. A Barragem Norte ocupa 870 hectares. É importante salientar que as terras indígenas, situa-se em um vale que tem o rio Hercílio como dreno principal. Agora, com o rio interrompido à jusante da área, perdem-se as únicas terras de várzea passíveis de receber alguma agricultura. A produção despenca em 90%. A comunidade residente na sua grande maioria à beira do rio, é obrigada a mudar-se para as encostas dos morros. Há forte desagregação social motivada pela perda dos laços de compadrio, decorrente da mudança forçada, além de pobreza crescente.

Entendemos que a comunidade indígena de Ibirama faz parte de um processo de fricção interétnicas⁴² na qualidade de etnia subordinada. A comunidade indígena em análise apresenta caracteres culturais de uma cultura de contato ou seja, apresenta uma série de “arranjos” entre sua cultura tradicional e elementos culturais assimilados da cultura do kupli que os rodeiam.

Os interesses da sociedade envolvente estimulam o desenvolvimento de atividades econômicas que, em última análise, resultam na maior depauperação do patrimônio comunitário, citamos como exemplo a venda da madeira, por algumas famílias e também a venda do palmito (MÜLLER, 1987).

⁴² Entende-se o processo histórico pelo qual etnias dominantes subordinam outra etnia através de relações sociais assimétricas, semelhantes ao que ocorre entre classes antagônicas em uma estrutura capitalista de produção.

O faccionalismo exacerba-se e a comunidade fragmenta-se em núcleos dispersos pelas encostas íngremes até então preservadas em sua variedade vegetal. Associado a esse drama registra-se um crescimento significativo da densidade demográfica nas terras indígenas.

Todo processo é dinâmico, mutável. Alterou-se sua convivência, a mudança ocorrida devido a construção da barragem trouxe o afastamento, e com este foi inevitável; toda gama de transformações, que ocorreram sucessivamente. Toda uma comunidade, um povo, que estava em contato diário, mais de oitocentas e cinquenta pessoas, num sistema coletivizado de fazer o seu cotidiano, vê-se separadas e o que lhes pertence já não mais existia. Sua casa, seu cemitério, sua rua, seu centro para conversar, sentar para realizar seu artesanato: os potes de barro, o tecer das fibras das urtigas, o raspar madeira para um chá, o fazer flechas e arco - para após serem vendidos para os regionais. O raspar a mandioca ou ralar o milho - tudo faziam conversando, rindo, terminou. Não era mais assim. Agora tiveram que sair de seu *habitat primitivo*, do seu cotidiano tinham que “arranjar-se” novamente. O fazer agora seria diferente, espaço ainda mais limitado e com muitas interferências.

Partindo da análise das suas falas percebemos que eram grandes as dificuldades, mas a solução dessa problemática de onde morar e como morar, já está sendo resolvida. Nada é definitivo, na medida em que sua filosofia de viver é o hoje. Como eram nômades, fazem ainda mudanças, agora de aldeia para aldeia,. Tentando “considerar” onde poderiam sentir-se melhor. E aí se estabelecerem por certo tempo.

Foi possível observarmos convivendo nas diversas comunidades, principalmente da Sede, Figueira, Coqueiro e Bugio, características diferenciadas de lideranças, dificuldade em aceitar o outro, temeridade, dinamicidade, dependência, contradições em seu agir diário.

Aliás, devemos observar que esse agir como sendo mais como os kupli e agora incorporado mais intensivamente pelos indígenas.

As dificuldades fazem as mulheres experimentarem novas posturas frente à vida, são impulsionadas a reagirem diante dos enfrentamentos no seu cotidiano.

Além da vivência pessoal com o que considero primordial para entendermos suas ações, tentamos no nosso dia-a-dia, entender como vivem em sua sociedade, para compartilharmos conhecimentos. O que consideramos a eterna curiosidade do ser humano saber como o outro vive, se organiza e reage diante das diversas dificuldades da vida.

Desde a primeira vez, quando houve o encontro amistoso com Eduardo, iniciou-se a sua relação interétnica; isso ocorreu lá em 1914. Depois dessa época, dois terços da população pereceram pelos contatos com os brancos, foi uma tragédia, e o pós contato mais intensivamente dentro da área indígena, lá por 1978, quando iniciou efetivamente a construção da Barragem Norte, mais diversos tipos de kupli estavam em contato com os índios, com suas mulheres, com sua reserva florestal. Quando sob a liderança de Eduardo de Lima e Silva Hoerhan no Posto Indígena “Duque de Caxias”, ele afastava aventureiros da área, ele os controlava. Agora sob troca constante de chefia, a tutela exercida pela FUNAI, sobre os interesses da comunidade caracterizou-se como frouxa, infiel e ineficaz, assim os retrataram as entrevistadas em sua maioria: pra quê FUNAI eles deixa nós sempre assim sem ninguém, dizem não ter dinheiro, não ter como interferir pra garantir o direito da gente, sabia? É assim FUNAI não protege o índio então, pra quê existe? Desabafo expressivo de dona Nelli Ndilli, senhora de 65 anos.

A tutela é frouxa como se pode verificar, pela desatenção da FUNAI em promover o desenvolvimento adequado da comunidade indígena, em termos sociais e econômicos, de forma que seus ingressantes tivessem garantido um padrão adequado de vida, condizente

com a dignidade humana. A tutela é ineficaz, enquanto os interesses da comunidade são contraditórios e obstruídos em sua promoção, sem que haja defendido de seus interesses como o das indenizações pelas suas terras, por preço justo ou ativando um projeto para sua auto-sustentação. Essa tutela é infiel por ganância de alguns funcionários da FUNAI, mancomunados com empresários regionais, que permitem a dilapidação do patrimônio indígena. (SANTOS:1970, MÜLLER: 1978, RIBEIRO:1977).

Esse longo processo de desestabilização da comunidade, motivado pelas obras da Barragem Norte, levaram o antropólogo Dennis Werner –UFSC – a realizar, em 1983, uma pesquisa sobre “stress” entre os indígenas. Com base em estudos similares realizados entre indígenas de outros grupos, que os níveis de “stress” na área eram os mais elevados do mundo, só inferiores aos registrados entre os índios Cree, de Québec, Canadá, também expostos às conseqüências desagregadoras resultantes da construção de uma barragem em suas terras⁴³.

E após a Barragem 1992, visto numa perspectiva de quem viveram dificuldades pelo deslocamento para outro lugar, por serem estigmatizadas, excluídas e sem direito a voz, a linguagem do grupo de homens e de mulheres entrevistados é um tanto dramático. A comunicação é expressiva e as recordações do passado acentuam sentimentos que envolvendo tempos sofridos e principalmente perdas, em suas experiências de vida. A grande queixa dos indígenas mais idosos e o fazem ao afirmarem que nunca ninguém dos kupli e mesmo liderança indígena, os haviam pedido opinião sobre assunto político ou econômico e que decisões em suas vidas era realizado *pelos outros*. Crêem que todos os problemas provêm de situações de vida que eles também ajudaram a promover, poderíamos afirmar que se “culpam” de não terem se unido no passado. Poucos se zangam,

⁴³ WERNER, Dennis. “**Stress**” entre os Botucudos. Florianópolis. Ed. UFSC 1985.

demonstram-se passivos. Louvam a Deus por serem livres, no sentido de “escolherem sua igreja” e terem encontro com a fé. Demonstram enfrentamento e atitudes positivas de otimismo, diante da pobreza e da falta de recursos. Procuram meios que conhecem para reivindicar seus direitos, sua saga é muito particular.

Quando da construção da barragem, podemos afirmar que se prestou como acelerador do processo de desintegração social da comunidade enquanto propiciou o aumento das tensões internas. Essas tensões manifestaram-se em episódios como a disputa de terras altas e na incapacidade de a comunidade aglutinar-se ao redor de uma liderança forte, na busca dos seus desejos reais.

As condições de vida na área indígena são difíceis. Podemos constatar problemas de abastecimento de água, de falta de energia elétrica para a maioria da população aldeada e de acesso para as comunidades. Com os problemas conseqüentes da implantação da barragem, a maioria das famílias fica sem condições de manter roças para poderem assegurar sua sobrevivência e de terem excedentes para vendê-lo. Paralelamente, o governo federal, através do IBAMA, impediu drasticamente a possibilidade da retirada do palmito, da madeira embora o façam ilegalmente. O projeto da auto-sustentação, conhecido como “projeto Ibirama”, não foi cumprido pelo governo estadual.

Todas as esferas da configuração cultural Xokleng revelam influências profundas do ponto de vista da aculturação, sofridas em duas épocas distintas e em situações de contatos diversas, mas ambas intensas: primeiro, quando da pacificação em 1914 e a segunda, pós a construção barragem Norte desde 1978 até a atual data.

Acompanhadas de profundas revoluções nas condições de vida, deram origem a um estado de penúria cultural e conseqüentemente econômica.

Na situação de insegurança e penúria, decorrente dos contatos com os kupli chamados de “civilizados”, os Xokleng, reagem de forma mais fervorosa em devoção cristã.

Nos grupos vivem em condições tais que as atividades de subsistência podem continuar a desenvolver-se segundo as antigas normas, se houvesse situação de terras férteis para isso. O grupo está crescendo, e as terras férteis ficam submersas em época de cheias no lago de contenção da barragem. Nas planícies do Rio Platê e Rio Hercílio estavam suas melhores terras. Praticam mesmo que escassamente, a lavoura, apesar de serem rudimentares as técnicas de cultivo.

Um número significativo de idosos contam com os rendimentos de aposentadorias, como trabalhadores rurais. Com esse rendimento conseguem ajudar na alimentação de filhos e netos.

Receberam no ano de 1999, 134 casas de alvenaria, espalhadas em todas as comunidades, o Toldo recebeu 9 casas; o Bugio, 25 casas, a Sede 36 casas, a Palmeirinha, 32 casas, a Figueira 32 casas. As famílias contempladas foram as que em 1990 – 1992 perderam suas casas, devido as cheias ocorridas e havendo o represamento das águas pela Barragem Norte, suas casas permaneceram dias submersas, onde acabaram perdendo grande parte de seus bens. Houve um protelamento das indenizações e cumprimento dos acordos por oito anos. Devemos observar que pelo acordo deveriam ter sido construídas 188 casas, portanto haverá uma Segunda remessa de casas de alvenaria de mais 56 casas. A FUNAI nada fez para apressar ou questionar sobre o cumprimento dos acordos afirma Alexandrina, Nelli e Nganveng. Houve mobilização da comunidade indígena em Florianópolis por diversas vezes, para que “lembrassem” dos acordos”, comentam.

Outra característica de transformação nas práticas sociais muitos dos Xokleng prestigiam os indivíduos com referência aos bens que porventura possuem. Desejam ter empregos e ocuparem-se para possuir dinheiro para comprarem utilidades.

A necessidade de fazer em face de novas exigências econômicas acarreta transformações mais ou menos radicais na organização familiar. Há a necessidade de empregarem-se, precisam de dinheiro e nesse proceder ingressam para o mundo capitalista.

Com o início das obras da construção da barragem intensificou-se os primeiros contatos do DNOS - Departamento Nacional de Obras e Saneamento, junto aos moradores de Barra Dollman para o estabelecimento das indenizações pelas terras e benfeitorias a serem atingidas pelo represamento do rio, perceberam situações nunca antes vividas. Verificaram a inutilidade do trabalho em cima do que futuramente iria ser inundado, ocorreu a percepção das perdas que teriam. Então intensificaram a retirada das valiosas madeiras da reserva, usando como argumento o fato de que parte da floresta ribeirinha ficaria encoberta pelo reservatório da barragem.

Passando grande parte de seu tempo retirando as árvores, em contato com os kupli os chamados “civilizados”, o homem cria interesses e atitudes pouco propícios ao espírito familiar. Era freqüente homem casado gastarem o produto de uma semana de trabalho em noitadas e esquecerem dos deveres de prover o sustento dos filhos e da esposa em casa. Hoje pouco ainda fazem a “festaça” pela cidade, visto que o corte da madeira está sendo controlado pelo IBAMA.

Para as mulheres o artesanato, é uma das suas fonte de renda. Hoje, arcs e flechas, colares, cerâmicas, chocalhos, são produzidos e vendidos para visitantes, que eventualmente visitam a área onde residem. Também as mulheres saem para vendê-los -

exemplo da Nelli - que vão as cidades vizinhas também, motivadas na obtenção de auxílios, “pedem” agasalhos, sementes, medicamentos.

Para resolverem questões mais sérias de saúde, temos dados fornecidos pelo SUS de 23 casos de tuberculose dentro da área indígena. Temos alunos no CEJA com a doença, estão sendo acompanhados na cura desta, dirigem-se na maioria das vezes, para Curitiba, e para resolver assuntos burocráticos e políticos, vão para Florianópolis. Muitas são as suas reivindicações e estas já puderam ser sentidas e demonstradas na capital do Estado, lá acampando e pedindo audiência, foram auxiliados por igrejas e por sindicatos. Acamparam homens, mulheres e crianças por vários dias, diante da Assembléia Legislativa de Santa Catarina, demonstraram firmeza e decisão em seus atos, o que foi amplamente noticiado pelos jornais de grande circulação em Santa Catarina, como: Diário Catarinense, de Joinville; O Estado e o Jornal de Santa Catarina, ambos de Florianópolis.

Na falta de condições para retirar da natureza o que necessitam para sobreviver, parece que os índios, agora se especializam em “caçar e colher” nos espaços urbanos, particularmente nos domínios da burocracia, para terem condições de sobrevivência. Lembramos que antes foram atraídos ao convívio com presentes e promessas. Agora são obrigados a pedir, implorar e comover.

Eduardo Hoerhan de Lima e Silva, em 1953, em um depoimento para o antropólogo Darcy Ribeiro, falou na ocasião: *“Tenho um arrependimento negro de ter tirado esta gente da mata.... para quê pacificá-los se não poderíamos proteger”*

Finalmente, é preciso destacar a importância da recuperação da memória por meio das lembranças, para compreender como foi o convívio entre branco e índio, entre índia e índio, entre o privado e o público, entre o cotidiano e o imprevisível. No desvelamento da

intimidade de mulheres, verificamos a combinação dos costumes de sua cultura e de conhecimentos impostos (religiosos e emocionais) aos Xokleng através de: Nelli, Nganveng, Ondina, Alexandrina Ilsa, Laura, Ndo-u Tereza, Nunc-Fôoro, Samuel Küdyl e Livai Priprá e outros.

Aiú Patté – a mais idosa dos Xokleng com 91 nos papéis oficiais, mas a família afirma de ter 10 anos a mais comentou da tradição do seu povo, e quando se trata de tradições, a autoridade é feita, não somente de a *priori social*, mas ainda do a *postiori social*; não somente da obscuridade de pensamentos, mas da dignidade e da veracidade dos acordos humanos. Aiú confirma seu olhar e observar a natureza e de saber sua idade: *Eu vi a taquara seca, como era bem pequena ainda, elas já existiam, quando a Vãnhká a sua ante penúltima filha já tinha filhos; foi a segunda vez que viu.* Isso significa já ter mais de 60 anos, pois a taquara floresce e seca a cada 30 anos.

O fenômeno de a taquara florescer e logo após secar, acontece a cada trinta anos. Era assim que realizavam a contagem do tempo, foi assim que aprendeu a contar o tempo e assim realiza seu pensar. Sempre observando a taquara. Vê o “nascer” das borboletas e sabe pela observação da taquara, como os ventos irão soprar em cada estação, afirma Aiú.

Nganveng fala de suas angustias e vida limitada por tragédia e do cotidiano:

“Pensei em ir embora com meus filhos, largar tudo, não fui. Mas pensei bem, meu filho YOPE, disse: acho mãe, que ninguém vai embora. É o João nessa época tava fugido, marido morto, família dele contra mim, tirando aquilo que pouco ainda tinha, os outros filhos pequeno e meu menor filho tinha 5 anos, a nora grávida do 2º filho, o outro com 2 aninho ainda, mas fiquei, lutei. Podia ir morar com meus pais, mas não fui. Consegui ficar e resistir”.

Nganveng Ciri

Nesse lembrar e esquecer, e o desvelamento pelas lembranças, de um passado morto e de uma operação historiográfica presente, o passado ao presente, escrevendo a história dos indígenas da área de Ibirama, anteriormente conhecido como Posto “*Duque de Caxias*” de Ibirama. Porém, em que se pese todas as influências e interditos, a contribuição do trabalho está em permitir que uma outra imagem dos indígenas apareça, a qual, ao mesmo tempo em que desmistifica alguns mitos “selvagem”, reitera, como o do sentimentalismo e da força de vontade na “garra de sua luta diária”, em sobreviver e melhorar seu viver e não mais os que não tem o “*vaipλό*” (preguiça) e sim é “*lanhlanhjégy*” (coragem), diante do conviver com o não-índio, o deslocamento de sua moradia original e sua nova adaptação noutro local, sua limitação territorial, Stress social, dramas familiares, agora mais que nunca presentes.



Figura 2 - Maria Kula relembra sua história étnica com a mente voltada para o futuro, seu sorriso demonstra confiança no amanhã.

CAPÍTULO II

ESPAÇO GEOGRÁFICO E BREVE HISTÓRICO: DOS PRIMEIROS CONTATOS COM O BRANCO A CONSTRUÇÃO DA BARRAGEM NORTE – VERSÃO ESCRITA PELOS NÃO-ÍNDIOS

Este capítulo reúne informações sobre geografia e história política, desde os esparsos contatos do século XVI e assim sucessivamente, até que no século XIX surge então a necessidade das autoridades governamentais de investirem em gente⁴⁴ para marcar presença na região do atual estado de Santa Catarina, intensificando sua colonização.

Conforme se enfatizará no decorrer do trabalho, os Xokleng não são os únicos povos indígenas habitantes de Santa Catarina, nem os únicos na atual área indígena “Duque de Caxias”, convivem lado a lado com os Kaingang e os Guarani. A história do povo Xokleng mais remota é comum aos Kaingang. Os territórios de ambos os povos tangenciavam-se no sul do Brasil. Os Xokleng habitavam a Serra do Mar, da região de Curitiba até às cercanias de Porto Alegre (SANTOS, 1973, p. 208).

Os Xokleng eram um povo nômade e viviam em grupos de até 300 indivíduos. Eles sobreviviam da coleta, caça e pesca na floresta das araucárias ou, como dizem os Xokleng, nos “Zag Pili”⁴⁵. A caça e a pesca eram realizadas coletivamente e a divisão dos víveres era feita por igual entre os membros do grupo. Os artefatos de caça e os da pesca

⁴⁴ Citado no seu livro, compreendendo que brancos deveriam ocupar o espaço de Sálvio MULLER, na obra Opressão de depredação.

⁴⁵ Zag Pili, entende-se como sendo o lugar de pinheiros, ou o própria árvore(pinheiro araucária).

eram simples, devido ao nomadismo e também pela constante pressão sofrida, por parte dos Kaingang e depois por os não índios (brancos).

Os Xokleng recebem outras denominações: Bugre, Botocudo, Aweikoma, Xókrém e Kaingang. *Botocudo* por usarem o *tembetá* (Santos, 1923, p. 30), que os Xokleng chamam de “glókózy”, usado como enfeite labial (lábio inferior) pelos homens adultos. O termo *Aweikoma* é pejorativo e significa cópula. Esse termo foi usado por Von Ihering, em 1910, quando participou do Congresso Internacional de Americanistas em Buenos Aires e falou do povo litorâneo, em sua maioria no sul do Brasil. (seu entendimento foi errôneo, sem dúvida). *Xokrén* significa taipa de pedra (Santos, 1973, p. 30). *Kaingang* por serem parentes próximos deste povo.

O território Xokleng localiza-se no atual Estado de Santa Catarina. Limita-se ao leste com a fronteira com a Argentina, ao norte com o Paraná e ao sul com o Rio Grande do Sul. No território catarinense, duas regiões podem ser facilmente distinguidas: litoral e o planalto catarinense. A floresta subtropical cobria as serranias e os vales, dificultando a penetração. Este obstáculo natural dificultou as empreitadas escravocratas dos portugueses e permitiu proteção às populações indígenas que pressentiam a aproximação dos atacantes. Nos primeiros séculos da conquista, entretanto, os “carijós” (Santos, 1973: 35) foram dizimados ou levados ao mercado de escravos de São Vicente. Na região de florestas e campos, da encosta e do planalto, permaneceram dois grupos tribais, os Xokleng e os Kaingang; os Guaraní faziam suas excursões do Paraguai e a todo o litoral sul. Por volta de 1850, intensificou-se a colonização européia no Rio Grande do Sul e no Paraná. Os Xokleng foram empurrados para o interior de Santa Catarina.

No ano de 1828 se iniciou a colonização européia em Santa Catarina, com a chegada de alemães à Florianópolis, chamado na época de Desterro, seguiram para o núcleo colonial de São Pedro de Alcântara, no caminho de Lages (São José).

Os três primeiros séculos da colonização, marcados por interesses econômicos e interesses políticos, foram o tempo da conquista e do povoamento do extremo sul da colônia. O povoamento europeu se deu, essencialmente pelo litoral e no “caminho das tropas” que se abriu, ligando Campinas do Rio Grande do Sul a Sorocaba em São Paulo. No litoral como Paranaguá, Florianópolis, São Francisco, Laguna foram os pólos estratégicos em que se apoiou a política expansionista da Metrópole. No interior, seguindo a estrada das tropas, Vacaria, Lages e Curitiba foram às povoações que logo se desenvolveram em decorrência da atividade pastoril.

As povoações estabelecidas em Santa Catarina estavam voltadas à metrópole, à qual importava estabelecer e manter bases militares, estrategicamente instaladas, para desenvolver o plano de domínio no sul. A mudança do interesse no século XVIII já não é só Minas Gerais. No Sul do Brasil, o gado tomou novo valor e os paulistas logo procuraram acorrer às terras do Rio Grande onde o gado vivia à solta, era só chegar e aprisionar. Em 1728, foi aberto caminho para o planalto catarinense chegando a Lages e daí Curitiba, por Francisco de Souza Faria, e dali para Sorocaba. Os campos de Lages, Curitibanos, Curitiba e Guarapuava foram povoados em função desta nova atividade econômica e o próprio Rio Grande do Sul foi integrado à economia por esta atividade. O “caminho do gado” ou também denominado o “caminho das tropas”, pouco a pouco foi sendo povoado. O governo de São Paulo, numa atitude que veio coincidir com a política expansionista, determinou a fundação de uma vila no local mais estratégico dessa nova rota. Correa Pinto foi encarregado dessa missão em 1766 e promoveu o ato da fundação da

Villa de Nossa Senhora dos Prazeres de Lages (Ramos, 1944, p. 14). A população do planalto era escassa. Em 1774, o litoral catarinense contava 9.058 pessoas e o planalto, em 1777, contava 662 pessoas

Os Xokleng estavam sentindo-se apertados, cercados, pois no litoral os núcleos de Laguna, Desterro, São Francisco e Paranaguá, que há muito tempo serviam de base de apoio para a conquista das terras dos índios. Por outro lado no interior estavam os Kaingang que também estavam se deslocando para os campos de Palmas. Que pouco tempo depois, já em 1838, os brancos chegavam, a esses campos.

O território em que os Xokleng foram empurrados é extremamente acidentado, é portanto, descontínuo e acidentado, sob ponto de vista geográfico.

Nem sempre os Xokleng eram habitantes só das florestas subtropicais. Habitavam em tempos o litoral (lakranõ) e o planalto, onde predominam os campos naturais, e a floresta dos pinherais (Zág pili). Ali praticavam a agricultura e os indígenas sazonalmente tinham no pinhão a base do seu regime alimentar. O pinhão era reservado nas nascentes dos rios, em potes de barro ou em folhas de caités, para conservá-los por mais tempo.

O planalto catarinense ou “serra-acima”, o inverno é mais rigoroso com geadas e com neve, se ocorre uma temporada de chuvas, também se faz presente. Os Xokleng, somente deixam de fazer suas visitas e paragens nesta paisagem depois dela ser tomada pelas fazendas de criação e roças dos colonos. Os Kaingang e os Xokleng ambos perderam esse território que foi palco de disputa entre esses grupos no passado para o branco.

A adaptação foi difícil para obter sua sobrevivência na floresta subtropical, foram incapazes de criar meios de vencerem as corredeiras d’água mais volumosas, de desenvolver uma agricultura que lhe garantisse sua subsistência. Adaptaram-se, contudo, às novas situações impostas pelo ambiente das florestas e a caça e a coleta era a base de seu

regime de vida. Os utensílios domésticos foram amplamente simplificados e os cerâmicos subsistiu em algumas poucas peças de pequeno tamanho e na memória tribal ⁴⁶.

Suas casas eram simples paraventos, eram construídas somente em épocas de chuvas ou no inverno, fora disso, os Xokleng dormiam ao relento ou sob as copas das árvores.

A floresta subtropical do Vale do Itajaí, onde os Xokleng imaginavam estarem a salvo e onde tentavam sobreviver como integrante de uma tribo, deixou de ser um “la kra no” (lugar onde nasce o sol litoral) no momento que a imigração é estimulada e núcleos começam a surgir nas clareiras da floresta.

Mas havia outras regiões que deveriam ser atingidas com novas levas populacionais. O Vale do Itajaí é um exemplo dessa preocupação do governo imperial de D. Pedro II, já no século XIX.

A emigração na Europa foi estabelecida em forma de empresa, por grupos organizados, que obtinham concessões territoriais e responsabilizavam-se pelo transporte e fixação dos colonos nas glebas. Havia por parte das empresas propagandas para atrair um contingente humano necessário para atingir o seu lucro e cumprir os compromissos assumidos nos acordos firmados com o governo brasileiro.

Várias companhias européias haviam descoberto uma nova fonte de renda. Os estabelecimentos mais importantes de colonização surgiram em 1850 e 1851, respectivamente iniciativas, Blumenau e Joinville.

Em 1848, Hermann Blumenau apresentou ao governo provincial pedido para colonizar uma área no Vale do Itajaí. Houve uma demora de dois anos para Blumenau

⁴⁶ Piazza e Eble(1968: 1/9) tratam da cerâmica entre os Xokleng, sendo que Piazza e Eble (1968:8) concluem pela decadência da arte oleira.

receber a concessão. Em 1850 Hermann Otto Blumenau inicia o empreendimento, com as dificuldades decorrentes das críticas que na Alemanha se fazia ao Brasil, devido à falta de amparo aos imigrantes (CABRAL, 1970: 228). Em 1851, chegam as terras da Colônia D. Francisca (Joinville) os primeiros imigrantes e tinha como empreendimento a Sociedade Hamburguesa de Colonização.

Corria o ano 1852, quando operários estavam a construir a casa do Dr. Blumenau, onde hoje é o bairro da Velha, foram surpreendidos com a presença de alguns índios nas proximidades da residência. Ficaram apavorados pegando suas armas e gritando em alemão, para que os índios se afastassem. Como tal não aconteceu, pois os índios nada conheciam do idioma e estavam muito curiosos e entretidos com as plantações, os equipamentos e instalações no entorno da casa, os trabalhadores então deram uns tiros para assustá-los. Como resultado do “susto”, no dia seguinte um índio foi encontrado ferido à bala e estava desmaiado. Que dias depois veio a falecer, devido ao ferimento. Este episódio singular exemplifica como eram difíceis as possibilidades de entendimento entre índios e os imigrantes, recém chegados.

A simultaneidade dessas empresas colonizadoras, justificadas pela necessidade de “progresso” para as províncias do sul, tinha como significado o extermínio da população indígena que ali vivia. Mesmo com a minimização da presença dos índios, não foi afastada a preocupação das empresas colonizadoras do “perigo dos selvagens”, que exigiam uma linha militar para mantê-los afastados. Os índios inspiravam receios, insistiam as empresas.

O governo provincial estimulava a imigração pelo Vale do Itajaí distribuindo novas concessões e abrindo estradas, pois estava propenso a povoar rapidamente a enorme área, coberta de floresta virgem, existente entre o litoral e o planalto.

Em 1877, no sul, no Vale do rio Tubarão, o governo provincial diretamente inicia os núcleos coloniais, localizando italianos nestas instâncias.

Segundo SANTOS (1970:23)

”a colonização dos vales litorâneos de Santa Catarina, (...) sucedeu-se nos termos de frente pioneira. Tendo sua fundamentação econômica na pequena propriedade agrícola, ela se constituiu à base de massas humanas ponderáveis que migraram da Europa, particularmente da Alemanha e da Itália, (...) essa frente quase que simultaneamente penetrou no norte do Rio Grande e também nos campos de Curitiba (...)”.

A imigração baseava-se em dois sistemas de fixação do imigrante. O primeiro tinha como base a pequena propriedade que o colono adquiria logo ao chegar, através da compra do lote de terra. O segundo vinculava-se a grande lavoura e tinha por base o regime de parceria e o colono ficava à mercê do grande proprietário das terras, tornava-se uns trabalhadores assalariados, substituindo progressivamente a mão-de-obra escrava.

A simultaneidade dessas e de outras várias empresas de colonização, eram justificadas pela necessidade de progresso para as províncias do sul, tinham como significado o extermínio da população indígena que nessa área estava a viver: os Xokleng.

A medida em que as colônias foram aumentando, a reação indígena vai sendo noticiada com maior intensidade. Muitos foram os colonos atacados e uns poucos mortos. Em contrapartida, aumenta a violência contra os indígenas. A falta de segurança é constantemente reclamada pelos colonos, que ameaçavam abandonar seus lotes. Em 1856, o Presidente da Província, Dr. João José Coutinho, em sua “falla” à Assembléia dizia “que a única maneira realmente eficaz seria obrigar estes assassinos e filhos de bárbaros deixarem a floresta, localizando-os em lugares dos quais não pudessem fugir” (SANTOS, 1973 : 65)

Os governos do Império e da Província também tentaram estimular os trabalhos de catequese dos indígenas. Em 1868, os padres capuchinhos, Virgílio Amplar e Estevam de Vicenza, foram comissionados para iniciar a cristianização em Lages e Itajaí. O Frei Luiz de Cimitile, veio a Santa Catarina em 1885, para seu trabalho missionário, já que havia tido avanços em seu trabalho no aldeamento no Paraná. O Frei recebeu alguns recursos financeiros concedidos pelo Ministério, mas não obteve êxito em sua missão.

Outros esforços foram feitos para confinar os índios nas aldeias. Grupos de “batedores do mato” foram organizados em diversas colônias. Frederico Deeke chefiou uma dessas turmas de batedores, e foi credenciado pelo Dr. Blumenau para procurar um intérprete que facilitasse o contato com os Xokleng. Conseguiram contratar tal auxiliar, porém contato amistoso não conseguiu.

As expedições de vingança ao interior do sertão para revidar ataques cometidos pelos indígenas, eram conhecidas no Brasil desde os tempos coloniais. As colônias e o governo provincial começaram a organizar e remunerar grupos armados para dizimar os indígenas em seus acampamentos. A justificativa oficial era para afugentá-los. As palavras “bugreiro”, “caçadores de índios”, logo apareceram nos documentos oficiais e no noticiário de jornais.

As tropas de bugreiro compunham-se, em regra, com 8 a 15 homens. A maioria deles era aparentada entre si. Cada expedição tinha seu líder. Eram em quase todos “caboclos”, e tinham conhecimento da vida na mata.

O mais conhecido bugreiro em Santa Catarina foi Martinho Marcelino de Jesus, ou Martinho Bugreiro. No início do século, comandou diversas expedições no Vale do Itajaí. Em algumas de suas estadas em Blumenau foi fotografado com sua turma e suas vítimas.

Entre as crianças e mulheres que Martim bugreiro trouxe, em 1905, para serem expostas em Blumenau, estava a menina Korikrã. Ela foi adotada pelo Dr. Hugo Gensh, médico em Blumenau. Recebeu o nome de Maria Gensh e teve educação esmerada, aprendendo o francês e o alemão.

O Dr. Gensh publicou uma pequena monografia sobre sua experiência em adotar e educar uma indígena, incluindo aí alguns vocábulos Xokleng que foram depois usados por Eduardo Hoerhan durante seu trabalho de atração dos índios.

Em 1918, logo após estabelecimento das relações amistosas com os Xokleng, houve o encontro de Maria e seus verdadeiros pais. Darcy Ribeiro (1970: 399-400) baseado em depoimento de Hoerhan assim narra o episódio:

depois de muita espera chegou a manhã do encontro. Eduardo dispôs os índios, colocando à frente o pai de Korikrã (...) uma tia, irmã de sua mãe, e três irmãos, recomendando que tratassem bem os visitantes... Depois, foi buscar o Dr. Gensh, sua ilustre esposa e Maria, trazendo-os moro acima ao encontro dos índios... Eduardo explicou que o velho era o pai adotivo de Maria, que a criara com o carinho que já contara. E Maria perguntaram, chamando-a naturalmente Korikrã, seu nome tribal, pois não a reconheciam naquela figura esguia, vestida numa blusa elegante, saia bem talhada e com cabeleira elegantemente arranjada num chapéu. Eduardo a indicou. Os índios observaram-na um instante e avançaram sobre ela, apalpando-a, incrédulos. Logo alguém se lembrou em procurar a marca tribal, cicatriz de duas incisões feitas na perna esquerda das mulheres, logo abaixo da rótula. Levantaram a saia da moça para procurá-la. Enquanto isso outros lhe arrancavam a blusa, o pai tirava o chapéu e desmanchava o penteado, tentando refazer a imagem da filha tão cedo arrancada de seu convívio... Alguém encontrou a marca tribal e todos se agacharam para ver: kó, kó, - aqui, aqui está... O pai tomou entre as manoplas a cabeça de Maria... e perguntou: “você não me reconhece? Eu sou seu pai”. Maria não era só pavor, era mais asco que medo. Beiço pregado não dizia palavra, e o velho implorava e ordenava: “fala, você me entende? Fala, fala se me reconhece”...Aí o velho cacique larga a cabeça de Maria com um safanão, afasta-se, olha a filha com ódio e diz: Eu estou vendo, você tem nojo de mim, tem nojo de toda a sua gente...

Muitas foram às crianças e mulheres trazidas como troféus pelos bugreiros. Sabe-se em alguns casos autoridades estaduais e um ou outro humanista as adotou. O mesmo

aconteceu com casas de religiosos. Sobre algumas dessas crianças ficaram registros e, às vezes, fotos.

Foi fundada em Santa Catarina, no início de 1906, a “Liga Patriótica para a Catechese dos Selvícolas”. A Liga era consequência da iniciativa do então Major-Engenheiro, Pedro Maria Trompowsky Taulois, positivista e maçom, para dar fim à violência contra os índios, tendo o apoio de um pequeno grupo de políticos, humanistas e intelectuais, Gustavo Richard, então governador, foi escolhido como presidente de honra. A liga se envolveu forte em defesa dos índios. Ainda em 1906, Taulois convidou o naturalista e etnógrafo tcheco, Albert Vojtech Fric, para assumir a “pacificação” dos Xokleng. Fric fazia a sua terceira viagem à América do Sul e conhecia a violência que era cometida contra os índios, pelos governos e companhias de colonização. Era também humanista. Sua chegada a Florianópolis, e depois Itajaí, Blumenau, Curitibanos e Palmas, foi devidamente noticiada. O Jornal *Der Urwaldesbote* publicou diversos artigos criticando os objetivos de Fric e da Liga, demonstrando o cenário de insegurança que dominava os colonos.

Fric resumia seu projeto numa aproximação pacífica com os Xokleng, com apoio dos índios Kaingang; para a criação da reserva de uma área suficiente para os indígenas terem condições de sobrevivência; na punição das caçadas e negócios de escravos feitos pelos bugreiros; na devolução das crianças capturadas aos seus pais; e na prática da compreensão e da crença no progresso humano. Fric, entretanto, acabou regressando a Alemanha sem ter colocado em prática seu plano, pois havia sido descredenciado de sua condição de representante do Museu Real Etnográfico de Berlim (SANTOS, 1973:56).

Foi no cenário do XVI Congresso Internacional de Americanistas, realizado em Viena, em 1908, que Fric reapareceu. Apresentou um extenso relatório sobre as atrocidades de aniquilamento que se praticavam contra os Xokleng em Santa Catarina, em nome da

colonização e do “progresso”. Denunciou que a “colonização se processava sobre os cadáveres de centenas de índios, mortos sem compaixão pelos bugreiros, atendendo os interesses de companhias de Colonização, de comerciantes de terras e do governo”. E finalizou, solicitando que o Congresso...”protestasse contra êstes atos de barbárie para que fosse tirada esta mancha da história da moderna conquista européia na América do Sul e dado fim, para sempre, a esta caçada humana”⁴⁷.

O nacionalismo embrionário da Velha República, inspirado no positivismo, recolocava a questão indígena como responsabilidade do Estado. A discussão se espalhou pelo país e o governo da República acabou criando, em 1910, o serviço de Proteção aos Índios (SPI). Os ideais de Fric, de Taulois e da “Liga”, afinal, prevaleceram.

Em 1910, as excursões dos Xokleng tornavam-se cada vez mais raras graças à presença do branco em seu território. A esse tempo, os limites de Santa Catarina não se configuravam como atual conhecemos. Curitiba e Rio Negro, naquele tempo, eram subordinadas a São Paulo. Em Santa Catarina foram cada vez mais empurrados para o interior, se fixando no Vale Norte do Rio Itajaí. Sempre foram habitantes das florestas (MÜLLER, 1987: 22-23).

Os objetivos expansionistas de Portugal, em 1680, se esforçavam para conquistar e dominar o acesso ao Prata. A Colônia do Sacramento, apoiada no forte Jesus Maria José, na saída natural da Lagoa dos Patos – Rio Grande do Sul -, e nas Vilas de Desterro e Laguna em Santa Catarina, representava o esforço português em subtrair dos espanhóis uma área estratégica para penetração no interior da América do Sul; a bacia do Prata. Para ativar a economia do litoral catarinense a coroa começou a cogitar das possibilidades de

⁴⁷ STAUFFER, David Hall. Origem e Fundação do Serviço de Proteção aos Índios. In **Revista de História**, nº37 e seguinte. São Paulo, 1959/1960. Neste caso, 1960: 169-172.

trazer açorianos para Ilha de Santa Catarina, e no litoral fronteiro e no Rio Grande do Sul. A ameaça dos espanhóis em conquistar Sacramento, e que acabou depois acontecendo em 1736, levou a coroa portuguesa a realmente colocar seu plano em ação e povoar o litoral catarinense com os açorianos, os quais, por determinação real em 1748, começaram a migrar.

O governo e as autoridades sabiam da presença dos indígenas na região. Sabiam que de vez em quando faziam assaltos e trucidavam uma tropa, ou algum viajante ou morador da orla da floresta. Mas não se preocupavam tanto, pois raciocinavam que o índio se afastaria pacificamente na medida em que o branco fosse construindo vilas e plantando roças no sertão. No projeto de colonização de Dr. Hermann Blumenau o parecer da Comissão reza textualmente o seguinte:

(...) entende a Comissão que além do augmento da população, aquisição esta de bastante interesse vital, pois que a escravatura, que sensivelmente diminue terá hum dia de extinguir-se e muitas outras vantagens se offerece, taes como a afugentação do gentio (...). (JAMUNDÁ, 1966:98).

A colonização do sul tem caráter de frente pioneira, frente baseada na exploração da pequena propriedade agrícola, que de geração a geração deveria seguir adiante, em busca de novas terras. Nesse movimento, a frente tendia a eliminar o indígena dos territórios em que tinha interesse, pois, ele seria sempre o “obstáculo” de sua expansão. Assim, na medida em que a frente avançava para um território novo, aumentavam as notícias de que os indígenas estavam assaltando, matando os colonos, tropeiros e outros moradores⁴⁸, em todo o território sul do Brasil.

⁴⁸ Eram de origem açoriana ou paulistas já instalados há mais tempo

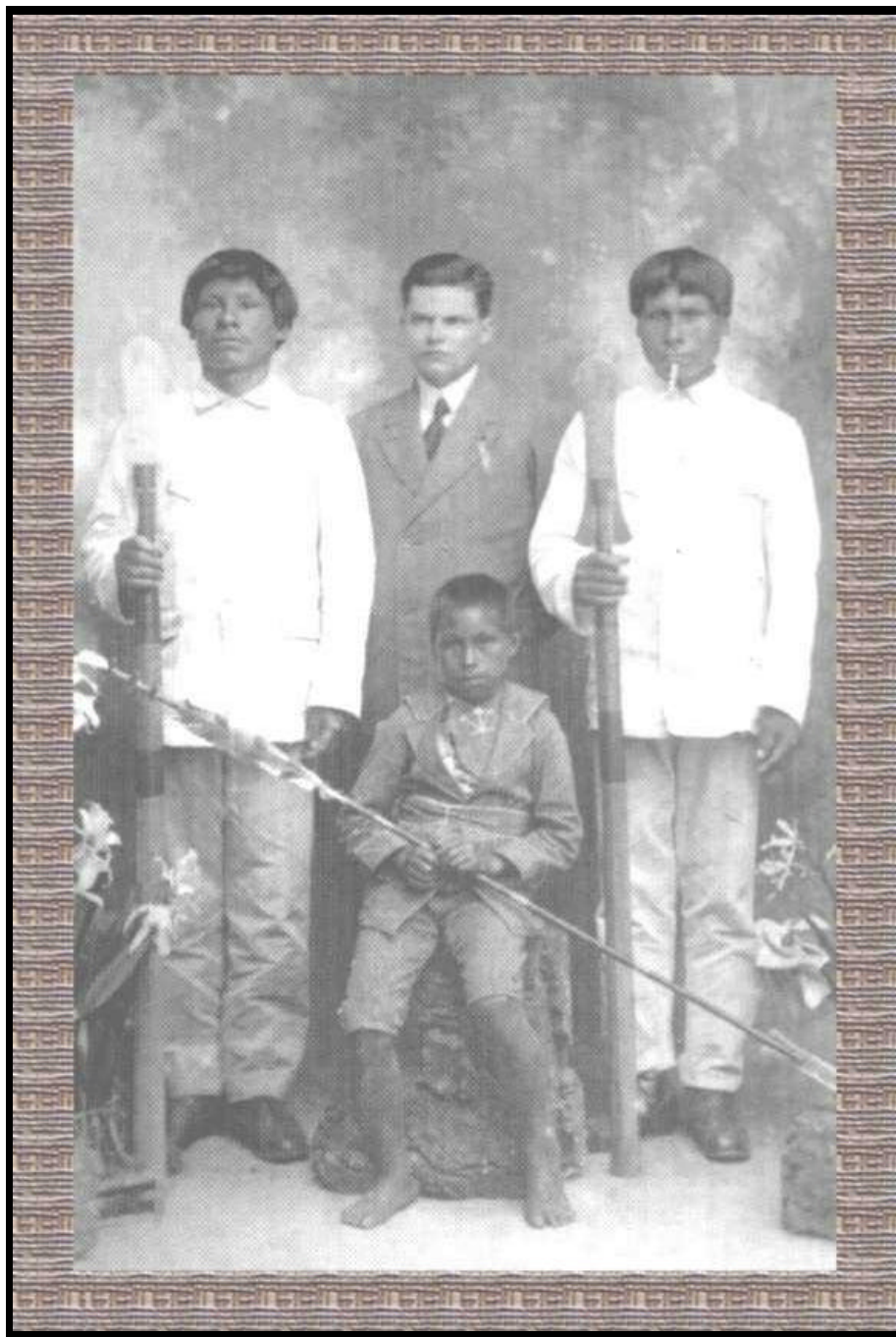


Figura 3 - Eduardo, ladeado por guerreiros e tendo à frente uma criança, a Pacificação estava em seus semblantes como ideal do SPI e desejo dos Xokleng . Foto de J.Rulhand. Acervo AHJFS.

Eduardo de Lima e Silva Hoerhan quando veio em missão de pacificação em Santa Catarina, no Vale Norte do Rio Itajaí, era um jovem, com pouco mais de 20 anos. No

Rio de Janeiro, sua cidade natal, se engajou no serviço de Proteção aos Índios objetivando aventurar-se no sertão e defender os indígenas. Aprende a falar o Kaingang com os índios que o auxiliaram como intérprete e baseado no vocabulário do Dr. Gensh tenta dominar alguns dos vocábulos dos Xokleng. O principal objetivo de Eduardo era a integração dos Xokleng na sociedade regional de tal forma que pudessem integrar-se à cultura do branco sem, contudo, perder sua identidade. Tanto que Eduardo se propôs a controlar o contato dos índios com os regionais, tanto para evitar doenças, como para que houvesse uma integração gradual entre os grupos diferenciados, os índios e brancos. O período de 1914 até 1932 foi o mais trágico, muito índios morreram pelas doenças que lhes foram transmitidas pelo branco. De início, Hoerhan tentou agilizar o atendimento das necessidades mais imediatas dos Xokleng. Preocupado com sua segurança e sobrevivência procurou mantê-los próximo ao posto de atração. Alimentando-os com as escassas verbas, que recebia tanto do governo Republicano como o do Estado e da Companhia Colonizadora Hanseática, que havia adquirido a área de terras do Estado, local em que ocorreu a atração, na confluência dos rios Plate e Hercílio, foi necessário muitas discussões com as partes acima citados, para que ali permaneça. A história dos Xokleng de Santa Catarina não é diferente da história das demais nações indígenas da região e do Brasil. Os primeiros contatos com os brancos conquistadores, no processo de invenção do Brasil por meio da colonização, ocorreram no século XVI, embora esparsos. A característica básica dos Xokleng durante os séculos seguintes, até o início do século XX, foi terem sido nômades. Sua sobrevivência era garantida basicamente pelos produtos obtidos por intermédio da coleta, da caça e da pesca. Outro ponto a destacar é que os Xokleng jamais constituíram tribos numerosas. Ao contrário, cada tribo dificilmente ultrapassava o número de 300 pessoas.



Figura 4 - Entrada da Área Indígena da Comunidade Palmeirinha-José Boiteux/SC.

Em 1914, com a missão de Eduardo de Lima e Silva Hoerhan, voltada para a "pacificação" dos índios da região, os Xokleng foram confinados ao Posto Indígena "Duque de Caxias" e tornaram-se sedentários e foi situação em que viveram até a década de 80 e

início da década de 90, quando foram transferidos para outra área graças à construção da Barragem Nortes no território habitado por eles.

A construção da Barragem gerou maiores problemas do que aqueles que os Xokleng vinham enfrentando desde a intervenção realizada pelos brancos em sua cultura no início do século.

Hoje em consequência de movimentos sociais desse povo para a sobrevivência e de seus contatos com “os civilizados”, em função das crenças místicas, do comportamento caracterizado por práticas “mágicas” e de seu encontro com o pentecostalismo podemos afirmar que são únicos e com lutas espirituais e materiais; por fugirem da visão racional e positiva da ciência, sabemos que a antropologia não proporcionava, até meados do século XX, os instrumentos adequados para entender essas “forças espirituais atuantes”, ou para desenvolver modelos teóricos eficazes para sua compreensão. Mas os eventos desses últimos 40 anos nos forçaram a reconhecer a importância dos fenômenos e a criar entendimentos para interpretá-los. Anteriormente os mitos lhes forneciam explicações de ações espirituais em seus viveres cotidianos e hoje encontraram no pentecostalismo novas explicações.

Inicia-se em 1914 um novo período para os povos das matas das Araucárias (*Zag Pili*), o tempo da “pacificação”, quando Eduardo de Lima e Silva Hoerhan, funcionário do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), fez os primeiros contatos amistosos com os índios e logo após foi realizada a implantação e desenvolvimento do Posto Indígena “Duque de Caxias”, sob a chefia de Eduardo. O outro período dessa história está no pós-1954, marcado pela saída de Eduardo da chefia do posto e das terras indígenas Xokleng, naquele ano, e o último marco pós-1985, com a construção da Barragem Norte represando as águas do Rio Platê e Rio Hercílio (chamado também de Rio Itajaí do Norte) no vale fértil dos

Xokleng. Apenas um terço sobreviveu nesse período. Em 1914 foram contados 400 indivíduos e em 1932, tinha ainda 136 indivíduos na área recenseada (HENRY, 1944:91).

Muitos foram os antropólogos que pesquisaram e escreveram sobre o sofrimento desse povo que se viu em vias de extinção por abandono e desconsideração como importantes seres únicos (ser Xokleng) e humanos carentes, pobres e excluídos da sociedade dos kupli.

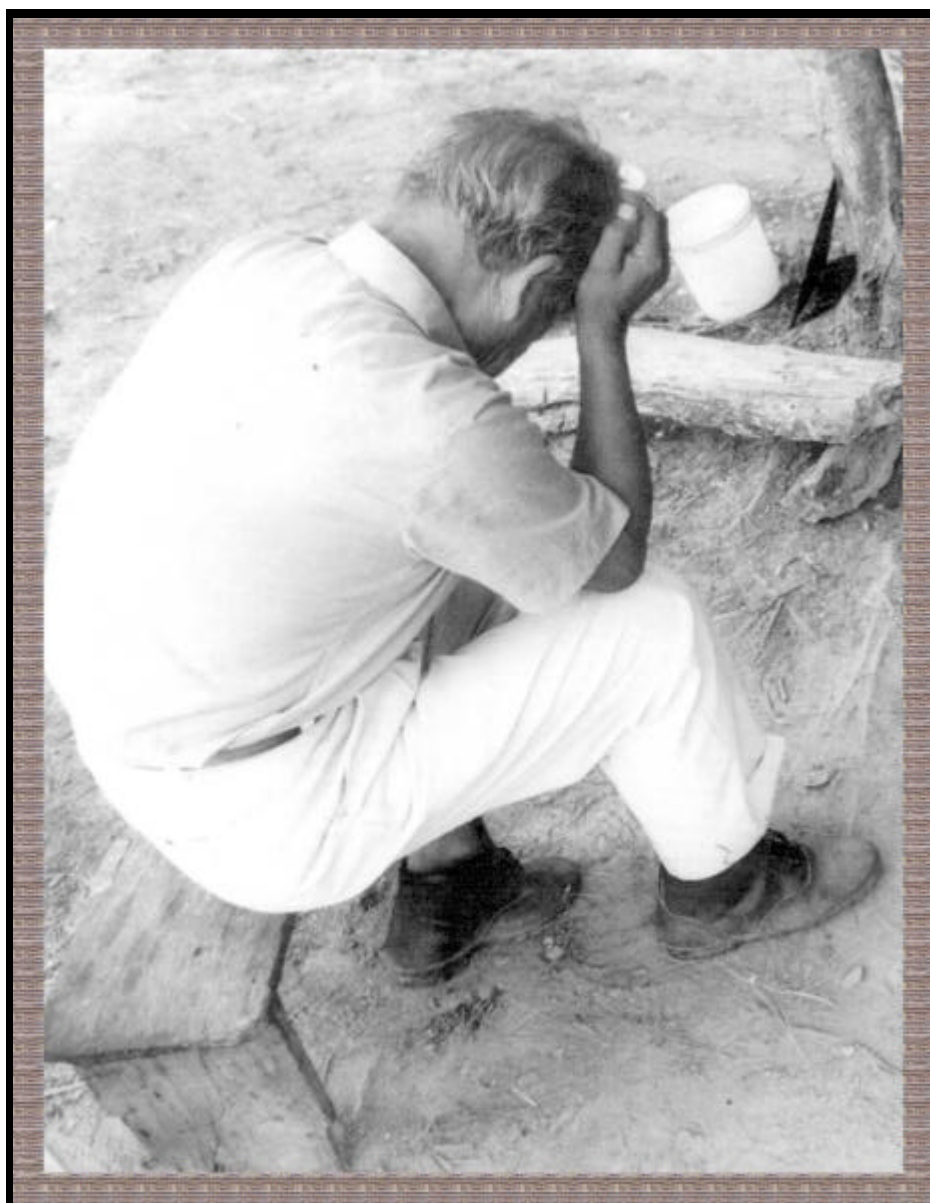


Figura 5 - A exclusão social: entre as suas lutas para a justiça social está a greve junto a barragem e as panelas vazias do acampamento expostas. Foto de Daniel Conzi -1997.

CAPÍTULO III

MITOS

Muito profundo é o poço do passado. Não deveríamos considerá-lo um poço sem fundo? Quando mais fundo sondamos, quando mais exploramos e buscamos por ente as partes mais remotas do mundo, mais descobrimos que as primeiras bases da condição humana, sua história e sua cultura se revelam incompreensíveis.

Thomas Mann

Tal como a história registrada da raça humana começa com os artefatos dos mitos, um ensaio que pretenda traçar a história espiritual dos indígenas dessas terras do Vale do Itajaí, em Santa Catarina inicia com os mitos, aquela expressão absolutamente básica do espírito humano que deu vida a todas as civilizações e que, quando destruída, deixa atrás de si sofrimento e morte.

Admitimos o caráter incompleto da história, mas fazemos um exercício que chamaremos de a verdade e a vida do mito. Não importa, quanto nos consideramos distantes do mundo confuso, repetitivo, improvável – monstruoso, de fato – do mito, pois várias maneiras e sob certas circunstâncias são extraídos de nós, atos não-intencionais de reconhecimento dos signos, das ficções e dos símbolos míticos. Jung colocaria a questão assim: para os homens modernos a vivência dessas visões arcaicas se dá de modo simultaneamente estranho e estranhamente familiar; é como ler ou ouvir uma narrativa estranha nos levasse gradualmente à consciência de um ritmo de acontecimentos que se anuncia previamente, de fora a sabermos de antemão a conclusão. O “mito” ou o padrão dos componentes da estória é uma melodia de eventos na qual a marca do conhecimento-

conhecimento entendido como a percepção de algo vivenciado – penetra a memória generativa e dá um timbre à história humana⁴⁹.

No mito os elementos aparentemente opostos se revelam complementares, a resistência é também um sinal de aceitação. Quando deparamos com uma dessas ficções impossíveis, desejamos que a força de toda a nossa vida fosse ao menos equivalente ao obscuro poder delas. Creio que deva ser por isso que os jovens se recusam a penetrar nas florestas espirituais quando ouvem pela primeira vez os mitos dos indígenas, pois têm medo de perder os pontos de referência que a nossa cultura lhes deu, guias racionais e inteligentes num mundo já suficientemente imerso em outros perigos. Mesmo assim, no entanto, se bastante jovens, são tentados, e por isso avançam, encontram o estranho e finalmente descobrem que ele é estranhamente familiar.

Existem muitas maneiras pelos quais se pode conseguir entender o mito, à margem dos textos traduzidos nos quais estão embalsamados os vestígios do nosso passado. Fazer um paralelo do que conhecemos da nossa cultura e assim conectar o diferente de uma cultura indígena. Num cenário natural intocado pelo homem – bem longe do alcance, das vistas e talvez especialmente dos sons de nossa cultura habitual, num mundo imemorial dos fenômenos, sejam árvores, o rio, a cachoeira, uma caverna, um animal, uma mudança pode nos acometer, na estrita medida em que nos dispusermos a ficar onde estamos e a resistir a tentação crescente de retornar a confortos mais seguros. Submissão, humildade existencial gerada pela percepção de toda vida que nos cerca e nos inclui e que prosseguirá sem nós. Creio ser esse o fundamento do mito, o mistério incompreensíveis da vida.

Por isso creio que é a invocação mais comum nos mitos dos indígenas americanos é um apelo aos Espíritos, ao Senhor da Vida, ao Grande Mistério: “Tenha pena

⁴⁹ Campbell, Joseph. *The Masks of god: Primitive mythology*. New York, 1970.

de mim!” É por isso acredito que os heróis dos mitos, como demonstrou Campbell, não são os conquistadores e sim aqueles que se submetem, os que moldam sua energia às forças do Supremo Criador.

Aceitando, não sem dificuldades, minhas limitações, vejo nelas, alguns pontos positivos. O primeiro é a possibilidade de unir todo os pontos referenciais de pesquisa sob tema, tendo atitude analítica, que é o foco da antropologia social. Neste sentido, os estudos estão centrados numa experiência intuitiva ou elaborados, desenvolvida através da convivência pessoal e do estudo nas comunidades Xokleng, como: Bugio, Sede, Palmeirinha (município de José Boiteux), Figueira e Coqueiro (município de Vitor Meirelles) e em contatos com os Guarani do Toldo(Itaiópolis), nas terras indígena de Ibirama, anteriormente conhecido como Reserva Indígena “Duque de Caxias”.

Creio que foi graças a este olhar que vislumbrei, encantei-me – como espero que aconteça com o leitor – a intrigante unidade dos assuntos tratados neste estudo. Sabemos, pois que o mito, contos e um sistema de crenças ou uma festa popular de uma sociedade primitiva ou complexa, eles permitem uma ordenação através dos elementos e relações surpreendentemente conectadas.

Assim as comunidades que conhecem o mito Xokleng, do grupo Jê – operam, segundo a metáfora da máquina de escrever ao computador sensível. E isso não é tudo, pois existe igualmente um uso intensivo e extensivo de figuras ambíguas em todas as sociedades, bem como dos mecanismos da inversão do mundo cotidiano, seja para criar o clima mitológico ou de engendrar a dança e mais exemplos do nosso viver regional como a festa de outubro no Vale do Itajaí, em Blumenau precisamente, a ocktoberfest, etc.

São muitos elementos dentro de um sistema e de sistemas, relações e mecanismos sócio-lógicos só puderam ser percebidos porque assumi uma atitude de observar e assumir todos os elementos perspectiveis.

Os mitos são, por natureza, transpessoais – estão além do indivíduo – e seus elementos são temas universais, bem sei que todos os povos possuem um entendimento e esclarecimento sobre sua origem, sua criação.

Temos nossas escolhas de personagens do mundo mitológico, dissolvemo-nos num arquétipo – uma identidade maior do que nós mesmos. Numa singularidade pessoal do mundo mitológico assumimos por vezes um papel “eterno”. Entramos nessa zona paradoxal e é nela que encontramos realmente a nossa individualidade. Somos tão efêmeros, seres mortais e os mitos parecem ser nossas janelas para eternidade.

Existem umas grandes variedades de mitos cosmogônicos. Contudo, podem ser classificados da seguinte maneira: 1. criação ex nihilo, ou seja, um Ser Supremo cria o mundo pelo pensamento, pela palavra, ou aquecendo-se no vapor dentro de uma choça... 2. O Tema do Mergulhador da Terra (um Deus envia pássaros aquáticos ou animais anfíbios, ou mergulha ele mesmo ao fundo do oceano primeiro para ir buscar uma partícula de terra da qual o mundo inteiro se desenvolve; 3. criação através da divisão de uma unidade primordial em duas partes (três variações podem ser distinguidas: a, separação do Céu e da Terra, isto é, dos Pais do Mundo; 4. separação de uma massa original e amorfa, o “Caos”; 5. a cisão de um ovo cosmogênico em duas partes; 6. criação através do desmembramento de um Ser primordial, seja uma vítima voluntária, antropomórfica (Ymir da mitologia

escandinava, o védico Purusha dos indianos, o P'na-Ku dos chineses ou um monstro aquático derrotado após uma batalha tremenda – Tiamat da Babilônia.⁵⁰

O mito é por excelência, “... a penúltima verdade, da qual toda a experiência é um reflexo temporal. A narrativa mítica é de validade eterna e não-localizável, verdadeira agora e sempre e em toda parte”⁵¹, poderíamos até compará-lo ao sonho, pois este, é a última verdade sobre o sonhador, do qual toda sua experiência é o reflexo temporal.

O encantamento histórico do mito é a presença do homem. O mito é encarado com muita seriedade na ciência antropológica, a pesquisa de campo como um todo deve ter pelo menos alguma concepção do alcance prodigioso das funções que a mitologia serviu no curso da história humana. A mitologia é onírica e, como o sonho, produto espontâneo da psique. O sonho, revela a psique toda a natureza e destino do homem, do seu modo de ver as coisas e realizá-la. O mito tal como o sonho – tal como a vida – enigmática para o ego não iniciado e, como um sonho, protetora desse ego.

Na linguagem mitológica há muito, familiar a psicologia. O homem do início do século XXI ainda convive com os temas míticos, mas de maneiras muito singulares.

O comportamento grupal busca sua validação nos mitos coletivos que chamamos de religiões, tão tradicionais e familiares que nos esquecemos dos fatos “fantásticos” em que se associam.

O homem da sociedade urbana e industrial se esquece de vários aspectos do seu cotidiano: que a televisão que assiste diariamente apresenta diariamente uma série de anúncios onde são humanizadas máquinas, animais, vegetais, insetos; verdadeiros mitos onde o objetivo é associar, pela metáfora, um produto industrial com um aspecto da

⁵⁰ EIADE, Mircea. *O conhecimento Sagrado de Todas as Eras. Capítulo II, página 67.*

⁵¹ Foi citado por Betty J. Meggars, Clifford Evans e Emilio Estrada, no livro de Joseph Campbell, *The Masks of God, vol I*, página 160.

natureza. Que seu carro corre com “tantos cavalos”, produtos cosméticos são a natureza à serviço de quem os utiliza, etc. Amarrado no seu etnocentrismo o “homem moderno” se esquece, repetidamente, das inúmeras vezes que teme passar debaixo de escadas, do gato preto passando e cortando seu caminho, dos sinais da cruz que gesticula como tentando proteger-se do perigo. E procura aplacar as divindades com velas queimadas para santos de sua devoção na igreja ou cemitério ou num terreiro de umbanda. É sem dúvida, a antropologia ritual, de origem ritual antropofágico cristão que pratica dominicalmente e ritual de algum grupo tribal da África o despacho no terreiro. E o jogo de palpites (embasado na chamada “parapsicologia”) que utilizamos para acertar nos jogos semanalmente.

É esse o “homem racional” da era virtual e da era tecnológica? Ou o “primitivo” que, no interior das matas, atribui a cada ser vivo um significado eminentemente humano porque sabe - que tudo possui energia, vida e que uma vez isso posto, o animal adquire a possibilidade de memorização, o mesmo apelo ao companheiro da aldeia e a possibilidade da síntese e da análise da transformação do distante em próximo e do não visto em presente e todos com qualidades humanas!

Adicionalmente, contatos culturais nas áreas indígenas deixaram claro que os indígenas acreditavam que os animais, assim como a vegetação, as pedras e as estrelas, tinham vida espiritual e linguagens próprias às suas espécies. As observações primitivas sobre o comportamento animal em particular deram origem à conclusão de que os animais também tinham seus mitos e suas danças rituais. Daí uma abundância de mitos que contam como visitantes humanos vão a reinos animais e aprendem a língua e os costumes da espécie, aprendendo portanto a respeitar essa forma particular de vida. Essas narrativas ilustram a interconexão e a interdependência de todas as formas de vida. Elas ensinam que

é um erro ver diferenças de verdade entre as formas de vida. Elas têm ainda o efeito de santificar as formas de vida feitas pelo Criador. Do esquecimento de erros dos companheiros ou viventes para um progresso da espécie, da vida.

A vida é um bem que aquele que a têm lhe pertence. Um ensinamento milenar indígena americano, assim ensina:

Sempre que você matar um animal, dê algo em troca. Como pode um homem querer muito sem pagar alguma coisa? Se você não der às criaturas os meios para mudar, como pode esperar que elas se entreguem às suas flechas? Portanto, sempre que você matar uma criatura de caça, ofereça a ela e a seus semelhantes palavras sagradas – e então elas lhe darão o alimento de sua própria carne e o abrigo de sua própria pele.

Os Xokleng diz o Sr Olimpio Nunc-Fôoro⁵², esqueceram de lições sagradas e sua condição externa só diz o que passa em seu coração que não respeitou a vida que lhe era importante, sublime. Acrescenta talvez isso tenha acontecido por estarem num território que eles eram estranhos. O mito da abelha conta que os Xokleng, no passado tinham pacto com esse animal foi quebrada, a mata não foi respeitada, o rio foi mexido e represado, tudo aconteceu e o Xokleng só pensava pelo prazer, outros pela ambição, cobiça. Isso acontecia e eles partiam para caçada, pescaria e ignoravam a vida em volta, acrescenta Nunc-Fôoro.

A mitologia é o útero da iniciação do pensamento transcendental da humanidade, precede e consegue explicar a vida e a morte.

Deste modo, o pensamento “selvagem” persiste entre nós, do mesmo modo que entre os poetas, agricultores e os “selvagens” existe um pensamento sistematizador e altamente coerente, fruto do trabalho e da experimentação.

Se for possível dois modos de apreender a realidade, isso não conduz necessariamente, a duas situações exclusivas, já que pensamos “racionalmente”, toda as

⁵² Olimpio Nunc-Fôoro hoje habita no Bugio. Tem 74 anos pelos documentos oficiais. E filho de uma Xokleng com índio Kaingang do Paraná.

vezes que o homem pretende o cosmos, do mesmo modo que o pensamento “mágico” se insinua quando perguntamos: “porque ocorre isso sempre comigo? O que os céus estão planejando?” Ou seja, quando houver necessidade de certeza, haverá uma ansiedade para determinação e a busca do significado humano, raiz e cerne do pensamento que tudo reúne e descobre relações entre os elementos da ordem cosmológica.

Há uma incessante busca, e ela caracteriza o processo evolutivo da humanidade e do universo por extensão, que passa a ser visto não apenas como o conjunto das partes isoladas, mas o resultado das relações das partes em permanente interação e interconexão na teia de relação da vida.

É isso que se pretende levar à reflexão nesta busca incessante, por parte da antropologia social contemporânea, de dignificar o homem onde quer que ele esteja e como seja, pelo respeito, a qualquer pensar de suas mais caras superstições.

Joseph Campbell definiu os mitos como “as religiões das outras pessoas”. E veremos que isso pode ocorrer tanto no sentido pessoal como coletivo. Não importa o quanto seja antigo ou coletivo – ou, em contraste, singular e novo, o sistema de crenças ainda é considerado válido por um indivíduo.

Quanto mais antigo for o mito do nosso sistema, da nossa visão do mundo, mais termos a tendência de considerar suas imagens e significações. Por essa definição, uma pessoa que vive num mito usa um “filtro” tecido pela credulidade habitual e pelo dogma ensinado, que deforma uma visão clara do mundo.

A maneira como a mitologia funciona, o motivo por que é criada e requerida pela espécie humana, a razão por que, em toda parte, é virtualmente a mesma e a explicação do motivo por que a destruição racional da mesma conduz à infantilidade tornam-se conhecidos no momento em que abandonamos o método histórico de pesquisar e adotamos

o enfoque biológico, que nos leva a uma óptica de cunho característico da arte médica da psicanálise, que vemos como sistema de um organismo primário, este vetor e modelador universal da história, o corpo humano.

Adolf Portmann, sobre a existência do “homem” afirma o seguinte: “é a criatura incompleta cujo estilo de vida constitui o processo histórico determinado pela tradição”.⁵³

A leitura mais profunda que Campbell faz do mito nos aproxima do sentido no qual quero apresentar o conceito de mitologia grupal Xokleng transferindo por extensão o conceito a nível pessoal de viver dentro do grupo ou maneira diferenciado até fora deste. Como ele disse, “Símbolos mitológicos atingem e estimulam o centro da vida, até, do alcance dos vocabulários da razão e da coação”.⁵⁴

Atualmente, observando o comportamento dos Xokleng esse estímulo está faltando às suas vidas, pois muitos procuram um caminho dotado de sentido num universo que as revelações da ciência ocidental tornaram secular, desolado e desumano. Há um forte sentimento por vezes nostálgico de suas, como também, nas nossas velhas ilusões, talvez o desejo de voltar a uma visão do universo dotado de um “grande espírito”, do qual a aventura humana participe, com mais energia, com vibração, enfim, conectado com nosso Grande Criador.

Carl Jung escreveu em 1950, no seu livro “A psicologia do inconsciente” :

Mal eu havia terminado o livro, ocorreu-me o que significa viver com um mito e o que significa viver sem ele. O mito, diz um pai da Igreja, é “aquilo em que todos, por toda a parte, acreditam”; portanto, o homem que acha estar vivendo sem mito, ou fora do mito, é uma exceção. Ele é como o homem sem raízes, não tem um elo autêntico com o passado,

⁵³ Adolf Portmann, “das Ursprungsproblem”, Eranos-Jahrbuch 1947 (Zurique: Rhein-Verlag, 1948), p.27.

⁵⁴ Campbell, Joseph. (Com Bill Moyers) *The Power of Myth*. Org. por etty Sue Flowers. Nova York: Doubleday.1988.

ou com a vida ancestral que continua dentro dele, ou ainda com a sociedade humana contemporânea.

Historiadores da cultura, bem como psicólogos e terapeutas de todos os tipos, ainda encontram o impacto dessa idéia reveladora, que em si mesma constitui um mito – um tipo de significação para o nosso tempo.

Sigmund Freud escreveu para seu orientando Jung o seguinte: “várias coisas levaram meus pensamentos para a mitologia e estou começando a suspeitar que o mito e a neurose têm um núcleo comum”⁵⁵

Jung acreditava e na qual dedicou seus estudos para mostrar que só pela compreensão dos mitos podemos realmente compreender a psicologia, e vice-versa. A mitologia dá embasamento para o entendimento dos sonhos e das imagens simbólicas do homem contemporâneo.

Para Freud e Jung que se propuseram a conduzir a cultura do século XX por essa zona de trevas inexplorada e encontraram realmente um caminho diferente e cheio de labirinto, de diferentes significados para o mito, e seguiram seus rumos e suas pesquisas. Freud passou a ver os mitos como deformações neuróticas, ilusões sem maior futuro, exceto para o psicanalista que talvez tivesse que tratar na psicopatologia da vida cotidiana das pessoas. Jung, em acentuado contraste, achou que os mitos contêm as fontes criativas da personalidade e convidam a humanidade a contemplar a realidade espiritual dentro de nossa própria natureza, um *graal* da moderna busca de uma alma.

Nessas duas perspectivas podemos ver uma grande divisão de valores que existem em nossa época. Freud está inclinado para o histórico e pessoal, e Jung, para o transpessoal e mitológico.

⁵⁵ McGuire, William, org. *The Freud/Jung Letters*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1974.

O Mito Xokleng contado por poucos anciões das comunidades indígenas, foi e está sendo contado, com arte tão ricamente entonada oralmente e imaginativamente, formando, de fato, um tecido vivo de imaginação criativa. A razão foi personificada nas vozes e atos de seus personagens, como: Vājeky, Zāgpopé e Txu Txuvanh.

São homens nascidos da água, isso os fazem serem homens que respeitam as águas. São todos homens vindos de um lugar eterno e que pela primeira vez viram: árvores, campo, montanhas e ouviram sons, em tempos memoráveis, pela oralidade.

São todos humanos e quando ouviram sons ficaram assustados, apavorados, pois estavam num mundo desconhecido fora do seu “mundo conhecido das águas”.

O mito que se revela, a realidade não muda, as palavras, os gestos se repetem, para enfatizar, dar importância a cada ato do mito. O mito transcrito no idioma Xokleng e depois traduzido para o idioma da língua portuguesa.

Na segunda parte do mito Xokleng, ocorre a **desobediência** intitulada: a saída dos Klendo da montanha⁵⁶, onde as maldições se realizam a medida de seu experienciar o mundo, saídos “de dentro da terra”⁵⁷.

O caráter criativo dos seus conhecimentos empíricos pode ser reconhecido na organização social e nas condutas do cotidiano, servindo, por exemplo, para planejar seus rituais, para definir códigos de comportamento, para ordenar as atividades anuais que eram correlacionadas com os ciclos da fauna e flora da floresta subtropical do sul brasileiro, bem como planejar a época da saída para ir ao planalto colher o pinhão e realizar estratégias bélicas contra os kaingang para conquistar território. Os mitos davam toda sustentação psicológica da aventura e do desprendimento para realizar a retirada da aldeia.

⁵⁶ O mito da desobediência foi falado por Kānhāhá Nānbla, em março de 1985 para seu neto Nanblá Gahkran.

⁵⁷ “de dentro da terra” compreende que saídos da caverna, da gruta.

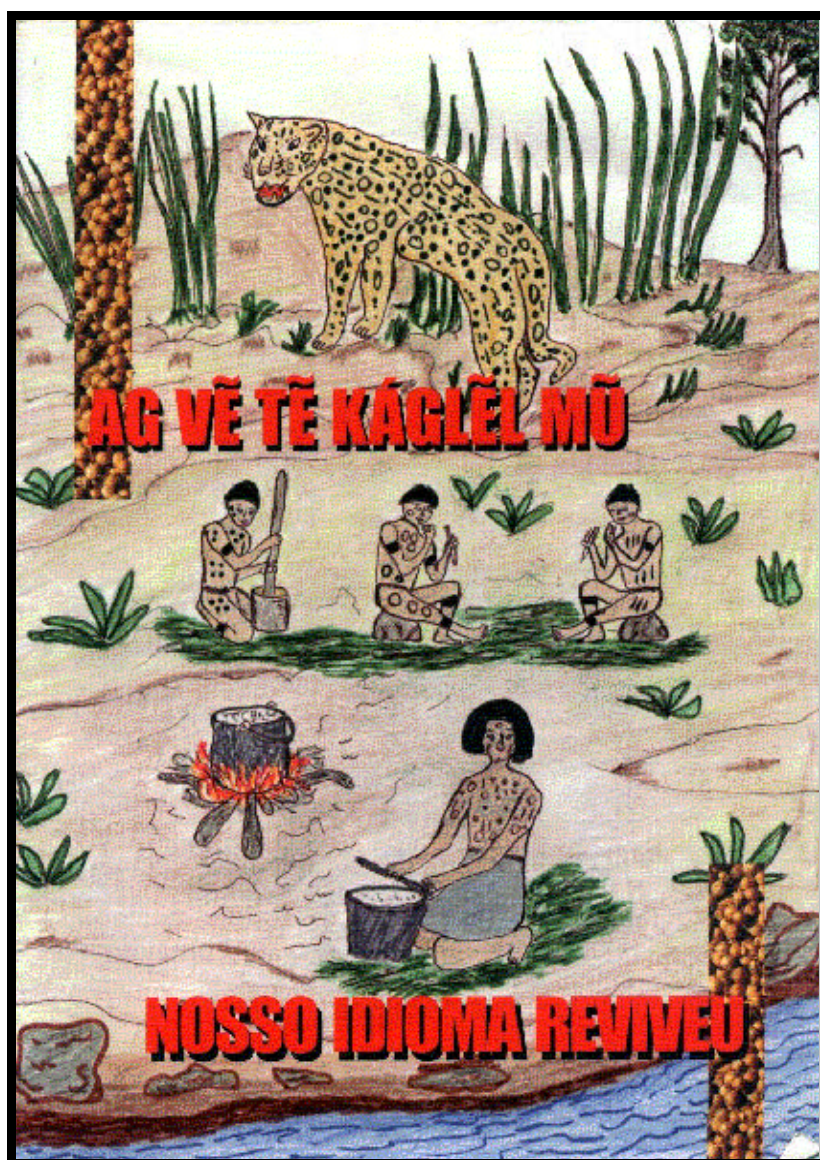


Figura 6 - Nosso idioma reviveu.

Podemos definir o mito como um relato de acontecimentos que para o índio são sobrenaturais, no sentido de que ele sabe que não acontecem nos tempos atuais. Ao mesmo tempo, ele acredita firmemente que eles aconteceram outrora. São mitos antigos, referentes às origens do homem, à sociedade dos subclãs e aldeias, ao estabelecimento de relações permanente entre esse mundo e o outro. Esse mito relata acontecimentos ocorridos no

momento em que a terra começou a ser povoada por humanos vindos do subsolo e de dentro das águas. A humanidade já existia em algum lugar subterrâneo e submerso, visto que emergiam desse local para a superfície.

Esse mito tem como função principal de servir de fundamento filosófico e moral como também institucional justificando os subclãs Xokleng. No presente coincidem esses fatos relatados por Kãnhãhá o da relação mitologia, filosofia e instituição social dos Xokleng.

É necessário “ver o mundo”. E a propósito da mitologia grupal passando para o individual: “Tal como o homem é, ele se vê. Como o olho é formado, assim são os seus poderes”⁵⁸

As imagens dos personagens passam na mente para mente, nossos olhos fechados podem olhar para um mundo compartilhado, embora a diferença de graus de pureza tenha sido substituída pela diferença de lugar; tudo atua no nosso mundo interior, imagens que se revelam.

⁵⁸ William Blake, “All Are Men in Eternity”, Kazin, org. The Viking Portable Blake, 41.



Figura 7 - Mito da Geração do Homem nascido da água

3.1 – Primeira Parte – HOMENS SAÍDOS DA ÁGUA

A imaginação é a estrela do homem...(Ruland, Lexicon Alchemiae).

Analisando o mito em partes que destacamos como principais: Primeiramente a existência dos dois grupos: Os Klêdo saíram do planalto e os Vãjeki saíram da água (provavelmente da água do mar). A Segunda parte narra a caminhada dos Vãjeki, pai dos Xokleng. Terceira parte identifica as dificuldades e a solidariedade-criatividade, no momento que todos a partir da liderança de Vãjeki criam a onça, como maneira de espantar o inimigo, aqueles que os perseguem. Sem enfrentamento e sim com saber afugentá-los com a imaginação de perigo.

Os Klêdo habitavam o planalto e os Xokleng o litoral ambos localizados no sul do Brasil. São descritos de maneira ritmada e poética, equipadas de uma alegria para festejar a cada obstáculo ou experiência que vão tendo ao longo do seu caminhar.

O seu agir e suas manifestações de festejar a cada chegada, mostra claramente, os seus espíritos aventureiros, querendo sempre vencer os obstáculos e maravilham-se com o que vêem. O incidente dos “outros” demonstra o aspecto sociológico do relacionamento dos Xokleng, a atitude mental de afugentar o estranho, o desconhecido se fez presente na narrativa. Os primeiros contatos com o desconhecido branco não foram nada amistosos. Desde o início do século XVII os Xokleng eram vistos, mas estes sempre adentravam floresta como meio de se preservar. Os seus personagens não estão envoltos em magia, nem em força extraordinária que combinariam em existir um herói, que agrediria os “outros”, destruísse o estranho. Constitui um ótimo exemplo como funcionava a comunidade Xokleng e as condições sociológicas e culturais em muito idêntica a da atualidade.

Muitas foram as interferências e interações da cultura européia na vida dos Xokleng. Não seria possíveis afirmar qual a profundidade e abrangência do fenômeno: Barragens Norte sabem apenas, que foi responsável pelo deslocamento dessa população de seu habitat e da desagregação dos Xokleng, neste final do século XX; de uma maneira bruta e desumana da cultura indígena. O mito até havia sido esquecido coletivamente, os mais antigos o “ressuscitam” agora, depois de aproximadamente 30 anos de silêncio.

Voltou-se a cantar nas comunidades e contar história e o mito da origem da geração do homem persiste, é o mais pedido para ser contado pelas crianças e pelos adolescentes. Todos querem saber com mais detalhes dos personagens do mito e do seu “fazer”: Vãjekey, Zãgpopé e Txu Txuvanh.

Conforme o relato os Vājēky queriam sair debaixo das águas e ficaram esperando debaixo das águas. Essa espera sugere a paciência que os Xokleng devem possuir para resolver questões difíceis e que exigem resoluções imediatas. Deve-se ponderar e esperar para querer “subir”, sair de onde se está para que muitos obstáculos se dissipem, para sair seguro. Enquanto isso Plándjug veio subindo, fazendo caminho - é necessário ter uma liderança para agir com sensatez, um líder que mostre um caminho e que todos confiem, afirma o mito. E quando terminou de fazer o caminho Plándjug voltou para buscar os outros - é outra sabedoria que um bom líder sempre tem presente a de não querer ficar só, a de contar sempre com a presença dos outros a de querer ajudar os companheiros nos seus caminhos que vão trilhando. Assim irão segui-lo. A ajuda mútua seria, assim, outro ensinamento moral do mito. Onde pisaram em terra, prepararam lugar e festejaram dançando - a alegria deve ser exteriorizada, “mostrar quando se têm satisfações”, isso é bom para os amigos. Faz todos permanecerem mais unidos. Mostrar alegria e gratidão. Enquanto isso, Plándjug continuou fazendo caminho, diz a lenda - que um líder deve sempre estar trabalhando, ver o que seria melhor para os companheiros e para a comunidade, ser digno da confiança que depositam nele. Então eles vieram atrás dele - como um gesto de submissão e atenciosidade demonstrado pelo chefe. Se ele trabalha todos devem colaborar e realizar alguma coisa, ficar parado não é conveniente para ninguém. Então houve nova parada e a alegria de terem progredido em mais uma etapa no seu caminhar e isso representava uma vitória. No meio dos festejos, ouviram de outros homens que vinham atrás deles e o Vājēky ficou comendo - ficaram amedrontados com os outros, pois não os conheciam e não sabiam o que vinham fazer, porque os seguiam? Então Vājēky fez para sua criação, uma onça. Teve a iniciativa de pensar e criar algo, seria uma representação com a finalidade de firmarem confiança em algo que lhe pudesse ajudar e

que representasse perigo, então construíram um animal; a onça. E o Zágpopé Paté pintou a onça para ele - houve novamente a solidariedade e a ajuda num momento difícil, houve também criatividade em colorir, colaboração e valorização com a idéia do companheiro. Prosseguindo com a pintura deixaram no pescoço marcas pintadas em forma arredondadas fechada, outras cumpridas e Zezé pintaram com marcas compridas e umas circulares, na paleta da onça. Mais companheiros acreditaram e passaram a ajudar no projeto de execução em formar um animal feroz para afugentar o inimigo. Agora a pintura (marca) do Zãgpope Paté é arredondada fechada e umas compridas e a pintura do Zeze agora é cumprida e umas circulares e a pintura do Txu Txuvanh, agora é circular e outras arredondadas fechadas. Sendo assim que agora a geração deles usa a pintura ou marcas de seus pais. E Txu Txuvanh pintou nas costas marcas circulares e arredondadas fechadas. E eles acabaram de pintar a onça de Vãjêky, que ele criou – sente-se mais uma vez, a motivação psicológica para a ajuda mútua. Traz o sentido de revelar a idéia de alguém, ajudar a construir um projeto, ou seja, não devemos ser invejosos e sim colaboradores; isso trará benefício para todos, acreditam. É esse a essência do pensar de uma comunidade coletiva dos Xokleng.

Vãjêky disse para a onça: minha criação agora grita do jeito que quiser - outro momento mágico o de dar liberdade, deu a vida onde todos colaboraram, não a prenderam e nem demonstraram afeição para querer dominar o que tinham feito. Então a onça gritou e foi atrás dos outros, para comê-los - com a liberdade igual a do Todo Poderoso nos concedeu, nós temos o livre arbítrio de realizar, de manifestar nossa essência de ser. Se formos criados pelo criador para continuar sua obra e sermos seu amigo, é assim que irá acontecer. A natureza é perfeita, basta acreditarmos nela, quem a fez nos fez também, afirmam. A onça colaborou com o plano de todos, afugentou os seus perseguidores.

Após a transcrição do mito único Xokleng sobre a criação do homem, vamos tentar reduzi-lo, com auxílio da técnica proposta por Lévi-Strauss, a um conjunto de elementos, apresentando os personagens e suas ações.

Primeiro passo para o entendimento de cada uma das variantes mencionadas acima é a redução do mito numa série de unidades constitutivas (mitemas), ou seja, unidades mínimas de significação (cf. LÉVI-STRAUSS, 1958:232ss). Para tanto, cada variante foi dividida num certo número de orações absoluta composta de uma sujeita e uma predicada. Deste modo:

1. Duas formas de geração do homem. Homens vindos da montanha e outros saíram das águas.
2. Vãjeky provém das águas.
3. Plándjug subindo montanha.
4. Txu Txuvnh amigo de caminhada.
5. Vãjeky compartilha presente com Zãgpope Paté.
6. Curiosidade de Zãgpope Paté.
7. Pazi queima rancho.
8. Vãjeky fica humilhado.
9. Pazi é abandonado.
10. Festejo pelas descobertas.
11. O primeiro susto.
12. Medo e momento da invenção da onça com Kaplu.
13. Outra tentativa de criar um onça.
14. Pintura da onça pelos personagens.
15. Zãgpope criou cobra da sujeira.

16. Onça rugiu para o lado dos índios Zógu e Guarani.

17. Vãjegy ficou sozinho festejando.

Se ordenarmos esses “mitemas” em acontecimentos, segundo as relações que eles expressam, temos:

A Relações entre amigos Vãjegy, Zágpope, Txu Txuvanh, Zezé.

B Relações dissociativas entre o líder Vãjegy e chefe Pazi.

C Relações criativas entre os companheiros.

D Relações entre os Xokleng com outras tribos.

Cada um dos mitemas, portanto, apresenta uma relação fundamental no desenvolvimento do mito e define uma parte da história. A passagem de uma para outra, em consequência, uma mudança de cenas e de ênfase em certos elementos.

3.1.1 – Relações entre os amigos

Parece-nos evidente que qualquer discussão das relações entre Vãjegy com seus companheiros implica simultaneamente numa tentativa de delimitação das relações de amizade dentro da tribo tal como elas surgem na sociedade Xokleng. A análise, então, passa num plano contingente, quando se discutem as ações dos personagens na história, para um plano do necessário, quando se procura estudar a noção que cada personagens atua no mito. Em outras palavras, a análise do mito exige uma dupla perspectiva: o estudo das relações de poder e as ações dos personagens tendo como pano de fundo a experimentação com o mundo daqui de fora, por eles desconhecido. Passa assim do particular ao universal e vice-versa. Nesta diretriz, pode-se dizer que os elementos do mito ultrapassam o nível da

fantasia inconseqüente, se existe realmente alguma. Mas faz o inverso, os elementos ganham nova dimensão, representando, além de coisas palpáveis e concretas, categorias abstratas e fundamentais, que fazem parte do universo cosmológico, de uma determinada sociedade. Esta parece ser a única abordagem capaz de responder a pergunta essencial: por que tais elementos foram criados?

Com este ponto de vista, estudaremos a categoria companheirismo entre os personagens.

Vãjegy do mito da criação do homem dos Xokleng está inscrito por alguns fatores de ordem espiritual (paciência na espera, confiança, receptividade), de ordem existencial (grupo do mesmo sexo e de sua saída das águas, provável do mar) e de ordem sociológica muito forte; o sentido coletivo de ações e comportamentos aceitos e de contestação; ou seja, a existência de regras. E da não existência no mito da criação do homem a figura mãe, mulher inserida no mito. Os fatores como gravidez, menstruação, um processo que pode e ocorre na maioria das mulheres, que chamamos de naturais são omitidos no discurso do mito, em oposição os que ocorrem com naturalidade entre os Xokleng. Esse processo que está de algum modo sob o controle da sociedade ou de algum de seus grupos. Não lhes causa motivo de enunciação, ou preocupação de controle ou privacidade. O mito, então, logo de início, parece indicar mais do que simples relação criação e mãe. Apenas que os Xokleng surgiram por duas origens água e terra.



Figura 8 - Crianças Xokleng, com as pinturas tradicionais do Mito da Geração. As marcas tradicionais por famílias sendo preservadas e expostas nos momentos de celebração na comunidade da Sede.

A água, surge nos mitos como um elemento que provoca a libertação de forças contidas em algum elemento ou objeto. A água parece também como um elemento provocador da regeneração dos estados de desorganização, quando se tem sede e fome é conduzida pela onça à beira de um ribeirão onde bebe até ficar saciado, assim exemplificou o senhor *Kānnhãhá Nānbla* ⁵⁹. As mulheres também quando estavam próximas de terem seus filhos, no passado, procuravam a barranca dos rios, para lavarem-se em suas águas e retornar com seu filho para casa, comenta Aiú Paté, ela também assim agiu.

A água também tem o poder de fazer as crianças crescerem mais, quando tomadas em rituais de iniciação. Por isso em certas fases de suas vidas devem tomar mais água, tomar seus banhos em água corrente, nunca parada por trazer o inverso de saúde. Podemos

⁵⁹ Índio de 85 anos da comunidade Figueira, Vitor Meireles.

dizer que a água é elemento essencialmente passivo ou neutro. Ela fertiliza, sem destruir ou modificar. Essa é a visão da água no mito, que foi deturpada e transformada, depois da construção da Barragem Norte.

Sabemos que é prematura tentar atribuir qualquer significado preciso ao elemento água no mito. Mas vale apontar, considerando os fatos acima apresentados, que a presença deste elemento, mais a diferença ao elemento terra (montanha) é que podem servir de qualificativos que permitem diferenciar entre os homens vindos de duas origens. Há certa ambigüidade nos dois grupos e isto permite uma manipulação mais plástica destas categorias por parte do pensamento de Văjėky. Talvez os que saíram das terras (da montanha) e que procuraram subir, mais sirva como ponto de partida para várias interpretações de comportamentos das diversas tribos indígenas.

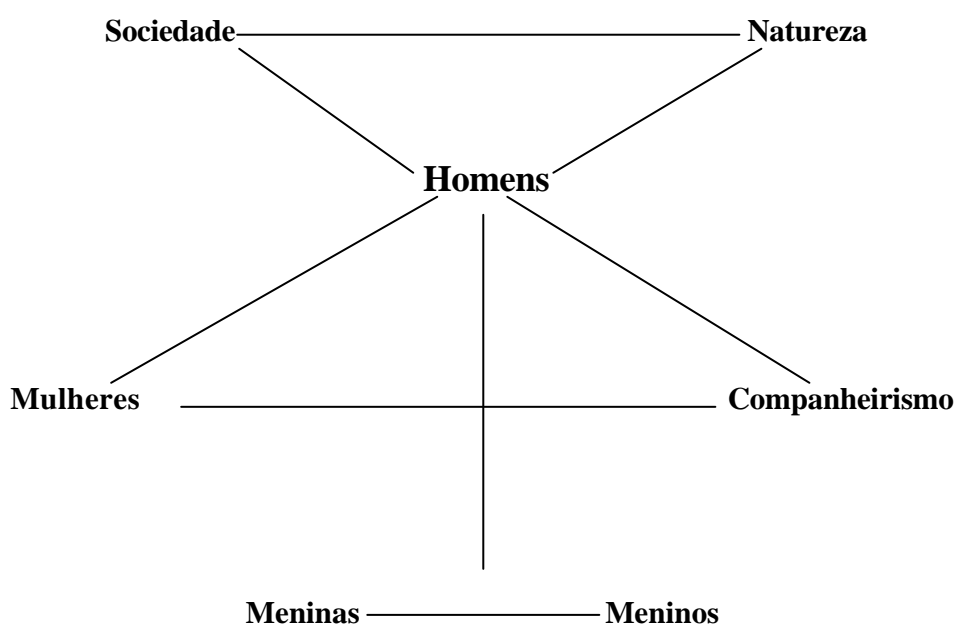
A terra elemento de força e solidez, trás com seus elementos a sedentarização e apego que dela provém. Não há companheirismo dos que amam a terra, ela não se muda, só permanece e se degenera. Cria a vida, mas se a amamos demais, depois nos escraviza, acreditam.

Vejamos primeiramente, como os personagens do mito se relacionam. Sua relação com o primeiro personagem o Plándjug que subiu as montanhas para ver os campos. Seu encantamento, logo no início do mito com a beleza do mundo exterior, pois nunca havia visto o que vislumbrava. Um caráter de se maravilhar com o não conhecido, ou seja, com o desconhecido. Ação de respeito e amabilidade com a natureza, com seus elementos. Hoje vendo e estando inserido nesse mundo capitalista, sente a necessidade de sonhar com a mata fechada, virgem e com frescor de primavera, para espantar os fantasmas dos madeireiros, que invadiram sua floresta subtropical. Suas experiências em sobreviver os levam a concluir todos os dias que sobrevivem, é viver pouco e precariamente. São pobres

e precisam arrancar as árvores da mata para viver melhor. Cada vez que corto uma árvore da floresta, que ela é natural, nascida dali, eu sinto que corto a vida em torno de mim. Simeão Priprá (Comunidade do Bugio, Município de José Boiteux).

É o relacionamento destas categorias com o plano natureza e o plano sociedade que permite ao “pensamento Xokleng” manipulá-las como verdadeiros mediadores, isto é, como elementos que, em determinadas circunstâncias, colocam em comunicação natureza e sociedade.

Deste modo, através do uso das categorias homens originários da água e da terra, os Xokleng tentam expressar a noção de ambigüidade. É pelo relacionamento dessas categorias numa narrativa (o mito) que conseguem manter os significados vigentes e que sentem ser necessários expressar da conotação de diferencial e até de sobrevivência enquanto grupo.



Onde estão representados os elementos básicos do mito Xokleng. Os homens significando a sociedade em posição fixa, superior à das mulheres. Os meninos entrando no mundo social vindos da natureza. E os velhos saindo da vida grupal, por opção, sem mais disputarem porque já construíram seu espaço social. Fizeram o que puderam para ajudar seus familiares. Companheiros e mulheres no mesmo sentido de valoração social. As meninas vindas do contexto social como também as mulheres, estão para serem companheiras de seu marido.

3.1.2 Relações dissociativas entre o líder Vãjaky e chefe Pazi.

Pazi sendo da tribo e companheiro demonstrou interesse em saber onde era o caminho para apanhar os gaviões. Já que não havia recebido esse presente, ele mesmo iria buscá-lo, conquistá-lo. Mas sendo chefe, possuía poder e assim agiu demonstrando, agindo com o seu saber, o seu poder. Seu agir foi de destruição em queimar os ranchos na beira da estrada. Colocando seu agir em ações frustradas feitas pelo seu grupo tribal para dissociação grupal. Em outras palavras, todas suas ações foram de morte, de orgulho em transformar os ranchos em bola de fogo e sentiu seu poder “sombra” quando ofertou os ranchos queimados em forma de bola de fogo para seu Vãjaky. Pazi não o fez diretamente deu para Txu agir. Txu pendurou a brasa na varanda da casa grande de Vãjaky. Resta acentuar e explicar porque tomamos como equivalente esse episódio feito pelo Pazi e com seus subordinados, chefia-natureza. Estudando a etnografia Xokleng, vê-se claramente que estas sociedades são extremamente conscientes das diferenças de poder que existem entre seus membros. Entre os homens há divisões em categorias de idade e de papel que às vezes

funcionam corporativamente e que correspondem às diferentes fases pela qual o homem penetra na sua sociedade. Pazi faz um papel, ligando seu poder, que em sua norma grupal, sentem tal ação motivo de humilhação. Em todas as sociedades normas que foram quebradas é motivo do infrator responder pelo seu procedimento e isso lhe trás indignação, afastamento do convívio social, prisão. Mas, Vãjeki simplesmente abandonou Pazi. Ficou separado, expulso do convívio dos seus. Sua natureza humana mostrou-se não humana, fora das “coisas naturais” em contraste a “coisas sociais”, seja destinado a situar a forte desordem, insegurança que iriam instaurar ao grupo com tal atitude de ataque contra os seus. Pazi teve por agir incorreto um destino dramático, o abandono.

Pazi/Vãjeki no grupo se reduzia ao antagonismo ordem/desordem, motivado pela necessidade de poder que Pazi sentia dentro do social ali vivido. Nota-se que os Xokleng buscam uma fórmula que permita de algum modo uma coexistência entre ordens sociais concebidas como antagônicas. O que fica bem aparente no momento do abandono de Pazi e conseqüentemente de seu grupo, em viverem do seu sistema, mas longe deles. Houve um subdividir e viver afastado para dar homenagem para a vida, o respeito pelas opções.

Em conseqüência, relações entre uma pessoa plena de capacidade de decisão e com pessoa que sonha em agir, ainda deve ser moldada pela sociedade. Forte e fraco, o ingênuo contra o experiente, traduzem um vago sentimento de culpa assumida por Pazi, que nada fez ao ver Vãjeki afastar-se e festejar.



Autoridade**solidão**

Vãjky aceito pelo grande grupo, com seus companheiros e amigos presenteando-o, Pazi chefe lidera um grupo e tenta conquistar o que considera de valor imediato, demonstra pouca sabedoria e experiência; por essa causa rejeitam-no do grande grupo.

3.1.3 Relações criativas entre os companheiros

Plándjug foi o primeiro a aventurar-se a abrir caminho, seguido por Zágpope Paté, Pazi, amigo Txu Txuvanh, Zezé. É evidente no mito que os amigos devem comprometer-se em ser útil e de fazer tentativas de ajuda ao grupo e alcançando sucesso retribuir com presentes à oportunidade oferecida com atitudes de doação (presentes). O mito frisa muito, as ações do grupo e suas atitudes amáveis, estabelecendo e dando ênfase na área pública, cujo conteúdo cai necessariamente no terreno das relações entre os homens e nos modos de regulá-las.

É notável a demonstração de ajuda criativa em afugentar seus medos. Homens os seguiam. Então Vãjky sentiu medo como também seus companheiros e inventou um animal, quis criar uma onça. Na primeira tentativa criou uma anta. Parece uma contradição querer uma coisa e fazer outra. O primeiro fato que é de uma boniteza extraordinária, é atitude de afugentar o medo. O que chama atenção é a fórmula de criar uns animais assustadores, que para eles seria uma onça. Atitude criativa e não combativa de homens contra outros homens. Corpo/corpo é violência, essa estratégia é negada, sentem medo; é aparentemente passiva esta atitude, será o estado natural do indígena das florestas subtropicais?

Pintar a onça e ela deveriam demonstrar ser o que foi projetada a ser, e a espera para a criação gritar. Gritou, houve uma análise do que fora criado e um “krinien” (julgar) que não era onça por razão do ser grido não causar medo ou espanto, então recebeu o nome de anta. Onde se notam as relações entre companheiros, uma análise num plano sincrônico de grupo e a verificação de não se constituir numa onça e sim numa anta. Estabelece-se imediatamente uma ligação com uma cadeia de relações fechadas, num conjunto tipicamente retroativo ou de *feedback* do consenso do grupo de não poder ser onça e, sim, uma anta feita com material chamado Kaplú.

Então iniciasse para outra criação e com a firmeza de propósito em realizá-la com outro material, desta vez com o pinheiro. Os elementos natureza designam seu feitio, um material é essência de origem do produto. Pinheiro é o material escolhido para criar a onça. Associação material/produção. Consideram os elementos propriedade de estrutura para execução da obra. Assim se vê a criação da onça. Sem cor de onça, seria necessário, julga Vãjeki colori-la. Finalmente, todos que ali estão diante da onça sentem-se encorajados em dar cor para esta criação. Eles mesmos buscam coragem e de longe, esticando seus braços iniciam sua colaboração com o companheiro. Um fenômeno, pois cada um executa um ato seu, Zãgpope Paté imprime sua marca na onça, as manchas arredondadas fechadas e nas costas manchas compridas.

Zãgpope reluta depois, em não querer criar outro animal, sente medo que este venha prejudicar os homens, sentiria culpa e vergonha, se isso acontecesse. Num gesto tipicamente indígena Xokleng, logo muda de idéia e cria uma cobra com sua própria sujeira. Também cria, isso representa poder, isto lhe causa crença de poder por ser também, caçador. Estas concepções correntes na comunidade Xokleng sobre chefia e poder, cria a

expectativa de estar no comando com muitos companheiros, transcendem totalmente do plano social e moral da comunidade humana. Daí sua ambigüidade.

Zezé curioso quis saber porque tanto barulho. A curiosidade do outro, os festejos a alegria fazem parte do mítico coletivo. Crença associada e conciliada com o outro, com ajuda e colaboração por diversos instrumentos do saber para realizar uma tarefa. Zezé de curioso à obediente, também executa sua tarefa na criação da onça, colorindo manchas cumpridas e outras circulares no meio da paleta da onça. Houve um desafio de Zezé ao Vãjky em dizer que ele não sabia pintar e que olhasse sua pintura. É cultural a desconfiança de indivíduos dentro da sociedade Xokleng que desconfiem do “poder” do líder. Essa dicotimização no plano de poder se expressa tanto de modo informal como, no exemplo do mito, como também de modo formal. Neste plano, os “desconfiados” se associam sempre na esfera privada e os “confiantes” na esfera pública. Assim encontra-se na área indígena de Ibirama, caso de indivíduos que tiveram grande importância dentro de alguma família, mas a atividade delas se fazia sentir somente dentro do plano interno do grupo doméstico considerado. Caso atualizado dos líderes da família Caxias Popó, da Figueira com os personagens como: Josué e Carli. Líderes na esfera familiar e que influenciam Antônio Caxias Popó, líder do subclã.

Txu Txuvanh, também se apresenta curioso e recebe muitas explicações sobre a execução criativa e que compartilha com seu fazer na criação da onça. O caráter básico do viver coletivo se faz presente em todos os momentos do grupo, quando o Vãjky explica todo o executar do grupo, seu encaminhamento, para um proceder coerente com atitudes anteriormente realizadas. Eles seres naturais incorporados à sociedades humanas? Ou criaturas que criam no mundo da sociedade dos homens? E, como tal, podem partilhar de muitos sentimentos embora sejam sempre Xokleng. Sempre carregados de emoções, sendo

por isso utilizados em comparações sociedade/natureza, até de muitas vezes, fabuloso. Realmente, como estudioso, vê-los em seu agir cotidiano dentro do seu sistema, não conseguimos pensar com precisão o lugar, o valor atribuído a eles catalisado, dentro de seus papéis sociais distintos.

O homem é um animal simbólico e, neste sentido, não só a linguagem verbal mas toda a cultura, os ritos, as instituições, as relações, os costumes, etc., não são mais do que simbólicas, afirma Campbell (1992).

As marcas são símbolos da cultura Xokleng, marcas pessoais de famílias. Experiência “consagrada” de sua espécie; tão diferente e ao mesmo tempo igual, tudo sem perceberem o quanto é importante, que por vezes, para não ser. A experiência de vida e misturando-as com atitude científica. A razão é muito simples. O símbolo e o simbólico constituem qualquer coisa de complexo que funde ou com-funde a intuição e a razão, a atitude ideológica e a atitude científica, o pensamento domesticado e o pensamento primitivo, o real da imaginação, enfim a ciência e o espiritual.

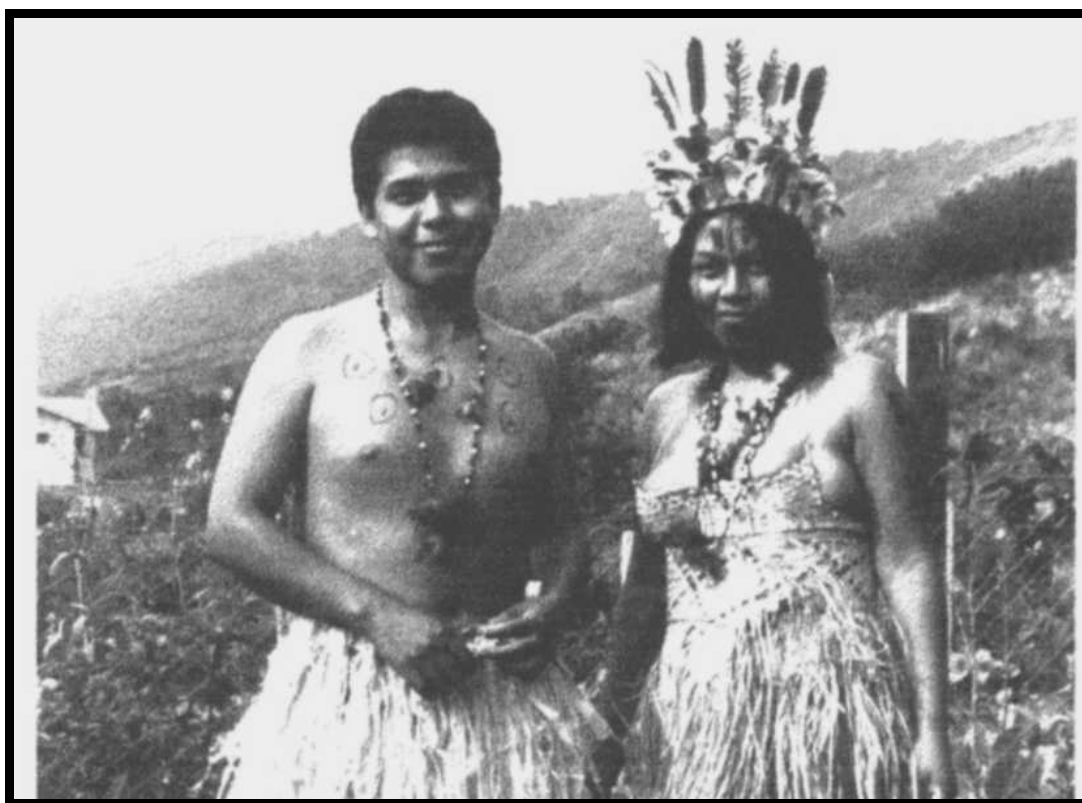


Figura 9 - Abraão Patté e Ivonete Cnuzung Namblá, em uma representação do mito num evento na Comunidade Sede, dia 19 de abril de 1999.

Muito é reafirmado, que é através do mito que revela o homem é que teve a iniciativa e a eles compete o poder. Ele deve e pode ter espírito de aventura porque sabe onde estabelecer o limite. Ele possui coragem e desprendimento, foram os primeiros a sair das águas. Agora são lembrados seu mito e suas fábulas⁶⁰, contados pelo índio *Kānnhāhá Nānbla*, atualmente com 92 anos sendo o mais velho da sociedade Xokleng. Uns de seus netos são professores e contam muitas lendas, fábulas para os seus filhos e para seus alunos. Eles escrevem, montam cartilhas⁶¹. O conhecimento de alguns vai sendo repassado

⁶⁰ Possuem ainda fábulas como: O pai-abelha, Os macacos e as bananas, A borboleta misteriosa, O menino que morreu na água, filhote abelha e o do beija-flor que escondeu a água.

⁶¹ A primeira cartilha tem como título: O nosso idioma reviveu. Editado com ajuda das igrejas cristãs e do CIMI. Lançamento dia 04/09/1999.

para os professores e esses para os novos alunos, sucessivamente. José Ndilli⁶² comenta sobre a vida cotidiana por eles vivida e que está ligada intimamente com o mito do qual eles fazem parte⁶³. Do mito que surgiu as marcas dos Xokleng, as marcas dos subclãs.

José Ndilli explica que como ele perguntou para os seus ficou sabendo dos sinais que cada família tinha para se identificar: Então essas três pinturas que os homens fizeram na onça é que hoje nós temos também as marcas da família do índio. Nós temos a marca listrada, outra arredondada e outra fechada e toda em preto⁶⁴.

Assim os Xokleng se apresentavam em festas e cerimoniais, ostentando no rosto, no peito, nas costas e nas cochas pinturas negras, feitas com carvão moído, indicativas do seu grupo.

Por essas marcas é que sabiam se poderia realizar casamento entre eles, no passado. As marcas são patrilinear. Por essa marca sabia-se da descendência de seus filhos, pela marca do pai. Se fossem da mesma família, da mesma marca, não poderia haver casamento. Sendo primos paternos eram considerados irmão e sendo primos maternos não haveria problema porque as marcas eram diferentes, portanto poderiam casar-se. O incesto sempre foi proibido entre os Xokleng.

Podiam casar com primo ou prima da linhagem materna, porque tinham marca diferente. Eriti faz esse comentário sobre o povo Xokleng: todos aqui somos na verdade parentes, primos, porque bem na verdade minha mulher é minha quarta prima. Quase não tem casamento, só se junta. Tem muito caso de separação de índio com mulheres índias,

⁶² Professor bilíngüe na Sede, um dos netos de Nanblá.

⁶³ Esse fazer parte significa entender o porque são diferentes, eles conseguindo se entender salvam sua cultura e vivem em paz, conseguiram se organizar do seu jeito, afirma.

⁶⁴ José Ndilli, colaborador em explicar-nos os usos e crenças do seu povo.

como igual de homens brancos com índias, e índios com mulheres brancas. Não dá certo índio vai embora”⁶⁵.

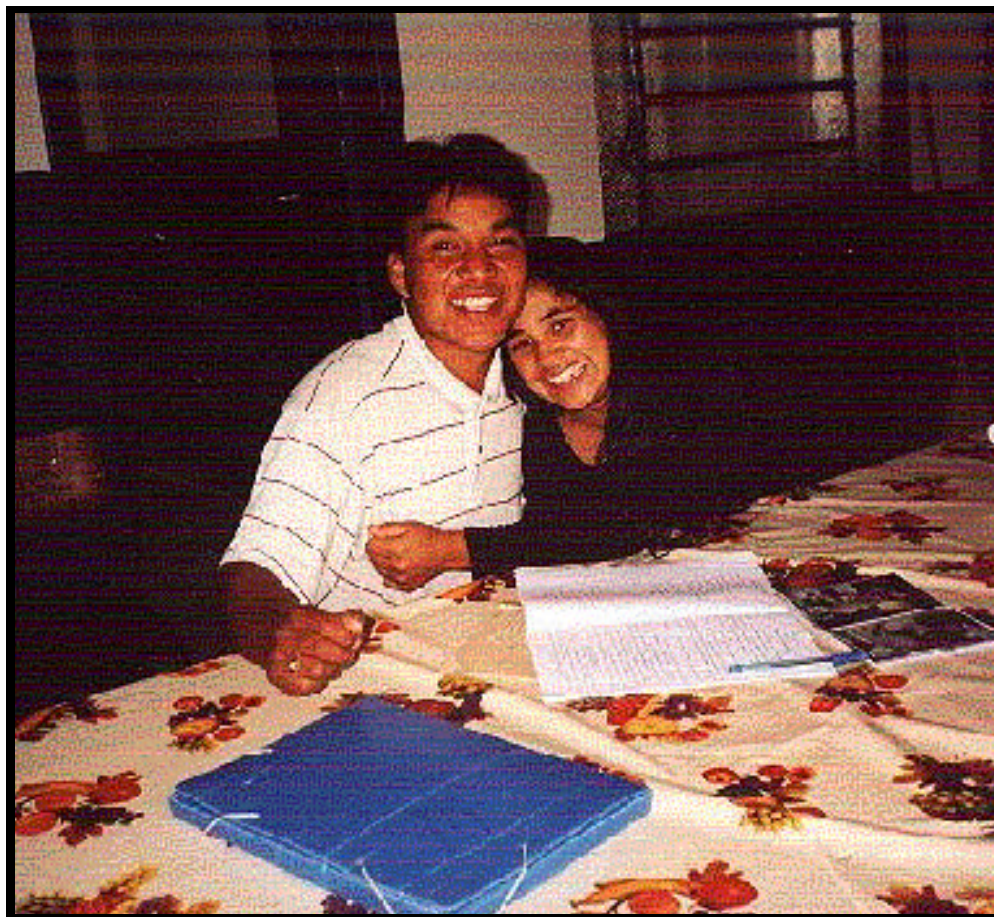


Figura 10 - Eriti Kandiã Veitcha e Viviam Ilung Lemos Patté - Comunidade Bugio.

3.2 Segunda parte do mito Xokleng

A saída dos klendo da montanha

Utilizando novamente a técnica de Levi-Strauss, a um conjunto de elementos, apresentando os personagens e suas ações.

⁶⁵ Eriti Kanrém, índio de 26 anos da comunidade Bugio.

Vamos estudá-los em mitemas, ou unidades mínimas de significação:

- 1- Klêndo – povo que sai da montanha
- 2- Pazi (pai)- procura terra boa para seus companheiros
- 3- Txu Txuvanh – vem atrás junto com os companheiros
- 4- Zágpope chega com mais companheiros para a festa
- 5- Jógtá chega para festa
- 6- Nudez das mulheres durante a festa
- 7- Txu Txuvanh sente-se humilhado
- 8- Zágpope desobedece a normas do grupo
- 9- Zágpope amaldiçoa elementos do grupo pelo roubo de suas roupas e mulheres.
- 10- Txu Txuvanh e Zágpope surpreendidos com a criança
- 11- Pazi(pai) cai da árvore e morre
- 12- Vajeky pesca um volá no rio
- 13- Pazi filho come o volá de Vajeky
- 14- Pazi é mandado embora, excluído do grupo
- 15- Medo grupal e o preparo do ritual Kujunh (medo)
- 16- Txu e Txu Txuvanh lutam num embate de força
- 17- Condecoração de guerreiro para Txu e Zágpope Pata
- 18- Pazi ferido no combate, triste e decepcionado transforma-se em pássaro.
- 19- Contato com outro grupo “ Dalan” – os guarani – com Txu Txuvanh
- 20- Pecado com as mulheres, casamento sem a presença dos chefes
- 21- Chamada de todos os chefes Vajeky, Gojtxá Jahá, Kóza por Txu Txuvanh
- 22- Kóza destruiu o povo fazendo confusão e dispersando-os
- 23- Txu Txuvanh sofre com a solidão e se arrepende.

Com ajuda dos indígenas lemos o mito e conversamos sobre as ações dos personagens ali apresentados, as discussões ocorreram de modo para dar sentido e interpretar o que queriam demonstrar em seus caminhos, com suas ações e palavras. A tarefa foi para casa e lá investigaram com seus pais, avós e parentes que segundo eles, conseguissem dar melhores respostas e explicações sobre os significados às ações dos chefes do mito dos homens saídos da montanha: os Klêndo.

Transcrevo essas interpretações segundo a mentalidade dos próprios indígenas e assim foram conclusiva e aceita pelo grupo como mais próximo de seu entendimento de verdade.

Quando o povo da montanha saiu da gruta, que se localizava no alto de uma montanha, se organizaram em grupos. Os líderes estavam determinados a encontrar um lugar ideal para viver. Os personagens tinham tarefas e executam cada uma de suas tarefas, observamos aí determinação e responsabilidade com o grupo.

Pazi encontra a terra considerada ideal para permanecerem com os seus companheiros, com seus respectivos líderes também chega no local.

Um celebrar, uma festa inicia e todos estão felizes pelo êxito da jornada. Zágpopo Pata traz junto mulheres nuas que festejam dançando. Essa atitude deixa Txu Txuvanh humilhado e enraivecido. Tal atitude explica Adelina Cócta Patté⁶⁶ que seu avô lhe dizia que nas festas dos homens as mulheres não participavam, por ser pelo trabalho exclusivo deles, portanto as mulheres ficariam nos seus afazeres e era proibida sua presença ali. Percebemos atribuição de papéis sociais e tarefas distintas na organização Xokleng primitiva.

⁶⁶ Adelina Cócta Patté - aluna do ensino médio.

Por ter duas vezes desobedecidas as normas, as leis existentes no grupo; primeiro em trazer as mulheres nuas e novamente não as vestiu quando Txu Txuvanh entregou-lhe roupa branca; Zágpopo é embebedado e dorme. Nesse momento a fraqueza de não saber quando parar de beber para permanecer sóbrio o faz refém de seus companheiros, que cobiçavam suas mulheres e as roubaram como também suas roupas brancas. Roupas brancas poucas pessoas possuíam, era sinal de grandeza, explica Adelina Cócta.

Zágpopo Pata acorda e se conscientiza que está sem suas mulheres e sem as suas roupas e enraivecido amaldiçoa seus companheiros, desejando-lhes muita dor e morte. Palavras que “finca” na alma deles, é assim que ficam doentes, explica Nanblá.

Depois dessa praga se retirou do grupo. O grupo seguiu em frente aparentemente não levando a sério a praga de Zágpopo Pata.

Noutro episódio ficam surpreendidos com algo sobrenatural; a força de uma criança - que lhes diz palavras e que interpretam como: de não vingança contra as mulheres que fugiram. A criança as protegeria de qualquer ato que pudesse machucá-las. Há uma lição de respeito às mulheres e que elas também podem decidir seu caminho. Há algo que se revela nesse episódio; o cuidado que devemos ter quando amamos o que temos. Zágpopo quis embebedar-se, não soube controlar-se e assim deixou de fazer sua tarefa, quis exibir-se diante dos companheiros e que sabia que iriam cobiçá-las e não se importou, descuidando-se.

O respeito à natureza se estabelece comenta Alfredo Patté, quando deixamos as coisas no lugar onde estão. Pazi sabia que os pássaros haviam feito ninho no alto para proteger seus filhotes, que a subida era difícil, mas não se importou por querer agradar o filho. Seu filho era ambicioso e o pai não soube lhe ensinar ter paciência e esperar até os

filhotes voassem livres pelas matas. Subiu e caiu, seu erro foi motivo de sua morte. Foi a primeira morte por desobediência.

O rio era conhecido em sua língua como goj e lá pescaram um volá – traíra – e foram muitos porque comeram e ainda sobrou e assim foram colocados no rancho para secarem junto com outras carnes. Vimos nesse procedimento que os indígenas faziam reserva de alimentos. Por serem nômades poderiam estar em lugares onde pudesse haver carência dessa fonte alimentar.

Pazi veio e não conteve sua cobiça e foi voraz em comer o alimento ali exposto, ele era mal-educado, não sabia pensar na coletividade; preceito primeiro para o conviver dos Xokleng. O castigo veio acompanhado de palavras que o culpavam pela morte de seu pai e o exílio.

Pazi fez uma armadilha colocou sobre o grupo um tulo (pilar de casa) e todos ficaram surpresos e o grupo não sabia como proceder diante de tal atitude. Então conversaram e resolveram colocar outro pilar e construíram uma casa. Do mal aparente tiveram a intenção em fazer algo positivo para todos e uma casa era o que eles precisavam naquela circunstância. A casa ficou enorme e causou medo pelo tamanho, por ser enorme. Algo não planejado, apenas estavam fazendo um “ remendo” do mal para não conseguir causar dano ao grupo. É sem dúvida atitude criativa imediata diante de um problema emergente. Outro passo foi fazer reza, um ritual do medo esse tinha a função de dissipar o mal e também pedido para os espíritos protegê-los do mal do coração de Pazi.

Pazi estava doente por ficar de fora das festividades e do convívio social do grupo, esse é o pior que a morte, é a morte do espírito, diz Edu Priprá.

Outra oportunidade Pazi recebeu de seus companheiros; o convite veio de Txu Txuvanh, e o deixaram entrar e participar do ritual do medo, onde todos bebiam o líquido

conhecido por Kujunh⁶⁷. Todos que bebiam sentiam seu efeito positivo, o mesmo não ocorreu com Pazi que se sentiu muito mal. Sinal quer já estava enfeitiçado e como não quis ver a verdade ou dizer a verdade foi amaldiçoado e abandonado de vez.

Regras rígidas no convívio grupal e os indivíduos que assim procedessem como Pazi, eram exilados.

A transformação de Pazi em animal nos faz refletir sobre as crenças antigas e o cuidado que sempre demonstravam com os animais. São animais e podem estar encantados, afirma Candinha Patté que assim seus avós contavam e afirmavam.

São vozes do passado que permanecem em seu inconsciente, em sua “consciência coletiva”⁶⁸. O encantamento por ter tido a ousadia de falar com espíritos, o fez transformá-lo em animal; e mesmo assim, não aliviou sua dor, pela atitude que demonstrou de ficar gritando todas as manhãs.

A luta era outra marca entre os indígenas Xokleng, um exercício de força que hoje não existe mais, lamentam os jovens das comunidades das terras Indígenas de Ibiram. Jonas Popó, João Clili, José Ndilli e Adelina Patté, comentam que seus avós contavam histórias de lutas corporais. Sinais de valentia e de conquistas amorosas, eram realizadas nesses eventos ou momentos.

A luta corporal tinha outro objetivo, o de proporcionar elevação de importância dentro do grupo ou seja, elevá-los a categoria de guerreiro e isso era muito significativo para os homens, lhes oferecia status e motivo de orgulho.

⁶⁷ Kujunh ficou só na lembrança o seu nome, os descendentes contemporâneos desconhecem sua fórmula

⁶⁸ HALBWACH'S, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990,

Mas sabemos que quanto maior a importância, que o status proporciona, paralelamente aumentava a responsabilidade.

Pazi ainda rodeava o seu grupo que o haviam expulsado, porém foi chamado para participar do jovic ou, seja da luta corporal. Ficou ferido e assim ficou humilhado novamente e se afastou imediatamente do grupo, transformando-se num pássaro, chamado “tegte”, em no idioma significa gavião pequeno.

O encontro com um grupo diferenciado do seu, os dalan como eram conhecidos, demonstraram sinais de respeito por saberem que aquele território lhes pertencia, sabiam que estavam seguindo suas picadas na descida em direção a vale do rio. O contato rápido, de passagem, os Xokleng interrogaram sua identidade e eles só responderam quando estavam com boa distância, confirmaram serem datung. Eles sabiam da existência uns dos outros só que não se conheciam, isso era motivo de temer a valentia e o jeito dos outros grupos; não sabiam do que seriam capaz.

Os gaviões moravam na parte baixa da montanha. Um simbolismo que eles são fracos e vivem ali para comerem o que sobra, sem fazer grande esforço, pela abundância de alimentos no vale.

Houve quebra de normas dentro do grupo, quando os homens casaram com as mulheres sem a presença dos chefes, violaram a lei. Isso representa desobediência diante das autoridades, diante dos chefes.

Todos os chefes ficaram entristecidos e furiosos e até queriam guerrear. *Txu Txuvanh se lamentou e viu os outros chefes irem embora e ele se cansava de tristeza por isso ele continuou a festa*, é assim mesmo diz Candinha; quando a dor é grande demais o jeito é fazer tudo para esquecê-la e a maneira de Txu Txuvanh era festejar e assim ficou sozinho e arrependido de não ter ido embora com os outros chefes.

Em sumário os mitemas ficariam assim expressos:

A-Klendo - povo da Montanha

B-Dalan – povo caminhante “os guaranis”

C-Relações entre os companheiros chefes: Vãjeky, Gojotxá Jabá, Txu, Kóza, Pazi e Txu Txuvanh

D-Relação dissociativas e conflituosa: Pazi e Kóza

E-Seres enfeitiçados pelo mal: Pazi e Kóza

F-Festejos e abandono aos companheiros pelo pecado com as mulheres, vindo a maldição de Kóza.

Os personagens são admirados por uns e outros já criticam atitudes do(s) personagem ou personagens. Cada um defende aquele com o qual se identifica em suas ações diárias ou erro cometido, afirma Olimpio Nunc-Fôoro.

Nós somos assim, as vezes adultos e por dentro aquela vontade de fazer o que vem no coração. Temos liberdade de escolher e assim se faz e depois deve saber se responsabilizar pelos atos

Outro traço cultural na comunidade indígena Xokleng, são as famílias que preservam suas tradições deixando sua “marca” através dos nomes que dão aos filhos. Os nomes dos filhos são escolhidos dentre uma lista de nomes dos antepassados. Utilizam dois nomes e o sobrenome. Um nome de “branco” e outro de “índio” para os recém nascidos, mesmo que no registro oficial tenha só o nome de branco eles o conhecem por um nome de índio. Em suas falas as expressões são colocadas com ênfase e valorização de uma tradição. Marta Patté assim se expressa: o nome de minha filha é Carolina Kulá Patté, é nome de vocês e do nosso nome. Isso é importante mantém a tradição do nosso povo. Já o professor Eriti, da comunidade Bugio, assim coloca o diferencial cultural dos Xokleng: meu nome é Eriti Kandiã Veitchá, recebi só nome do meu povo, minha mãe gostava mais.

Isto ocorre porque vezes, os componentes do grupo se esforçam para se comportar como os brancos e sabem que no Cartório Oficial “teriam” de nomear o recém-nascido com nome de branco (obrigatoriedade oficial), mas sentem necessidade de ao mesmo tempo, nomear os filhos, com nomes tradicionais da linhagem.

Poucos são os traços da organização social tradicional, persistem na atualidade entre os Xokleng (SANTOS, 1997: 118). A tendência do grupo é comportar-se à maneira dos brancos regionais da área e, nesse sentido, o casamento monogâmico, a residência neolocal, o compadrio e o uso da terminologia de parentesco da sociedade local, são situações comumente observadas.

Muitos não têm o segundo nome na certidão de nascimento, porém todos da comunidade indígena sabem o seu nome. São reconhecidos principalmente pelos parentes, amigos, professores, líderes religiosos, que reconhecem seus costumes e valorizam por serem como se apresentam.

Recebi também um nome indígena, Covey Tãg que significa folha verde, devido a cor dos meus olhos, riram confirmando e chamam-me assim na Aldeia Bugio; já na comunidade Figueira e Palmeirinha, meu “nome” escolhido é Amendô, que em seu significado, dizem é nome de mulher, simplesmente.

Podemos afirmar que há uma dualidade de comportamento: sentindo forte atração por histórias sobre seu passado ancestral, quando a “memória selvagem” fala sobre a magia dos animais e seus pactos que realizavam com os homens – pensam na coletividade, sentem respeito pela natureza e vivem em muitos porquês, é ali que transformam o usual em ‘algo precioso’ e a escolha do nome, por exemplo relembra esse encanto. Noutros vivem modernamente com usos e consumo igual o da sociedade regional que o margeia, um mundo capitalista; individualista e consumista.

Há uma luta espiritual se processando em suas vidas, a luta de aceitar o que são e o que gostariam de ser, idealizam a sociedade do branco.

Quando os Xokleng não tinham entrado em contato com o não índio, tinham costumes bem diferentes, afirma Aiú Patté. Os nomes dos filhos, por exemplo, eram escolhidos pelos visitantes, quando as mulheres estavam de dieta. Se estas não apareciam nos dez ou catorze primeiros dias, o nome era escolhido pelo pai ou pela mãe. Dona Aiú comenta sobre os nomes que seu falecido marido tinha e o histórico dos nomes: Meu marido é Vãheky, ele tem 4 nomes, Que eram (já falecido) Vãheky Kuitá Namblá Kapili, cada um que vinha visitá-lo achava que o nome devia ser. Este ou aquele, prá não fazer agravo recebia os que os pais gostava mais de visitante.

É necessário sublinhar que, contrariamente ao pensamento geral, a memória transmitida pela aprendizagem nas sociedades sem escrita não é uma memória “palavra por palavra”. Existem variantes nas diversas versões do mito, de acontecimentos antigos pelos “homens do mato” daquele tempo, quando não havia ainda contato diário, apenas casual entre índio e não índio.

A ocorrência dos narradores, como seu Olímpio Nunc-Fôoro e Lauro Paté, também existe nessas comunidades. São como os guardiões da memória, embora não sejam instituídos com oficialidade pelos Xokleng, porém que se destacaram por interesse pelas histórias do seu povo, por serem ótimos ouvintes e ter acesso aos mais idosos, os sábios da tribo. Aprendem e contam para gerações mais novas os seus ensinamentos.

Esses conhecimentos são realmente guardados e segredados para uns da comunidade indígena. O conhecimento das ervas, o jeito de prepará-las, vidas vividas e

desafios enfrentados no passado, tudo é segredo. Poucos sabem. Há uma atmosfera de mistério, desconfiança entre eles, devido ao poder do saber, afirmam Ondina e Ilsa.

As mulheres são capazes o bastante para desempenhar em qualquer função. Cuidam dos filhos da alimentação de todos, e de realizarem serviços antes considerados exclusivamente de homens, por exigirem força. A mulher Xokleng quando necessário adentra na floresta cortando árvores, dirige trator ou caminhão, assume tarefa de todo gênero. Mesmo bastante descaracterizada, a sociedade Xokleng ainda reserva traços de ajuda mútua. A divisão sexual do trabalho existe, mas não pode ser pensada como uma relação fechada de cada sexo, reiterando-se aqui a observação de que tanto mulheres como homens assumem trabalhos em funções específicas de reciprocidade entre os gêneros.

É pertinente lembrar que, ao longo dos capítulos desta dissertação, vem-se afirmando que os índios eram nômades. Continuam “viajando” acompanhados por sua extensa família. É um costume, um hábito, ficarem juntos.

Os censos por comunidades são feitos duas, três e até quatro vezes por ano pela FUNAI. Sempre apresentam dados diferentes do total das populações por aldeia, com exceção do Toldo, onde habita os Guarani.

Antes os Xokleng “viajavam” muito mais indo até para fora⁶⁹. Depois, com a falta maior de recursos, deixaram de visitar o seu antigo território. Realizavam excursões uma vez ao ano por todo território Tiete-Uruguai. Visitavam os parentes ou mudavam-se “por algum tempo”. As fontes orais revelam o fato, de quando eles resolvem abandonar o serviço para o qual foram contratados para voltarem à sua casa, ao convívio junto da família e o fazem espontaneamente. O trabalho com horário a cumprir torna-se demasiado

⁶⁹ Antigo território, antes da ocupação branca compreendia dos campos de Curitiba, Guarapuava até Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, tem parentes, amigos e se correspondem por cartas.

exaustivo. A disciplina para vencer o tempo tira-lhe a liberdade no agir, de dar complementaridade do seu ser. Não conseguem ser o que são, afirmam. Sentem a necessidade de serem “livres”⁷⁰, argumenta Nelli como também Laura.

A mulher Xokleng tem seu reconhecimento por ser importante na vida comunitária. Faz sua roça, cuida dos filhos, alimenta-os e garante a sobrevivência para todos. “Arranja-se”. Volta à mata e busca folhas para preparar a bebida da noite; “folhas de sassafrás” – faz dormir e tira a fome das crianças. Traz raízes e as rala depressa, como também o milho e prepara o fogo, logo o alimento que é escasso, estará pronto.

Na historiografia regional a mulher é vista apenas como integrante do grupo Xokleng. Sempre foi excluída pelos autores catarinenses. O que faz ser discriminada? A consciência de que muitos desconcertos, talvez tenha sua origem na nossa própria sociedade ocidental, que lhe tenha servido como modelo. A disponibilidade para o reconhecimento do eu no outro ainda existe. Os papéis da mulher Xokleng atualmente com a influência da cultura européia, principalmente na parte religiosa, passaram a ser “cobrado”. Assumiram o compromisso de ser a guardiã do lar, não apenas pela tradição e pelo costume, mas também em certos casos da lei. Espera que ela assuma tais papéis sendo estes como recompensa financeira durante o casamento.

Às mulheres não se permitem questionar a submissão explícita do pai, irmão e marido. Agem dentro do esperado, mantêm imagem de recato e prontidão no servir. Agora mais do que nunca o reino da mulher é o lar (Moura, 198, p. 162), as “casadas” cuidando dos filhos, das roças, remendando roupas, confeccionando artesanato, colhendo *imbira*⁷¹,

⁷⁰ Livres para ir e vir, sem censura de outras pessoas que só as percebem, sentem-se vigiadas(os) pela cultura dos brancos.

⁷¹ Madeira que tem casca fibrosa e com ela fazem roupas para festividades e para venda para os regionais.

tratando os animais, pescando, recolhendo frutas da floresta, mesmo que escassas, mas existem as sazonais, retirando junto com os filhos produtos naturais para sua alimentação.

Tanto Silvio Coelho dos Santos como Sálvio Alexandre Müller, detectaram efeitos desintegradores da cultura do branco na cultura indígena Xokleng. Verifica-se uma interação de muitos usos e costumes para o seu realizar. O fazer Xokleng pode-se afirmar que “modernizou-se” na medida do possível. Restam ainda muitos aspectos de seu modo primitivo de fazer e de realizar. Como exemplo disso, cita-se o fato de que fazem a polenta e a comem, se não for a época do milho, mas gostam mais do totolo, diz Candinha.

Ora, o sistema de crenças típico dos povos caçadores – que passam o tempo todo planejando, matando e comendo animais (no passado) não sentiam como nós hoje sentimos, que o animal é uma forma inferior de vida – admitiam e ainda hoje seus descendentes, ser o animal uma forma equivalente à humana, só que sob um aspecto diferente; o animal é reverenciado, respeitando e, não obstante, morto. Segundo o tema mítico básico das culturas caçadoras⁷², a morte do animal é um sacrifício autoconsentido. Como se o animal aceitasse ser morto. Isso pode ser entendido no mito. É com um sentimento de gratidão e de entendimento que o animal morre, como se para nascer no ano seguinte ou noutra época. O que garante isso é sua crença do reviver. Tudo revive, a vida existe para nascer, crescer, reproduzir e morrer.

Existe um mistério da natureza: é matando, só matando que a vida existe, afirmam os caçadores Xokleng:

⁷² Campbell, Joseph. As transformações do mito através do tempo. São Paulo, Editora Cultrix, 1990.

Se não morressem uns animais os outros não tinham comida, e daí ia dar um desequilíbrio da natureza...Mas matando, só matando e não respeitando a vida também é ruim! Livaí Priprá (Comunidade do Bugio).

Nossa interpretação antropológica vem carregada de aspectos simbólicos, o que significa que são predominantemente do domínio da mente. Sabemos que os dados culturais de cada povo, aqui a interpretação do mito Xokleng vêm através das nossas idéias e através das idéias dos outros. Conversas com pessoas mais idosas das comunidades sobre o mito fazem as considerações acima descritas. É maravilhoso esse interagir, ouvir idéias desse povo. Senhor Olímpio Nunc-Fôoro, Alfredo Patté, são exemplos de pessoas que sentem o gosto de falar de sua cultura, colaboram expressando-se no idioma (para dar maior conotação de valor e demonstrando seu saber) e João Criri interpretando para nós, conceitos e valores através das palavras empregadas. Normalmente as palavras, em forma de linguagens (Xokleng e português) que implicam e se compõem em categorias, neste caso mentais. As palavras utilizadas são mais interpretadas do que explicadas, “são diferenças conceptuais e não diferenças de formulação”.

Os símbolos são tomados de poder de representação e de influência. Cada símbolo traz uma marca de seu clã do passado, e este ligado ao mito e as virtudes consagradas pelo exemplo de suas ações. Virtudes estas que deveriam estar à serviço da comunidade, ao papel social dentro do seu grupo.

As experiências sempre foram relatadas para as gerações mais jovens, há uma sincronicidade na comunicação, falar, explicar, relatar... um intrincada redes de sinais, sons, gestos. Foi demonstrado uma seqüência de “lógica”, de sincronicidade em toda história do mito, em toda história do conviver e isto se fez necessário para o subsistir, sobreviver, organizar-se.

A principal função da tradição mitológica e da prática ritualista de nossa espécie tem sido conduzir a mente, os sentimentos e o poder de ação do indivíduo através dos limiares críticos da infância e adolescência para a idade adulta e da velhice para a morte.

É necessário encontrarmos energia para enfrentarmos essas fases de mudanças constantes, que por vezes, até fascinam poetas e artistas, mas é um pesadelo para a mente que procura inventar imagens para reinventar vida e mais vida. O Mito Xokleng comenta as origens do seu povo em tempos arcaicos. Sua essência de ser; pois exatamente por ser a água quem dá vida e a terra quem acolhe essa vida, eles estão aqui antes de qualquer coisa. A água é a matriz da vida da qual tudo nasceu. Questionar seus antecedentes e origem significa não compreendê-la e, na verdade, interpretá-la equivocadamente e subestimá-la; é de fato menosprezá-la, é insultá-la.

O significado é, os Xokleng vieram da água para terra, numa grande aventura de conhecer, a água original na verdade é mãe de todos, todos são seus filhos, por isso ninguém jamais ousou duvidar dela. O imprudente que ousasse questioná-la, desonraria a verdade, é essa a razão de alguns estarem perdidos - desacreditaram na verdade. Mas o caminho foi longo, mais que as palavras talvez, pudessem explicar. Os perigos sempre estão presentes, é preciso ficar unido e espantar o mal, correr do perigo.

Não há evidências no mito Xokleng de imagens masdeísta, dualística - derivada do bem e do mal. Há apenas reconhecimentos que a onça representava perigo para sua sobrevivência – bem como o desejo de conhecer o mundo que os rodeava. Há presença de beleza, fascínio e ausência da idéia de sujeira, fossa pútrida ou além-mundo; o quando houve foi re-inventada, criando a cobra, por Zãgpope Pate.

O propósito da fala é comentar do nascer, surgir, enfrentar seus medos, colecionar presentes, oferecer dádivas ao líder, gestos de dar e de receber.

Houve a idéia de divisão grupal no mito, no momento em que Pazi queimou os ranchos dos seus. Seria a sublimação, ou fusão vital, dos dois sistemas socialmente opostos da psique, ou, para usar a frase de algum sonhador: um casamento entre a coragem e a indecisão. Nessa relação, pode-se observar também que, em praticamente todas as sociedades primitivas até hoje estudadas, pintar o corpo com tinta ou barro equivale a proporcionar proteção mágica, além da beleza. Magia para a força, a decisão, a criatividade.

Outra idéia de divisão foi no momento final do mito, quando Vãjegy se vê sozinho, sem saber para onde foram seus companheiros. Como o vôo da águia que voa tão alto, que ninguém consegue alcançá-la em seu vôo. Um líder que tudo faz pelos seus e que em momentos seu poder de criar é dom porque servem os seus e nesse mesmo momento é motivo de medo ou talvez até inveja, porque ele e só ele, consegue dar início e prosseguimento à criação, ter idéia de invento.

De quais maneiras podemos sentir a relevância do mito para a vida cotidiana? Que soluções podem ser encontradas para seu papel social e seu exercício da consciência? Muitas vezes a mente aprendeu e aprende maneiras de descobrir seu conteúdo pela prática da “fenomenologia” (pensar porque se pensa assim)⁷³, muitas são as técnicas de autoconsciência que os psicólogos começaram a estudar. Pensamos em nós mesmos como uma consciência, bem como um fluxo de experiências (observe-se que precisamos tanto das experiências com o grupo onde vivemos, como nossa autoconsciência), somos uma soma de todos e os outros possuem idem um potencial nosso, em suas ações.

Certamente, uma força que jamais esteve ausente da experiência humana, como é a gravidade, que não apenas influencia continuamente todos os aspectos da vida humana, mas condicionou essencialmente a forma do corpo e de todos seus órgãos. A alternância diária

⁷³ Abordagem introspectiva da filosofia, formulada por Edmund Hussrl (1859-1938), theco.

entre luz e escuridão é outro fator inevitável de experiência, do qual advém, um considerável valor dramático resultante do fato de que à noite o mundo dorme, os perigos espreitam e a mente mergulha no mundo dos sonhos, diferindo em sua lógica do mundo iluminado.

Não há povo que não ostente, no elenco dos seus signos mais expressivos, objetos de linguagem correspondentes ao que, em nosso mundo, chamamos de mito. Célula original do texto criativo. A crença de que o mito – teria existido em estado embrionário aflorou na esfera da ideologia evolucionista que dominou a cena intelectual de um período da humanidade.

É significativas a distinção feita pelos indígenas entre as “histórias verdadeiras” e as “histórias falsas”. Tudo o que é narrado nos mitos concerne diretamente a eles, ao passo que os contos e as fábulas se referem a acontecimentos que, embora tendo ocasionado mudanças no mundo de peculiaridades anatômicas ou fisiológicas de certos animais, não modificaram a condição humana como tal⁷⁴ como trataremos no IV capítulo desse estudo.

Os mitos, efetivamente, narram não apenas a origem do mundo, dos animais, das plantas e do homem, mas também de todos os acontecimentos primordiais em consequência dos quais o homem se converteu no que é hoje – uns seres mortais, sexuados, organizados em sociedade, obrigado a trabalhar para viver, e trabalhando de acordos com as normas, as leis.

Vãjéky deu início ao mundo dos Xokleng, o mundo dos Xokleng existe assim, resiste assim, por uma atitude criadora no “princípio”. Mas, após a cosmogonia e a criação

⁷⁴ Evidentemente, o que é considerado “história verdadeira” em uma tribo pode converter-se em “história falsa” para tribo vizinha. A “demitificação” é um processo já registrado nos estados arcaicos da cultura. O importante é o fato de os “primitivos” sempre sentirem a diferença entre os mitos (“história verdadeira”) e os contos e lendas (“histórias falsas”)

do homem, ocorreram outros eventos, e o homem Xokleng, tal qual é hoje, é o resultado direto daqueles eventos míticos, é constituído por aqueles eventos. Se esse algo não tivesse acontecido, o homem Xokleng não seria submetido, se dividido – teria continuado a existir indefinidamente, como as pedras; ou como as cobras que poderia periodicamente mudar de pele, portanto renovar a vida, isto é, também poderia ficar protegido pela presença da onça e espantar todos os inimigos. Mas o mito da origem conta o que aconteceu *in illo tempore*, e, ao relatar incidente, explica porque o homem é falível e porque deixou de ser unido.

De modo análogo, os Xokleng viviam da pesca, e isso porque, nos tempos míticos, um Ente Sobrenatural ensinou seus ancestrais a apanhar e a cozer os peixes. O mito conta a sua saída das águas e que essa era sua vida, essência de toda vida; explica por que sua tribo deve nutrir-se dessa maneira.

Seria fácil multiplicar os exemplos. Mas os já citados demonstram porque, para o homem arcaico, o mito é uma questão da mais alta importância, ao passo que os contos e as fábulas não o são. O mito lhe ensina as “histórias” primordiais que o constituíram existencialmente, e tudo o que se relaciona com a sua existência e com o seu próprio modo de existir no Cosmo o afeta diretamente.

Precisam de espaço para o seu fazer, acreditam na imensidão lhe fora oferecido de início e ainda hoje, lhes pertence. Para o homem das sociedades arcaicas, o que aconteceu *ab origine* pode ser repetido através do poder dos ritos. Para ele, portanto, o essencial é conhecer o mito. Essencial não somente porque o mito lhe oferece uma explicação do mundo e seu próprio modo de existir no Mundo, mas, sobretudo porque, ao rememorar o mito e reatualizá-lo, ele é capaz de repetir o que seus ancestrais fizeram *ab origine*. Conhecer o mito é aprender o segredo da origem das coisas. Mas fica a interrogativa:

aprendem-se não somente como as coisas vieram à existência, mas também onde encontrá-las e como fazer com que reapareçam quando desaparecem.

A narrativa do mito Xokleng bastante monótona da peregrinação efetuada pelos seus ancestrais míticos. Contam, como num tempo do sonho – Kãnhãhá Nanblá – isto é, nos tempos míticos – era outra “lei”⁷⁵ – eles empreenderam uma longa viagem em terras desconhecidas, detendo-se algumas vezes para observar a natureza, vislumbrar-se com ela, viver junto dela ou para produzir animais que ela não tinha, até finalmente desaparecerem dali. Os mitos ensinam como repetir gestos criadores e, conseqüentemente, como assegurar a multiplicação de tal ou tal animal ou planta..

Vemos, portanto, que a “história” narrada pelo mito constitui um “conhecimento” de organização tribal, podendo ser mágica e transmitindo no curso de uma iniciação, mas também porque esse “conhecimento” ser acompanhado de um poder explicativo, do desejo de pensar coletivamente, de um forte sentimento de união. Com efeito, conhecer a origem de um animal (anta, cobra, onça, gavião), equivale adquirir sobre eles um poder mágico, graças ao qual é possível dominá-los, multiplicá-los ou reproduzi-los à vontade.

Jonas Popó Kanrém assim se expressa em relação ao mito: sabemos que o mito é do passado, do início. O homem tinha muito valor para tudo e dava crédito; é por isso talvez que tudo acontecia...se for possível, quem sabe? Talvez sim.

Jonas Popó Kanrém – Bugio, José Boiteux – SC

Acreditar na possibilidade do incrível é uma forma de dar crédito para acontecer, ser inocente parece ser uma condição para fazer com que ocorra o que ninguém pode aceitar pela razão. Jonas Popó Kanrém relatou em seu diálogo a possibilidade sugestiva

⁷⁵ Referem-se que os homens eram diferentes e por isso, a ordem era outra, havia mais força, otimismo, raiva, tudo era “mais”, comentou Candinha Namblá.

com relação aos índios Xokleng, que saber bem o que o mito explica, é iniciar começando a conhecer seus segredos, e quem bem conhece a origem do homem já é sábio, porque chega, a saber, coisas que parecem impossíveis. Trata-se de uma crença que está alojada no interior do seu ser, pertence a um tipo particular de cultura. Não falam muito, mas sabem do que se trata. Não comentam com outros, estranhos da tribo, porque reconhece o seu desacreditar, comenta Sandra Hübner Farias.

3.2.1 Então, afinal qual seria a função do mito?

Do modo geral pode-se dizer que o mito, tal como é vivido pelas sociedades arcaicas, em primeiro plano constitui a história dos atos dos seus ancestrais; 2) que essa história é considerada absolutamente verdadeira (porque se refere a realidade) e sagrada (por ser obra de pessoas com poder mágico); 3) que o mito se refere sempre a uma criação, contando como algo veio à existência, ou como um padrão de comportamento, de uma instituição, uma maneira de trabalhar foram estabelecidos, por essa razão pela qual os mitos constituem os paradigmas de todos os atos humanos significativos; 4) que, conhecendo, conseqüentemente, a dominá-las e manipulá-las à vontade; não se trata de um conhecimento “exterior”, “abstrato”, mas vivido, seja narrando o mito, no sentido de que se é impregnado pelo poder criador e inovador e rememorado nos tempos atuais.

Viver o mito implica, pois, uma experiência verdadeiramente de crédito, pois ela se distingue da experiência diferente da vida cotidiana. Os eventos de dar vida a criação é um momento mítico, intenso e único e que só se pode vê-lo por outros olhos, o da “imaginação”. Nesse momento deixa-se de viver o mundo de todos os dias e penetra-se num mundo transfigurado, auroral? Impregnado de outras presenças. Não se trata de uma

comemoração dos eventos míticos mas de sua reiteração. Muitos são os indivíduos que evocam a presença de seus antepassados do mito, pelos sinais que possuem (as marcas da onça) e se tornam contemporâneo deles. Isso implica igualmente que ele deixa de viver no tempo cronológico, passando a viver no tempo primordial, no tempo em que o evento teve lugar pela primeira vez.

O senhor Clorindo Caxias da Comunidade Figueira, pertencente ao município de Vitor Meirelles/ SC, assim se expressa: É diferente falar do que sentir, é diferente dizer o que é. As palavras fazem que o encanto de sentir fica menos, sempre menos. É bom, não falar.

Em suma, o mito revela que o mundo, o homem e a vida têm uma origem e uma história sobrenatural, e que essa história é significativa, preciosa e exemplar.

Nada melhor para concluir este estudo do que citando as passagens clássicas em que Bronislav Malinowski tentou demonstrar a natureza e a função do mito nas sociedades primitivas:

“O mito, quando estudado ao vivo, não é uma explicação destinada a satisfazer uma curiosidade científica, mas uma narrativa que faz reviver uma realidade primeva, que satisfaz a profundas necessidades religiosas, aspirações morais, a pressões e a imperativos de ordem social, e mesmo a exigências práticas. Nas civilizações primitivas, o mito desempenha uma função indispensável: ele exprime, enaltece e codifica a crença; salvaguarda e impõe os princípios morais; garante a eficácia do ritual e oferece regras práticas para orientação do homem. O mito, portanto, é um ingrediente vital da civilização humana; longe de ser uma fabulação vã, ele é ao contrário uma realidade viva à qual se recorre incessantemente; não é absolutamente uma teoria abstrata ou uma fantasia artística, mas uma verdadeira codificação da”. religião primitiva e da sabedoria prática(...). Essas histórias constituem para os nativos a expressão de uma realidade primeva, maior e mais relevante, pela qual são determinados a vida imediata, as atividades e os destinos da

humanidade. O conhecimento dessa realidade revela ao homem o sentido dos atos rituais e morais, indicando-lhes o modo como deve executá-los” (B.MALINOWSKY, 1955: 101-108).⁷⁶.

3.2.2 Mito, medida de sensibilidade e natureza

A presença do passado faz-se presente só em natureza e no mítico, religião que propriamente não era, visto que tudo, na natureza, nos parece intrinsecamente ligado. Natureza é um lugar da ligação, que não “carece” de “religação”, afirma Edu Priprá. Daí que, na seqüência, em vez de religião, se encontrem o “mito” e “sensibilidade”. Sensibilidade que a inteligibilidade deixa intacta.

“O mítico é medida da sensibilidade”⁷⁷ sendo assim que mantêm presente à presença do passado a visão de que a natureza é uma sensibilidade inexaurível, pode converter-se na mesma idéia de: “o mito é medida de natureza” - entenda-se: da natureza em que a presença do presente ainda não abandonou ou ainda não se insensibilizou com o “natural”.

Sensibilidade, natureza e mito são de sentido muito apreensível, ou só perceptível, porque esse depende do sentido de “medida”, do sentido que se oculta sob a significação, é utilizarmos o recurso da metáfora para dizer a intensidade, estamos já avaliando quantitativamente.

Estar natural é estar aberto aos elementos da natureza e a eles conceber uma “força” (significado) profunda. É desvelar seus feitos, sua morosidade, suas cores, seu encanto e sua utilidade... É ver em cada elemento seu significado, seu porque de estar ali,

⁷⁶ B. Malinowsky, *Myth in Primitive Psychology* (1926); reproduzido em 1955 no volume *Magic, Science and Religion*, nas páginas 101 a 108.

⁷⁷ Eudoro de Sousa, em sua obra *História e Mito*, página 61.

sua adaptação em permanecer ou não ali. É um “desvelamento”, não sabemos se será o último, qual será o último, as descobertas existem desde que queiramos “vê-las”.

Maravilhar-se com que se vê é valorizar a beleza daquilo que vemos. Efetivamente, a co-naturalidade do sensível, do natural e do mítico situa-os no mesmo plano quanto à negatividade de sua determinação pelo “inesgotável”. Não houve no mito Xokleng espanto e surpresa, apenas encantamento, onde se verifica que na, inteligibilidade, o mito passa aparentemente até supérfluo. O próprio mítico é raio em que se descarrega a tensão entre os dois pólos, que são natureza do homem e sensibilidade do homem e sensibilidade do mundo, natureza e sensibilidade que são de mundo e homem presentes à presença do passado, de outro homem e de outro mundo, que não são homem e mundo presentes à presença do presente.

A inteligência desmente o próprio étimo, quando se mostra incapaz de *ler* o que, dentro do mítico, inscreveram a natureza e a sensibilidade; lê só o que está inscrito do lado de fora, e deste lado só está o epitáfio do mito, que é a sua exegese alegórica.

Temos duas valorizações da memória: a que se refere aos eventos e primordiais (genealogia) e a segunda a memória das existências históricas e pessoais. Os primeiros têm acesso ao conhecimento das origens de suas subclãs, pelos eventos da pintura da onça – de certa maneira os constituíram: eles são o que são porque esses eventos se verificaram. É supérfluo mostrar como essa atitude lembra a do homem das sociedades arcaicas, que se reconhece constituído por uma série de eventos primordiais, devidamente relatada nos mitos.

Ao contrário, aqueles que conseguem recordar-se de suas existências anteriores preocupam-se em primeiro lugar em descobrir sua própria “história”, dispersa através de

inumeráveis “encarnações” ⁷⁸. Eles sem perceberem se esforçam por unificar esses fragmentos isolados, por integrá-los numa única trama, a fim de descobrir o sentido de seu destino, razão de tanta opressão, tanto choro e desprezo ⁷⁹. Pois a unificação, através da releitura de suas vidas, de fragmentos de história sem qualquer relação entre si, resulta igualmente em “unir o começo ao fim”; em outros termos, é preciso descobrir como a primeira existência terrena desencadeou o processo da transmigração. Seria um exercício de “voltar atrás” e de rememorar o tempo de liberdade, nas matas subtropicais, no litoral, no planalto, em outras vidas e em melhores condições.

Sei que esperar, em algum dia e em lugar alcançar.
Que o Grande Pai fale conosco sempre com a luz do seu semblante,
por meio das vozes da natureza ou que envie
seu mensageiro,
seja Ele se revele da maneira que se envolver
homem, animal, vegetal ou até pedra.
Tudo é feito pelo grande Criador e por Ele estamos aqui,
Para louvá-lo, reverenciá-lo para sempre.
Segurar nossa crença que Ele age hoje e sempre até quando estivermos
Dormindo ou acordados... (Poema de Maria Kulá Patê – Comunidade Palmeirinha –
José Boiteux – SC).
Em todas as vozes há sinais de esperança, vontade de aventurar-se e ter

intimidade de falar, de estar em sintonia com o Criador, a luz que aquece, que cria e não
estratifica seres ou raças.

⁷⁸ Embora alguns neguem a idéia de reencarnação, admitem qualidade em seus filhos igual de seu antepassado, devido ter o mesmo nome ou mesma data de aniversário de nascimento ou de morte.

⁷⁹ Comentário de muitas pessoas com quem conversamos nas cinco comunidades.



Figura 11 - A onça gavião – Ser inacreditavelmente diferente do que existe hoje. Só no imaginário do mito que pode existir.

3.3 O mito da transformação do homem

A onça gavião raptou Kujánhkág

Todo esse resgate de histórias foram realizadas dentro da área indígena de Ibirama por Namblá Gakran e o autor que transmitiu em detalhes esse mito foi seu avô Kãnhãhá Nãnbla. Todo o transmitir ocorreu oralmente no idioma Xokleng, já que o retentor do mito tinha aproximadamente 92 anos e não falava o português.

O mito tem essa transformação do homem poderíamos dizer que é uma história conhecida pelos Xokleng em tempos imemoráveis, antes do contato com os brancos e comenta idéia de reencarnação. O mito da transformação do homem descrito em detalhes de quando a onça gavião raptou Kujánhkág está em anexo. Os comentários aqui descrito sobre a interpretação do mito, está conectado as vozes dos remanescentes Xokleng, dando

voz ao seu entendimento e também me apropriando de estudos realizado por Schultes, 1986; Rivier e Lindgren, 1972, Siegel, 1977, Luna, 1985; Ramirez de Jará e Pinzón, 1992 e outros.

Transcrição da história do mito em anexo, página 223.

Comentário mito da reencarnação.

Tudo se transforma. A vida e a morte são parte dessa transformação. As lógicas prático-teóricas, que regem a vida e o pensamento das sociedades chamadas primitivas, são movidas pela exigência de divisões diferenciais. Esta exigência, já manifestada nos mitos fundadores das instituições totêmicas (Lévi-Strauss 6, pp.27-28 e 36-37), aparece marcados com o selo da permanência e da descontinuidade.

O que importa assinalar é a expressão e a crença na vinda do personagem em retorno a vida, são expressões, códigos a exprimir, em seu próprio sistema, uma mensagem superior de reencarnação. Haveria a necessidade de cumprir o pedido, ou seja as *regras de obediência para dar discernimento e fechar o círculo que faz a vida retornar ao ponto onde ficou pendente*, afirma Aiú.

Segunda Basílio Priprá, um indígena e por duas vezes cacique do Bugio; era essa crença no retorno da vida da pessoa que poderia ser no mesmo tipo que era ou em outras formas, era crença já antiga do tempo que viviam perambulando pelas florestas.

Essas outras formas é explicado por Basílio:

Quando se morre se deixa tudo para trás. Essa partida pode ser de diversas formas, então conforme o desejo da pessoa que parte; podia acontecer muitas coisas, que os antigos falavam. Assim foi que conversavam os irmãos e amigos Kujánhkág e Nānbág

O predador é o um tipo de mal e nesse mito representado como onça gavião. Vem e afasta as pessoas umas das outras para se alimentar. Lá no céu onde eles moram existem mais gaviões, mas quem desce e busca as pessoas é a onça gavião.. O princípio lógico desse

mito é o poder de transformar, de conceber uma situação caótica porém a existência de uma estratégia que fugiria a uma realidade de derrota.

O sistema de dominação dos onças gaviões, estruturado para nunca serem punidos, porque pensam que ser humano nenhum chegaria até eles, os deixavam assim sem preocupação de defesa.

O Nãnbág ficou com tamanha dor que seu espírito estava sem paz, inquieto e ele foi ficando com desejo de cumprir o que estava prometido fazer. Quando o espírito fica inquieto, comenta os indígenas; daí muita coisa pode acontecer. E aconteceu que Nãnbág foi imaginando como entrar lá na porta do céu.

Fez asas com penas de gavião que encontrava e rabo para dar equilíbrio no vôo, houve treinos. A persistência e coragem são assinaladas como sinais dos que querem vencer. A imaginação é o caminho dos que trilham a vontade de fazer acontecer, para que haja o extraordinário, que se faça a transformação. Assim, a moral do mito inicia sua primeira lição: seu educar o espírito.

Nãnbág entrou no céu. Ele percebeu os gaviões e sua organização, pois cada um tinha seu lugar próprio, então cada um tinha sua identidade e uma função. Segunda lição: para estarmos em um estágio superior é necessário ter tudo bem refletido e estruturado, afirma Basílio e confirma Nicácio Mariano⁸⁰.

Noutro momento aconteceu que os gaviões não tiveram vontade de pegá-lo, não o sentiam como intruso ou invasor, pois sentiam que ele já fazia parte do “espírito deles” – Quando se faz o que Nãnbág realizou, isso o faz diferente e muito superior e por isso

⁸⁰ Filho de mãe Xokleng Verônica Vaicá Kuzung e pai branco de origem alemã desconhecido sabe apenas o sobrenome Mann.

talvez por vaidade que os gaviões já pensassem que ele já havia incorporado espírito deles, comenta os indígenas como interpretação contemporânea.

A pergunta ficou assim na interrogativa o que seus pais ou avós comentariam desse fato, foi a tarefa que levaram para casa.

Veio a resposta e ficou assim interpretada pelos mais velhos: os gaviões eram espertos e só queriam ver o que Nānbág iria fazer mais, porque eles o observam. Já haviam comido seu irmão e poderia comer ele também, já que estava no seu mundo e eles desconheciam o objetivo de Nānbág, de pegar os ossos do irmão.

A fúria de Nānbág e de mudar os gaviões segundo sua vontade quando batia neles, dando origem a outros animais, como: gavião pequeno, coruja, águia, urubu é feito nesse momento um homem acima dos homens mortais, por ter poderes. Lá no céu a vontade é obedecida, lá existe a ordem e a obediência.

Depois, inicia o seu peregrinar para cumprir as normas para encontrar os ossos do irmão. Os obstáculos se apresentam numa forma inédita, pois fala com espíritos e estes lhe atribuem tarefa e pedem para serem mortas. A velha que recolhe nó de pinhas para fazer fogo e a moça que busca água para fazer sopa com pinhão socado. As duas lhe atribuem tarefa para cumprir, porém ele só cumpre a segunda tarefa. A primeira tarefa, ele deixa de executar e por isso sua visão fica turva na procura do lugar ideal para finalizar a tarefa de deixar os ossos para a restituição do corpo de seu irmão Kujánhkág, e o deixa em outro ponto, fica desprotegido da solidão. Isso é estranho, mas a solidão seria necessária, para a restauração de seu corpo e também para muitos momentos de nossas vidas, acrescenta Basílio; isso ajuda a gente pensar melhor.

A morte dos espíritos falante das mulheres, segundo os indígenas seria uma forma de ficar em paz e ter seus pecados perdoados, mas acrescentam enfáticos: isso era crença antiga dos homens do mato, nossos antepassados.

Depois de tanto trabalho e preparo a infelicidade foi deixar os ossos no caminho de seus parentes – Kaingang – que era passagem para apanhar o pinhão e goro. O cesto de ossos foi encontrado e a restauração ficou comprometida, pois havia sido descoberta antes de completar o ciclo da vida a que estava determinado. O novo estado de Kujánhkág não correspondia sua expectativa importante, de estar em aspecto de homem adulto. Foi grande sua frustração e a tristeza o fez morrer assim. Outra lição é quando nós pensamos em querer algo para nossa vida e não consegue, se deixarmos a tristeza entrar no coração a gente morre, suas falas ecoam no meu coração como sinais dos porquês da depressão do mundo contemporâneo, com tão elevado número de suicídio.

De acordo com os antigos a morte não existia, pois sempre eles voltavam⁸¹ quando havia o desejo e as promessas sendo cumpridas na íntegra. Houve o descuido e assim começou a morte e o retorno já não mais existia.

Significativamente, a maior mensagem desse mito assinala a crença na reencarnação no passado pelos Xokleng. Uma riqueza espiritual, eles sabiam que a tristeza com a morte era apenas passageira, haveria um novo ressurgir, assim haveria instruções para os parentes, amigos para fazerem o ressurgir o milagre da vida.

Outro momento importante que o mito imprimi a existência da desobediência e assim surge à morte definitiva, o retorno para esse mundo fica impossível, lembranças perdidas, promessas não cumpridas e a insuportável tristeza é o que carregam quando os atos são feitos errados.

⁸¹ Esses voltavam tem o significado de reencarnação.

As cantigas para ressurgir a vida ficaram no passado, as tarefas individuais não são ouvidas, os caminhos para o céu se perdeu com o tempo falam os indígenas mais antigos.

O guardião do segredo da vida e de ver o tempo através dos pássaros, da água, da terra e árvores com suas flores, frutos, suas folhas e cores, da etnia La kla no não está mais lendo e nem sabem como se fazia, comentam os mais velhos. O segredo ficou guardado.

Hoje com a Barragem Norte as comunidade (antes chamadas aldeia) de uma ficou seis e estão espalhadas dentro da área delimitada indígena de Ibirama. Com esse fracionamento da população e mistura com outras etnias, muitos dos costumes e da cultura tradicional acabou se perdendo, comenta Aiú Patté.

Comenta Nanblá Gakran: agora as coisas fluíam como se os kupli, pela sua religião fizessem o milagre da vida acontecer, as promessas vindo para dar continuidade do **aprimoramento espiritual**, já iniciado e há as promessas e a vontade de cumprir tudo, essa é a marca de suas vidas, para entrarem no céu e também conseguirem obter a vida eterna.

Nova passagem ou a mesma que os antepassados comentavam? Não mais animais ferozes, mas figuras demoníacas habitam seu pensamento. Antes o que a natureza lhes colocava como obstáculos e hoje como os espíritos invejosos se rompem a impedir seu agir para a sua felicidade. A lei do passado era a idéia de reencarnar, era um poder de quem tinha conhecimento e força de vontade. Antes a reencarnação e agora a ressurreição, afirmam muitos indígenas convertidos.

Um povo de Deus que vive em território que já fora dominado pela lei dos não da vida verdadeira, afirmam atualmente. Pode-se supor que o diabo tenha ficado furioso quando percebeu que esse povo está cumprindo aqui as antigas promessas feitas, que chegariam aos céus em nome de Jesus abençoado, de que Ele teria para si as partes mais remotas do mundo. Esse comentário é muito ouvido entre o povo Xokleng de Ibirama,

como um cumprimento de profecia que estão realizando. Todo joelho se dobrará e em todas as línguas se professará que Jesus Cristo é o Senhor; esse é sem dúvida as palavras que animam os suas conversão para Igreja Evangélica Assembléia de Deus, Deus é Amor e Igreja Universal(fora da área Indígena).



Figura 12 - O beija-flor por excelência majestoso e afável.

3. 4 O MITO DO BEIJA-FLOR

Beija-flor que escondeu a água

A flor enfeita e perfuma,
o beija-flor a vê como fonte de alimentação
eu a vejo como fonte de inspiração
e ao beija-flor como seu enamorado...

Vivian Lemos Patté

Um outro exemplo da resistência da cultura, respeito às tradições e aos ensinamentos dos mais velhos acontece entre os La K'la no, que vivem aqui no Estado de Santa Catarina. A cultura é marcada pelo ritmo do ressurgir, revalorização de suas histórias, dos seus mitos. Os adornos com penas em suas orelhas, no pescoço, nos pulsos marca a preparação para o namoro. Recontar as suas histórias a beleza da vida na mata, é o marco de voltar a ler o seu tempo; assim comenta o mito que no passado as abelhas moravam nas pedras. Só nas grutas das pedras é que as abelhas moravam. Por isso era difícil alguém tirar seu mel para se alimentar. Ninguém nunca conseguiu tirar. Até que um dia, os passarinhos acharam a abelheira na gruta das pedras. E todas as qualidades de passarinhos vieram pra tentar furar, mas nunca conseguiram.

Comentário mito do beija-flor

Fiquei dias pensando de como fazer a interpretação desse mito. Conversei perguntando sobre o mito para Adelina Patté, Íris Gakhran, João Criri e outros familiares presentes numa quarta-feira de verão de janeiro 2003 sobre o significado do procedimento do beija-flor. Ficaram inicialmente em silêncio como buscando sabedoria dos seus antepassados, um rememorar do que ouviram dizer e acrescidos com que conseguem dar entendimento ou imaginam entender pelas vozes do seu inconsciente. Aceitando minhas limitações e despindo-me de preconceitos ouço e aprendo com meus alunos e colegas, como aprendente, uma espectadora atenta.

Todas as qualidades dos animais são uma metáfora de suas qualidades indígena. Os antepassados explicavam seus valores e ensinamentos através dos mitos, suas histórias eram ensinadas para as crianças, elas ficavam curiosas e observavam os animais e seus

comportamentos e estas ficavam muito tempo refletindo sobre as palavras e ações dos personagens da história de seu mito. O desafio e os talentos⁸² eram incorporados no seu fazer como lições de vida, afirmaram. Os passarinhos cada um por sua vez tentaram isoladamente resolver o problema de como tirar o mel entre as pedras. Comunicaram-se e resolveram trem ações conjuntas, como forma de sustentação para perseverança ante as impossibilidades de empreendimento isolado para resolver a problemática *de como retirar o mel entre as pedras*. Hoje juntos o povo luta pela sobrevivência, pelo emprego, pela moradia e qualidade de vida; num pensamento de “obter” para... hoje são novos desafios e outras maneiras de agir, prioriza Adelina. A lição dos diferentes modos de agir lhes transmite lições; assim como os passarinhos fizeram uma mudança de valores e de estratégias eles também executam “arranjos” para conseguirem seu “mel”. A observação, a reflexão são procedimentos que fica assinalado como procedimento central antes da ação. Jung afirmava que através do mito podemos compreender nosso entendimento de mundo, pelas imagens simbólicas ali inseridas.

O egoísmo e o desejo de poder são sentimentos aflorados nesse mito, outra lição primitiva e fundamental da essência humana. Encontrando o mel não queriam mais dividi-lo entre si, excluindo o Légdjyl. Mas Légdjyl repensou e seu agir foi de esconder a água como estratégia para deixar os “egoístas” numa situação difícil para arrependimento de ter procedido mal com seu companheiro. Sentimento de vitória do beija-flor de vê-los sofrer, havia alcançado seu objetivo de fazê-los sofrer. Comentam entre si que um crime grave para o código moral dos Xokleng é esse de excluir companheiro, uma forma de traição afirmam. Por isso é justo que o sofrimento purifique seu agir para valorizar o outro como eles gostariam de ser valorizado.

⁸² Talentos entendidos como dons na explicação dos indígenas.

Há um movimento crescente, uma dinâmica de ações voltadas para resolver a problemática do alimentar-se bem e o mel sem dúvida é um alimento por excelência para um viver com qualidade, essa é outra lição diz Íris apressadamente, contribuindo antes que outro assim o fizesse. Novos amigos aparecem e novas ações são executadas. Novas pessoas entram em suas casas, em sua comunidade e cada um que chega quer e auxilia de certa maneira a comunidade no seu cotidiano de escassez econômica e exclusão social diante dos regionais próximos e de outras pessoas preconceituosas existentes em contatos com seu povo, explica João.

O festejar está presente no agir e viver dos Xokleng como marca de alegria ser sua marca de resistência para sobreviver com qualidade; diante de tanta tristeza diante do abandono, do preconceito e das promessas feitas e não cumpridas por ordem moral apenas por ordem judicial em longo o demorado tempo.

Enfim no final há presságio de união entre os diferentes, os companheiros ficam juntos para celebrar a vitória de todos. A competição existiu por estarem em diferentes níveis de entendimento. O egoísmo e o desejo de poder assinalado como atraso espiritual e que depois dos atos e diante do resultado obtido ficaram amigos.

As lições desse mito são interpretadas como o mais puro do agir, aprender, refletir, agir e unir-se sempre que assim for necessário. Os animais assim procederam para ensinar os homens a serem melhores; pois o egoísmo, o rancor e a vingança não são produtivos para ninguém. Valores ensinados com sabedoria e os mitos se encarregavam primitivamente desse executar com arte e beleza que seus reflexos ainda se faz presentes em pleno século XXI e no auge capitalismo exploratório, decadente e desumanizante da nossa era. Campbell em sua leitura sobre o mito afirma que este sempre fará sentido por ensinar a razão humana como fazer para viver melhor.

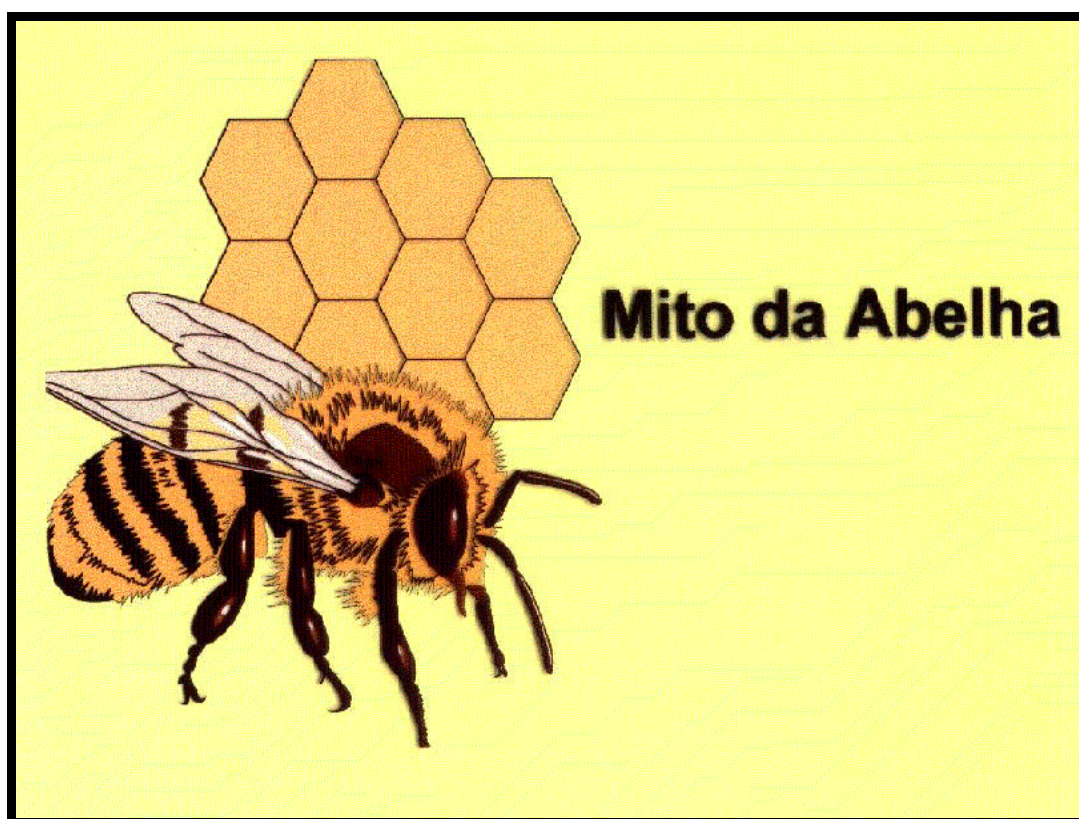


Figura 13 - A abelha chamada em Xokleng de Agpénh.

3.5 Mito da Abelha - Agpénh.

Esse mito é contado para as crianças em muitas ocasiões, para reconhecerem a importância da obediência e da valorização de todos os seres da natureza. Eles comentam e ficam refletindo. Entendem por fim, como aconteceu seus pais lhes ouvirem e este porque os adultos ouvem as crianças e lhes têm atendido constantemente.

Comentário mito da abelha

Os mitemas são colocados como:

- 1- Adoção da filha
- 2- Sabedoria dos mais jovens
- 3- Ignorar os jovens pelos mais velhos
- 4- Morte da filha da abelha
- 5- Transformação de Klendo e seu agir
- 6- As abelhas e suas moradas

Adotar crianças e ter cuidado com elas, são práticas muito comuns entre os Xokleng, Kaingang das TI de Ibirama. São crianças de sua etnia como de outras. As avós adotarem netos é uma marca de procedimento social culturalmente valorizada e enraizada em seu agir.

Minha mãe tomou minha filha Aiú, por lembrar de sua mãe. Eu quando mais velha também quero ter um filho ou filha de minhas filhas. A gente fica com mais saúde de viver e sabe que está ajudando a filha também. Maria Patté (Comunidade Bugio – José Boiteux – SC)

As crianças falam, choram e são por vezes são pouco ouvidas, segundo as mães indígenas. Elas precisam cuidar para sempre estarem atentas aos filhos pequenos. Os cuidados por elas em sua maioria é de cuidado psicológico muito carinhoso, afetuoso nos primeiros anos de vida. Quando atingem a puberdade são mais independentes e por isso segundo elas requerem menos atenção, por já ter conseguido espaço na comunidade em si; mas quando preciso elas cuidam dos(as) filhos(as) mesmo depois de casados para encaminhá-los bem em seus relacionamentos.

A morte vista de modo amedrontador podendo ser uma estrada para perder o “juízo”, afirmam. A dor da perda de um filho(a) é maior que qualquer outra perda segundo

as mães que choram a morte de filho(a). A saudade é vista como dor que só em solo sagrado pode ser curado.

Solo sagrado é quando o sentimento fica maduro para poder perceber o que de bom existe pelo Criador. Tudo pode ser enaltecido e louvado basta subir na elevação do entendimento e passar pela dor, deixando-a onde sente de poder deixá-la ficar; afirma Alexandrina Patté.

A magia de proferir palavras e de transformar a aparência são apresentados diversas vezes e em diferentes mitos, como: da geração do homem, da transformação do homem (reencarnação), do beija-flor e esse da abelha.

...E o verbo se fez carne... (Gênese, cap 1)

Os Xokleng como os Kaingang acreditam no poder das palavras proferidas. *Antes dos homens poderem falar eles gesticulavam, não tinham poder e o Criador deu o dom de falar e maior dom que foi dado e por isso as palavras devem ser pensadas por serem poderosas*; afirma Edi Patté⁸³.

⁸³ Edi Patté pastor evangélico muito ou o mais respeitado entre os Xokleng.



Figura 14 - Tiago Vaipão Patté e Josué Cunzung Priprá - Na dança e na imitação dos mais velhos em seus rituais marcam o rememorar. A festa é um momento de relembrar e reviver suas tradições e costumes. (04/09/1999).

CAPÍTULO IV

Rituais

No Vale Norte onde a floresta é mais densa, os rios correm em zigue-zague, foi o lugar escolhido pelos Xokleng de se protegerem dos invasores brancos e dos Kaingang, que haviam demarcado o planalto catarinense como seu território, mesmo que fosse apenas de passagem.

Os Xokleng apresentavam agressivos e nada amistosos, muito seguros em se defender dos invasores, celebravam suas vitórias em narrativas, onde seus atos eram relembrados como destemidos porque sabiam que eram povo Lakrano – povo do sol – povo que conhece todos os cantos, sabiam se defender e se esconder.

Contavam histórias como a geração do homem e dos homens saídos da montanha, do beija-flor, da abelha, da desobediência e várias histórias de animais de sua fauna como: do bugio, do veado, da irara, do morcego, dos peixes, da paca, do cachorro do mato, da capivara, da cutia, do tamanduá, do macaco, do quati, da onça, do veado, do ouriço, da borboleta, da anta e do tatu, etc. e também história do milho e do pinhão, da chuva e do arco-íris. Em cada narrativa de animais, dos vegetais e dos fenômenos naturais, seu encanto diante do mundo que se apresenta muito nitidamente.

A tribo transmitia essas narrativas de uma geração para outra e dramatizavam-nas em ritos.

As cerimônias Xokleng estão intimamente conectadas com a idade e conforme o entendimento que possuíam. Nesse olhar panorâmico, consigo distinguir numa visão mais generalizada dois tipos de cerimônias de acordo com os eventos, como: nascimento, puberdade e morte; Gregory Urban os classificou como Contingentes, por estarem segundo

o autor, ligado as conjunturas cíclicas de vida. E o segundo tipo de cerimonial estão ligados a base cíclica da natureza, por exemplo a chegada do verão ou primavera há uma festa era organizada, mas nunca tinha data pré-determinada.

Hoje pesquisando e mantendo conversas informais nas comunidades, percebo em suas narrativas, comentários da existência de rituais de passagem, do tempo em que viviam no mato. Todos os Xokleng meninos adolescentes recebiam Botoques de lábio, que chamam de tembetá; durante uma grande festa conhecida como ANGRAON⁸⁴, e que ocorria geralmente, na época da colheita do pinhão, comenta Antonio Caxias (Comunidade Figueira).

É que quando o menino começava a ficar mocinho era já marcado, isso contava o meu avô. Nada tinha haver com dia de nascimento, não. Era visto como ele se desenvolvia e daí já se fazia pra ele ficar para o lado dos adultos, isso era feito depois de buscar o pinhão, lá na serra. Outras vezes não.

Percebe-se que não tinha nada a ver com a época em que qualquer criança em particular tinha nascido. A marcação era regular e previsível, mapeando o padrão de amadurecimento, conforme o julgamento de seus parentes mais próximos. Essa prática deixou de ser realizado depois do contato com os brancos, reforça com tom de voz firme e comprometido em repassar tal informação para mim, é informação que só os homens comentam sobre esse ritual, percebi.

Gregory URBAN, comenta em sua obra: A model of shockeng social reality a que:

I claim that this meaning is not “symbolic” or referential, as in that part of language of which we are most conscious(Silverstein 1976). At least it is not so by itself. Ritual behavior, apart from language, can signal only indexically or iconocally. It “points to” something by virtue of a rule of spatio-temporal continuity, or by virtue of physical

⁸⁴ Angraon – passagem, mudança do estado de ser.

*resemblance. Ritual behavior can assume socially standardized referencial meaning only in conjunction with native exegesis, and so only in conjunction with native exegesis, and so only conjunction with language”.*⁸⁵

Todos cerimoniais tem seu significado, não creio que por não entendê-los que possamos negar que contenha significado ou que deixam de ter algum elemento que lhe dê razão de sua existência.

A verbalização das razões do(s) porquê(s) de um ritual, de uma cerimônia nos remete ao entendimento de seus significados, segundo Nanblá Gakran, ele assim explica:

Meu avô dizia assim: era tudo para mostrar o quanto é importante a responsabilidade de uma família. O moço quando furava o lábio e colocava o tembetá, daí podia caçar, ir no fazer dos adultos com responsabilidade, se conseguisse “trabalhar” para sustentar uma família; isso é sustentá-la, então ele podia casar, ter esposas. Tudo ligado a sua capacidade de compromisso e poder de sustentar sua esposa(s) e filhos.

Os rituais fazem que as explicativas de vidas se representem por gestos, o corpo expressa o que mil palavras deixam de dizer, seja qual for, a cerimônia comunica seu significado como uma regra de continuidade espaço-temporal. Ela é marcada pela importância histórica e valoração de seus elementos constituintes que atribuem.

Aiú Patté comenta uma prática antiga que acontecia antes da evangelização dos indígenas, recorda apenas porque perguntamos. Ficou calada e rememorou fatos adormecidos em sua memória e comentou:

Minha mãe contou que quando era dia de dor de parto, havia uma preocupação dos amigos e parentes. Porque uma criança ia nascer. Se o pai estava no mato, longe vinha o pai dele para ajudar. A criança nascia e era feito o jeito da criança ficar bem. Levavam o resto que saía da mulher e enterrava no mato⁸⁶. Diziam que isso era dar saúde para criança, para mãe.

⁸⁵ URBAN, Gregory. *A model of Schockleng social reality*. The University of Chicago, Illinois, 1978, Cap. V, p.218

⁸⁶ Resto da criança compreende-se a placenta e cordão umbilical.

Interroguei-a através de seu neto João Criri, ele comentava em Xokleng e ela respondia no idioma e depois o João comentava sua resposta; se havia alguma cantiga ou reza quando faziam o enterro dos restos da criança no mato, onde enterravam? Ela respondeu: Sei que havia mais pessoas junto, às vezes três ou quatro pessoas que iam junto levar as coisas, mais de cantar ninguém contou, penso que eles deviam invocar espírito da natureza para proteger a mãe e a criança; isso sei que eles faziam tinham medo de doença.

Os Xokleng sempre gostaram e ainda hoje demonstram prazer em estarem juntos, de preparar os alimentos em grande grupo para alimentarem-se, nesse momento conversam, riem e organizam sua vida na comunidade. Eles mesmos comentam que essa prática no passado era muito mais comum. Tudo era motivo para estarem juntos, principalmente no momento de nascimento, na colocação do tembetá (início da puberdade nos meninos) e quando falecia alguém. Muito que havia ficou esquecido pois, perguntando sobre o que significa “Kangrai um Katèrè” (A irara cai) que Gregory Urban escreveu em seu trabalho em 1978, as pessoas mais idosas com que conversei nas aldeias, nada sabiam dessa palavras em rituais e nem seu significado.

Quando era colocado o tembetá⁸⁷ nos jovens meninos, havia uma preparação alimentar, comentou como José Ndilli. O menino deixava de ingerir sal por semanas e assim quando era perfurado seu lábio não sentia dor, acrescenta: *é isso que meus avós e pessoas mais velhas nos diziam. Dava certo isso. Conheço um idoso chamado Vãnhkulõ que tem o sinal do tembetá, ele também disse a mesma coisa e agora, quando ele fala a salina sai por essa cicatriz do tembetá, ele contou isso para nós.*

⁸⁷ Tembetá – pedaço de madeira elaborado para perfurar o lábio inferior, como ornamento e sinal que havia se tornado membro adulto na comunidade. Sinal que poderia ter mulher.

Outro sinal do passado era a amarra que se tinha nos tornozelos e no braço direito. Com timbira amarravam os tornozelos bem fortes, assim poderiam correr e isso fortificava as pernas na caminhada. Essa prática de amarra era executada também na puberdade e independente de sexo, comenta Nanblá Gakran, Havia um momento na aldeia que esse trabalho de fazer a imbira e de amarrar os tornozelos e braço. O que significa efetivamente, indaguei.

O jovem depois de ter imbira amarrado ajuda os pais no trabalho mais pesado e pode carregar os irmãos quando eles trocavam de residência e também estavam aptos a correr e assim ter mais resistência.

Nanblá Gakran

Para muitas perguntas não há respostas, talvez isto esteja relacionado com a “ grande transformação” pela qual o grupo étnico Xokleng passou. Os Kaingang tinham cerimônias diferentes, afirma Olimpio Nunc-Fôoro, seu pai comentava que no tempo de seus avós quando eles atingiam a puberdade “ ficavam mocinhos” eles tinham os dentes incisivos apontados. Eles ficavam assim de aparência de assumir mais coragem, afirmou pelas histórias que ouviu seu povo falar. Perguntei se ele também apontou os dentes e a resposta foi a seguinte: já sou filho de índia Xokleng com pai Kaingang e nesse meu tempo, tudo estava mudando, nem festa acho que não podiam fazer, o Sr. Eduardo só queria ensinar o nosso povo a trabalhar...Fiquei já sem dente apontado do povo do meu pai e sem imbira para ficar mais forte, do povo da minha mãe, tudo mudou.



Figura 15 - Índio do tempo das matas, nos primeiros anos da Pacificação 1914, com a marca do ritual de iniciação, o uso do tembetá. Foto de J. Rulhand. Acervo AHJHS.

Quando o menino recebia o tembetá e as cordas de imbirá nos tornozelos e no braço direito, ele estava apto a caçar sua própria caça. Mas havia uma regra, isso no tempo do mato, afirma Aiú: ele nas primeiras vezes que trazia a caça deveria deixá-la na casa do pai chefe, uma espécie de “pai espiritual”, com ajuda do João Criri; assim interpretei. O “pai espiritual” então convidava os parentes do jovem e era preparados a caça e todos comiam e isso era motivo de festa, como também podia ser motivo de decepção, se a caça fosse escassa e não poderia alimentar todos que ali estavam. A caça tinha sua época de ser realizada, havia respeito pelo ciclo da vida. Tempo de ter filhotes ninguém caçava aquela espécie e assim nunca faltaria alimento, ensina Aiú.

Depois das primeiras vezes, (não disse quantas) ele já levava a caça para casa de seus pais e lá era preparada, se fosse abundante novamente os parentes eram convidados e havia comemoração, como forma de agradecimento à natureza pela abundância. Isso após os pais do jovem ter autorização do “pai espiritual” de assim preceder.

Gregory Urban escreve sobre o cerimonial que ocorria durante esse evento, quando ocorria a caça:

When the boy brought back the requisite animal, the meat is cooked, and his parents invite the ceremonial parents to a meal. All of them share the food. This is the first time the boy and his parents have been permitted to eat game he has killed. They may do so from now on with impunity, at least insofar as this species is concerned. At the close of this ceremony the boy's cheeks are painted with black discs which index his change in status.

I was told that such rites are held in connection with the following species:

- 1- howler nokey
- 2- monkey
- 3- coati
- 4- tayra (irara port.)
- 5- piping quan (jacutinga, port.)
- 6- hawk
- 7- guan (jacutinga, port.)
- 8- peccary
- 9- collared peccary
- 10- deer
- 11- partridge(uru, port.)
- 12- tapir

Hoje sabemos que não existem mais rituais para caçar animais, nem rituais para certos animais, nem celebração pela caça. O rememorar dos mais velhos da tribo ainda conseguem estabelecer essa conexão do que havia e porque ocorria esses rituais. O pedido de permissão para tirar a vida de um animal, é ainda hoje praticado por poucos indígenas, uns poucos que guardam, que valorizam os ensinamentos dos mais idosos e assim perpetuam um “pensamento sagrado” de amor e reverência à natureza.

Hoje são poucos os animais sobreviventes na área indígena, muitos já não existem mais.

O porque da existência no passado dos rituais para os animais que iriam caçar, foi minha pergunta para Aiú Patté e ela respondeu-me o seguinte: *eles acreditavam e eu ainda acredito, que fazendo o ritual para o animal ele não ficaria assustado com a gente, não sofria para morrer e nós tínhamos paz com tudo.*

Há muito que contar e desvendar sobre a vida e suas obrigações, a que havia e o que hoje há. Rememorar suas práticas tribais e entender o que transmitem suas narrativas, algumas aqui escritas; têm função, de ser também uma garantia para não ser esquecida por esse povo tão sofrido. As gerações: a atual e as futuras poderão conhecer essas narrativas e dramatizá-las ainda em ritos; como os antigos fizeram, por fazerem parte de suas vidas, de sua história e tudo isso aconteceu no Vale do Itajaí-Açú, em Santa Catarina, sul do Brasil. Eis aqui história que um povo contava porque assim vivia, sobre uma época anterior em que tinha gratidão pela abundância de vida que a sustentava, que depois esqueceu esse cerimonial, desvalorizou os conhecimentos dos antepassados ou foram obrigados a esquecer antigas práticas para sobreviver, difícil avaliar.

A morte como é vista pelos Xokleng? Essa interrogativa os deixa perplexos. É para eles um sofrimento muito grande. A morte é uma partida onde nem em sonhos podemos ir, afirmam. Os filhos precisam dos pais vivos para sustentá-los, Os pais querem os filhos vivos para amá-los, cumprir sua missão e quando isso ocorre ficam desestruturados. A viúva ou viúvo não permanece por muito tempo assim, logo encontram novo companheiro(a) para ajudá-los na tarefa de estar sustentando a família, dar apoio quanto a educação por terem os papéis bem definidos.

Na aldeia existem mães solteiras, seus filhos aprendem chamar os avós de pai e mãe. Os avós assumem a paternidade e os cuidados com os netos; mesmo a mãe casando

os netos permanecem com os avós que o(s) criaram e cuidaram, afeiçoam-se e não deixam a filha levá-lo(s).

Em 1934, foi feito recenseamento na tribo Xokleng e todos deveriam se apresentar e dizer seu nome e sobrenome. O detalhe é que os Xokleng não tinham sobrenome e sim marcas de parentesco. As marcas da onça, conforme o mito da criação: marcas de bolas fechadas, círculos e listras; e variante de bolas com listras, círculos com listras. Predominava a marca do pai, era essa marca que a criança herdava. Então os recenseadores foram dando sobrenome as pessoas, conforme o nome do pai e assim tornava-se sobrenome para os filhos; porém não ficou regra geral esse procedimento. São nomes e sobrenome inventados pelos brancos, afirma Maria Kula Patté. Nessa ocasião foram contados 186 indivíduos nas terras indígenas de Ibirama, havia sobrevivido $\frac{1}{4}$ da população desde do primeiro contato ocorrido em 1914..

A morte ocorrida em massa na década de 20 e 30 do século XX foi deveras desastrosa para a cultura Xokleng. Não admira que a morte apareça tão importante para os Xokleng. Isto ameaça aqueles axiomas sob as quais a organização social está fundada; talvez por essa razão que persiste essa perspectiva organizacional destes axiomas, uma parte dos índices e ícones que continuam apontando para estes ritos, começam a fazer sentido. O que está sendo comentado é a importância da morte relativa para a categoria marido-esposa, que é regulada pelo axioma chave da existência. É a forma específica destes ritos, no entanto, que transmite este significado. A vida deve continuar. Ávida deve reproduzir-se é como um grito silencioso e sobrevivência dessa etnia.

Atualmente houve um grande crescimento populacional, segundo FUNAI, por volta de uns 60%. Hoje estão recenseados num total de 2000 Xokleng, contando também 28% de sua população que vivem fora das Terras Indígenas de Ibirama.

São muitas lições de vida que aprendemos convivendo e conhecendo a cultura dos Xokleng. De vezes sentimos dificuldades em interpretar seu modo de viver em comunidade e sei que novas lições aprenderão junto com eles.

Campbell deixa bem claro que as narrativas são na realidade instruções para guiar o comportamento individual e coletivo nos grandes ritos e que esses marcam as passagens de vida: nascimento, puberdade, casamento e morte. Através das passagens dos personagens de seus mitos que confronta as ameaças das coisas novas e estranhas, do seu retorno, da sua integração ou exilar-se do grupo, da comunidade, e da aprovação da mensagem que os povos míticos dramatizavam um ideal crucial: a manutenção de comunidade estáveis e cooperativas, em meio as dificuldades infinitas da existência, através de regenerações espirituais também infinitas. As narrativas de seu jeito tão particular dão forma aos rituais que ocorriam nas quais os indivíduos eram temporariamente isolados da comunidade, obedeciam a regras tribais e iam se transformado – uma “porta de sol”, na expressão de Campbell, através da qual a comunidade podia esperar um novo vigor espiritual.

Na tribo Xokleng, adentrados nas matas subtropicais do sul do Brasil, depararam constantemente com o novo e o estranho. Mas os viajantes europeus sentiam medo deles e reagiam com hostilidade de há muito tempo sancionada, os nativos encontraram sustento espiritual em seus mitos, quando tentavam imitar seus personagens para sobreviver e se autodenominando “lakrãñõ” (povo que conhece todos os cantos), como uma forma de magia para vencer.



Figura 16 - Kuji e seu traje típico em dia de celebração

CAPÍTULO V

XAMANISMO - INDÍGENAS DO VALE DO ITAJAÍ

Não vemos as coisas como elas são, mas como nós somos.
PROVÉRBIO JUDEU

*Os velhos deuses estão mortos ou morrendo,
e por toda parte as pessoas estão buscando,
indagando: qual será a nova mitologia?*
JOSEPH CAMPBELL

Persiste ainda uma busca, um resgate do interesse pelo xamanismo – as mais antigas disciplinas religiosas, médicas e psicológicas da humanidade⁸⁸. Podemos dizer que é um interesse renovado por xamanismo, desenvolveu-se, simultaneamente, uma nova discussão sobre representações e símbolos, e esta perspectiva simbólica oferece algumas visão mais satisfatórias.

Existe xamanismo entre os índios Xokleng, Kaingang e Guarani? O que é um xamã? Quem são e como atuam entre os indígenas atualmente? Existe ainda a crença que ele(a) cure? Recebe sinais de um “outro lugar” ou “outro mundo?” Quando? Quais são essas revelações ou luzes? São muitas as questões que mexem com nossa curiosidade, com a nossa maneira de encarar o mundo ou seja de ver numa lógica diferenciada.

Só pode ser considerada como antropológica uma abordagem integrativa que objetive levar em consideração as múltiplas dimensões do ser humano em sociedade. Muitos são os dados colhidos a partir de observações diretas, bem como o aperfeiçoamento das técnicas de investigação. Sonhando sobre o desvelamento de muitos eventos de interpretação de “visões” indígenas. Faço essa pesquisa como buscando um fragmento no meio de múltiplos fragmentos. Tivemos experiências e estas conduziram-me em busca de “resgate” dos múltiplos traços culturais dos Xokleng. E tentando interpretar o mistério das ações xamânicas, valorizadas no passado e agora realizadas de maneira “escondida”, “camuflada”, já que a nova religião não permite tais ações oficialmente.

⁸⁸ No livro de Roger N. Walsh, sob o título O espírito do Xamanismo, cap. 1, página 13.

Uma falta notória de acordo tem sido registrada acerca dessa questão crucial. Na realidade, “praticamente todo estudioso forma sua própria opinião do que constitui o Xamanismo”⁸⁹.

São muitas as definições o próprio termo vem da palavra *saman* do povo tungu, natural da Sibéria, e significa “alguém que está excitado, comovido, elevado”. Sua origem é no consenso de muitos antropólogos, um conjunto de ensinamentos milenares que, através da tradição de tribos indígenas no mundo todo, foram perpetuando-se das formas mais variadas até os dias atuais.

Esses ensinamentos baseados nos sinais dos quatro elementos fundamentais da natureza: água, fogo, terra e ar, são, hoje, vivenciados no mundo moderno através de experiências diferenciadas, surgindo os Xamãs. Cada elemento possui uma missão especial na vida das pessoas.

Na tradição está escrito que o xamã é um curador. Trabalha para ajudar na cura e educação espirituais dos seres humanos. Os xamãs são aqueles que agem não só na floresta, na montanha ou no vale, mas em todos os lugares, inclusive nos centros urbanos. As representações nos sistemas ideológicos e nos ritos, tanto quanto com sua relação com a sociedade e com a motivação dos homens é estudada pela antropologia simbólica. (V. Turner, 1966, 1967b, 1974, Dolgin 1977; Geertz, 1978). A cultura nessa perspectiva é uma teia de significados (Geertz 1978), uns sistemas simbólicos coletivo, públicos e expressivos. É um sistema porque existe uma execução diante de uma nova visão de mundo. Os membros de uma sociedade, a cultura organiza o universo e os auxilia a definir seus papéis sociais nesse contexto existe. Durkheim, como posteriormente Mauss, consideravam a análise das representações coletivas, tais como o xamanismo.

⁸⁹ HULTKRANTZ, A . A definition of shamanism. *Temenos* 9, 25-37, 1973

Parece inacreditável, mas são inúmeras as pessoas que se dedicam, por intermédio de forças invisíveis, a ajudar cada ser no seu “caminho sagrado” aqui na Terra, afirma Alfredo Patté. Através de procedimentos xamânicos, existente nas comunidades, de início negada e depois confirmada, nas vivências, percebidos através dos processos de cura, “arte de colher os vegetais”, encontros... É assim, que ainda a tradição consegue sobreviver. Na vida de uma cultura tradicional o processo mais crucial é a transmissão organizada dos costumes das gerações mais velhas para as mais novas. Assim são passadas de geração para geração e o ciclo vai se perpetuando. Mas os Xokleng no Vale do Itajaí, em veloz transformação, esse processo foi interrompido no seio da tribo, já que as condições externas das quais brotaram os costumes tinham mudado. Era e continua sendo, cada vez mais difícil ajustar os costumes às novas realidades. É cada vez mais desconcertante a desarmonia entre a vida tribal tradicional e a história da qual a tribo Xokleng agora faz parte. Todos sentem o problema, mas as crianças foram e são as mais afetadas. As crianças, os jovens crescem sentindo a presença discriminadora dos brancos e percebendo no comportamento dos adultos um “afrouxamento” de atitudes para não haver afrontamento com a comunidade dos brancos circundantes.

O líder Basílio Priprá no passado enfrentou o Eduardo Hoerhan e o que encontrou com sua valentia, com seu destemor? A morte. Os grandes “guerreiros” combatiam os brancos e nada levaram. Líderes respeitados se transformam inexplicavelmente em “chefes pacifistas” ou mergulham num alcoolismo destruidor de sua individualidade. As estruturas das famílias e de parentesco se desintegravam por causa de doenças e mortes. Muitos são os indígenas que desagradavam aos olhos dos seu povo ao morar com brancos ou aos empórios de troca, favores terminam em cair numa situação ostensiva de parasitismo. Outros ainda procedem de maneira a ridicularizar suas antigas práticas, procediam caça

sem quaisquer vestígio dos antigos rituais(reverenciar a natureza e fazer o pedido de vida dos seres).

O xamanismo é uma filosofia de vida muito antiga, que busca o reencontro do homem com os ensinamentos da natureza e com seu próprio mundo. Seja qual for sua origem, o termo Xamã tem sido amplamente adotado pelos antropólogos para fazer referência aos curadores, diríamos um grupo específico, às vezes, também chamados de curandeiros, bruxos, feiticeiros, magos, benzedores, etc. No entanto, esses termos são por demais vagos para definir de forma adequada o grupo específico de curadores que se ajusta à definição mais estrita de xamã a qual nesse presente trabalho em especial me refiro, com suas significações aos do grupo Xokleng.

“Água meu sangue...”

Nos rios, na represa até, nas cachoeiras, nas nossas veias...

Correm fluídos de vida e de força.

A Água é vida, de lá fomos gerados.

Através dela todo nosso corpo libera os medos, as tristezas e as alegrias. Ela purifica os corpos e é toda fecunda, porque fertiliza. A Água é a força escorrendo pela terra... e por nossos corpos. Sem ela não sobrevivemos, sem ela não teremos vida.

Os “espíritos” e suas manifestações particulares têm evoluído nas várias culturas, através dos séculos, e como essa evolução tem tanto refletido como alimentado a evolução de consciência humana e da religião.”

Vivian Patté – Comunidade Bugio – José Boiteux

Durkheim preocupou-se com a relação entre o social e as representações, tentando demonstrar como as representações são expressões externas para o social, a moral coletiva. Hoje a antropologia simbólica analisa as representações são formas de expressar a visão do mundo, abandonando uma preocupação única em torno do social.

Compreendemos as necessidades dos homens na sociedade em que vivem e como expressam ritualmente tal fato, é encantador.

Compreender e aprofundar sobre os sistemas ideológicos, reconhecer o ritual enquanto códigos culturais, é iniciar entendimento da raiz dos nossos sentimentos e do aflorar das nossas emoções, e estes, compõem hoje as preocupações da antropologia simbólica.

A interpretação dos símbolos e o papel do rito na expressão destes símbolos é nesse ponto que é caracterizada, sua eficácia, “*a fé que cura*”, comenta Candinha, da Aldeia da Figueira, em maio de 2001.

A idéia saúde está intimamente centrada nas preocupações religiosas, mesmo dentro da tradição judaico-cristã, como encontramos por diversas passagens na Bíblia. Ordenar a existência humana e seus cuidados com higiene, hábitos alimentares saudáveis, é “primitivo”, pois desde com as primeiras civilizações, esse fato é demonstrado com as primeiras religiões. As purificações estão presentes na maioria dos rituais, como princípio de cura.

O xamanismo usa a doutrina da vida. Porém, há grupos que possuem normas e rituais específicos. O Xamanismo é um conjunto de crenças, não de regras. O xamanismo religa a uma fonte de sabedoria superior. Conduz o praticante para descobrir o seu papel, sua finalidade na vida, sua evolução. Propicia uma nova inspiração, nova visão do viver e de tudo o que foi vivido, mostrando maneiras de se harmonizar com os acontecimentos naturais da vida.

E a nada permanece estático, parado. Há um contínuo movimento, tudo é dinâmico, principalmente o conceito de cultura e de rito. Nada permanece ou está limitado no sistema das representações. São sistemas que só se tornam concretos através de atos de transformação, de diversas ações.

A mensagem do xamanismo é baseada na elevação do espírito, êxtase, cura e autoconhecimento.

Plantas são utilizadas para a cura de doenças do corpo e da alma. Vimos em cada comunidade Xokleng “curandeiros” a preparar seus chás, ferver as águas para preparar as ervas. Mas devemos acrescentar na nossa observação que é sempre menor o número de “sabedores(as)” desses segredos. **As ervas utilizadas são:** kavãtxozalén mú⁹⁰, zinh – a guiné, kuke – sarandi, mlul gel – cipó milome, ânglón – erva gorda, capim cipó, jókóto-canela, Kototog - árvore de mamãozinho, laglu – feijão, plã - cipó-timbé, e outras.

Há um resgate de conhecimentos passados, ir além dos sentidos; de canalizar energias positivas para cura (klen).

Segundo Henry, a ação curativa do Xamã se reduzia à sua família imediata. A formação era dada por um familiar próximo, e ninguém se gabava de seus poderes xamanísticos. Segundo Gioconda Mussolini(1980), as técnicas terapêuticas consistiam, principalmente, no contraste entre quente e frio, imposição das mãos e extração do corpo de elementos do mal, sobrenaturais ou não, que causam o sofrimento. Na etiologia Xokleng das doenças, é central a idéia de um agente estranho que vem e devora o corpo e a alma. Doenças e morte também podem ser causadas por relações sexuais proibidas, com pessoas e/ou espíritos. O aprisionamento da alma, por seres sobrenaturais, conduzia também a morte.

Darcy Ribeiro afirma que, logo após o contato, os Xokleng tentaram tratar e curar as novas doenças trazidas pelos kupli, através do exorcismo dos seres sobrenaturais que as

⁹⁰ kavãtxozalén mu – desconhecem o nome em português, não consegui identificar um similar

causavam. Vendo que seus esforços eram infrutíferos, começaram a classificar as novas doenças, doenças do Zug⁹¹ e assim os xamãs perderam sua credibilidade.

Senhor Alfredo Patté, esclarece que seus *conhecimentos estão abaixo de seus comportamentos*. Isso me causou curiosidade e quis saber o significado desses verbos proferido. Houve um resmungar em Xokleng e depois falou em voz baixa e com olhar cansado: ...fico um dia sem comer, só bebo água., falo pouco e procuro pensar só em coisa boa e fazer o bem e assim tenho força para ser aprendiz e cumprir minha tarefa.

Essa busca de conhecimento além dos sentidos desse mundo, a revisão de todo o conhecimento e aprendizado, querer instituir um novo tempo onde tudo será restaurado; faz profecia de um mundo que surgirá das cinzas do velho mundo, apresenta nessa fala do Senhor Alfredo Patté um misto de sincretismo religioso – cristianismo e xamanismo.

Mas com que finalidade se evoca a intervenção dos espíritos, dos antepassados, dos mortos? Certamente para obter um auxílio nas dúvidas, uma orientação clara sobre o futuro, um conselho, um conforto para viver a realidade espiritual em nossa vida...

Mas se estas incorporações são requeridas, chamadas e descidas dos espíritos não existem, por que às vezes o aconselhamento, as adivinhações dão certas? E se não existem por que são proibidas na Bíblia? (Lv 19,31; 20,6; Dt 18,11)

Alfredo Patté sente que sua missão é de sempre se purificar para alcançar algum merecimento de libertação espiritual.

Para o curandeiro a humanidade descobrirá novidades sobre os astros, sobre a ciência e a consciência humana. Reconhece ser Cristo o grande mestre e expandir essa consciência é viver a liberdade, o amor, verdade e paz.

⁹¹ Zug – não índio, assim é referido como dizer aquele que traz consigo algo não positivo(mal).

“Se for verdadeiro que os xamãs foram os primeiros seres humanos a ter acesso sistemático a estados e vivências transpessoais, seus estados e viagens podem representar um salto significativo para a humanidade, um avanço considerável na evolução da consciência”.⁹²

Dodds define o âmago do misticismo como “ a crença na possibilidade de uma união íntima e direta do espírito humano com o princípio fundamental da existência”, e depois afirma que misticismo e sofrimento são fatos que se relacionam.

Fico refletindo nesse juízo parece se aplicar apenas a certos tipos de cultura, mas certamente vale para o caso presente, no qual o fazer do curandeiro, sua crença que no ritual de buscar as ervas, extraí-las através do pedido de doação, e esperando sua resposta, no seu caminhar pela mata, no seu espírito que desempenha a função necessária para cura e assim desviar a atenção de seus que o buscam segundo Sr. Alfredo; os crentes⁹³ para longe desse mundo, cheio de desavenças, desajustes, fome, desastre e sofrimento para outro plano da existência, sentir o amor do Criador e assim a eternidade.

Anthony F.C. Wallace estuda sobre o fenômeno dos cultos ou crenças de crise. Chamou ao conjunto de crenças de “analogia organísmica” vamos tentar descrever o que acontece com as culturas em estado de crise extrema. Nessa analogia a cultura é conceituada como um organismo, com células, órgãos que recebem estímulos e assim por diante. O maior imperativo para um organismo é resistir a mudanças e flutuações externamente induzidas para manter um ambiente relativamente estável para si mesmo.

Os Xokleng sobreviveram ao ataque externo fragmentados culturalmente analisando, tentaram resistir à mudança – atacaram e morreram, perderam a estabilidade e

⁹² No livro de Walsh, Roger N., sob o título O Espírito do Xamanismo, cap. 20,p 261.

⁹³ Crentes – no sentido de crerem em seu fazer, como agente da natureza.

sua coerência histórica. Na verdade, os antropólogos culturais já mostraram que todas as culturas passam por mudanças constantes e que constantemente se adaptam a elas, embora essas mudanças geralmente sejam graduais que permitam adaptações harmônicas com os precedentes históricos já abordados no capítulo I e II desse trabalho, mas com os Xokleng a mudança ocorreu drasticamente, de forma que os elementos integrantes de sua cultura ficaram ameaçados e com as modificações que, hoje oito décadas após o primeiro contato, estão tentando adaptar-se as transformações aceleradas em suas comunidades. Os Xokleng tiveram enfim, sua maneira de enfrentar tais pressões, em sua cultura, em seu entendimento de viver no esquema dentro da sua cultura tradicional, enfrentaram desafios com bravura – soluções de emergência mais ou menos capaz de dar soluções, dar conta de seus problemas. Mesmo vivendo uma crise profunda dessas, sua cultura pode lutar. Wallace chama isso de “princípio de conservação das estruturas cognitivas” e sugere que nem uma cultura, nem um indivíduo abrirão mão de uma convicção profunda sobre o funcionamento do mundo até ser convencido(a) de que existe um substituto adequado e harmonioso.

Muitos são os esforços organizados, conscientes, de alguns integrantes de uma cultura para construir uma vida mais satisfatória para si mesmos, a partir do que eles percebem. A língua quase ficou esquecida pela dormência dos mais jovens em valorizá-la, afirmam os mais velhos; as ervas como remédio imediato para “males fortes”⁹⁴, a reciprocidade na vida da comunidade é tema para todas as conversas, por sentirem certamente o diferencial como o individualismo estar mais contextualizado em seus viveres. Parece ironia da história em pensar que os Xokleng, receberam Cristo, isso pelos anos 1920. No próximo capítulo retomarei esse tema com maior atenção.

⁹⁴ Males fortes – doenças breves ou que médicos não curam por desconhecer, mesmo com remédio não passa.

Pregoa os cientistas sociais a idéia que a consciência evolui, como também psicólogos; entre citamos Jung,(*C. Memórias, sonhos e reflexões*. Rio de Janeiro: Nova fronteira.) Surge a questão se os xamãs foram ou não nossos precursores evolutivos. Mas afinal, o que entendemos por evolução nesse campo tão tênue, tão inexplorado? Há no geral três formas principais de teoria da consciência: a primeira é uma visão essencialmente negativa onde as coisas estão ficando piores e a consciência não está evoluindo, mas sim involuindo. A Segunda é uma perspectiva em que não há mudança, pelo menos na parte religiosa – não evoluiu de maneira significativa desde os tempos pré-escrita. A terceira cuja idéia central é que a consciência humana tem evoluído de maneira significativa, desde os primeiros tempos da humanidade.

A idéia de que a condição e a consciência humanas degeneraram é encontrada mais vezes na mitologia mundial. Exemplificando: a história da era do bem-viver no paraíso, Jardim do Éden, a perda desse estado de graça. Essa expulsão ocorre após ter cometido “pecado”, encontramos-nos num estado degenerativo na condição humana, declínio devido à desobediência, ignorância e malignidade.

A Segunda teoria na visão de que não há mudanças, essa teoria sustenta que não tem havido modificações, para melhor ou para pior, na consciência humana, enfoque novamente sob o prisma religioso. Segundo essa perspectiva, os primeiros praticantes religiosos estão no mesmo nível em que os contemporâneos; os primeiros xamãs tiveram acesso às experiências, estados e âmbitos que os místicos recentes (Mircea Eliade, Joseph Campbell e Carl Jung). Para eles, as vivências, os estágios e discernimentos e as constatações xamânicas estão no mesmo nível.

A idéia evolutiva vem seguida pelos fenômenos observados como os ciclos de dia e noite, inverno e verão, nascimento e morte. A perspectiva de ver o tempo está indo a

alguma direção, de que existe um processo evolutivo acontecendo, é uma idéia surpreendentemente recente, e que, está desde que veio à tona, consolidando-se cada vez mais no pensamento ocidental. (Teilhard de Chardin, Jean Gebser, Ken Wilber, Aurobindo (intelectual e gênio espiritual indiano) entre outros.

Onde se encaixam os xamãs nessa ascensão evolutiva da consciência? Wilder prega serem os primeiros e os considera heróis espirituais da humanidade, por serem os primeiros homens a desenvolverem uma sistemática tecnologia de transcendência. Sua mitologia e tecnologia eram destinadas a auxiliar as pessoas a chegarem nesse estágio.

Durante milhares de anos, os xamãs talvez tenham sido o único elo organizado da humanidade com o plano da transcendência.

A juventude do coração, a energia do espírito e a coragem de recomeçar sempre que necessário, são as armas mais poderosas que um homem pode desenvolver para participar, com dignidade, deste maravilhoso mistério, que é a vida. (Francisco Fialho, no livro Ciências da Cognição/2001).

O xamanismo considera que toda a doença tem origem no mundo espiritual e é justamente aí que nasce a perda do poder pessoal, permitindo a manifestação da doença.

A experiência do êxtase é considerada umas dádivas divinas, de ser escolhido para “sentir” tal sentimento, de estar em contato, com intimidade com Deus, é maravilhoso, testemunha⁹⁵. Sua prática é fortemente embasada em seus significados. Sua prática só dá resultados esperados, quando canalizados pelos efeitos de seus signos e interpretação correta. O mestre no xamanismo leva anos para se formar, mas algumas pessoas sem treino prévio podem participar, num intervalo de poucos minutos ouvindo ritmo de tambores xamânicos, podem chegar a entrevisões bastante significativas.

⁹⁵ Gabriel Fonseca, morador da Comunidade Figueira, José Boiteux - SC

Os Xokleng estão divididos em grupos de influências e/ou parentescos, nesses subgrupos uns entendem que é momento de pregar a fraternidade, a união e o companheirismo que são os fundamentos das relações entre as pessoas. Acreditam que uma grande luz de Deus brilhará no coração do homem e os homens aprenderão a honrar e amar a deusa mãe terra, como era antes de 1970⁹⁶.

Os indígenas Xokleng adormeceram os seus conhecimentos xamânicos? Talvez apenas frestas destes poderes adormecidos estejam reacendendo e “acordando” e dando sinais de vitalidade, fazendo-se para agir.

Descrevo nesse trabalho estas “frestas” que consegui humildemente detectar, observar, indagar, questionar e esse interesse que de certa forma, verificou-se experimentando no dia-a-dia entre os indígenas, e novamente resgatado fazer xamânico, e este com as primeiras dificuldades de crédito, segundo Adelina Patté: Não adianta, ninguém quase acredita, fica assim sem vida. É morto todo dia o que um índio velho pensa, diz o novo: hoje é outro tempo e acabou isso de chamar o passado, os morto e é proibido...

Não é de espantar, então que a prática xamânica tenha, tantas vezes, sido mal vista, pelos não índios envolventes das cidades vizinhas, pelos intelectuais, médicos e outros. Uma vez que os xamãs podem exibir períodos de conduta bizarra, entrar em estados alterados de consciência, ter visões e dizer que se comunicam com os espíritos, freqüentemente são considerados portadores de distúrbios psicológicos.

Como reacender a chama que uma vez brilhou? O xamanismo é consciência de ver nos elementos da natureza a obra do grande Criador La (Sol), deus.

⁹⁶ Foi nesse período que se intensificou a retirada da mata nas terras indígenas. A depredação da floresta trouxe de início euforia e depois a pobreza sem a mata, sem o seu habitat natural.

Palavras invadem seus corações e poesia é feita com muitas palavras e um só coração e assim são anunciadas, proferidas, com sons murmurados e sincrônicos. Escrevo uma poesia que encontrei nos escritos de Eriti Kandian Veitchá:

Uma só flecha

A estrada na minha frente

É longa e estreita.
Só me restou uma flecha,
E meu velho cavalo
Mal se agüenta em pé, mas se preciso,
Voltar ao combate,
Arreio o cavalo, subo na sela, corajoso cavaleiro:
É hora de enfrentar
Minha última Batalha!

É hora de escalar
Serras escarpadas,
Buscando alcançar
Meus próprios limites.

É hora de nadar
Contra as correntes
Dos rios caudalosos
Que ruge em minh'alma.

É hora de enfrentar
Arenosos terrenos,
onde a mata foi queimada, em busca da fonte
De paz e de calma.

Mas a estrada a minha frente
Ainda é longa e estreita.
Só me resta uma flecha,
Minha esperança,
Meu velho cavalo
Mal fica em pé,
Mas é preciso
Voltar ao combate,

Arreio o cavalo,
Subo à sela,
Corajoso cavaleiro:
É hora de enfrentar

Minha última Batalha!

Eriti Kandiã recebeu esse poema num curso de professores indígenas em Balneário Camboriú de um colega, gostou e repassou para seus alunos, colegas e amigos. É um interagir, é um transformar... Esse poema foi retirado do livro “As Cartas do Caminho Sagrado – de Jamie Sams”.

Gostou do poema por serem as palavras que seu coração queria ouvir. Necessidade de crer em algo que edifique a honra e esperança de seu povo comentou Eriti.

Embora que a psicologia ocidental tenha passado por avanços significativos o campo de observação está mais tanto na dependência da psicanálise e várias novas escolas são mais simpáticas à experiência religiosa, entre elas as psicologias de Jung, a humanista e transpessoal, por exemplo.

Novos campos de pesquisa apareceram e um trabalho considerável está sendo executado a respeito de práticas xamânicas, como cura psicossomática, os vários estados de consciência, o processo do sonho, a meditação, as drogas psicodélicas, as experiências místicas...Muitos são os profissionais que passaram diretamente pelo treino xamanista.

Mircea Eliade, um dos maiores estudiosos do fenômeno religioso desse século, define xamanismo: “Uma primeira definição desse complexo fenômeno, e talvez a menos prejudicial, seja xamanismo = técnica de êxtase”⁹⁷. Nesse contexto, êxtase implica não tanto arrebatamento encantado, mas como define o dicionário editado pela Random House (para língua inglesa), “ser levado ou afastado do próprio ser ou estado normal, e entrar num estado de sensações intensificadas ou agonizadas”. Essa definição de êxtase é em especial pertinente para o xamanismo.

⁹⁷ No seu livro Shamanism: Archaic techniques of ecstasy, página 55.

A questão decisiva para o homem é: ele
Está relacionado com o infinito ou não? Essa
É a principal dúvida de sua vida. Se apenas
Soubéssemos com certeza que aquilo que de
Fato importa é o infinito, então poderíamos
Evitar concentração de nossos interesses em
Inutilidades e em todos os tipos de metas que
Não sejam de verdadeira importância.

Carl Jung

A fim de compreender as vivências dos Xamãs precisamos entender o seu universo. Qual é, em resumo sua cosmologia?

O mundo do xamã está disposto em três camadas: a superior, a intermediária e a inferior. O mundo superior como o inferior pode ser também composto por múltiplas camadas. O que torna os xamãs “viajantes cósmicos”⁹⁸ é sua vivência de serem capazes de atravessar esses múltiplos mundos e níveis. Como ELIADE(1964:47) assinalou:

A técnica xamânica de maior destaque é a passagem de uma região cósmica para outra, da terra para o céu, ou para o mundo inferior. O xamã conhece o mistério de romper as limitações do plano espacial. Essa comunicação entre zonas cósmicas é possibilitada pela própria estrutura do universo.

O eixo mundial assume formas principais, todas elas comuns aos diversos mitos e culturas, tanto xamânicas como não. A primeira é a “montanha cósmica” no centro da Terra. A segunda é o “pilar do mundo”, que pode assegurar o céu. A terceira é a “árvore mundial”, altamente simbólica, representando a vida, a fertilidade e a regeneração sagrada, que os xamãs escalam para entrar em contatos com os outros mundos. Ele é símbolo cosmológico da ligação entre os mundos, ligação essa que o xamã, o único entre todos os seres humanos, é capaz de atravessar.

⁹⁸ Mircea Eliade, *ibidem*.

Mas os mundos dos xamãs e os níveis são mais do que interligados: acredita-se que interajam entre si. Os xamãs acreditam que essas interações podem ser percebidas e afetadas por alguém que saiba como fazê-lo e que, utilizamos a metáfora para explicar; como uma aranha no centro da teia cósmica, o xamã pode sentir e influenciar reinos distantes. O xamã foi, nesse sentido, antecessor dos sábios chineses que alegavam que “o céu, a terra e as dez mil coisas formam um corpo só”.

Tudo está interligado nesse universo. São as doutrinas conhecidas como hilozoísmo e do animismo. No *hilozoísmo* acredita-se de que todos os objetos são dotados de vida; no *animismo* é a crença dos povos tribais de que todo objeto tem uma mente, uma alma. Quando essa mesma crença é defendida por ocidentais, chama-se de *panpsiquismo*.

Vivemos num mundo materialista, onde o desejo de ter se sobrepõe ao ser. Onde a ciência e o sentimento humanista estão relegados ao segundo plano; é esporte, é a dança, os(as) cantores(as) são exaltados pela mídia. Jogadores de futebol tornam-se milionários, apresentadores de televisão recebem por mês o que um trabalhador, um professor levam anos para conseguirem. A lei do menor esforço de políticos e seus “arranjos” com partidários, as políticas públicas cederam espaço para política partidária.

Desnecessário dizer, a doutrina do panpsiquismo está bastante fora de moda nestes tempos de materialismo. Do ponto de vista histórico, no entanto, teve seus destacados defensores como Leibniz, Schopenhauer e Whitehead.

HARNER (1967-13-67) observa que o que define o xamanismo são suas técnicas e que as vivências que desencadeiam permitem aos que as praticam chegar à sua própria conclusão e à sua própria cosmologia.

Em última análise, o xamanismo é só um método, não uma religião com um conjunto fixo de dogmas. Portanto, as pessoas chegam às próprias conclusões com base em suas experiências, a respeito do que está acontecendo no universo e no

sentido de saber se existe algum termo que seja mais útil para descrever essa realidade essencial⁹⁹.

As experiências xamânicas pessoais podem moldar crenças pessoais e, e por extensão as culturais. Contudo, aquele que “possua” o poder xamânico deve aplicar à sua prática algumas crenças, ritualizado ou não, porém, existe uma forma de canalizar energias cósmicas de outros níveis a este nível existencial.

O universo do xamã é completado com vida, consciência e espíritos. Tudo o que acontece, de bom ou ruim, por sorte ou azar, que traga sucesso ou fracasso, é possível que seja atribuído aos espíritos.

Pessoas comuns são, grandes escala, vítimas indefesas desses espíritos. Elas dão crédito ao seu agir, tendo pouco controle sobre si mesmas além de seguir cegamente os tabus passados através de gerações, orar, fazer sacrifícios e pedir ao xamã que interceda por elas. Só o xamã pode controlar os espíritos. Interceder para cura, para a paz e sono, para quebra de quebrantamento e outros.

Para controlar os espíritos, o xamã precisa aprender a ver esses espíritos agir. O xamã aprende a percebê-los, em geral são invisíveis ao olho inexperiente, uma grande parte do treinamento xamânico implica adquirir o poder de ter a visão dos espíritos, com o que eles podem ser identificados. Técnicas como do jejum e ingerindo drogas até que por fim veja um espírito. Outra friccionar ervas nos olhos do aprendiz e vigiá-lo por três dias. Depois entram na mata e voltam com mais ervas... Se, ao final de sete dias, o rapaz

⁹⁹ HARNER, M. *The ancient wisdom in shamanic culture*. In S. Nicholson (Org.). *Shamanism* (3-16). Wheaton, III.; Quest, 1987.

enxergar o espírito da mata, a cerimônia chega ao fim; caso contrário, deve ser repetida na íntegra¹⁰⁰.

Os estados de transe e de intoxicação por drogas podem intensificar as imagens, e a escuridão deixa mais sensíveis os sentidos, esses se tornam aguçados, portanto mais fácil de serem captados; o aprendiz deve submeter-se as provas para ser um bom xamã.

As consultas ocorrem, sobretudo, por ocasião de emergência, reunindo famílias de diferentes aglomerações trazendo seus doentes até a habitação do curandeiro (xamã). A consulta consiste inicialmente de diagnóstico sobre sua rotina diária, alimentação, preocupações que o aflige e após do questionamento vem a prescrição de uma dieta e de regras de comportamento adequado a situação do doente. Todos da família do doente ficam conhecendo e recebendo doses menores do remédio (substâncias) como medida profilática.

Todo encaminhamento se passa em voz mansa e baixa, não é invocados deus, nem espírito; apenas um olhar humilde e fervoroso na certeza que o Grande Pai ali está contribuindo para o acerto do diagnóstico e indicando as ervas para uma cura eficiente e rápida. O xamã raramente toca o chocalho, mas ele esta ali a mão caso precise ser tocado para afugentar os espíritos imundos que possam querer afligir a pessoa doente junto com o curandeiro.

O chocalho é tocando pela primeira vez numa cerimônia, festividade entre todos da comunidade. Existem dois tipos de chocalhos. O tipo para as solteiras e casadas e outro tipo envolto com penas que utilizam o xamã viúvo(a).

Tocar o chocalho é por uma necessidade, um evento; pois “não se brinca com coisa séria”, afirmam OS Xokleng que entendem da tradição.

¹⁰⁰ Ritual indígenas na América do Sul, povo Kexuáh (região baixo Andes).

Cantar e tocar o chocalho consideram uma atividade que os torna visíveis aos inimigos que podem querer também admoestá-los, dessa forma não teriam força para lutar em favor de outra pessoa da comunidade ou pessoa necessitada. A cura exige do xamã um controle e uma visão clara para conseguir o caminho correto, para evitar erros de ir em outros caminhos que não são os procurados, os pretendidos; isso poderia contaminar sua pessoa e reputação. Ele muitas vezes não quer ficar só em seu abrigo, em sua casa e sempre chama outro para auxiliá-lo. Uma vez reunidos dentro da casa, ficam satisfeitas e muitas palavras de louvores e agradecimentos são proferidas e trazem oferendas para o xamã (alimentos, vestuário, objetos pessoais), inicia-se uma longa conversação entre todos os presentes. O que não falta são risos e um êxtase de estarem reunidos em nome do Grande Criador para realização de uma cura ou até de mais conforme houver pedidos e atendimentos.

O canto mais utilizado para gerar a paz de espírito e que iniciar a cura é:

Goj bág tataja le va há enhKó kó le
 Kó kó bág le té kabágGog bág êtxõ
 Kalág va
Utavê ta tê
Henh !!

Significado das palavras:

É o rio, é o mar grande que estou cruzando. Às águas vem vindo e a gente vai cruzando, é gente cruzando; é a grama verde em redor. Tem árvores plantadas, que bonito, se a gente pudesse fazer sempre assim, como estamos fazendo, olhando. Que prazer é ver.

O kuji como também seu(s) auxiliar(es) nesse momento do canto tornam-se altamente sensíveis e na conversação que se desenrola com as entidades presentes e,

sobretudo, “alimentando” seus companheiros. Muitos procedimentos para sua atividade diária ali são conversados e isso entretêm os espíritos, solicitando que eles modifiquem comportamentos como: atividade da derrubada de mata nativa(filhos da terra, irmãos seus), soltura de animais da floresta, do seu desejo de liberdade, pedido de justiça para atos de filhos, parentes (alimentos roubados, ferimentos à outros ou até morte) que o destino seja traçado para a compreensão de vida e de morte, conforme atos e desejos “puros” do seu coração.

As técnicas de cura xamânicas dos indígenas do Vale do Itajaí – dos grupos Xokleng, Kaingang e Guaraní embora diferenciados entre si, existem algumas práticas semelhantes; limito-me a indicar alguns conceitos que compreendi serem importantes do ritual de cura, podem ser divididos em quatro momentos:

- 1- Chamamento do Grande Espírito, ou do Grande Criador e suas legiões através do canto. O chocalho pode ser tocado, mas são raramente utilizados. O Kuji¹⁰¹ (xamã) sente quando da aproximação do Espírito e vai se manifestando com palavras proferida em sua língua nativa ou em outras (há misto de entendimento entre eles, uns dizem que são sinais de línguas estranhas, outros que um antepassado os auxilia para curar seu povo).
- 2- Acompanhamento das pessoas da comunidade ou da família, dando sustentação ao xamã quanto às necessidades do doente. Isso reforça o poder de cura ou atendimento do pedido.
- 3- Preparo das ervas(substâncias) para ser absorvido pelo doente, toques em seu corpo; sendo de forma suave e um friccionar as mãos (

¹⁰¹ Kuji – (kuiã) curador, aquele que faz a cura por intermédio de ser espiritual.

energizando) para em seguida massagear sobre a parte afetada do corpo do paciente. Muitas palavras de ajuda para vencer o mal e superar a dor, a febre, o cansaço a letargia, o desânimo. Todos os males são enviados para lugares distantes, através dos espíritos auxiliares (anjos?) do bem.

- 4- Descanso do doente (como também do Kuji) para a reintegração da saúde e o propósito de boas ações para os outros e para si (muitas vezes esquecidos depois da cura pelo doente) e a absorção completa do remédio feito pelo curandeiro(Kuji). Há um cuidado especial, recolhesse como um “exílio” para resguardar evitando a volta intempestiva do mal, essas forças sobrenaturais que participaram e foram vencidas no momento da cura.

Nem todos da comunidade sabem quando o Grande Espírito ou os espíritos serão invocados, por isso muitos nem querem saber de tal prática, confessam serem *convertidos em Cristo* e por esse motivo, inclusive, censuram os que praticam esse envolver-se com outros mundos. Grande parte da “viagem” é individual e se desenrola em outras esferas, fora do mundo físico da vida da comunidade. Ervas de cura são segredos, seus nomes são falados em língua nativa como: zinh, kuke, mlúl gel, karaãtxozalén mu, ânglón¹⁰², jókóto¹⁰³, Katotog¹⁰⁴,laglu¹⁰⁵,plã¹⁰⁶,zãze¹⁰⁷ e outros para fazer vânhkógtó¹⁰⁸ e tudo vai sempre gój¹⁰⁹ e ter sempre vânhbigti¹¹⁰ e assim obtém klen¹¹¹.

¹⁰² ânglón – erva gorda, capim cipó,

¹⁰³ jókóto- canela

¹⁰⁴ Kototog - árvore de mamãozinho

¹⁰⁵ laglu – feijão

¹⁰⁶ plã - cipó-timbé

¹⁰⁷ zãze - xaxim

Quem procura e consegue cura sente em geral de primeiro momento sensações de fadiga, sono; outros vômitos, dor de cabeça e diarreia e outros confessam sentir medo de ter realizado algo de muito além do seu entendimento e por isso uma aparência de estar errado; perdeu-se quaisquer vestígio dos antigos conhecimentos de crença. Preferem comprar remédio nas farmácias ou pedir remédio no posto de saúde do que tomar chás feitos pelos Kuji; os curadores.

Sonham muitas vezes com imagens que não sabem decifrar, Suas visões são estar rolando no verde das florestas, mergulhando no rio, matando animais selvagens para se alimentar, amarrar pescoço de galinha, desenroscar cobra de seus braços, pernas, pescoço. Essa fase é a primeira e poderíamos chamá-la de perceber pela visão ou fase visual para os aspectos da natureza. Na segunda fase conseguem discernir melhores aspectos como o de ver: companheiros/amigos e ou outras pessoas desconhecidas; vêem gente. Percebem qualidades em quem os rodeia, como um olhar extra que lhe é dado para reconhecer essas qualidades pela(s) força(s) ocultas; *consegui ver além desse mundo, vi que era melhor ver e hoje sei que é diferente*, afirma **Sr. Alfredo Patté**.

Essas visões são obtidas segundo os Kuji -xamãs pela consciência e do saber procurar o momento certo do uso de técnicas para ter as visões. Contar como se faz é motivo de riso entre os indígenas; senti que isso não se fala e sim se experimenta, não se acha impossível porque se alguém sente e faz logo é possível. É como um sonho se não contado imediatamente ele é levado para o jardim do esquecimento, e o “fenômeno” de

¹⁰⁸ vānhkógtó - remédio

¹⁰⁹ gój – água

¹¹⁰ vānhbigti – sonho, desejo, objetivo.

¹¹¹ Klen – cura.

curar se não fizer como se deve fazer, deixa de ocorrer e a ligação não é estabelecida, a cura não existe, e tudo aconteceu sem acontecer de verdade, explica Lindjá Morló Fonseca¹¹².

O uso de bebidas alcoólicas não é necessário nas práticas xamânicas e uso outras drogas é inexistente, afirmam:

Não preciso de nada artificial para ter com o Grande Criador (Espírito) o que preciso é de paz, muita paz e assim vêm como se fosse merecimento, vejo tudo que o homem faz para afastar-se do Criador. Isso não é nada bom; por isso fica doente. Doença que vem de dentro do pensamento, do que faz e dá essa doença na alma e depois no corpo.

Voble Ndilli - senhor das ervas (Kuji da Palmeirinha)

Temos nas comunidades várias pessoas que guardam a tradição de Kuji, de curador e acontece através de ervas e de uma educação espiritual exemplar, diríamos. Embora há uma resistência de aceitação atualmente das antigas práticas indígenas por confessarem-se convertidos em Cristo. DODDS (1970: 25-34)¹¹³ define o âmago do misticismo como: “crença na possibilidade de uma união íntima e direta do espírito humano com o princípio fundamental da existência” e depois afirma que misticismo e sofrimento são fatos que se relacionam. Creio que no estudo dos Xokleng essa citação parece se aplicar, sua cultura necessita de crença que desempenhe a função de desviar a atenção de seus convertidos para longe deste mundo, cheio de crescentes desuniões, desastres e desmandos, na direção de outro plano da existência, a eternidade. Essas crenças, sejam elas xamânica ou pentecostais aliviam os sofrimentos causados pela desintegração de sua tribo,

¹¹² Lindjá Morló Fonseca, é enfermeira e conhece ervas que curam como também sua mãe o faz. Mora na Comunidade Coqueiro.

¹¹³ DODDS, E.R. Pagan and Christian in na Age of Anxiety; Some Aspects of Religious Experience from Marcus Aurelius to Constantine. New York, 1970)
E.R.

por sentirem suas limitações tecnológicas, organizacionais e o desprezo que sentem diariamente dos brancos em contato quando saem de suas terras.

Antes era o xamanismo, agora o cristianismo que faz parte da multidão de ritos de mistério que esperançosamente torna-se devoção de um povo cada vez mais desesperado. Comparando com seus mitos e ritos antigos, digamos, os mitos explicavam o que a natureza lhes despertava, o que observavam; suas vidas estavam enfim relacionado com os elementos naturais, com o ciclo da natureza. Com o cristianismo, a natureza está para servi-los, se nutrem com o que ela oferece, o Deus lhes deu e lhes dará o que necessitam. Esse Deus era o que necessitavam, era propício para a emergência de sua população, pois prometia superar esse estado de confusão, agitação, pragas e os brancos eram vencedores com esse Deus, então porque não tê-lo como seu também, já que lhes era oferecido para aprenderem a se comunicar com Ele.

Jesus falava também do que valorizavam, como: *Nessa época Jesus começou a pregar, Arrendam-se, pois o reino dos céus está próximo.* (Mateus 4:17)

Ele lhes respondeu: Quando o céu está vermelho à noite, vocês dizem que haverá bom tempo amanhã.

E de manhã dizem que o tempo será ruim o dia todo, pois o céu está vermelho. Oh, seus hipócritas: sabem ler o rosto do céu, mas não conseguem ler os sinais a não ser o que foi dado ao profeta Jonas. (Mateus 16:2-4)

Muitas promessas para uma eternidade feliz pela obediência estão no ensinamento cristão, essa crença vem da promessa feita por Deus e apropriada para todos os povos oprimidos e espoliados da história dos homens e que aceitam Jesus, afirma o presbítero Gabriel Fonseca, da Comunidade Coqueiro.

Imagens agradáveis da vida são expressas nos Salmos, nos Evangelhos, onde Cristo cura, ressuscita os mortos, perdoa, ensina e acima de tudo vence a morte. Tudo é mais organizado com os discípulos, Jesus o Filho de Deus no meio da roda, Ele ponto essência de toda oração, é Ele capaz de levar todos ao bom caminho. A crença antiga dos indígenas foi “convenientemente” sendo abandonada. Houve convencimento, aconteceu paulatinamente, cada vez mais intensamente a conversão.

Boa parte do trabalho médico exercido pelos Kuji foi passado para as mãos dos pastores evangélicos, também Xokleng, que expurgam os “demônios” através de rituais de (des)possessão, que lembram as técnicas de curar utilizadas pelos antigos curadores (xamãs). Durante os cultos, as pessoas aplaudem, gritam, jogam-se no chão, pulam e imitam animais. Percebemos como estes pastores restabelecem o vínculo religioso e ritual com os fenômenos de doenças, que pareciam ter desaparecido após o contato.



Figura 17 - Alair Cuzung Patté e seu esposo em momento de alegria durante o culto na celebração da comunhão.

CAPÍTULO VI

CRISTIANIZAÇÃO DOS INDÍGENAS DAS TERRAS DE IBIRAMA

Logo após o contato com os Xokleng às margens do Platê, o posto foi visitado pelo padre João Komineck, responsável pela paróquia polonesa de Alto Paraguaçu. Ficava sob sua responsabilidade, as colônias localizadas na proximidade do planalto, numa extensão da colonização efetuada pelo Paraná nas margens do rio Negro. Os contatos dos padres poloneses com Eduardo Hoerhan foram bastantes frios. Eduardo explica que por orientação do SPI não poderia favorecer nenhuma religião para conversão dos indígenas.

Mas o Kaingang Preié, que acompanhava Hoerhan nesses primeiros anos de contato, foi indicado para colaborar com o padre Komineck. Na segunda expedição ao posto o padre batizou 98 índios e já houve receptividade de Hoerhan na chegada desta expedição.

Depois desta conversão, os indígenas passaram a freqüentar as colônias Moema e Alto Paraguaçu, onde o padre Komineck os batizava e brindava com presentes, estadia e alimentos. No início essas visitas baseavam-se numa reciprocidade e, também, medo dos silvícolas. Para os indígenas, o interesse que despertavam, permitia-lhes obter tudo o que desejavam. Mas ao se repetirem às visitas, as atenções diminuíram e os índios começaram a estacionar em “bodegas”, onde eram ridicularizados.

A experiência católica dos Xokleng foi praticamente reduzida à ação do padre Komineck. Os padres católicos parecem que nunca tiveram tempo para atender aos indígenas.

Darcy Ribeiro afirma que nos anos 30 os Xokleng se definiam como católicos, participavam de festas, batizavam suas crianças e estabeleciam laços de compadrio com os colonos italianos e alemães da região.

Em 1950, houve contatos dos silvícolas com membros da Assembléia de Deus. Gostaram do que viram e o pastor João Hoegen, algum tempo depois, foi convidado para atuar no interior da área indígena. Hoegen fixou ali sua residência e começou a realizar cultos semanais junto aos indígenas.

João Hoegen conseguiu novos adeptos, com bom testemunho e “pregar a palavra de Deus”. O bom testemunho é indispensável porque, através da adoção de um código rígido de vida, baseado no “apartamento das coisas do mundo”, em uma conduta moral condizente, é que os crentes esperam atrair novos adeptos, pois estes perceberão que “os crentes fazem o que falam”. A pregação foi e continua sendo constante na vida dos crentes

indígenas; antes com pastores de outras etnias e hoje os próprios indígenas exercendo a condução do seu “rebanho”.

A pregação se dá a qualquer momento em que surja oportunidade e também nas visitas e cultos programados para este fim. Aquele que não fala de sua opção não pode ser considerado crente.

A Assembléia de Deus condena o uso de bebidas alcoólicas e do fumo e como preceito bíblico para poder chegar ao paraíso, o que agradou Eduardo Hoerhan; viu na Igreja um meio de diminuir os problemas decorrentes da utilização do álcool pelos índios. João Hoegen era colono conhecido, vizinho e depois morador da Terra indígena. Sentiam confiança em suas atitudes. Além disso, os primeiros índios que se tornaram crentes se viram promovidos a pregadores, com prestígio entre os civilizados e com condições de envolverem seus companheiros da tribo. A Igreja Assembléia de Deus com matriz na cidade de Rio do Sul, auxiliou a erguer o templo no interior da área indígena e que passou a oferecer cultos às quartas-feiras, sábados e domingos.

A primeira Igreja da Assembléia de Deus foi inaugurada dentro das Terras indígenas em 1950. Ouvir, aceitar, ser escolhido pelo Espírito Santo, pregar a palavra pareceu-me a seqüência recorrente nos relatos dos crentes da Assembléia de Deus ou agora de outras denominações como: Deus é amor, Igreja Quadrangular do Santo Evangelho, Igreja Pentecostal do Sétimo Dia.

Em 1970, houve uma “briga” entre o padre católico e o pastor e seus auxiliares. O chamamento de adeptos era feito cada um para o seu credo. O que criou uma certa confusão para muitos indígenas e talvez por isso o uso da bebida alcoólica voltou novamente em uso pelos indígenas.

Embora nem todos os residentes na área indígena tivesse sido convertidos¹¹⁴, a maioria estava e está diretamente submetido aos padrões estabelecidos pela igreja Assembléia de Deus. Poderíamos pensar, então, que essa conversão à Assembléia de Deus significa a interiorização dos novos valores por parte do indígena. Temos em todas as comunidades Pastores ou presbíteros atendendo os cristãos, denominados de os “crentes”: na comunidade figueira temos no trabalho pastoral, o índio João de Andrade mestiço xokleng e o presbítero é Pedro Lemos dos Santos, senhor da etnia Guarani; na Comunidade Coqueiro temos outra congregação denominada de “A missão Divina” e exerce o papel de guia espiritual o presbítero Gabriel da Fonseca, branco casado com Lindjá Morló, índia mestiça Xokleng; na comunidade Palmeira temos como presbítero o índio Sr. Aniel Priprá, também da etnia Xokleng com Kaingang; na comunidade da Sede o presbítero Xokleng, Samuel Priprá é quem conduz os cultos, louvores, orações, jejuns e vigília; na comunidade do Bugio temos o índio da etnia Xokleng o pastor Francisco Farias e na comunidade do Óleo quem atende é o índio Lino Priprá.

No processo de conversão, assim como na vida religiosa posterior, a “comunidade de irmãos” é muito importante. É o grupo que acolhe o novo convertido que dá sentido e impulsiona o processo de conversão no qual valoriza a individualidade, aceitando as diferentes possibilidades de seqüências.

O interessante é encontrar aqui, o jogo constante que há no processo de conversão em termos da esfera do individual e da esfera do coletivo. A ênfase à individualidade se coloca na medida em que há uma opção voluntária e individual, em que pode haver diferentes seqüências no processo de conversão, em que cada um pode ter sua própria experiência pessoal no que diz respeito aos dons do Espírito Santo, em que se valoriza a

¹¹⁴ Os guaranis e os mestiços que se identificavam como civilizados sempre se disseram católicos.

salvação, ela é pessoal, cada um decide sobre sua conversão; é o livre arbítrio que Deus nos deu e assim é exercido; porém cada um destes aspectos só ganha sentido quando há o coletivo como pano de fundo, permitindo a emergência de uma identidade religiosa. É o grupo que avalizará a opção e interpretará as experiências individuais, fornecendo-lhes sentido.

Os filhos menores seguem os pais convertidos freqüentando os serviços religiosos. Mas não são considerados membros, pois não são batizados. No interior do grupo doméstico, a conversão dos pais não implica a conversão dos filhos adultos, solteiros ou casados e este fato não fere a autoridade dos pais. Ao nível dos preceitos religiosos, isto pode ser explicado pelo princípio das “igrejas de crentes”, que enfatiza a adesão voluntária e individual: forçar um filho a se converter seria tirar sua liberdade de ter sua experiência e opção comum que identifica o grupo, explica Maria Patté¹¹⁵.

Como preceito evangélico sabem que os males mais combatidos são os vícios que atingem os indivíduos e, no máximo, os que têm implicações de harmonia na vida familiar, adultério e especialmente a bebida alcoólica. Assim, o crente não pode fumar, nem beber bebidas alcoólicas, as mulheres não podem ceder à vaidade, tanto menos acompanhar a moda, não podem cortar os cabelos, usar calças compridas, usar pinturas no rosto ou nas unhas. Eram proibidos bailes, festas e jogos de futebol no interior da área. Para tanto, a igreja contava como adeptos a maioria dos funcionários do posto e com a simpatia dos encarregados.

Hoje mesmo professando a mesma fé sob orientação dos pastores da Assembléia de Deus, existe certa tolerância quanto aos jogos de futebol e festas.

¹¹⁵ Maria Patté, esposa do pastor Pedro Dos Santos da Comunidade Figueira.

Professam o catolicismo os regionais, os Guarani, os Cafuzos e alguns mestiços Kaingang com Xokleng. A maioria se identificam como Crentes da Assembléia de Deus.

Temos hoje 92 % que se dizem crentes adeptos da Assembléia de Deus, 4 % Católicos, 1% protestantes de Confissão Luterana¹¹⁶ e outros sem nenhuma religião, adeptos apenas de Deus, afirmam.

As terras indígenas foram e ainda são, alvo de cobiça e ainda existem interessados que permaneça confusa, desorganizada e carente de uma real administração, são exatamente os grandes grupos provedores de recursos que deveriam auxiliá-los. Não há controle de entrada e saída por parte da FUNAI. Não há sequer uma política de controle.

A liberdade implica em responsabilidade, mas não implica termos de fazer o que os outros querem que façamos em seu proveito desde que tal proveito seja contrário ao nosso. Aceitar outro deus, outra organização, outra lei, implica em um equilíbrio entre nós e os outros, entre o egoísmo e o altruísmo e o domínio das nossas decisões diante da manipulação consciente ou inconsciente dos outros.

O hábito de nos deixarmos manipular vem da infância, afirma Dorozynski¹¹⁷, tempo que nada tínhamos que fazer ou dizer contra as decisões que outros tomavam por nós e a que estávamos sujeitos. Antes os pais, depois a autoridade parental, os professores, o meio de trabalho, as leis profissionais, etc. Os indígenas antes o SPI (Serviço de Proteção ao Índio) estavam tutelados como crianças sem legalizar nenhuma de suas decisões sem o consentimento, o aval desse órgão, depois a FUNAI (Fundação Nacional do Índio), sem dúvida sofriam e sofrem o efeito das manipulações dos outros, e eles se comprometem

¹¹⁶ Funcionária da FUNAI Sra. Demires Hoerhan

¹¹⁷ DOROZYNSKI, Alexandre.(Trad. Manuel João Gomes) A manipulação dos espíritos e o modo de lhe fazer frente. Lisboa, Cooperativa Editora e Livraria, 1982.

atualmente em coisas que lhe convêm imediatamente. Isso pode levar longe, estamos também trabalhando para quebrar tais pressões e mudar a vida assim constituída. Nosso trabalho começa a ficar comprometido à medida que as atitudes dos nossos alunos ou ainda de seus familiares, iniciam sua ginástica mental do decidir, refletir e assumir. Um rompimento voluntário, das antigas práticas é moroso e cansativo, porém cada dia mais exercitado.

Muitas são as manifestações de religiosidade dos entrevistados Ondina deixa claro, exemplificando sobre seu pensar, a preocupação com a filha e seu encaminhamento religioso.

Sua filha Nika, a filha de Ondina do segundo casamento, estava pronta para receber a primeira eucaristia. A cerimônia seria lá no Toldo. Como choveu muito em novembro de 1997, ficou sem receber o Santíssimo. Marcaram a data para dezembro de 1998, lá no Bugio¹¹⁸, porém Ondina não teve dinheiro para pagar alguém para levá-la. Ondina fala pensativa: ela já tem véu, grinalda e roupa branca. É só o padre Genésio Vargas marcar e ela vai tomar a primeira comunhão. (Depoimento em março/2001).

Ondina deseja que sua filha faça a primeira comunhão, o crisma e se case. E afirma que só com todos os filhos encaminhados, estudados, é que ela vai reconhecer que sua luta valeu. Nika estuda na sétima série do primeiro grau na Escola Básica "João Bonelli", na localidade conhecida como Barragem, no município de José Boiteux, com outras meninas índias e não-índias, professando fé na Igreja Assembléia de Deus. Um dia disse : Mãe, eu vou virar crente,

¹¹⁸ Localidade sem trânsito de ônibus ou veículo diário de José Boiteux para esta localidade.

Ela prontamente respondeu: olha minha filha com religião não se brinca,

Deixou-lhe refletir sobre sua conduta e continuou:

- eu vou fazer minha parte de mãe, levar você fazer a primeira comunhão e a crisma. Um dia se você casar, combina com teu marido e se quiser mudar de religião, daí problema é de vocês, mas por enquanto não.

A renovação da fé era realizada no passado com palavras soltas, espontâneas e tem produzido muitos frutos, incentivando os fiéis a deixar-se mover pelo Espírito Santo, levando-os sem dúvida, a uma libertação interior, através do desprendimento de si e dos próprios problemas.

Dona Laura está contente porque receberá uma casa nova, de alvenaria, tem piso de cerâmica na cozinha, nos banheiros e na lavanderia. Nos quartos piso de madeira. Afirmou que foi Deus que a ajudava sempre em todos os momentos difíceis da vida. Comentou e contou-me que para dar testemunho de sua luta e a concretização de seus sonhos, lutou muito. Para louvar a Deus lembrou de uma cantiga, que desde tempos do Pastor João Hoegen, eles entoam aos sábados à noite:

Canto de louvor a Jesus

*Conhecer agora o divinal poder
desde céu que o sangue de Cristo venceu
confiante Nele receber sua graça e poder lá do céu.*

*Ele veio e morreu sob a cruz
Confiante neste sangue do nosso Salvador,
Ele veio agora é sua luz.*

*Ti vanhgõ-s- tág- ma – vaha – me – ve
Ti- Bavenh-vainhkujãm- tág-ti-ki
Ti-ato-vainhvem-ko-na-den-geg-ma-te-*

Ti-to-dem-v-xo-kanhka-tã-nõ-de

Dén-jog~u-vaha-me-vé

Aglene-to-ag-to-tele-ti-ko

Ti-cavenh-vaha-to-genko-tovavem

Ku-togen-kv-lata-me-kamate.

Ato-ti – ble- kamateg-jé-txulo-k~u

Ojo-ag-to-jogag-ahachãm-yamh-kam mã jé

Den-jogo-ti-to-tumu-há-ki

É – jogu – tibõta – vatxika – kate

Gó-ti-kl~e –vanhtxo- paí-ti-jé

Ti-to-ag-mo-vamhgõk~u –ve-ti-mag-ma-te

Dejog~u – tõg-ti-bom-jé-kateg.

Comenta Laura que não oram em Xokleng , mas cantam em sua língua para animar a todos.

No final dos anos 80 e início dos 90, o Conselho de Missão entre os índios (COMIM), da Igreja Luterana (IECLB), iniciou alguns trabalhos de apoio aos índios. O conselho Indigenista Missionário(CIMI), católico (CNBB), limitou sua ação aos cafuzos, e tenta agora uma nova aproximação com os Xokleng. Cantos entoados, vozes angelicais expressando advento do apocalipse em línguas e no nosso idioma:

Santo, Santo, Santo,

Santo é o Senhor poderoso,

Digno de toda honra, de toda glória,

Digno de todo o louvor, agora e para sempre.

Santo é o Senhor. Cantem, louvem o seu nome para sempre, louvem o seu nome para sempre. Aleleuia.

Sentimos alegria de ali permanecer a ouvir cantos de adoração e de louvor, edificando a obra de Deus na Terra, fugir a esse ritmo, a essa atmosfera de amor é como negar a essência do ser.

6. 1 O problema do sincretismo religioso

Levamos em consideração alguns aspectos; destacamos em primeiro lugar duas tendências básicas relativas ao surgimento do sincretismo em suas práticas cotidianas ou nos cultos.

A primeira relaciona-se ao exterior, ligada ao evolucionismo social, que vê no sincretismo uma forma de purificação lentamente gradativa dos elementos considerados “inferiores”, até a ascensão às formas de crenças consideradas “superiores”.

A segunda tendência é a que tenta explicar este particular sincretismo partindo de valores internos, ou seja, de realidades associadas a uma análise da estrutura da mentalidade psíquica do indígena Xokleng e Kaingang, principalmente.

O índio aceita o novo conceito embora continue com suas práticas antigas.

A cultura indígena sempre concebeu um ser Criador, e de personagens em seus mitos que os orientavam em sua vida dentro da sociedade tribal. A autoridade sempre foi o Kuji, misto de sacerdote, curandeiro e profeta. A estrutura social baseada no pai, que resgatava alimento através da caça e coleta em lugares mais distante, da mãe que cuidava dos filhos e providenciava o preparo dos alimentos, asseio corporal dos filhos. Os dois tinham funções específicas com sua família, os papéis eram bem delimitados e os filhos sentiam segurança com os pais. Valores éticos, morais eram sempre o viver com harmonia com os seus pais. Havia outros irmãos, outras mulheres e isso não importava, asseguram os mais velhos da tribo. Ciúme é coisa inventada dos kupli e que os indígenas aceitaram. Hoje temos exemplos de casamentos desfeitos, de namoros escondidos entre parentes, práticas de adultérios, morte por ciúme e intrigas. Nomes dos antepassados nos filhos e atribuindo-lhes qualidades ou possíveis defeitos que estes trazem em sua essência¹¹⁹,

¹¹⁹ Sua essência seria o nome o seu significado desde o primeiro personagem a utilizá-lo, é saber da sua história.

explica Lindjá Morló; mesmo ainda a antiga prática das avós pedirem o(a) neto(a) para filha e essa não poder negar-lhe; a razão se negar o filho(a) a avó, esse(a) não desenvolve e pode até morrer.

Quando conta que escolhem nomes para os seus filhos como forma de homenagear os mortos de sua ascendência, é um exemplo desse sincretismo, citado por Ndo-u, esposa do pastor Alfredo: minha filha deu o nome do seu filho de Veichá, o nome do bisavô. Deu ele prá mim porque sabia que tem jeito de ser . Não daria conta eu sim, sempre me dei bem com meu padrasto.

Seria uma espécie de espiritismo, crença na reencarnação, presente em suas falas, no seu pensar, em seu agir. Acreditavam no passado que o nome atraía o “espírito” daquele que já foi e agora ainda crêem. Relembrar também seria uma forma de dar vida, Veichá seria como o “pai” estivesse ali com suas qualidades e com seus defeitos. Seria possível esse pensar por pessoas tão simples ?

É costume dos Xokleng de dar nome ao filho que nasce de um outro filho já falecido, seria como uma espécie de substituição do morto pelo que agora, nasceu e vive... Observei que a Edu, Candinha, Samuel Priprá, Ilsa, Ndo-u, Laura entre outros continuam realizando esta prática.

Lindjá como também Ganglã, comentam que os mortos devem ser homenageados para ficarem em paz. Dar nome seria até uma espécie de homenagem, depende do coração daquele que pratica o ato, aquele que foi, saber é uma forma de fazer viver, comentam.

A pintura do corpo em dias de festa faz parte para demonstrar sua alegria, sua espontaneidade de ser o que são, afirma Candinha Priprá e seu colega Gabriel Fonseca.

A ornamentação plumária sempre foi bastante escassa e simples pelos La kla No, em comparação com os outros povos - como os Tupi-Guarani.

Está claro que a aculturação religiosa é mais rápida e mais profunda nos casos de matrimônio mistos, de convertidos com os não convertidos ou de outra religião.

E dado o nível que ocorre nas terras indígenas de que foi e é revestida a catequese administrada aos nossos irmãos indígenas, compreende-se a existência dessas aproximações sincréticas. Portanto, todas ações pastorais são louváveis, todos os esforços para aproximar a Igreja com seus cultos dentro de uma perspectiva que os indígenas reconhecem como correta e assim aceitam é a abertura para uma unicidade regional, acreditam e praticam atualmente. Ação que deve sentir-se obrigada não tanto a analisar os aspectos sociais, mas sim, a reconhecer e salientar os aspetos positivos desta mediação religiosa, os traços básicos comuns, os elementos maravilhosos que coincidem com aquele que Cristo nos apresenta como necessários para chegar ao Deus em “espírito e vida” (Jo 4,23), afirma Edi Priprá - pastor na Comunidade Figueira e atende também a Comunidade da Palmeirinha.

6.2 Oração espontânea de louvor

“ A multidão de fiéis era um só coração e uma só alma” (At 4,32). Certamente, o autor dos atos dos Apóstolos, apresenta-nos diante dos nossos olhos um modelo de Igreja para todos os tempos: união, fraternidade, comunhão e oração comunitária.

São fervorosos muitos dos entrevistados mais antigos, com exceção de Nunc-Fôoro. Sua conversão é vivida com muito testemunho e exemplo de vida.

Alexandrina é esposa do João Patté, seu marido hoje é pastor, mas já foi cacique. Ser cacique é ter uma função, mas não é serviço remunerado. Trabalha com a comunidade onde é eleito, afirma com convicção. Comenta que a política dos índios imita demais a política dos kupli; existem muitas insatisfações entre o povo, querem que o cacique

solucione, cobram trabalho de visitação, para resolver problemas pessoais. Seu marido no tempo que estava na função de cacique sofreu quase atentado de uma “turma” de índios. E a religião vem ao encontro da paz, do perdão, deixar o rancor de fora do coração e a vida na comunidade continua. O movimento têm aspecto positivo, entre outros valores: oração espontânea e de louvor, docilidade às aspirações do Espírito Santo, cura interior, abertura à palavra de Deus e de compromisso social, junto com os irmãos.

Na fala de Alexandrina seu marido João fez vários projetos para melhorar as condições de vida em todas as comunidades: os planos eram fazer creches, para as mulheres trabalhar fora e as crianças serem atendidas, trazer alguma malharia, ou costura de Jeans ou fazerem mesmo Pixurum¹²⁰, onde teria comida para todos. Também o de fazer granja de porcos. A desunião é tão visível, que entre eles os acordos em escolher um projeto que contemple a maioria, inexistente afirma Alexandrina com emoção. Ninguém quer fazer pelo outro, cada um pensa em si, afirma a entrevistada e comenta como um desabafo: -desculpe!mas acho que o bicho ruim¹²¹ tem mais força aqui com minha gente.

Antes de tudo relevam o conhecimento sobre a ação do maligno, como diz na Bíblia é o papel do “tentador”, todas as obras ruins que ocorrem. Ele faz a gente errar e perder a nossa fé seria seu objetivo. Se acontecer algo ruim, não precisa procurar a causa por saberem que a possessão física do demônio pode ocorrer, é suficientemente causa explicativa de ação para compreender os fatos negativos decorrentes.

Como são evangélicos, afirma Alexandrina, observam as escrituras e vêem as manifestações de seu povo, mesmo sem concordarem muito. Ela fica quieta, diz saber que

¹²⁰ o mesmo que muxurum.

¹²¹ Bicho ruim – não querem dizer o nome demônio.

nos últimos tempos¹²² aconteceram muitas iniquidades, e que o amor de muitos acabará, como já está acabando; já começou, afirma. Que os verdadeiros devem deixar-se serem guiados por Deus, sempre se cuidando, não se deixar ser tomados pelo ódio, o que puder fazer para ajudar é para fazer. Colocando sua postura pessoal diante todas as circunstâncias temporais:

Sempre fui uma mulher assim, mulher sofrida, atender o povo pelo bem do meu marido, já que ele era e é líder. Sempre cuidei dos meus filhos, orientava, conversava, resolvia com eles coisas do dia-a-dia, quando era coisa que eu não dava conta, falava com o João. Os filhos são mais abertos comigo, o João é durão, daí eles não se achegam muito não. Quem dá mais atenção sou eu. Exijo para falar com o pai. Minha alegria está junto comigo, não deixo a tristeza vir ao meu coração. Não tenho tristeza. Só quando fico doente, falo com Deus.

O sobrinho de Alexandrina, Basílio Lili Priprá, homem convertido, ele foi eleito cacique da Bugio¹²³, pela segunda vez, está tentando unir o povo para realizarem trabalho comunitário, para benefício de todos. Sabe que pode contar com a experiência do tio, João Patté e bisavô Jangó Priprá. Comentário de Alexandrina em relação ao ex-cacique João Patté, o líder e seu esposo de por causa das 134 casas, entregues para população indígena neste ano (1999) como parte do acordo, representando a primeira remessa:

Daí João disse que a nossa comunidade ia sofrer, que esse projeto¹²⁴ devia ter saído cinco anos atrás, e agora demorou e ainda não saiu certo, as pessoas que eram pra ganhar casas não ganharam, os que nem na lista estavam ganharam. Os casais mais velhos eram pra ser atendido não foram, outros novos ou que já tinha

¹²² Últimos tempos – está se referindo ao apocalipse, o livro das revelações.

¹²³ Posse aconteceu dia 03/09/1999, na Sede dentro da Escola local.

¹²⁴ Foi assinado acordo sobre os trabalhos a serem concluídos para o bem-estar da comunidade Xokleng, no dia vinte e nove do mês de janeiro de mil novecentos e noventa e dois, na cidade de Florianópolis- SC, a Secretaria do Desenvolvimento Regional da Presidência da República, doravante denominada SDR, neste ato representada pelo Diretor do Departamento de Assuntos Inter-Regionais, Senhor Nino Sérgio Bottini, o Governo do Estado de Santa Catarina, representado pelo governador, Senhor Vilson Pedro Kleinubing, e a Fundação Nacional do Índio, instituída pela lei nº 5.371, de 05.12.1967, FUNAI, neste ato representada pelo seu presidente, Senhor Sydney Ferreira Possuelo, foram assinado acordos sobre que resolvem celebrar o presente protocolo de Intenção,

casas até mais de uma, ganharam mais uma casa. Tem injustiça. O João estava conseguindo muita coisa colocou tudo no papel.

O sentimento cristão está presente em suas falas e em muitos momentos de sua vida, embora haja o sincretismo religioso, como marca em outros momentos vividos. A submissão e a doutrinação sendo imposta pelos não índios desde 1914 e cada vez intensificando mais. A existência e a sobrevivência do grupo estavam presentes, requer um certo grau de conformismo, senão o grupo pode cair em desordem e na extinção. A disponibilidade do homem para deixar-se convencer é, pois característica hereditária? Ou psicossocial latente? Arregimentar seres humanos é uma coisa absolutamente fácil, afirma Wilson e Skinner. Até as crenças em mito ou em Deus seria produto da sociobiologia ou da interação social existente ou a somatória dos diversos fatores, afirmam. Wilson afirma que “a predisposição para a crença religiosa é a força mais complexa e mais poderosa do espírito humano e, segundo todas as possibilidades, uma parte inalterável da natureza humana”, A religião ou crenças no mito asseguram a identidade enquanto grupo, afirma Skinner. No meio de experiências caóticas e perturbadoras do cotidiano, a religião situa-nos; ela proporciona-nos uma incontestável identificação com um grupo que se reclama dos grandes poderes e assim nos apresenta um objetivo vital conforme os nossos interesses. Resulta daí a aculturação religiosa dos Xokleng contemporâneos que se processa com igrejas em todas as comunidades, e pastores de sua própria etnia que vêm ao encontro de suas necessidades e sem choque com sua cultura. Eles conhecem sua cultura, o seu mito. Os seus personagens inspiraram o seu proceder, o seu agir e as suas manifestações sociais.

Ao destruir a alma indígena, por eles considerada obra do “ demônio” ou das “ forças do mal”, ele desfez algo tão essencial do indígena que ainda, creio que a voz grita no interior do seu corpo – o amor às forças da natureza, permanece latente

No passado colocavam junto do morto os seus pertences pessoal, depois só o caixão e isso é pouco, às vezes para uma pessoa que muito lutou e muito tinha, por isso é necessária outra prática para “alegrá-lo”, afirma Nganveng.

A festa dos mortos, que realizavam no passado ocorria uma vez por ano, “*depois da “barragem” ficou tudo mais desunido e difícil de se reorganizar*”, afirmam. Mesmo assim voltaram a realizar, já conseguiram fazer duas festas, a última aconteceu em setembro de 1998, realizaram inclusive a preparação da bebida alcoólica feita com o Xaxim e o mel do mato, chamam de kiki. É uma festa exclusivamente masculina. Os jovens a vêem como “coisa dos antigos”, pouco se integrando ao místico, que envolve o cerimonial e do seu objetivo é de homenagear os mortos.

Vemos a Assembléia de Deus se adaptaram a cultura dos indígenas para conseguirem continuar seu projeto evangélico, afirma Edi Priprá: Não se pode ir contra tudo que o povo faz, temos que sempre indo ensinando e aprendendo.

Como vimos a igreja Católica fez seu papel de iniciar a catequese num sistema paternalista, só presenteavam. Procuravam ajeitar as vivências pelo pensamento cristão, num discurso do oprimido. E os índios ficaram se considerando “pobres”, “desprovidos de coisas” que os brancos tinham, então começaram a imitá-los. Diz Ndo-u¹²⁵ que é preciso também aprender dividir no pouco que têm e não só esperar o muito, que talvez possam receber de outros. Acreditam que a Assembléia de Deus, através de seus pastores, dão mais exemplos de vida e com esses procedimentos, sentiam-se mais valorizados, pois eles comiam, moravam e vivem como os índios. Talvez esta identificação com a maneira de agir os fez persistir. Há uma reciprocidade em identificar-se, uma adaptação de ambas as partes.

¹²⁵ Indígena residente na Comunidade Bugio.

Nas comunidades Xokleng perdeu-se quase toda a tradição das cerimônias coletivas segundo os costumes da tribo.

Tudo isso resulta em parte da tendência de imitar os “regionais brancos”, mas deixa entrever os profundos abalos sofridos pela solidariedade grupal. Houve sem dúvida um aceleração na desintegração grupal nesses últimos 20 anos e está difícil a Assemblerianos vencerem essa “força”.

Da Bíblia Sagrada o capítulo de São João já foi traduzida para o Xokleng, por missionários Norte americanos, que visitam anualmente as comunidades, comenta João Ciri.

Um dos fatores responsáveis pela infiltração de elementos novos no sistema religioso deste grupo é o convívio, nas comunidades com famílias ou pessoas cristãs como Cléris Marcus, pastora Evangélica Luterana, irmã Rose, irmã Maria e inclusive nós, trabalhamos nesses cinco dias dentro da área indígena, somos cristãs e falamos dos nossos valores e crenças, o que exerce certo modo, maior fascínio e aceitação de muitas idéias. A interação vai ocorrendo e com ela a assimilação e aculturação dos indígenas.

6. 3 Transformações nas comunidades indígena

As terras indígenas de Ibirama estão vivendo um novo momento, examinando à luz das ciências e da história, “o fenômeno equivale ao da transição na Europa do feudalismo para o capitalismo, no qual o protestantismo também teve papel importante. Junto a nova igreja, chega nas terras um sistema ético e moral que estimula o trabalho e condena os desvios como bebedeiras e uso de drogas e está desenvolvendo um trabalho junto as famílias para haver maior estabilidade.

Os antigos ritos foram esquecidos ou estão adormecidos. Há um relacionamento harmonioso no sentido de confessar a fé e de praticá-la?

Os curandeiros – Kuji - são também evangélicos, porém praticam seus trabalhos com as ervas, utilizando palavras de agrado dos pastores, talvez evitando censura ou como comentam: *não querem ficar em disciplina*. Ficar em disciplina é ser afastado do grupo no cerimonial religioso e isso representa um ato de vergonha e de exclusão.

Observando-os creio que a humanidade só tem a ganhar com um melhor conhecimento de si mesmos. Têm-se profundamente enraizadas em nós tendências racistas, tendências instintivas para o sexo e uma vulnerabilidade para as manipulações a que queiram sujeitar-nos, se retermos em nós uma agressividade latente, herdadas de nossos antepassados, valerá a pena conhecermos o fato da necessidade de empreendermos em nosso viver com o outro.

Os indígenas em sua maioria observam-se em seu agir, falam que possuem espíritos aventureiros, querem e precisam vencer obstáculos e maravilham-se com o que vêem. O incidente dos “outros” no mito demonstram, o aspecto sociológico dos relacionamentos dos Xokleng, a atitude mental de afugentar o estranho, o desconhecido se fez presente na narrativa e no celebrar todos os eventos. Perdoar esse sentimento não existia por razão deles esquecerem com facilidade o ocorrido. Demonstram sentimentos no momento, falam e depois esquecem o ocorrido. Os indígenas possuíam e desenvolvem um grande sentido de fé.

Existem autores que apresenta séria crítica a evangelização dos indígenas, as criticar por serem pobres e aderindo á esse movimento, tornam-se submissos a uma visão que não questiona a classe dominante e as relações de injustiça e a pobreza. Desarma-o do

desejo de melhorar este mundo, de lutar para condições mais dignas, adestrando-o moralmente em aceitar submissamente as injustiças em troca de salvação¹²⁶.

Mas existe – como sabemos – sinais no grupo, que se apresenta o maravilhoso, isto é, uma ação de Deus na situação histórica de opressão, onde o oprimido reconhece que sua libertação é a mesma intervenção divina na história dos homens (maravilhoso cósmico-redentor); apresenta-se uma mística que se torna resistência em nome da utopia evangélica, da fraternidade e da liberdade, contra a dominação de satanás, expressa pela política oligárquica e pelo domínio cultural dos meios de comunicação.

O indígena desde tempos imemorial, por exemplo, sabia como procurar recursos para viver, como procriar e garantir a subsistência à prole, como produzir as condições materiais de vida, defender-se das intempéries, doenças e como comunicar-se com o transcendental, como achar harmonia em sua existência e explicar seu surgimento no meio de histórias e imagens, como comunicar-se com seu semelhantes, mas tudo isso foi ignorado, desvalorizado e destruído.

Entre os Xokleng contemporâneos, a aculturação religiosa se processa paralelamente à adoção de novas idéias morais, entre estas as da culpabilidade individual - *sou burro mesmo, tenho que ficar assim mesmo, acreditei na palavra do outro e fui enganado* (Nicácio Mariano). Ou de outros depoimentos: *errei quando traí minha esposa e agora devo aceitar o que ela faz para mim, é a volta do meu pecado; na maldição de meus pais quando errei*, afirma Basílio Kayduy .

¹²⁶ ROLIM, F.C. Religião e classes populares. Vozes, Petrópolis, 1980, p.184-187.

Outros depoimentos de “pecado” e “prazer” de assim realizar: *Tenho várias mulheres e só sei que isso tá errado, sei que vou pro inferno até acho, mas o que fazer se falta homem aqui.* (Jonas Kamblém – 31 anos – Aldeia Bugio).

De qualquer maneira, porém, a solidariedade do grupo parental continua a sobrepor-se, em todas as comunidades Xokleng. Vivem num ambiente manipulatório e são conscientes do fato das manobras de que são alvos, o que não significa que possam escapar-lhes. Mas há manobras igualmente freqüentes, onipresentes e habituais que nos passam despercebidas; refiro-me as manipulações religiosas, política partidária, da FUNAI, da educação, etc

São muitos os momentos que há um recomeçar coletivo. A idéia de auxiliarem-se persiste. Organizam-se rapidamente quando um perigo externo se apresenta, isso desde da polêmica da barragem.

O índice da desorganização familiar dos Xokleng atual é claro: há pouca estabilidade das uniões conjugais, aliás justificam são práticas do tempo do mato onde um homem poderia ter quantas mulheres pudesse sustentar. Entre os Xokleng, a iniciativa da separação é quase sempre do homem, que ou deixa os filhos com mulher, ou “conforme a briga” ainda permanece em casa com sua família e com a(s) outra(s).

Tentamos decifrar os comportamentos sexuais característicos da sociedade Xokleng, através de suas falas, foi preciso penetrar no universo complexo de seus valores, crenças e mitos. Seus atos e reações são originais de elementos tradicionais somando-se o conhecimento recente da sua conversão, integrando-se na cultura tribal na medida em que esta, permitiu integração dos valores dos kupli.

Cada história, cada mito, cada manifestação de cura e crença dos poderes do Criador é uma auto-representação da psique brasileira legítima de todos os tempos falando de si mesmo, de como se organizar no meio do caos por meio de linguagem própria – a das manifestações do viver e ser o hoje.

Os contatos com os não índios fizeram com que os indígenas negassem a existência de uma outra dimensão psíquica própria dos aborígenes e que, além disso, operou eficazmente para destruir o que era possível negar.

Repetir palavras, adotar novo comportamento os fez inevitavelmente negar o que são, e essa negativa os fez por certo tempo, perder sua identidade.

Ter vergonha de seu corpo nu e fazê-los acreditar que nada acreditavam, que eles deixavam de ter idéia do que seria divindade era sem dúvida mentalidade dos primeiros “civilizados padres” que iniciaram sua catequese.

Mas o aprendizado evolui. Aprenderam que a oração de louvor purifica os lábios de quem a pronuncia. A visão do Rei da Glória é como uma brasa que purifica o coração e o prepara à missão (cf. Is 6,8). A oração espontânea e de louvor valoriza as emoções humanas e ajuda na aceitação de si mesmo e dos próprios sentimentos.

Somos frutos desse processo a qual estamos inseridos. Um processo que estruturou nossa consciência, um modo de ser e agir, do qual somos representantes e portadores, queiramos ou não fazemos parte dele. Assim os indígenas no seu interagir com os não índios, nessa relação ocorre a identificação do outro e a consciência das diferenças nas mais diversas questões.

Respeitar o próximo é o primeiro passo para um bom relacionamento, para uma harmoniosa convivência.

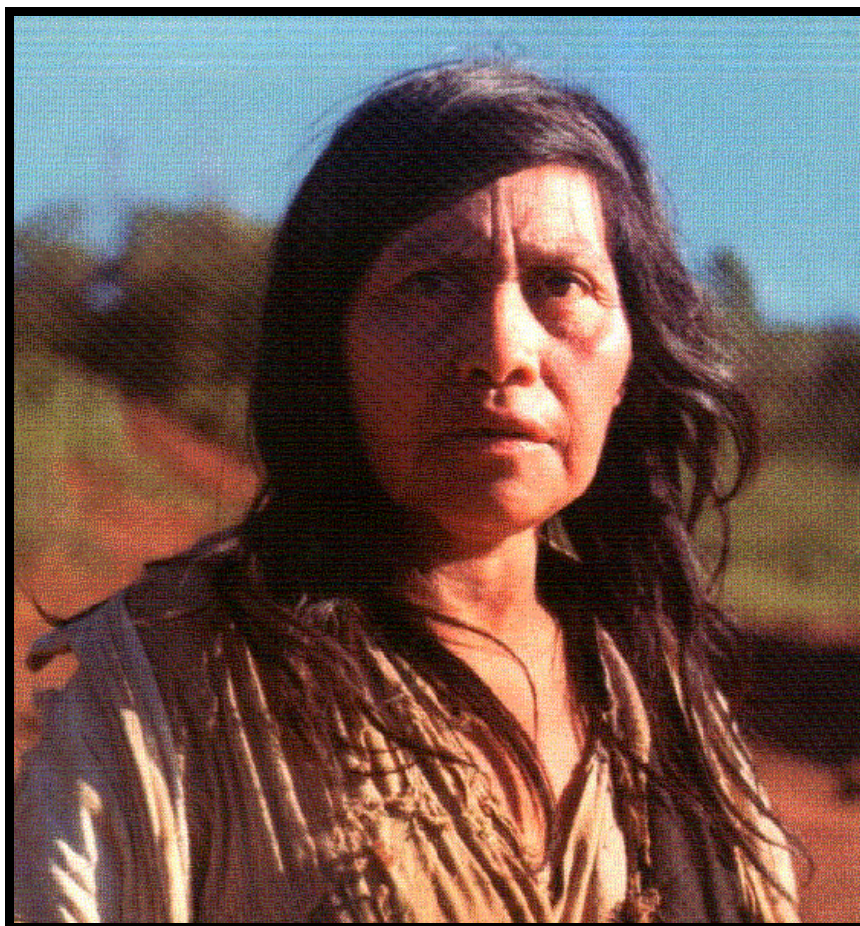


Figura 18 - Mulher Indígena Xokleng. Foto SCS, 1975.

Considerações finais

Um ser humano é uma parte do todo a que chamamos universo, uma parte limitada no tempo e no espaço, que concebe a si mesmo, às suas idéias e sentimentos como algo separado de todo o resto. É como se fosse uma espécie de ilusão de óptica da sua consciência.

Albert Einstein

Resistir e mudar. Devemos resistir às formidáveis forças que a civilização apresenta? Essa foi a incógnita dos indígenas, estava além do que acreditavam. Houve convencimento. Lutar contra a barbárie sim, é uma forma de resistir a destruição. De modo geral, a partir de quando convencidos, temos que resistir incessantemente à mentira, ao erro, à resignação, à dominação, à exploração, discriminação e a crueldade.

Quanto maior a opressão também maior são as possibilidades de serem criados mecanismos para mudança, para salvar a vida. Uma transformação individual inicialmente e depois coletivamente se processa, e que faria a Humanidade emergir como humanidade. Mas essa nova de revolução deve ser expurgada de toda salvação, exceto a do salvamento da aventura humana. Os indígenas mais que nunca enfrentaram e enfrentam essa idéia. E continuar, é certamente pensar no futuro. De qualquer modo, o futuro passa pela resistência. Contar sua história em sua versão é fazer acontecer algo nunca visto pelos “submetidos”, pelos “vencidos”.

Mitos inéditos dos Xokleng foram apresentados com propósito de chamar atenção pela riqueza que uma cultura “primitiva” contém, em sua essência de ser e do fazer. Quase esquecidos, poderiam dizer outros adormecidos pelo tempo em que civilização age e consome. Nutre-se com seu racionalismo e seu poder em lucrar e de ter.

Antigos rituais em homenagem aos ciclos da vida ou da natureza eram suficientes para homenagear o “Criador”, agradar é amar todos os elementos criados aqui onde

vivemos. Rituais que eram a base do seu encantar o mundo estão relegados ao relembrar da sua existência; há movimento para reavivá-los. Se faz necessário estar num estado de Ser, de assumir identidade e os indígenas sabem que o resgate de sua cultura é um dos caminhos que podem trilhar.

Nos contatos com outras pessoas e comunidades os indígenas “descobriram” outro credo. As reflexões abordaram aspectos parciais da misteriosa manifestação de Deus do homem branco, do “maravilhoso indivíduo” e de sua história. Estas considerações que confirmaram a necessidade da conversão e aceitação de outra forma de viver.

Mas... *“quando virá o Filho do Homem, encontrará ainda fé na face da terra?”* (Lc 18,8) .

Refletindo sobre esta passagem da escritura, um pensador assim se exprimia: Deus tentou se comunicar através da natureza, mas nem todos chegaram a Ele. Alguns preferiram o acaso a Deus onipotente, outros, o absurdo ao Amor Criador.

Hoje, o encontro com o Criador nos vários degraus do maravilhoso, do original ao circunstancial, do pessoal ao comunitário, do contínuo ao cósmico-redentor, no mundo, na América Latina, no Brasil, no sul do país, nas Terras Indígenas de Ibirama, se apresenta marcado pela emergência dos excluídos étnicos, dos pobres e passa através de várias instituições.

De qualquer forma, estamos como Kujánhkág e Nãnbág e Txu Txuvanh, Pazi, Vãjeki, Kóza e outros, vivemos um momento único e promissor, aberto a visões mais abrangentes e ecumênicas.

Não podemos eliminar as incertezas e o imprevisível, vamos aprender como melhor agir, executar e conviver com as diferenças. Os brancos já reconhecem a advertência, profundamente atual, sobre o problema das minorias raciais em confronto com

uma cultura tecnicamente adiantada e a solução perpassa na maior sensibilidade e de realmente vivermos a mensagem: Paz na terra aos homens de boa vontade.

Desta visão temos modelos incomparáveis dos profetas, dos doze apóstolos, dos personagens dos mitos indígenas, devemos sempre lembrar que a história é fruto da ação do homem e de Deus, e que em vão constrói aquele que o faz soberbamente sozinho. De fato, o cristão que não tiver as obras do Espírito Santo, porventura a fé pode salvá-lo (Tg 2,14)?

A ação é o fazer para construir uma sociedade digna para todos. Precisa de ardores repetidos, ensaios/erros ininterruptos, até que um dia, por acaso, ocorra a transformação pela consciência de executar o que vem ao encontro/receptividade/ criação.

Um canto de louvor é entoada em vozes angelicais e cheia de emoções, é o coral da Figueira que realiza seu ensaio, louvando o Senhor:

Poderoso és, Soberano em glória,
 És incomparável, maravilhoso,
 tua formosura,
 não há outro Deus como Jeovah!
 Não há outro Deus,
 Além do Senhor, não há, não há!!!
 Não há no céu, não há no mar, não há na Terra ,
 Um Deus como o Senhor.

Sabíamos antes de todo conhecimento e toda consciência, chegando, ao mesmo tempo, ao que todo conhecimento e toda consciência nos ensinam a realizar e espalhar: semear ----- se amar.

O não preconceito racial em nossas mentes, e de tudo que ela possa representar neste momento de crises de valores contemporâneos, assim agindo estaremos evoluindo numa consciência de hoje a alteridade radical, uma lógica que nos é ainda desconhecida, uma espiritualidade elevada que muitos não conhecem, uma percepção, uma sensibilidade, um novo modo de ser. Essa espiritualidade brota na depuração da mistura, de onde brota a

qualidade mais criativa de realizar, processo histórico cultural a ser edificado, quando descobrirmos a plenitude de nossa verdadeira espiritualidade.



Figura 19 - Professora Mariani e Coordenadora da 25 CRE/2001, em momento da celebração na Formatura dos alunos do Ensino Fundamental, da Instituição CEJA, no Clube Recreativo União, em Ibirama/SC, com alunos indígenas das Comunidades Palmeirinha, Figueira, Bugio.

Referência Bibliográfica

- BELTRÃO, Luiz. **O Índio, um mito Brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1977.
- BROWN, Dee. **Enterrem meu coração na curva do Rio. Índios contam o massacre de sua gente**. Trad. Geraldo Galvão Ferraz. São Paulo, Melhoramento, 1973.
- CAMPBELL, Joseph. **As transformações do mito através do tempo**. São Paulo: Editora Cultrix, 1990.
- _____. **O vôo do Pássaro Selvagem**. Trad. Ruy Jungman, Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Ventos, 1997.
- _____. **The Masks of God., Vol. I, Primitive Mythology** New York: The Viking Press, 1959.
- CAPRA, Fritjof. **Sabedoria incomum**. São Paulo: Cultrix, 1988.
- DUNCAN e SMITH, Weston. **A enciclopédia da ignorância**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1981. (Col. Pensamento Científico).
- DOROZYNSKI, Alexandre. (Trad. Manuel João Gomes) **A manipulação dos espíritos e o modo de lhe fazer frente**. Lisboa, Cooperativa Editora e Livraria, 1982.
- FAUNDEZ, A . **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- WALSH, Roger N. **O espírito do Xamanismo. Uma visão contemporânea desta tradição milenar** ? trad. Maria Silvia Mourão Netto, São Paulo: Saraiva, 1993.
- ELIADE, Mircea. **Shamanism: Archaic techniques of ecstasy**. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1964.
- _____. **O conhecimento Sagrado de Todas as Eras**. Trad. de Luiz

L. Gomes: São Paulo: Mercuryo, 1995.

_____. **Mito e realidade**. Trad.: Póla Civelli, São Paulo, Editora

Perspectiva, 1972.

FIALHO, Franciso Pereira. **Ciências da Cognição**. Florianópolis: Insular, 2001.

HALBWACH'S, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HARNER, Michael. **O caminho do Xamã: Um guia de poder e cura**. São Paulo: Cultrix, 1989.

LANGDON, e. Jean Matteson (org.) **Xamanismo no Brasil**. Florianópolis: UFSC, 1996.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **A Oleira ciumenta**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Estrutura e Dialética**. São Paulo: Brasiliense, 1958: 257-266 (cap.XII).

LURIA, a.r. The Working Brain – **Na Introduction to Neuropsychology**. New York: Basic Boocks Inc., 1973.

MACHADO, Maria das Dores Campos. **Carismáticos e Pentecostais. Adesão religiosa na esfera familiar**. Campinas: Autores Associados: São Paulo, SP: ANPOCS, 1996.

MALINOWSKY,B. **Myth in Primitive Psychology** (1926); reproduzido em 1955 no volume **Magic, Science and Religion**, nas páginas 101 a 108.

MORAES, Regis de.(org.) **As razões do Mito**. Campinas: Papirus, 1988.

MORIN, Edgar. **Para sair do século XX**. Trad. Vera de Azambuja Harvey.

Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SANTOS, Silvio Coelho dos. **Integração do Índio na Sociedade Regional: função doS Postos Indígenas em Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. UFSC, 1970

_____ **Índios e brancos no Sul do Brasil.** A dramática experiência dos Xokleng. Florianópolis: Movimento. 1973

_____ **Povos indígenas e a Constituinte.** Florianópolis: Ed. UFSC. 1989

_____ **Os índios Xokleng.** Memória visual. Florianópolis: Ed. UFSC e UNIVALI. 1997

SANTOS, Boaventura. **Um discurso sobre as ciências.** 7ed, Porto, Afrontamento, 1995.

STAKE, Robert E. **Investigación con estudio de casos.** Madrid, Ediciones Morata, 1998.

STERN, William. **Psicologia general.** Buenos Aires: Paidós. 1957

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado.** História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992.

SOMETTI, José. **O maravilhoso: Pastoral e Teologia.** São Paulo: Vozes, 1991.

SOUSA, Eudoro. **História e Mito.** Brasília, Cadernos da UnB, 1981.

RISÉRIO, Antonio. **Textos e Tribos. Poéticas extraocidentais nos trópicos Brasileiros.** Rio de Janeiro, Imago: 1993.

REICHEL-DOLMATOFF, G. **Amazon Cosmos: The sexual and religious symbolism of the Tukano Indians.** Chicago: London, University of Chicago Press, (1968) 1971

Bibliografia

AZAM JUNIOR, Celso. **Antropologia e interpretação.** Campinas: UNICAMP, 1993.

ALVES, Paulo. Perspectivas acerca do método e técnica dos discursos. **História**, , São Paulo, UNESP:2, 33-37, 1983.

BALDUS, Herbert. **Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira.**, São Paulo: [s.e.], 1954. vol. 1.

BATALLA, Guillermo Bonfil. El pensamiento político de los índios en América Latina. In **Anuário Antropológico**. Rio de Janeiro: AAL, 1979.

BACZKO, Brodislaw. A imaginação social. In. *ROMANO, Ruggero. Enciclopédia Einaudi*. v. 5. trad. Manuel Vila Verde Cabral. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1985. p.296-332.

BELL, Lindolfo. **Código das Águias**. 3. ed. São Paulo: Global, 1994.

BENJAMIM, Walter. A Imagem de Proust. In. _____. **Magia e Técnica, Arte e Política: Obras Escolhidas**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, s/d (1 ed.: 1985).

BOSSI, ECLÉA. **Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos**. 2 ed. São Paulo: T.A Queiróz/ USP, 1987.

CARDOSO, Ciro e VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Campos, 1997.

CARDOSO, Ruth A aventura de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. In: **Aventura Antropológica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

CAMARGO, Aspásia Alcântara de. O Ator, o Pesquisador e a História: Impasses Metodológico na Implantação do CPDOC. In: NUNES, E. O (org.). **A Aventura sociológica: objetiva, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 277-303.

CARNEIRO, M. Luiza Tucci. **Preconceito Racial**. Portugal e Brasil-Colônia. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CEMITILLE, Luiz de. **"Memórias" de Taunay entre os nossos índios**. São Paulo: Melhoramentos, 1931

CHAUÍ, Marilena. **Convite a filosofar**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e Resistência**. Aspecto da cultura popular no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1996.

CRESSANGES, Jeanne. **A Vida da Mulher depois dos 40**. trad. Angela Carneiro. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1984.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Os direitos do índio**: ensaios e documentos. São Paulo: Brasiliense. 1987.

DAVIS, Shelton. **Vítimas do Milagre**. Desenvolvimento e os índios no Brasil. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DEVEREUX, Georges. **Mulher e o Mito**. trad. Bestriz Sidou. Campinas: Papirus, 1990

Enciclopédia Einaudi. "Oral / Escrito. Argumentação". Vol.11, Porto, Imprensa Nacional/ Casa da Moeda. 1986

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

ESTEVES, Martha de Abreu. **Meninas perdidas**. Os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro de Belle Époque. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1989.

FAUSTO, Boris. **O Brasil Republicano**. Rio de Janeiro: Difel, 1977 -(História Geral da Civilização Brasileira).

FERNANDES, Florestan. Um retrato do Brasil, In: _____. **Mudanças Sociais no Brasil**. São Paulo: Difel. 1979

FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. (org.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.1996.

FRANCASTEL, Pierre. **A realidade figurativa**. São Paulo: Perspectiva. 1982

FREITAS, Marcos C  zar (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Nietzsche, Freud e Marx** : theatrum philosophicum. São Paulo: Abril Cultural, 1974

GEERTZ, Clifford. **A Interpreta  o das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara/Koogan, 1989.

GOFMANN, Irving. **A representa  o do eu na vida cotidiana**. trad. Maria Célia Raposo, Petrópolis: Vozes, 1985.

HALBWACH'S, Maurice. **La Mémoire collective**. Paris: PUF, 1956

HALBWACH'S, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: V  rtice, 1990, p.46-47

HEGEL, G. W. F. **Introdu  o    história da filosofia**. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural. 1956

HENRY, Jules. Os   ndios Kaingang de Santa Catarina, Brasil. **Revista do IHG de Santa Catarina**, XII. Florianópolis. 1944.

HERING, Maria L.R. **Coloniza  o e Indústria no Vale do Itajaí** O modelo Catarinense de desenvolvimento. Blumenau: Editora da FURB, 1987.

ISM  RIO, Clarisse. **Mulher: A Moral e o Imaginário** 1889-1930. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: RUGGERO, Romano (dir.) **Enciclopédia Einaudi**. V. 1, trad. Suzanna Ferreira Borges. Lisboa: Casa da Moeda, 1984. 95-106.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 2. ed. trad. Bernardo Leitão...et al. Campinas: UNICAMP, 1992.

LEITE, MirianMoreira. História das Mulheres. **Revista da USP**, São Paulo, 57-60, s/d.

LINHARES, Maria Ieda (org.). **História Geral do Brasil**. 6. ed. Rio de Janeiro: Campus. 1998.

MAGALHÃES, D. J. G. de. Os indígenas do Brasil perante a história. **Revista trimestral do Instituto Histórico Geographico e Ethnographico do Brasil**, XXIII, Rio de Janeiro, 3-66, 1860.

MARTINS, Pedro. **Anjos de cara suja**. São Paulo: Ed. Vozes. 1995.

MOTA Lúcio Tadeu. **As guerras dos índios Kaingang: a história épica dos índios Kaingang no Paraná (1769- 1924)**. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá. 1994

MÜLLER, Sálvio. **Opressão e Depredação**. Blumenau: Ed. Nova Safra, 1987

MURRA, John V. **La organización económica del Estado Inca**. México: [s.e.], 1978

NACKE, Aneliese. **O índio e a terra**. A luta para sobrevivência no P. I. Xapecó - SC. Florianópolis: SC, 1993.

OSBORN, Daisy Washburn. **A Mulher e sua auto-estima**. trad. Gordon Chown. Rio de Janeiro: Graça, 1999.

PENÇO, Célia de C. F. **Antropologia no Cotidiano**. São Paulo: HVF/INIF, 1995

PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PINHEIRO. Adilson. **Enchentes, Erosão e Vegetação em Contexto Integral**. Blumenau: FURB. 1995.

PILETTI, Nelson e PILETTI, Claudino. **História e Vida**. Brasil: da Pré-História à Independência. São Paulo: Ática. 1996.

PRADO, Danda. **O que é família**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense. 1985.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, CPDOC, 415, janeiro, 1989.

_____. Memória e Identidade Social. trad. Monique Angras. **Estudos Históricos**, CPDOC, 200-212, fevereiro 1989.

PROUST, Marcel. **O tempo redescoberto**. Porto Alegre: Globo, 1958

PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido**. Rio de Janeiro: Globo. 1988..

Revista de Divulgação Cultural. **Os Indígenas no Sul. Uma visão Antropológica**. Blumenau: FURB, 1999.

RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a Civilização**. 2. ed. Petrópolis: Vozes. 1977

ROGER, Bastide. **Sociologie des maladies mentales**. Paris: Flammarion. 1965

SAMARA, Eni de Mesquita (org.). Família e grupos de convívio. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, ANPUH/ Marco Zero, 9, 17, set. 1988/fev 1989.

TOURAINE, Alain. **Crítica da Modernidade**. Trad. Elia Ferreira Edel. Petrópolis: Vozes. 1997.

THOMAS, Georg. **Política indigenista dos portugueses no Brasil**. 1500-1640. São Paulo: Loyola. 1980

Fontes

1- História Oral

1.1- Entrevistas realizadas com:

Alunos indígenas do Ensino Supletivo e pessoas de etnia indígena Xokleng, Kaingang e Guarani das comunidades Bugio, Toldo, Figueira, Pavão, Óleo, Palmeirinha, Sede e Coqueiro.

2- Arquivo jornalístico

Diário Catarinense - Florianópolis

Jornal de Santa Catarina – Florianópolis

A Notícia – Joinville -

3- Site:

www.google.com

www.cade.com.br

(http://asreligioesglobo.com/religiao_pt/scripts/religiao.asp?idReligiao=62&tipo=2)

ANEXOS**Mito 1 - Mito da geração do Homem**

Primeira Parte

Homens saídos da água

Esta é a transcrição traduzida do Mito da geração do Homem Há duas formas de geração do homem. Uns saíram da montanha e outros saíram da água (provavelmente da água do mar). Esses que saíram da água são os *Vàjeki*. Eles queriam sair e ficaram esperando em baixo da água, para saber a hora certa. Enquanto isso *Plándjug* continuou abrindo caminho, até que ele subiu numa montanha para ver melhor os campos. *Plándjug* ficou muito encantado com a natureza e suas belas paisagens e não sabia o que fazer com tamanha beleza pois nunca tinha visto algo semelhante. Ficou caminhando por lá até que viu um capim e arrancou-o até a raiz e deu para seu companheiro *Txu Txuvnh* que estava ali junto dele e disse: “*Amigo Txu! Vamos levar esta raiz para o chefe Vājeki ver*”. Então os dois levaram e quando chegaram, *Plándjug* pegou a raiz e pendurou-a e depois disse: “*Senhores chefes, querem ver o que eu trouxe? Se quiserem, saiam para fora ver*”. Escutando isso, *Vājeki* olhou pela janela de sua casa grande e viu aquela coisa estranha. Então, ele saiu para ver melhor e logo foi se familiarizando com ela. Então, *Vājeki* disse: “*Agora sei que um dos maiores chefes é Plándjug, por isso trouxe-me esta raiz que nunca tinha visto em minha vida. Agora junto com esta raiz do capim que Plándjug trouxe enfrentarei todas as lutas*”. *Vājeki* chamou seu amigo *Zágpope* e disse: “*Chefe Zāgpope Paté, venha ver uma coisa estranha que nosso amigo Plándjug trouxe para mim*”.

Escutando isso, *Zágpope* olhou pela janela de sua casa, porém não conseguiu ver muito bem, então saiu para ver melhor. Depois familiarizado disse: “*Onde é o caminho que os homens subiram?*” *Vājeki* respondeu: “*o caminho é por aqui.*” *Zāgpope* foi subindo pelo caminho, até que admirado, pois nunca tinha visto uma paisagem tão bonita como aquela. Então, subiu na montanha para ver melhor. Quando *Zāgpope* estava andando, uns

gaviões sobrevoaram em cima dele e ele não sabia o que fazer, pois queria matar um para levar de presente ao chefe. Olhou para baixo e viu um capão de mato e desceu ali, quebrou umas varas de canelinha, trouxe para o lugar onde estava e começou fazer flechas. Depois de prontas, *Zāgpope* começou a treinar para aprender a atirar. Após bastante treino foi ao local onde estavam os gaviões e começou a atirar neles, até que conseguiu matar um. *Zāgpope* ficou muito contente, pegou-o e deu-o para seu amigo *Txu Txuvanh* que estava ali e disse: “*Amigo Txu, agora vamos levar este presente para o chefe Vājeki*”.

Vieram trazendo pelo caminho e quando chegaram penduraram o gavião na varanda da casa grande do chefe. *Zāgpope* disse: “*Senhores chefes, quem quer ver o que eu trouxe? Se quiserem ver, saiam*” Escutando isso, *Vājeki* olhou pela janela e viu aquela coisa estranha e saiu para ver melhor. Quando se familiarizou com o presente ficou muito contente e disse: “*Agora, junto com esse gavião que meu amigo Zāgpope matou enfrentarei os homens que vieram ao meu encontro e farei o gavião meu amigo e juntos enfrentaremos as lutas que vierem*”. Depois chamou o amigo de *Zāgpope*, que era o chefe *Pazi*, e disse-lhe

“*Chefe Pazi, venha ver uma coisa estranha que nosso amigo Zāgpope trouxe para mim*”. Escutando, *Pazi* foi ver o que era e perguntou onde era o caminho que os homens estavam indo. *Vājeki* mostrou a ele e ele foi subindo.

Os primeiros que foram abrindo o caminho fizeram ranchos na beira da estrada. *Pazi* queimou os ranchos que viraram uma bola de cinza e brasa. Então ele pegou essa bola, deu para seu amigo *Txu* para levarem ao chefe. Quando chegaram, *Pazi* pendurou a brasa na varanda da casa grande do chefe *Vājeki* e disse: “*Senhores chefes, quem quer ver o que eu trouxe? Se quiserem podem ver*”. Escutando isso, *Vājeki* olhou para a janela e viu a grande brasa das casas que estava à beira da estrada. Ao perceber o que era, sentiu-se

humilhado e disse ao *Pazi*: “*Pazi, você não é homem, pois queimou as nossas próprias casas e ainda me trouxe suas brasas e cinzas*”.

Abandonaram *Pazi* ali e continuaram a viagem até que acharam um outro lugar para eles pararem e festejarem novamente. Quando estavam festejando, escutaram um barulho de outros homens que estavam vindo pelo caminho que eles haviam aberto. *Vãjeki* ficou preocupado, com muito medo sem saber o que fazer. *Vãjeki* queria inventar alguma coisa para se defender daqueles homens que estavam vindo. Ele derrubou um pé de *Kaplu* e começou a moldá-lo em forma de uma onça. Depois de pronta colocou-a onde eles estavam dançando. Esta foi a primeira onça que *Vãjeki* fez. Disse à onça: “*Minha criação, você pode gritar do jeito que quiser*.” Todos se afastaram dela e ficaram de longe espiando. Ele gritou assim: *Hynh, hynh, hynh...* *Vãjeki* queria fazer uma onça, mas ela se transformou em anta. Ele falou-lhe: “*Minha criação você é anta, por isso gritaste assim, hynh; agora você irá andar pelos campos comendo ervas, gabioba e outras frutas*”.

Vãjeki deixou a anta ali e eles continuaram a viagem, festejando pelo caminho. Novamente pararam para *Vãjeki* tentar fazer outra onça só que desta vez seria feita do pinheiro. Com os galhos do pinheiro fizeram os pés e com os pinhões os dentes da onça. Começaram a pintá-la, porém ninguém sabia pintar uma onça. Enquanto isso, *Zãgpope*, que vinha atrás deles, escutou o barulho e perguntou-lhes por que estavam tentando pintar a onça. Eles responderam que escutaram barulho de muitos homens vindo pelo caminho que eles haviam aberto e resolveram fazer onça para protegê-los, mas a primeira foi feita de *Káplu* e não deu certo. Prepararam a segunda de pinheiro e agora não sabem como pintar e por isso fazem muito barulho. *Vãjeki* perguntou: “*Como é seu nome?*” Ele respondeu: “*Meu nome é Zãgpope Paté.*” *Vãjeki* disse: “*Meu amigo, venha por favor pintar a minha criação.*” Ele foi, mas a onça era muito grande e causou-lhe medo. Então, de longe, esticou

os braços e pintou o pescoço com manchas arredondadas fechadas nas costas manchas compridas. Depois disto, disse o chefe: *“Chefe Vãjeki, você não sabia pintar e agora sabe. Olhe as minhas manchas e continue”*. Vãjeki ficou contente, agradeceu ao amigo e disse-lhe: *“meu amigo, agora eu continuo pintando a minha criação. Me ajudaste a pintá-la, tens o direito de criar uma para você”*.

No começo, ele não quis criar nada e disse ao chefe Vãjeki: *“Não posso fazer isto, pois posso criar coisas perigosas para destruir os homens, depois me sentirei culpado e ficarei com vergonha. Eu vim aqui para destruí-los, vim para festejar”*. Mas logo mudou de idéia, e quando estava indo, disse: *“vou criar uma cobra com minha própria sujeira”*. E foi embora.

Vãjeki continuou pintando a sua criação e, novamente, começaram a fazer muito barulho. Um outro amigo, Zezé, estava vindo atrás e perguntou-lhe o porquê de tanto barulho. Vãjeki contou a história e pediu ao amigo Zezé que pintasse a sua criação. Zezé obedeceu ao pedido, porém ficou com medo do tamanho da onça e de longe esticou os braços e pintou manchas compridas e outras circulares abertas no meio da paleta da onça. Depois, disse ao chefe: *“Você não sabia pintar, agora olhe as minhas manchas e continue pintando”*. Vãjeki respondeu: *“Sei que agora o meu único e melhor amigo é o Zezé, pois veio pintar a minha criação”*. Eles ficaram muito felizes e despediram-se.

Logo atrás, vinha um terceiro amigo, Txu Txuvanh, e perguntou-lhes também o porquê de tanto barulho. Vãjeki explicou-le sobre os homens que estavam vindo pelo caminho e que eles ficaram com medo e resolveram criar uma onça. A primeira não deu certo pois era de *Kaplum*, mas a segunda foi feita de pinheiro, porém não sabia como pintá-la. Pediu, então, para que seu amigo ajudasse. Txu Txuvanh foi pintá-la, mas ficou com muito medo e esticou os braços e pintou manchas circulares abertas e outras circulares

fechadas. Disse ao chefe: “*Chefe Vãjeki, você não sabia pintar, mas agora olhe as minhas manchas e continue pintando*”.

Quando terminaram de pintar a onça levaram-na onde eles estavam dançando e Vãjeki falou: “*Minha criação, agora, você pode gritar do jeito que quiser*”. Depois todos se afastaram e ficaram espionando de longe. Como ela demorava muito para gritar, Vãjeki assoviou o canto *natenh* e todos foram festejar até que de repente a onça começou a gritar, fazendo: “*Tig, tig, tig,...zin, zin, zin,...*” E eles ficaram muito contentes porque a criação da Vãjeki criou vida. Vãjeki disse: “*Minha criação, sei que agora você é onça, pois gritaste desse jeito. Eu estava com medo dos homens que estavam vindo, por isso criei você, e agora farei de ti minha amiga e companheira para juntos enfrentarmos as lutas que vierem ao nosso encontro e juntos venceremos*”.

Depois disso, foram juntos com a onça até a montanha dos gaviões onde tinham muitos homens, e soltaram-na nas encruzilhadas dos caminhos. Vãjeki disse: “*minha criação, agora, você pode ir atrás de que desejar comer*”.

Como a onça estava olhando para os caminhos dos índios Zógu e dos Guaraní, rugindo, eles perceberam que a onça queria atacar estas tribos. Vãjeki disse: “*Você está querendo comer o Zógu e os Guaraní, por isso é que está rugindo para o lado deles. Se quiser atacá-los vá à noite e ataque também os filhos deles*”. A onça partiu pelo caminho afora. Eles ficaram festejando nas encruzilhadas do caminho e depois continuaram viajando. Vãjeki ficou festejando até perceber que estava sozinho e falou: “*Se eu soubesse para onde foram todos os meus amigos e parentes eu iria atrás deles e não estaria sofrendo sozinho aqui nesta terra*”.

Mito 2 - Geração do homem

Segunda parte - A saída dos klendo da montanha

Os Klendo¹²⁷ saíram de uma montanha. Para os demais também saírem, o primeiro a sair para procurar uma terra boa para os demais parentes. Enquanto isso, os outros ficaram aguardando ele no lado de dentro da montanha, ou seja, no fim da terra. Para saírem fora da montanha, ficaram aguardando o momento certo lá onde o céu se encosta com a terra. Enquanto isso, Pazi¹²⁸ veio subindo para procurar uma terra boa aos demais. Quando encontrou uma terra, ele voltou para contar aos parentes. Chegando lá ele contou dizendo:

- lá onde eu fui encontrei uma terra boa; vamos lá, venham atrás de mim e eu vou à frente fazendo caminho, falou ele. Então ele veio na frente fazendo caminho, enquanto isso os outros vieram atrás dele.

Pazi veio subindo fazendo caminho, até que ele chegou encima, pisando assim em terra. Enquanto que ele estava vindo na frente abrindo caminho, o chefe Txu Txuvanh¹²⁹ veio atrás dele. Este foi o primeiro que veio subindo atrás de Pazi.

No lugar onde pisaram em terra firme pela primeira vez, ficaram ali festejando e dançando. Enquanto isso Pazi continuou a fazer caminho. Ele foi subindo fazendo caminho grande até no lugar onde viu a terra, até que ele chegou lá. Enquanto ele continuava a fazer caminho, os outros ficaram festejando ali naquele primeiro lugar.

¹²⁷ Klendo; nome masculino. Este nome também se refere ao povo que saíram da montanha.

¹²⁸ Pazi; não é o mesmo personagem da história anterior. Estamos tratando de outro personagem com característica diferente; nesta história ele abriu caminho para achar terra para o restante do povo saírem fora da montanha.

¹²⁹ Txu Txuvanh; nesta história é líder principal que conduziu o povo atrás do seu chefe Pazi.

Depois disso ele continuaram a subir atrás dele. E o Txu Txuvanh se encarregou de perguntar o nome daqueles que chegam, para saber quem eram aqueles que estavam chegando. Quando ele perguntava, eles respondiam dizendo seu nome, então Txu convidava-os para festejarem juntos. E justamente naquele momento, Zágpopo¹³⁰ estava chegando naquele lugar acompanhado de parentes. Ficaram ali festejando onde pisaram pela primeira vez em terra. Ficaram dançando homenageando a terra, enquanto isso o chefe Zágpopo, acabava de chegar com algumas mulheres naquele lugar, elas eram as “jógta¹³¹” dele. Então o chefe Txu Txuvanh perguntou dizendo:

- Quem é você? Como é o seu nome? Então ele respondeu dizendo:
- Meu nome é Zágpopo Pata. Ouvindo isso, ele convidou-o dizendo:
- Chefe Pata, venha aqui festejar comigo. Como de costume convidou-o falando

isso atrás dele que já estava indo embora. Escutando isso, ele voltou para festejar junto.

No momento que Zágpopo começou a festejar dançando, o Txu começou a repará-los, as mulheres que o acompanhavam, elas estavam nuas, sem roupas. Elas cobriam sua nudez com pele de animais e assim mesma estavam festejando dançando com ele. Vendo isso o Txu Txuvanh, sentiu-se humilhado por elas estarem nuas festejando com ele; enraivou-se e disse para ele:

- Chefe Zágpopo, porque você me humilhou deste jeito, desfazendo a minha autoridade com as mulheres nuas e mesmo assim, você está festejando dançando comigo. Como o Txu foi o primeiro que pisou em terra, ele tinha muitas roupas, então ele foi buscar algumas e trouxe umas roupas brancas para lhe dar. O Txu trouxe as roupas e colocou sobre

¹³⁰ Zágpopo; nome masculino. Nesta história se trata de outro personagem, com outra característica.

¹³¹ Jógta; significa mulher, nome dado para todo o sexo feminino.

seus ombros, naquele momento o chefe Zágpope estava dançando festejando. Jogando as roupas em seus ombros e lhe disse:

- Chefe Zágpope! Agora estas roupas brancas você veste nessas mulheres que estão com você nuas, para festejarem comigo. Porque você está me humilhando deste jeito! Deste jeito você está desfazendo minha autoridade com suas mulheres nuas, sem roupas e mesmo assim estão festejando comigo; - falou ele. Então continuaram a festejar dançando. O chefe Zágpope festejou muito dançando e ele ficou bêbado e então dormiu. Quando ficou bêbado, ele dormiu um sono bem profundo. Enquanto dormia, roubaram as roupas que ele tinha ganhado e levaram embora. Fugiram assim levando também as mulheres. Quando acordou do sono, as roupas que ele havia ganhado e as mulheres não estavam mais ali. Vendo isso ele ficou furioso. Enraivado falou para os outros que estavam ali, dizendo:

- vocês me deixaram sem nada, também me fizeram chorar muito; por isso agora eu lhes amaldição e assim a dor do parto, fará com que vocês fiquem doentes e há de morrerem assim aos poucos.

- por vocês me deixaram sem nada, as gerações de vocês há de ficarem doentes e morrerem também aos poucos com a dor do parto; - Zágpope furioso amaldiçoou os que estavam ali e sua geração. Depois de falar tudo isso, ele foi embora buscar sua criação tartaruga. Ao buscar a tartaruga e quando trouxe, jogou ela embaixo deles que estavam festejando dançando. Então disse: - vocês me fizeram chorar, mas esta minha criação tartaruga de fazer com que vocês durem por pouco tempo de vida, fazendo os ficarem doentes e morrerem aos poucos! Vocês me humilharam a ponto de me fazer chorar, mas esta minha criação há de fazer vocês e sua geração durarem por pouco tempo, fazendo com que fiquem doentes e morram; - assim falou ele. Esta foi a praga que ele fez.

Depois de fazer toda esta praga o Zágpope foi embora. E os demais que ficaram ali continuaram a viagem, desceram pelo caminho festejando. Foram descendo festejando até que pararam num lugar para continuar a festa dançando. Quando eles estavam dançando, nisso uma criança vinha descendo pelo caminho atrás deles trazendo um feixe de arco e flecha nas costas, ele entrou no meio deles que estavam dançando e todos ficaram surpresos. Então o chefe perguntou dizendo:

- Porque que uma criança deste tamanho está trazendo este feixe grande de arco e flecha nas costas? O que significa isso? – Surpreendido o chefe Txu Txuvanh fez esta pergunta para o Zágpope. É um mistério, uma criança pequenina ter tanta força para conseguir trazer um feixe grande de arco e flecha nas costas. Então a criança mesma respondeu dizendo:

-Não! Não é por nada, apenas estou trazendo este feixe grande por causa das mulheres que fugiram com os homens, não é para machucá-los mas, sim é para minha defesa própria; - disse ele. Por ser misteriosa a criança respondeu desta forma para lê e o mesmo ficou sem o que responder. Depois disso, continuaram a viagem, foram descendo pelo caminho junto com os outros festejando.

No caminho onde eles estavam descendo festejando, havia ninho de um periquito, no buraco, em um galho de uma árvore, mas ficava no alto, por isso os que passava por ali nunca ligava, passava por baixo. Os que passavam por ali sempre olhava o ninho, porque ali os periquitos estavam chocando, mas não podia fazer nada porque ficava muito alto; eles pensavam de trepar na árvore mas ficavam com medo de cair, por isso, preferia não arriscar. Naquele dia que eles estavam passando por ali, já havia filhotes dos periquitos,

mas, eles não podiam fazer nada e então continuaram as viagens. E o Pazi¹³² que estava vindo junto com seu pai atrás deles, também viram aquele ninho onde os filhotes de periquito, já tinha nascidos. Quando acharam aquele ninho, o pai do Pazi cortou um cipó e amarrou, colocou nos pés e tentou trepar para pegar os filhotes dos periquitos. No momento que ele estava trepando, o cipó quebrou em um dos nós, então ele caiu e morreu. Quando ele morreu, avisaram seus parentes do acidente. Então eles perguntaram:

- De que ele morreu? E eles responderam:

- Ele estava trepando naquela árvore para pegar aquele ninho de periquito que nos vimos, quando estávamos passando no caminho; _Disseram eles. Esta é a primeira morte da desobediência que aconteceu desde a saída deles para a terra.

Depois disso, Vãjegy e os demais continuaram a festejar dançando nas praias do grande rio, ficam por muito tempo festejando ali na praia do rio. Ficaram dançando até que o Vãjegy veio foi ali na praia matar um “volá¹³³”. Quando Vãjegy naquele momento um volá comeu o trato que ele estava dando; então Vãjegy matou o volá a flechada. Quando ele matou um trouxe a seu depósito de carne, que ficava numa casa perto da praia; então ele deixou pendurado ali junto com as outras carnes. Depois de deixar ali ele foi novamente festejar com os outros.

Enquanto que ele estava festejando, Pazi quando veio, comeu tudo o volá que ele matou; por ser esganado comeu crua, por ele ser desse jeito, seu pai caiu e morreu quando estava trepando numa árvore para pegar filhotes de periquito, que todos viam, mas nunca dava atenção. Quando Vãjegy voltou ali para ver volá, Pazi já tinha comido tudo. E os outros que estavam ali contaram para eles dizendo:

¹³² Pazi; este não é o mesmo personagem que abriu caminho para seu povo. Mas sim, este personagem ao longo da história será humilhado e amaldiçoado e se transformará em gavião.

¹³³ Volá; nome de um peixe, da família da trairá (peixe Caracídeo).

- Foi Pazi que comeu o volá. Quando falaram isso do Pazi, Vajeky ficou muito furioso com ele, então disse:

- Por você ser esganado desse jeito Pazi, teu pai morreu caindo de uma árvore, enquanto trepava para pegar filhotes de periquitos que todos viam, mas nunca ligaram. Por causa disso Pazi, você comeu minha caça volá todinho; _ assim ele falou.

Então Vajeky mandou o Pazi de volta, tocou ele na estrada e foi embora. Depois disso continuaram a festejar, ficaram ali por muito tempo festejando. Enquanto festejava, olharam para cima e no alto viram algo estranho que Pazi havia botado acima deles. Era “tulo¹³⁴” que Pazi havia e eles ficaram sem saber o que fazer, precisavam de algo que impedisse aquilo de não fazer mal a ninguém. Então eles fizeram “kózan¹³⁵” Depois que fizeram kósan, então agora começaram a construir uma casa, ao longo do tempo terminaram a casa grande que estavam fazendo. Quando terminaram a casa, nisso ouviram o barulho de muitos homens que estavam vindo pelo caminho e ficaram com muito medo e não sabiam o que fazer. Então resolverão fazer “kujunh¹³⁶” para fazer uma reza; quando terminaram de preparar, então começaram a fazer seu ritual. Enquanto que estavam preparando kujunh, Pazi veio novamente atrás deles. E depois de pronta começaram com a bebida kujunh, enquanto isso, Pazi andava pelo lado de fora espionando e assobiando, porque escutava o barulho deles. E eles escutavam o assobio dele. Então Vajeky abriu a porta de sua casa e veio nele ali fora, para saber o que ele estava querendo. Quando veio ali, perguntou a ele o que estava querendo e disse:

- Pazi venha participar deste ritual de medo dos homens que estão vindo atrás de nós; _ Falou ele. Escutando isso Pazi entrou na casa com Vajeky, para participar junto.

¹³⁴ Tulo; nome dado para pilar de uma casa.

¹³⁵ Kózan; significa que colocaram outro pilar (tulo) do outro lado da outra.

¹³⁶ Kujunh; é uma erva preparada poá eles, para fazer um ritual, para os espíritos protegê-los do mal.

Quando entrou na casa com Pazi, deu bebida kujunh para ele participar. No momento que botou a boca para participar, Pazi vomitou tudo de volta e derramou tudo fora. Isso significa que o Pazi já estava amaldiçoado, por causa disso que aconteceu isso, Vãjegy disse para ele:

- Pazi por ser esganado e ter comido tudo a minha caça volá, por isso você está deste jeito a ponto de vomitar toda a bebida kujunh que lhe dei para nós ajudar a fazer o ritual! Por você ser esganado, seu pai morreu ao cair enquanto trepava numa árvore para pegar filhotes de periquitos, que todo mundo viam! Por esse motivo, você está vomitando atrás de nós! Estou muito zangado com você e nunca mais quero lhe vê-lo!_falou para ele.

Depois de falar tudo isso, Vãjegy botou ele para fora de sua casa e mandou que fosse embora para bem longe. Agora desta vez, Pazi foi abandonado de vez. Depois desta decepção, Pazi agora foi embora, transformando-se assim em um animal. Então, toda a noite, Pazi andava pelo caminho gritando e assobiando, até amanhecer; isto significa que, um espírito de animal estava-se em incorporando nele. Por que Pazi já foi amaldiçoado, por isso estava chamando os espíritos para fazer parte deles e junto com os espíritos que ele amanhecia gritando.

Depois disso, Txu Txuvanh fez um acampamento novo, perto de sua casa grande. Limpou todinho o pátio, capinaram e varreram bem o lugar. Depois que estava tudo limpo, o chefe Txu Txuvanh, veio ali neles para convidá-los; ao longo do tempo, ele sempre festejou com eles. Quando veio ali neles; Txu Txuvanh disse:

_Senhores chefes! Um de vocês não quer vir até aqui, para fazer “jóvig¹³⁷” comigo? _falou isso só para desafiá-los. o Txu Txuvanh estava desafiando eles, por que ele foi o primeiro a pisar em terra firme; por isso teve a coragem de falar isso para os outros.

¹³⁷ Jóvig; luta livre.

Escutando isso o chefe “Txu¹³⁸”, saiu de sua casa e veio até ali para lutar com ele. Entrando ali, ele fez “jóvig” e eles começaram a atirar nele, mas não conseguiu acertá-lo. Então começaram a rir, porque não conseguiram acertá-lo; vendo isso Txu Txuvanh disse:

_Agora chefe Txu, de hoje em diante você e sua geração serão guerreiros, a sua geração poderá guerrear com as flechas, podendo assim se defender do mal e sempre serão vencedores; _disse para ele. Assim todo este elogio foi dado a ele, por que não conseguirão acertá-lo. Por isso ele era considerado como “vãzavenh¹³⁹”. Por ser vãzavenh recebo todo este elogio. Vendo isso, chamaram o chefe Zágpope lhe disseram:

_Chefe Zágpope! Venha até aqui fazer jóvig comigo aqui no meu pátio; _ele falou. Ouvindo este desafio, ele saiu de sua casa e veio ali nele. Ao chegar ali, ele começou a fazer jóvig e o pessoal começou a atirar nele, mas não conseguiram acertá-lo, então pararam. Vendo que não acertaram, então começaram a rir dele, então Txu Txuvanh disse para ele:

_Chefe Zágpope Pata! De hoje em diante, você e sua geração, serão guerreiros também, assim a sua geração poderão se defender do mal com suas próprias flechas; _disse à ele. Depois disso, Zágpope saiu fora. Na continuação então chamaram seu Pazi. Chamando o Pazi ele disse:

_Chefe Pazi! Chefe Pazi venha até aqui e faça jóvig aqui no meu acampamento! - assim falou o chefe Txu para ele. Como sempre, começaram a atirar nele com as flechas e já em seguida acertaram lhe com um flecha. Ao ver que ele estava sendo ferido com uma flechada, o chefe Txu, decepcionado com isso; disse a ele:

¹³⁸ Txu; nome masculino.

¹³⁹ Vãzavenh; guerreiro, bom lutador.

_Chefe Pazi! Você não é homem por isso estás me decepcionando, que uma flechada lhe feriu, deste jeito você será sempre escravo de uma flecha; -falando assim duramente com ele. Ao ouvir o que o chefe Txu Txuvanh lhe falou, Pazi ficou muito triste, então ele saiu dali do meio deles e foi embora. Quando foi embora, de tristeza e desgosto, Pazi agora se transforma em pássaro, ou seja, em “tegte”¹⁴⁰. Depois que se transformou em tegte, ele anda voando sobre e voando por ali. Como tegte, Pazi andava cantando igual a eles, posou em um galho seco de uma árvore e ficava fazendo: “Ta, ta, ta, ta, ta, ta... Tudo isto aconteceu com Pazi, por que ele foi amaldiçoado, por causa disso, ele se transformou num passarinho, então abandonaram-no para sempre. Tudo isto aconteceu por causa de sua desobediência dele”.

Depois de tudo isso, eles pararam para descansar e ficaram parados no acampamento, nisso ouviram muito barulho dos homens que estavam vindo atrás deles pelo caminho. De medo destes homens que, fizeram o kujunh para fazer o ritual, agora eles estavam vindo. Então vieram ver, quem eram aqueles homens que estavam descendo por aquele caminho, mas não conseguiram ver. Não os vendo, vieram descendo pelo caminho, numa certa distância perceberam que, o que haviam descido por aquele caminho, não era do povo deles, mas assim eram outros povos indígenas. Mesmo assim continuaram a descer atrás deles e ao longo do caminho se depararam com uma coisa estranha, havia um encruzo novo de um caminho feito pelo “mevo”¹⁴¹. Todos tinham medo do Mevo, por isso, era bem respeitado por eles. E aquele outro grupo que tinham vindo antes do que eles tinham feito uma barreira, derrubaram alguns paus de árvores naquela encruzilhada do caminho; para ninguém poder passar. Vendo a barreira feita por eles, colocaram aquelas tranqueiras de

¹⁴⁰ Tegte; gavião ou gaviãozinho.

¹⁴¹ Mevo; nome de outro grupo indígena dado por eles.

lado e continuaram descendo pelo caminho deles, era o caminho dos “danlám¹⁴²”. Este grupo Danlám, hoje é conhecido como índios guaranis. Mesmo assim, continuaram a viagem descendo pelo caminho, numa certa distância alcançaram os Danlám, então o chefe Txu Txuvanh perguntou para eles dizendo:

_Quem são vocês? Que povo vocês pertencem? _perguntando a eles. Mas não responderam e ficaram olhando para eles. Provavelmente ele ficou bravo com eles, por não responder lhes as suas perguntas, então Txu Txuvanh empurrou os para o lado e continuaram então a viagem festejando como vinham antes; quando eles já estavam bem longe deles; eles gritaram atrás dizendo:

_Olha aqui! Nosso nome é Danlám! Nosso nome é Datug!¹⁴³ -disseram eles. Mas não deram atenção e continuaram as viagens. Continuaram descendo pelo caminho até que chegaram debaixo da montanha dos gaviões onde havia muitos homens por ali. Quando chegaram debaixo desta montanha dos gaviões, ficaram por ali, prepararam um lugar para festejar dançando na encruzilhada dos caminhos.

Quando chegaram ali debaixo da montanha dos gaviões, todos os homens que estavam por ali antes deles chegaram, todos já haviam pecado com as mulheres que estavam por ali e todos já tinham se casados. Vendo isso Txu Txuvanh ficou muito bravo, mas mesmo assim disfarçado ele ficou ali com seus companheiros dançando e festejando. Ali naquele lugar onde estava festejando, ele começou chamar os demais companheiros que já tinham ido à frente. Ele chamava dizendo:

_Chefe Txu! Venha de volta ver o que está acontecendo, há uma violação da lei aqui. Venha de volta! Porque aqui debaixo da montanha dos gaviões aos homens já

¹⁴² Danlám; nome que deram para os índios guarani.

¹⁴³ Datug; outro nome dado pelo grupo aos índio garani.

pecaram com as mulheres e todas já se casaram; por isso estou lhe esperando para nós planejarmos junto uma guerra contra eles; _dizia ele. Txu Txuvanh estava muito furioso de ver o que estava acontecendo, por isso chamava seu amigo e assim ficava aguardando a chegada dos demais. Ele chamava os outros também dizendo:

_Chefe Vājky! De onde tu estás venha de volta urgentemente. Porque aqui debaixo desta montanha dos gaviões, os homens violaram a lei e já pecaram com as mulheres e todos estão se casando; por isso estou te chamando, aguardarei a sua chagada! - falava ele. Txu Txuvanh chamando seus companheiros para fazer uma guerra contra esse povo que violaram a lei. Esperando a chegada de seus companheiros, Txu Txuvanh continuavam seus festejos que vinham fazendo. Enquanto isso, Txu estava voltando e chegou ali que realmente o povo tinha violado a lei e havia se casado com as mulheres, vendo isso, ele ficou muito furioso com o povo; decepcionado com o povo, ele queria embora de volta, até que ele foi embora. Quando estava indo embora, falou para ele dizendo:

_Quero deixar uma coisa clara! Estou indo embora, mas eu voltarei para destruí-los; porque vocês violaram a lei deste lugar, por isso vocês serão destruídos, _disse ele. Depois de falar isso ele foi embora de volta. Depois que o Txu foi embora, Txu Txuvanh novamente chamou seu companheiro Vājaky dizendo:

_Chefe Gojotxá Jahá¹⁴⁴! Venha de volta logo de onde estás! Porque aqui debaixo desta montanha dos gaviões os homens violaram a lei e já pecaram com as mulheres e todos estão se casando; por isso que estou lhe chamando para nos unirmos e fazer uma guerra contra esse povo que desobedeceram à lei deste lugar! _falou ele. Quando Gojotxá Jahá chegou ali, viu que realmente os homens tinham violado a lei e haviam se casado com as

¹⁴⁴ Gojotxá jahá; nome masculino.

mulheres, ao ver isso ficou muito furioso com o povo, decepcionado com o que estava vendo, Gojotxá Jahá não quis mais ficar ali, queria ir embora devolva e até ele foi embora. Quando estava indo embora, ele falou para os outros dizendo:

_Quero deixar claro uma coisa para vocês! Estou indo embora, mas eu voltarei para destruí-los, porque vocês violaram a lei deste lugar, por isso quando eu voltar vocês serão destruídos; - Disse ele. Depois que ele foi embora, Txu Txuvanh continuou a se lamentar, querendo decretar guerra naquele lugar, debaixo da montanha dos gaviões, porque ali o povo estava desobedecendo e também violando a lei que foi decretada naquele lugar.

Depois que Gojotxá Jahá foi embora, como sempre o chefe Txu Txuvanh continuou com os seus festejos, até que novamente ele falou dizendo:

-Chefe Kóza¹⁴⁵! Venha urgentemente de volta de onde estas; falou ele. Depois de chamá-lo, ficou aguardando a chegada dele, nisso repentinamente ele acabava de chegar ali naquele lugar. Quando ele chegou ali naquele lugar debaixo da montanha dos gaviões, ele observou que realmente os homens tinham pecado com as mulheres e todos já haviam se casados; vendo isso ele ficou muito furioso e queria ir de volta, até que foi embora; quando estava indo ele disse:

-quero deixar bem claro uma coisa à vocês! Estou indo embora de volta, mas eu voltarei e quando voltar vou vir para destruí-los; porque vocês violaram a lei e está havendo desordem muito grande neste lugar, por isso quando vier de novo, vou destruir todos os povos desobedientes que desobedecem a ordem;

- depois de falar isso, agora ele foi embora. Depois que ele foi embora o chefe Txu Txuvanh continuou ali naquele lugar festejando. Como havia prometido o chefe Kóza

¹⁴⁵ Kóza; nome masculino.

voltou de novo, mas desta vez ele naquele lugar debaixo da montanha de gaviões. Depois que ele acabou com a união do povo, ninguém não se entendeu mais um ao outro. Todos aqueles que pecaram com as mulheres e se casaram com elas, voltaram novamente para o mato e assim se separaram para sempre.

Vendo que todos estavam indo embora, o chefe Txu Txuvanh também voltou para o mato. Ao voltar para o mato, ele entrou no zóklāl¹⁴⁶, assim permaneceu ali. Ao entrar no zóklāl, mesmo assim Txu Txuvanh continuou a festejar e ali mesmo preparou “mõg junhklé”¹⁴⁷, para beber e continuar com os festejos. Depois de preparar mõg junhklé, ele continuou a festejar com os demais parentes que ficaram juntos ali.

Mesmo festejando com os parentes que estavam ali, no meio da festa Txu Txuvanh começou a chamar os outros; dizendo:

- chefe Txu Txuvanh! Venha de volta urgentemente aqui. Porque aqui debaixo da montanha dos gaviões o chefe Kóza destruiu o povo, isso fez com que eles se dividissem e agora se espalharam todos e já foram embora, agora estou aqui sozinho festejando; por isso venha logo, estou lhe implorando! – ele disse. Ao ouvir isso, naquele mesmo momento seu irmão estava acabando de chegar. Vendo seu parente chegar, se aproximou dele e lhe contou o que estava acontecendo ali naquele lugar. Então ele começou a contar assim:

- aqui debaixo da montanha dos gaviões o chefe Kóza destruiu o povo, isso os fez se dividir e se espalhar e todos agora foram embora, estou aqui sozinho, por isso mandei te chamar para ver o que podemos fazer para evitar essa tragédia. Eu também entrei no zóhklāl e estou aqui sozinho festejando sem saber o que vou fazer; -ele disse. Ao saber de

¹⁴⁶ Zóklāl: esconder-se

¹⁴⁷ mõg junhklé; nome de bebida preparada por ele.

tudo o que estava acontecendo ali debaixo da montanha dos gaviões, o chefe Txu Txuvanh novamente chamou o chefe Vãjeki dizendo:

- chefe Vãjeki! Venha urgentemente de onde estás, porque aqui debaixo da montanha dos gaviões os homens pecaram com as mulheres violando assim a lei do chefe Kóza já destruiu o povo, fazendo com que eles se dividissem e se espalharam, agora todos já foram embora. Eu também entrei no zóhklâl e agora estou sozinho festejando; - disse ele. Ao ver que já estava sozinho ele queria ir embora de volta. Mas antes de ir embora, Txu Txuvanh queria tomar seu mōg junhklé e ele ficou ali festejando, não sabia como dar início as danças, porque seu instrumento não tinha “kózan”¹⁴⁸ e não sabia como fazer. Mas por sorte o chefe matou um “txã”¹⁴⁹. Quando matou o Txã, ele ficou muito feliz, porque agora com sua pena foi enfeitar seu instrumento. Estava precisando de algo para enfeitar seu instrumento, mas agora com a pena de txã que matou; ele agora começou a se enfeitar. Depois de enfeitar seu instrumento musical, ele desceu festejando pelo campo. Ao longo do campo ele parou para festejar dançando. Naquele lugar onde estava festejando, sentiu-se sozinho, então ele disse:

-se eu soubesse para onde foi meu irmão Gojotxá Jahá, eu não estaria sozinho mais aqui neste lugar! Se eu soubesse aonde agora, eu não estaria mais aqui sozinho nesta terra, porque assim estaria com ele. Então ali mesmo parou e entrou no mato. Finalmente a história dos klendo ou saíram da montanha chegou ao fim.

Mito 3 - O mito da transformação do homem - A onça gavião raptou Kujánhkág.

¹⁴⁸ Kózan: enfeite; ex. enfeitar um chocalho ou uma flecha.

¹⁴⁹ Txã: gavião pequeno.

Certo dia Kujánhkág¹⁵⁰ e seu irmão foram caçar.

E a onça gavião raptou Kujánhkág e o seu irmão foi buscar seus ossos. Seu irmão subiu atrás dele no céu, para pegar seus ossos. Nome do seu irmão é Nānbág¹⁵¹; foi ele que buscou os ossos. Na época, uma onça gavião comia as pessoas. Ela levava as pessoas para comer junto com seus parentes lá no céu. Quando os dois irmãos iam caçar juntos, sempre falavam um para o outro dizendo:

- um dia desses, quando a onça gavião levar um de nós, aquele que ficar, sobe atrás no céu para buscar os ossos! – sempre falavam isso um para o outro. Certos dias foram caçar juntos. Ambos caminhando juntos, lado a lado e lá na frente a onça gavião estava escondida encima de cedro, em um dos seus galhos, esperando o momento certo. Escutando barulho deles, ela ficou esperando-os, certamente olhava para baixo esperando os dois. Quando os dois vinham vindo e apareceram no limpo, a onça gavião de cima do galho do cedro, desceu rapidamente voando fazendo “hoooom...” e pegou o Kujánhkág e levou para o céu. Quando ela raptou o Kujánhkág e o levou, seu irmão Nānbág gritava atrás dele e chorou muito ao ver que estava perdendo seu irmão; mas ele não podia fazer nada naquele momento para impedir. Enquanto isso, Kujánhkág foi subindo, gritando e chorando; até que seu grito e choro sumiu-se no ar e não deu para ouvir, desaparecendo no ar.

Depois disso seu irmão, todos os dias vinham ali no local onde aconteceu a tragédia e ele gritava dizendo:

- Kujánhkág venha devolta! Kujánhkág venha devolta!... Sempre ele andava gritando por ali, até que vinha para casa. Um dia, se lembrou de que os dois haviam

¹⁵⁰ Kujánhkág; nome masculino. Personagem principal da história, ele foi raptado pela onça gavião.

¹⁵¹ Nānbág; nome masculino. Personagem principal da história, foi atrás do seu irmão no céu, buscar seus ossos quando foi raptado.

combinado, de que se acontecesse algo assim com um deles, o outro iria atrás buscar os ossos. Quando ele se lembrou, pegou as penas do gavião que estava guardado na mala. Ele passou cera de abelha desde o ombro até os dedos da mão, do outro lado do braço ele fez o mesmo. Depois de pronta, ele pegou as penas mais grandes e colocou fixando-a uma a uma por todo braço, com muito cuidado. Depois, ele colocou uma cera grande na parte de cima da bunda para fazer seu rabo; então ali ele colocou as penas mais compridas, depois algumas horas, ficou pronta. Quando ficou pronta, ele experimentou voar. Voava um pouco, depois descia. Depois do treino, ele tirava as penas e guardava¹⁵². Na hora que queria treinar, ele recolocava novamente, passando pelo mesmo processo; e assim foi durante alguns dias. Todos os dias ele treinava e já estava aprendendo voar bem; então ele foi voando, voando... voando..., pousou encima de uma árvore arcada que estava ali perto. Pousando encima daquela árvore e ficava ali olhando para baixo e os lados, até que descia. Quando descia, tirava as asas e deixava guardada, depois ele descansava.

Alguns dias depois, ele pegou novamente as asas e recolocava, desta vez para subir atrás do seu irmão. Depois de recolocar todas as asas e o rabo também, ele foi voando até numa árvore arcada que estava por ali e pousou encima. Dali, ele continuou voando até num pé de pinheiro seco e pousou encima; ficou ali descansando e olhando para os lados, até que desceu de novo. Quando desceu, falou para seus parentes dizendo -Eu vou subir e buscar os ossos daquele homem que o gavião levou! Quando subir os ossos lá do céu, vocês fiquem me esperando por aqui!- disse Lee. Ao falar ele apontou para o céu dizendo:

¹⁵² Observa-se que ele já tinha contato com os espíritos dos gaviões. Por isso teve esta facilidade de preparar e organizar com muita naturalidade.

-Me espera lá, o buraco(porta) do céu fica ali! Eu vou entrar por ali e ficam olhando para me ver¹⁵³ - disse ele. Ficaram aguardando para vê-lo subir, enquanto isso, ele colocou novamente suas asas e foi voando, pousou encima de uma árvore. Depois foi voando, até que pousou encima de um pinheiro seco. Agora definitivamente, dali mesmo, ele começou a voar em direção ao céu. Ele foi subindo... subindo...rodeando...rodeando e até que, entrou no buraco(porta) do céu. Enquanto isso, os parentes dele, ficava olhando para vê-lo subir voando até no céu. Quando Nãnbág, entrou no buraco(porta) do céu, ele ficou parado observando. Porque ali havia muitos gaviões, tinham seus lugares próprio, poleiro preparado para eles. Quando os gaviões viram a presença dele ali, ficaram parados olhando para ele. Eles não tiveram vontade de pegá-lo, porque ele já fazia parte de seus espíritos, por isso só ficaram olhando para ele; eram os mesmos que havia levado seu irmão. Nãnbág também ficou olhando para eles; depois de algumas horas parado, ele deu início de suas investigações.

Os gaviões, depois de comer seu irmão, deixaram seus ossos num cesto novo, pendurado num galho quebrado do “jajá¹⁵⁴”. Nãnbág ficou olhando, imaginou consigo, provavelmente este deve ser os ossos daquele homem que foi trazido; e começou a caminhar. Mas antes de iniciar a caminhada, ele arrancou todas as asas e guardou num lugar e depois foi caminhando pelo caminho dos gaviões. Quando estava indo caminhando

¹⁵³ Na década de 30, Kámlem membro da comunidade Laklãnõ (Xokleng), antes de morrer falou a mesma palavra apontando para o céu, dizendo que o buraco ou porta do céu ficava naquela direção. O mesmo afirmou que, por aquela porta estava subindo com um “ser” com o nome “Jun ou Juju”. Observa-se que, esta versão já existia desde os tempos dos seus ancestrais, antes do contato com a sociedade não índia. Nos anos trinta, quando Kámlem falou isso antes de sua morte; o cristianismo não havia entrado ainda nas terras indígena. Diante desse contexto, observa-se também que o povo não só acreditava nos espíritos de animais, mas sim, num “Ser” superior que está acima de nós. Significa que, a vinda do cristianismo para a comunidade indígena, veio para complementar a sua crença, que já existia ao longo de sua história.

¹⁵⁴ Jajá: nome de uma árvore.

pelo caminho deles, de longe escutou barulho de uma velha que estava juntando nó de pinho, provavelmente mulher dos gaviões. A velha estava fazendo aquele barulho, porque ela juntava o nó de pinho, ela batia um no outro para cair o barro; por isso que Nãnbág vinha escutando o barulho dela, até ele chegou perto dela. Quando os dois se encontraram, ele perguntou à ela:

- O que você está fazendo? E ela respondeu;

-Estou juntando nó de pinho. Quero botar no meu fogo, por isso estou juntando- disse ela. Depois de falar isso, ela pediu pra ele dizendo:

- Me mata! Me mata depois você leva estes nós de pinho que juntei, coloca no fogo e fica perto com meu marido em meu nome. Depois você pega agulha que deixei guardado no alto da casa, é próprio para arrancar espinho do pé, pega e arranca os espinhos do pé dele¹⁵⁵ - disse Lea. Depois que Lea falou isso, ele a matou, depois continuou a viagem. Quando ele estava indo pelo caminho, se encontrou com uma moça. Ela estava vindo buscar água e se encontrou com ele; então perguntou:

-O que você veio fazer? E ela respondeu dizendo:

-Eu vim buscar água. E ela completou dizendo:

- Pega esta água que eu peguei, leve para minha casa e faça uma sopa com aquele pinhão socado para meu marido no meu lugar e dá para ele e come junto com ele! Agora me mate! Mate-me depois você faça tudo isso que estou lhe pedindo! – falou ela. Mas antes de matá-la e também de fazer todo pedido dela, ele perguntou à ela:

- Onde está os ossos do homem que foi trazido a poucos dias atrás? Disse ele. E ela respondeu para ele dizendo:

¹⁵⁵ Provavelmente é um espírito, por isso, está pedindo para ser morta, por ter contato com um ser humano.

-Está logo ali na entrada, pendurada no galho quebrado de “jajá” num cesto novo! Disse ela. Depois que ela falou tudo, então ele fez o pedido dela de matá-la e também de fazer sopa para seu marido¹⁵⁶. Depois de matá-la, ele levou a água embora. Quando chegou na casa dela, ele fez a sopa com o pinhão socado, fez tudo certo, conforme como ela havia pedido. Depois que a sopa ficou pronta, deu para seu marido e ficou comendo com ele, no próprio fogo dela, seu marido não percebeu que não era ela. De início, quando matou a primeira que é uma velha, ele não fez o pedido dela. Mas da segunda que é uma moça, depois de matá-la, fez tudo conforme o pedido dela e até ficou com o marido.

No dia seguinte, quando ele veio, os ossos estavam ali pendurado no cesto novo no galho do “jajá” conforme como havia falado. Então ele ficou olhando para aquele cesto. Enquanto isso, tinha bastante gavião pousado no poleiro olhando para ele. Então Nãvb'g ficou olhando para os gaviões e até quebrou um galho do “jajá” e bateu em todos os gaviões e os moeu todos. Ele destruiu todos os gaviões, por isso hoje, por isso hoje, aqueles gaviões que eram bem grandes, são bem pequenos.

No passado eles eram bem grandes, mas depois que ele os destruiu, agora hoje são bem pequenos. Os gaviões grandes daquela época, hoje são gaviões pequenas, pássaros, coruja e todos as outras famílias dos gaviões, são pequenas. Quando batia com o pau nos gaviões e os destruía, ele até ordenava sua alimentação. Quebrou um galho de jajá e bateu em um gavião, dizendo:

¹⁵⁶ Diante de todo este contexto, observamos que, por se tratarem de seres do céu, há possibilidade de serem espíritos. Talvez por isso, elas estão pedindo para serem mortas. Desta forma seus pecados irão se apagar, porque tiveram contato com ser humano. Provavelmente depois de serem mortas irão ressuscitar, ou seja, reiniciar novamente, já que a história se trata de reencarnação.

-a partir de hoje você há de comer só carniça, disse ele. Hoje esses são conhecidos como urubus. Cada gavião que ele ia lá para destruir, ele ordenava-os sua alimentação. Para estes gaviões grandes ele disse:

- a partir de hoje você há de comer ratos e também há de comer ouriço, falou ele.

Para um dos gaviões, ele disse:

- a partir de hoje há de comer só jacutinga. Para a águia ele falou:

- A partir de hoje você há de comer somente macacos - falou ele. Cada gavião que ele destruía, ele ordenava sua alimentação. Depois que destruiu todos os gaviões, ele pegou o cesto e colocou nas costas e veio caminhando até ali onde tinha deixado as asas. Mas antes de acontecer esta tragédia com seu irmão; os dois irmãos falavam um para o outro dizendo: Se um dia acontecer, de a onça levar um de nós, aquele que ficar, quando for buscar os ossos do outro, coloca-os num cesto e levem bem longe para guardá-los! Se colocar bem longe numa montanha, dentro de algum tempo, os ossos irão se transformar em um ser, vai crescer e tornar-se homem, então ele vai voltar de novo para casa! –Assim eles falavam um para outro.

Depois de destruir todos os gaviões, colocou o cesto nas costas e veio caminhando, até ali onde tinha deixado suas asas. Quando estava vindo, lembrou-se de que, eles haviam combinado um com outro. Quando chegou ali no lugar onde deixou as asas, colocou-as novamente e veio caminhando até na porta do céu. Preparou-se bem, arrumou o cesto nas costas e veio descendo voando. Ele vinha descendo voando para baixo, quando estava descendo, ele vinha olhando a montanha e escolhendo uma lomba para colocar o cesto, conforme haviam combinado. Mas infelizmente, olhando para baixo ele errou o lugar, escolheu uma montanha pensando que ficava num lugar longe, mas naquela lombapassava o caminho dos índios parente dele. De lá do alto, ele achou que aquela montanha ficava

num outro lugar, bem longe. Quando estava descendo, ele veio olhando e sobrevoando por cima daquele lugar, chegando ali, ele desceu ao chão.

Quando desceu no chão, ele tirou suas asas e guardou num lugar. Depois disso, achou um lugar bom para deixar os ossos do irmão. Depois que achou um lugar, ele trouxe até ali o cesto que continha os ossos do seu irmão, para deixar por algum tempo naquele lugar. Para sua infelicidade, ele havia deixado o cesto que continha os ossos, bem pertinho do caminho dos seus parentes. Justamente por ali, eles passavam para caçar e também naquele lugar, eles juntavam pinhão e tiravam goro. Na verdade o lugar onde deixou, ficava perto do caminho e de suas casas. Depois de guardar o cesto que continha os ossos, ele veio embora. Quando veio andando, bgo já em seguida, chegou encima do caminho. Mesmo vendo que o caminho passava ali por perto, ele nem deu atenção, deixou ali mesmo e veio embora. Quando achou o caminho, ele veio caminhando por ela, até que chegou em casa. Depois de algum tempo, Nānbág ia lá ver o cesto, para ver como estava.

Um certo dia, quando ele foi ver, aqueles ossos já tinham se transformado em uma criança e estava bem grandinho. A criança já estava bem grande e bem gordinha. Mas Nānbág, nem desconfiava que as outras crianças dos seus parentes, já tinham achado aquela criança dentro do cesto que estava naquele lugar.

A idéia de Nānbág era de deixar aquela criança ali no cesto até crescer e depois de grande, ele mesmo viria sozinho para casa, conforme o que haviam prometido antes da tragédia. Por isso, ele preferiu deixar ali naquele lugar. Um dia Nānbág foi lá ver a criança, depois de vê-lo veio para casa. Enquanto que ele estava vindo para casa, nisso as crianças, foram brincando pelo caminho e viram aquela criança no cesto pendurado. A criança já estava bem grandinho e as outras crianças que estavam brincando por ali o

acharam. Porque na verdade, o cesto estava bem pertinho do caminho e é bem por isso que eles o acharam.

O menino já estava bem grande, quando as crianças o acharam, então vieram correndo para casa contar às outras crianças. Quando contaram a notícia para às outras crianças, então todas as crianças se juntaram e foram lá ver o que estava no cesto. Quando eles chegaram ali naquele lugar, aquela criança estava ali no cesto olhando para eles. A criança ficou muito assustada, ficava olhando para os outros. Naquele momento a criança já estava morrendo, no último momento de sua vida a criança falou:

- Oh!... Vocês nunca mais irão me ver! – falou ele e depois morreu. Depois de falar que nunca mais alguém iria vê-lo, ele se passou. Quando as crianças chegaram em casa, eles contaram:

- nós vimos uma criança lá! Ele estava dentro de um cesto! Ele é bem grandinho, quando nos viu, ele falou:

- Nunca mais vocês irão me ver de novo! Depois de falar isso ele morreu¹⁵⁷, disseram as crianças. Então Nānbág foi lá ver, se realmente era verdade que ele havia morrido. Chegando lá, ele viu que realmente a criança havia morrido. Quando viu que era verdade, então ele pegou o cesto com a criança morta dentro e deixou bem longe para ninguém vê-lo e nunca mais foi lá ver. Se ele tivesse feito certo, ninguém iria morrer, a pessoa morria, mais depois de algum dia iria voltar para casa de novo. Assim termina a história da reencarnação. Chegou ao fim.

Mito 4 - MITO DO BELJA-FLOR

¹⁵⁷ De acordo com a história, não iria existir morte, poderia até morrer mas ressuscitava de novo. Mas pelo descuido que ocorreu no passado, as pessoas morrem.

Um dia, os passarinhos acharam a abelheira na gruta das pedras. E todas as qualidades de passarinhos vieram pra tentar furar, mas nunca conseguiram. Todos eles viçaram na pedra tentando furá-la, mas logo seus bicos quebraram. Assim inicia o mito do nosso amigo Beija-flor. Então eles falaram:

- como é que vamos furar?- diziam. Um dia, Txaklengu – pica-pau de cabeça vermelha -¹⁵⁸ tentou furá-la; mas logo seu bico quebrou. Ainda hoje o seu peito tem a marca do sangue que escorreu. O pepôm – ave que hoje não existe mais¹⁵⁹ também tentou furar; mas o bico dele se quebrou e saiu sangue. Por isso, até hoje ele tinha marca de sangue no peito. O glu¹⁶⁰ também chegou ali onde eles estão. Então eles falaram para ele:

- Meu senhor! Chega até aqui e fure para nós! Porque o machado é bem grande. Referindo-se ao bico dele que é comprido. Então ele chegou perto, deu umas bicadas e já nas primeiras bicadas, seu bico quebrou. Hoje ele ainda tem marca no peito, do sangue que saiu do seu bico. Assim todos os passarinhos tentaram furar. Mas todos acabaram quebrando furando o bico. Enquanto isso, o Vãnhblitxe¹⁶¹ ficava treinando para furar, sem chegar perto da abelheira. A sogra dele tinha uma mão de pilão de pedra. O Vãnhblitxe se cobriu com um pano para ninguém vê-lo e debaixo do pano ele ficava bicando a pedra deitado. Sempre coberto com aquele pano, Vãnhblitxe treinava bicando aquela pedra. Ele bicava do outro lado e chegava a atravessar e assim furava a pedra por todos os lado. Viu que conseguiu furar a mão de pilão todo, então ele falou:

¹⁵⁸ Txaklengu: pica-pau de cabeça vermelha.

¹⁵⁹ Pepôm: jaó (ave)

¹⁶⁰ Glu: tucano.

¹⁶¹ Vãnhblitxe: pica-pau pequeno.

- Hã! Agora já sei que se eu for lá, vou furar aquela abelheira_ disse ele. Isto foi Vãnhblitxe que falou. Depois de treinar muito, ele foi lá no lugar onde os outros estavam. Quando ele chegou lá, eles disseram:

- Meu senhor! Chegue mais perto e fure para nós_ disseram. Escutando isso, ele chegou mais perto. E ele olhou ali, mas não tinha nenhuma marca na pedra das bicadas que os outros deram, porque seus bicos quebraram. Atendendo o pedido deles, quando chegou perto, ele já começou a bicar o olho da abelheira até que furou. Furou por todos os lados e deixou os favos do mel, bem limpo. E eles, ali, esperando. Mesmo sendo pequeno, ele fez isso e todos ali esperando por ele, para terminar de furar. Depois que terminou de furar, ele chamou todos os outros e disse:

- Está pronto! Todos podem chegar perto para comer. Daí todos vieram ali e eles chuparam o mel do favo com seus bicos. Quando ficavam com sede de tanto comer mel, eles iam tomar água e depois voltavam para comer de novo. Um dia negaram o mel para Légdjyl¹⁶², porque ele não havia os ajudado furar. Então ele só comia o resto do mel que caía no chão.

Daí um dia, Légdjyl resolveu esconder a água deles. Ele pegou uma pedra chata bem grande e cobriu o nascente da água. Quando ele cobriu com a pedra, secou a água, porque ele havia tampado o olho d'água. Deixou tampado e secou todo o lajeado(rio). Quando Légdjyl viu que eles negaram mesmo o mel, então ele foi lá e escondeu a água deles, para ninguém tomar. Deixou tampado a água com uma pedra chata e depois foi embora. Depois disso, Légdjyl veio ali e continuou chupar o resto do mel que caía no chão, enquanto os outros comiam do melhor. Quando ficava com sede, ele ia lá tomar a água que tinha escondido. Ele subia bem alto para ninguém vê-lo e descia por lá para beber a

¹⁶² Légdjyl : beija-flor

água que escondeu. Quando chegava lá, levantava a pedra, botava seu bico e tomava a água, depois subia cantando. Ele subia bem alto e descia ali onde os outros estavam e ninguém desconfiava dele. E quando ele chegava, os outros perguntavam para ele dizendo:

- como é que o Senhor achou a água? Fica bem perto? Mostre para nós! E o

Légdjyl respondia:

- Não sei! Sinceramente meus Senhores, não sei! Eu sou bem rápido, por isso que eu chego lá, porque fica bem longe- falou isso mentindo para eles. Escutando isso, eles ficaram muito preocupados porque eles estavam com muita sede. Por isso as línguas de todos os pássaros agora descem pelo nariz. Por estarem com sede, eles não comiam mais mel. Légdjyl sempre continuou mentindo, porque assim, ele comia mel sozinho. Os outros sempre insistiam, dizendo:

- O Senhor poderia nos mostrar a água- disseram eles. Mas o Légdjyl nunca quis mostrar. Até que um dia, o Txiklé conseguiu achar a água para eles. Ele conseguiu achar a água que Légdjyl escondeu. Para achar lá, ele veio até ali onde era o lajeado. Ele andava por ali chupando os “Kójej”¹⁶³ meio molhados que haviam por ali. Enquanto isso, Légdjyl vinha descendo cantando. Quando o Txiklé escutou, ele se escondeu atrás de uma pedra para espioná-lo. Nisso, quando Légdjyl veio, levantou a tampa que ele havia colocado em cima e começou beber a água e depois de beber ele colocou novamente a pedra em cima e foi embora.

E assim Txiklé viu a água. Quando viu, veio até ali e disse:

- Iiiii! Achei a água! Achei a água! – disse ele, tirou a pedra de cima e viu a água.

Naquele momento, a água começou a escorrer. Nisso todos vieram correndo ali, beberam a água, foi uma festa para eles, porque mataram a sede. Depois que beberam a água, foram lá

¹⁶³ Kójej: musgos

comer o mel de novo. E assim terminaram de comer o mel todinho. E assim termina a história do Légdjyl que escondeu a água.

Mito 5 - MITO DA ABELHA

A história da filha de Abelha que Klendo a adotou

Autor: Kânnhãhá Nanbla

Tradutor: Nanblá Gakran

No passado Klendo tinha contato com espírito de abelha e um dia ele adotou uma filha dela, para tê-la como sua filha. E ela ficou como filha legítima dele. Quando eles iam caçar e procurar abelheira, ela vinha e deitava ao redor do olho da abelheira para escutar o barulho das abelhas e assim descobrir pra que lado é mais fácil de furar. Ao deitar ao redor do olho da abelheira, ela botava seus ouvidos por todos os lados. E quando descobria o lado mais fácil, ela chamava seu pai dizendo:

- Pai por este lado é mais fácil de furar, porque da de ouvir bem o barulho das abelhas. Você pode furar por este lado! Ela dizia. Mas seu pai nunca deu importância o lugar que a filha indicava e sempre furava no lugar onde ele mesmo escolhia. Quando terminava de furar, tirava todo mel e levava embora, e assim, ele nunca obedeceu o que a filha falava.

Certo dia, a filha que ele adotou da abelha, adoeceu e morreu. Ao ver que sua filha morreu, ele se arrependeu muito por nunca ter obedecido ela. Ficou muito desesperado e não sabia mais o que fazer por nunca ter obedecido as palavras dela. Ela sempre dizia:

- Pai fure por este lado! Mas ele nunca quis obedecê-la, sempre fez o que bem entendia. Ao ver a filha morrer, lembrou-se de todos os pedidos que ela fazia à ele, mas

sempre tinha se recusado. Isso o entristeceu profundamente sua alma e não sabia mais o que fazer.

Enquanto isso no lugar onde ela foi enterrada, tinha muitas abelhas pousadas e outras voando. Ao ver que tinha muita abelha pousada, ele veio até ali; chegando ali, pegava um punhado de abelhas e atirava contra as árvores. Quando atirava elas contra as árvores, ele falava dizendo:

- A partir de hoje vocês há de morar nesta árvore. Assim pegava outro punhado de abelhas e atirava contra uma outra árvore e falava as mesmas palavras dizendo:

- A partir de hoje vocês irão morar aqui; desta forma Klendo andava falando por ali. E as abelhas que ele deixou para trás, hoje são conhecidas como vespa pretas que posam num buraco qualquer de terra. Quando parou de jogar as abelhas contra as árvores, então ele parou e foi embora.

Por isso, hoje existem essas abelheiras nas árvores. No passado, as abelheiras era somente encontrada nas grutas das pedras e nos buracos da terra. Por isso, a filha adotiva de Klendo, quando ia caçar abelheiro junto e quando ela achava um, ela se deitava ao redor do buraco e botava seu ouvido para escutar o barulho das abelhas e assim achar o lado mais fácil de furar, mas seu pai nunca havia obedecido seu pedido. Quando ela morreu, seu pai se sentiu muito culpado por nunca ter atendido o pedido da filha.

E assim termina a história do Klendo que adotou a filha de abelha para tê-la como sua filha.

Presidente Getúlio, 08 de maio de 2003.

Mariani Balland Christóvão



Figura 20 - Taika e sua madrinha Mariani, na comunidade do Bugio, em dia de confraternização Evangélica.